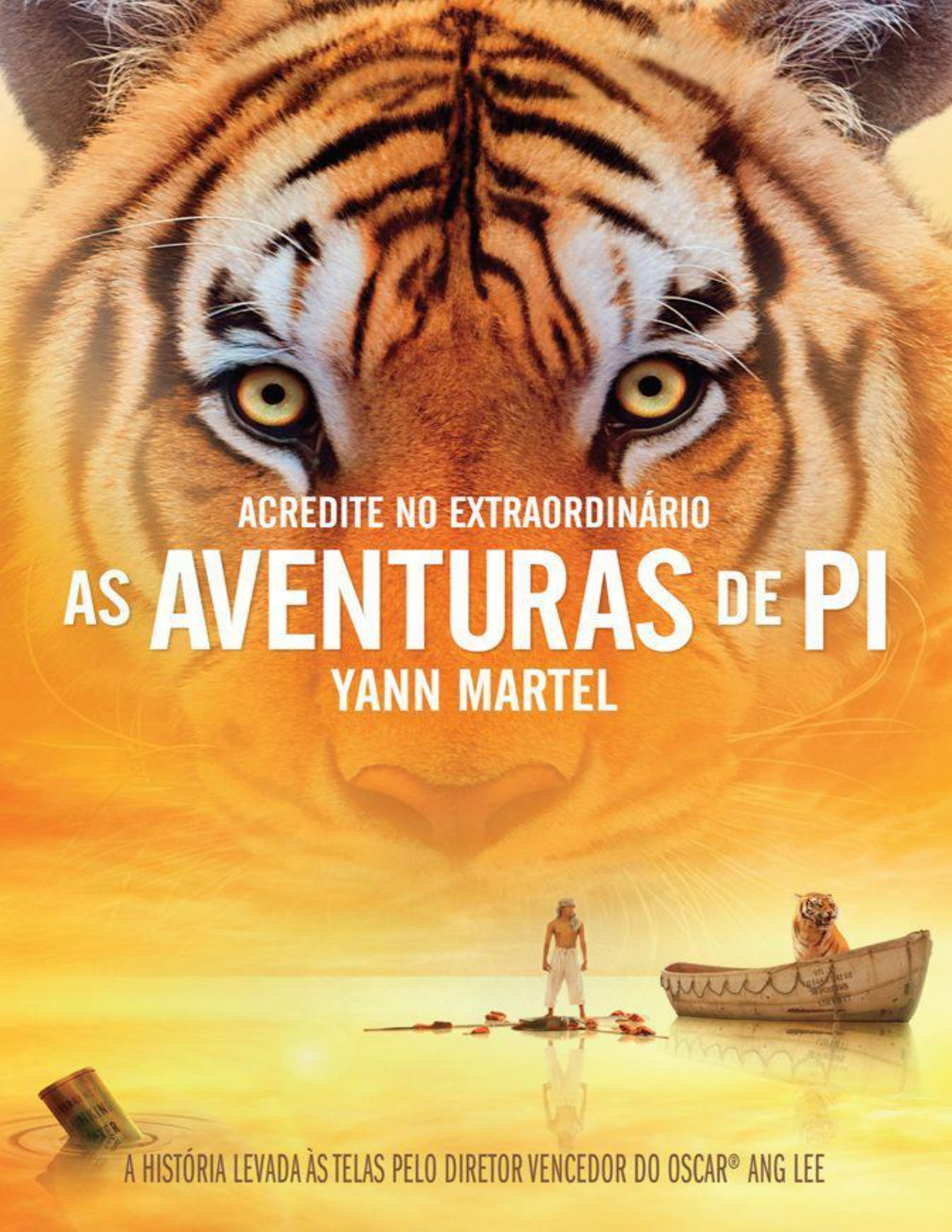
ACREDITE NO EXTRAORDINÁRIO
AS AVENTURAS DE PI
YANN MARTEL
A HISTÓRIA LEVADA ÀS TELAS PELO DIRETOR VENCEDOR DO OSCAR® ANG LEE

AS AVENTURAS DE PI

YANN MARTEL

AS AVENTURAS DE PI

Tradução
Maria Helena Rouanet



Título original: Life of Pi

© 2001, Yann Martel
Em acordo com a Westwood Creative Artists

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M331a Martel, Yann
As aventuras de Pi / Yann Martel ; tradução Maria Helena Rouanet. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2012.

Tradução de: Life of Pi
ISBN 978-85-209-3313-8

1. Romance canadense. I. Rouanet, Maria Helena. II. Título.

CDD 819.13
CDU 821.111(71) - 3

À mes parents et à mon frère

SUMÁRIO

Capa
Folha de rosto
Ficha catalográfica
Dedicatória
Sumário
Nota do autor
Parte um Toronto e Pondicherry
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21

Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Parte dois O oceano Pacífico
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52

Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68
Capítulo 69
Capítulo 70
Capítulo 71
Capítulo 72
Capítulo 73
Capítulo 74
Capítulo 75
Capítulo 76
Capítulo 77
Capítulo 78
Capítulo 79
Capítulo 80
Capítulo 81
Capítulo 82
Capítulo 83
Capítulo 84

Capítulo 85
Capítulo 86
Capítulo 87
Capítulo 88
Capítulo 89
Capítulo 90
Capítulo 91
Capítulo 92
Capítulo 93
Capítulo 94
Parte três Centro Médico Benito Juárez, Tomatlán, México
Capítulo 95
Capítulo 96
Capítulo 97
Capítulo 98
Capítulo 99
Capítulo 100
Créditos

NOTA DO AUTOR

Este livro nasceu quando eu estava com fome. Deixe-me explicar direito. Na primavera de 1996, saiu o meu segundo livro, um romance, no Canadá. E não fez lá muito sucesso. Os resenhistas ficaram desconcertados ou condenaram o romance com alguns elogios não muito entusiásticos. Os leitores, então, o ignoraram. Apesar de todos os meus esforços para bancar o palhaço ou o trapezista, o circo da mídia não alterou em nada esse quadro. O livro não aconteceu. Entre os volumes enfileirados nas prateleiras das livrarias como crianças na fila para jogar beisebol ou futebol, o meu era aquele garoto desengonçado, nada atlético, que ninguém queria ver no seu time. Logo, logo desapareceu de mansinho.

O fiasco não me afetou muito. Eu já tinha migrado para outra história, um romance passado em Portugal, em 1939. Só que estava inquieto. E tinha algum dinheiro.

Peguei então um avião para Bombaim. Não é tão absurdo assim, se você se der conta de três coisas: que um tempinho na Índia é capaz de afugentar a inquietação de qualquer criatura viva; por lá, se pode fazer muita coisa com pouco dinheiro; e um romance passado em Portugal, em 1939, pode ter muito pouco a ver com Portugal em 1939.

Eu já tinha estado na Índia antes, no Norte do país, por cinco meses. Nessa primeira viagem, cheguei ao subcontinente inteiramente despreparado. Na verdade, tinha uma palavra para me guiar. Quando falei dos meus planos com um amigo que conhecia bem o país, ele disse, assim sem mais nem menos: "Lá na Índia se fala um inglês engraçado. Eles gostam de usar palavras como bamboozle *para dizer enganar." Lembrei do que ele me disse quando o avião começou a descer em Delhi. Portanto, a palavra* bamboozle *era todo o preparo que eu tinha para encarar a riqueza, a balbúrdia, aquele jeito louco como as coisas funcionam na Índia. Usei essa palavra uma vez ou outra e, verdade seja dita, ela me foi muito útil. Para um funcionário de uma estação ferroviária, declarei: "Não acredito que a passagem seja tão cara assim. O senhor não*

está tentando me bamboozle*, está?" Ele sorriu e respondeu naquele tom meio cantado: "Não, senhor! Ninguém aqui* bamboozle *ninguém. O preço é esse mesmo."*

Nessa segunda viagem à Índia, tinha uma noção melhor do que esperar e sabia o que queria: me instalar num daqueles lugarejos nas montanhas e escrever o meu romance. Eu me via sentado diante de uma mesa, numa varanda bem grande, com as anotações espalhadas à minha frente, junto de uma xícara fumegante de chá. Haveria colinas verdes, envoltas em névoa, espalhando-se aos meus pés e os gritos estridentes dos macacos encheriam os meus ouvidos. O tempo estaria perfeito, exigindo uma suéter leve pela manhã e à noite, e uma roupa de mangas curtas durante o dia. Nesse cenário, caneta na mão, em nome da mais pura verdade, eu transformaria Portugal em ficção. Não é exatamente isso que é a ficção: a transformação seletiva da realidade? O ato de torcê-la para extrair a sua essência? Para que ir a Portugal?

A mulher que tomava conta do lugar me contaria histórias das lutas para expulsar os britânicos. Acertaríamos o que haveria para o almoço e para o jantar no dia seguinte. Quando terminasse a minha jornada diária de trabalho, eu sairia para dar umas voltas pelas encostas das plantações de chá.

Infelizmente, o tal romance engasgou, tossiu e morreu. Foi lá em Matheran, não muito longe de Bombaim, um lugarejo serrano onde havia alguns macacos, mas nenhuma fazenda de chá. Esse é um sofrimento comum entre escritores em potencial. O tema é bom, as frases também. Os personagens são tão cheios de vida que praticamente precisam de certidão de nascimento. O enredo que traçamos para eles é magnífico, simples e cativante. Fazemos a pesquisa, reunindo os fatos — históricos, sociais, climáticos, culinários — que darão à nossa história o toque de autenticidade. O diálogo flui, estalando de tanta tensão. As descrições explodem em cores, contrastes e detalhes narrativos. Na verdade, a nossa história só pode ser maravilhosa. Mas isso tudo acaba dando em nada. Apesar daquela promessa óbvia e luminosa, chega uma hora em que percebemos que o sussurro que vem nos atormentando bem lá no fundo está dizendo a mais pura e terrível das verdades: não vai funcionar. Falta um elemento, aquela centelha que dá vida a uma

história real, pouco importando se os fatos ou a comida estão corretos ou não. Emocionalmente, a nossa história está morta: este é o "xis" do problema. Essa descoberta é muito sofrida, podem acreditar. Ela nos deixa com uma fome tão grande que chega a doer.

Lá de Matheran, despachei pelo correio as anotações para o meu romance fracassado. Mandei tudo para um endereço fictício na Sibéria, com um endereço de remetente igualmente fictício, na Bolívia. Quando o funcionário selou o envelope e o atirou num daqueles recipientes, sentei ali mesmo, tristonho e desanimado. "E agora, Tolstoi? Que outras ideias brilhantes você tem para a sua vida?", foram as perguntas que me fiz.

Bom, ainda tinha algum dinheiro e continuava me sentindo irrequieto. Levantei dali e saí da agência dos correios para ir explorar o Sul da Índia.

Adoraria dizer "Sou doutor" a todos aqueles que me perguntavam o que eu fazia na vida, já que, atualmente, os médicos são os provedores de magia e de milagres. Mas tinha certeza que teríamos um acidente de ônibus na primeira curva e, com todos aqueles olhos pregados em mim, teria de explicar, em meio ao choro e aos gemidos das vítimas, que era doutor em leis. Depois, diante dos pedidos de ajuda para processar o governo em razão daquele acidente, eu teria de confessar que, na verdade, era bacharel em filosofia. Aí, diante dos gritos de todos, querendo saber que sentido tinha aquela tragédia sangrenta, precisaria admitir que mal havia tocado em Kierkegaard, e assim por diante. Resolvi me ater à humilde e dolorosa verdade.

Pelo caminho, aqui e ali, deparei com a reação: "Escritor? É mesmo? Tenho uma história para você." Na maioria das vezes, as histórias não passavam de anedotas, de fôlego curto e vida breve.

Cheguei à cidade de Pondicherry, um minúsculo território da União, ao sul de Madras, na costa de Tamil Nadu. Em termos de população e de tamanho, é uma parte pouco importante da Índia — comparada a ele, a ilha do Príncipe Edward é um gigante no mapa do Canadá —, mas a história lhe dá uma distinção especial. Pois, no passado, Pondicherry foi a capital do mais modesto dos impérios coloniais, a Índia francesa. Na verdade, os franceses adorariam

rivalizar com os britânicos, mas o único Raj que conseguiram reunir foi um punhado de pequenos portos. Aferraram-se a essas possessões por cerca de trezentos anos. Saíram de Pondicherry em 1954, deixando para trás belas edificações brancas, ruas amplas traçadas em ângulos retos, com nomes como Rue de la Marine e Rue Saint-Louis e termos como képis*, quepes, para a polícia.*

Eu estava no Café Índia, na rua Nehru, um salão bem grande com paredes verdes e um teto alto. Lá em cima, ventiladores giram para manter o ar quente e úmido em constante movimento. O local é repleto de mesas quadradas, idênticas, cada uma delas com quatro cadeiras. Os clientes sentam onde tiver lugar, junto com quem quer que seja. O café é bom e eles servem as chamadas torradas francesas. Logo, logo alguém puxa conversa, e, portanto, um sujeito idoso, mas forte e de olhos vivos, com uma cabeleira branquinha, estava conversando comigo. Confirmei que fazia frio no Canadá e que efetivamente se falava francês em algumas regiões do país; disse também que gostava da Índia etc. e tal — aquela conversa habitual que se trava entre indianos curiosos e amistosos e estrangeiros de mochila às costas. Recebeu a informação sobre o meu trabalho arregalando os olhos e fazendo que sim com a cabeça. Já era hora de ir embora. Ergui a mão, tentando chamar a atenção do garçom para pedir a conta.

Foi aí que o velho disse:

— Conheço uma história que vai fazer você acreditar em Deus.

Parei o gesto no ar. Mas estava desconfiado. Será que o sujeito era uma testemunha de Jeová vindo bater à minha porta?

— A sua história aconteceu há dois mil anos, num recanto remoto do Império Romano? — indaguei.

— Não.

Será que ele era um desses muçulmanos catequistas?

— Aconteceu na Arábia do século VII?

— Não, não. Tudo começou aqui mesmo, em Pondicherry, poucos anos atrás, e foi terminar, veja só que coisa incrível, exatamente no país de onde você vem.

— E ela vai me fazer acreditar em Deus?

— Vai.

— Isso vai ser difícil.

— Nem tanto.

O garçom apareceu. Hesitei por um instante. Pedi dois cafés. Nós nos apresentamos. Ele se chamava Francis Adirubasamy.

— Conte a sua história, por favor — disse eu.

— Mas você tem de prestar atenção — replicou o velho.

— Vou prestar — respondi, pegando bloco e caneta.

— Você já esteve no Jardim Botânico? — perguntou ele.

— Fui lá ontem.

— Reparou no trenzinho?

— Reparei.

— Ele ainda funciona aos domingos, para a felicidade das crianças. Mas, antigamente, circulava todos os dias, de meia em meia hora. Reparou no nome das estações?

— Uma delas se chama Roseville. É a que fica perto do roseiral.

— Exatamente. E a outra?

— Não me lembro.

— Tiraram a placa. Ela se chamava Zootown. O trenzinho fazia duas paradas: em Roseville e em Zootown. No passado, havia um zoológico no Jardim Botânico de Pondicherry.

E continuou falando. Fui anotando os elementos da história.

— Você devia conversar com ele — disse o velho, referindo-se ao protagonista. — Eu o conheci muito bem, muito bem. Hoje em dia, é adulto. Você devia lhe perguntar tudo o que quiser.

Mais tarde, em Toronto, em meio às nove colunas de Patel incluídas no catálogo de telefone, consegui encontrá-lo. Disquei o número com o coração aos pulos. A voz que atendeu tinha um toque indiano no sotaque canadense; um toque bem leve, mas inconfundível, como o vestígio do cheiro de incenso no ar. "Isso tudo aconteceu há tanto tempo...", disse ele. Combinamos de nos encontrar. E nos encontramos várias vezes. Ele me mostrou o diário que fez na época. Mostrou também os recortes amarelados de jornal que, por um instante, o tornaram obscuramente famoso. Contou a sua história. Fui anotando tudo. Cerca de um ano mais tarde, depois de dificuldades consideráveis, recebi uma fita gravada e um relatório do Ministério dos Transportes do Japão. Foi quando ouvi a tal fita que concordei com o sr. Adirubasamy: era realmente uma história que nos faz acreditar em Deus.

Parecia natural que a história do sr. Patel fosse contada quase toda na primeira pessoa, pela voz dele e através dos seus olhos. Mas quaisquer inexatidões ou erros são meus.

Preciso agradecer a algumas pessoas. Sou extremamente grato, é claro, ao sr. Patel. A minha gratidão para com ele é tão ilimitada quanto o oceano Pacífico e espero que a minha forma de contar a sua história não vá desapontá-lo. Tenho de agradecer também ao sr. Adirubasamy por me lançar nessa história. Por me ajudar a completá-la, agradeço ao profissionalismo exemplar de três autoridades: ao sr. Kazuhiko Oda, até algum tempo atrás, membro da embaixada japonesa em Ottawa; ao sr. Hiroshi Watanabe, da Companhia de Navegação Oika; e, particularmente, ao sr. Tomohiro Okamoto, agora aposentado do Ministério dos Transportes do Japão. Já a centelha de vida devo ao sr. Moacyr Scliar. Gostaria enfim de expressar a minha gratidão para com essa grande instituição, o Conselho Canadense para as Artes, sem cujo financiamento eu não teria conseguido dar conta dessa história que nada tem a ver com Portugal em 1939. Se nós, os cidadãos, não apoiarmos os nossos artistas, estaremos sacrificando a nossa imaginação no altar da crua realidade e acabaremos não acreditando em nada e tendo sonhos que não valem a pena.

Parte um

Toronto e Pondicherry



CAPÍTULO 1

O sofrimento me deixou triste e melancólico.

O estudo acadêmico e a prática religiosa, realizados com firmeza e aplicação, foram aos poucos me trazendo de volta à vida. Continuei fiel ao que algumas pessoas chamariam de minhas estranhas práticas religiosas. Depois de um ano de ensino médio, entrei para a Universidade de Toronto e fiz duas graduações, uma em estudos religiosos, outra em zoologia. A minha monografia de fim de curso em estudos religiosos tratava de certos aspectos da teoria cosmogônica de Isaac Luria, o grande cabalista de Safed, que viveu no século XVI. A de zoologia era uma análise funcional da glândula tireoide da preguiça-de-três-dedos. Escolhi esse animal porque o seu jeitão — calmo, calado e introspectivo — conseguia tranquilizar, de certa forma, o meu eu estilhaçado.

Existem as preguiças-de-dois-dedos e as de três, classificação que se baseia nas patas dianteiras desses animais, já que todos têm três garras nas patas traseiras. Num verão, tive a sorte de poder estudar as preguiças-de-três-dedos *in loco*, nas florestas tropicais do Brasil. Trata-se de uma criatura extremamente intrigante. O seu único hábito efetivo é a indolência. Ela dorme ou descansa em média vinte horas por dia. A nossa equipe testou os hábitos de sono de cinco desses animais selvagens pondo na sua cabeça, ao anoitecer, logo depois de eles pegarem no sono, uns pratos de um plástico vermelho brilhante cheios de água. Na manhã seguinte, já bem tarde, fomos encontrá-los no mesmo lugar, com a água enxameando de insetos. A preguiça tem a sua hora de maior atividade ao pôr do sol, considerando-se que o termo *atividade* está sendo usado, aqui, num sentido bem amplo. Ela avança por um galho de árvore, naquela posição característica, de cabeça para baixo, a uma velocidade de cerca de quatrocentos metros por hora. No chão, rasteja até a árvore mais próxima a uma velocidade de 250 metros por hora, quando motivada, o que significa um ritmo 440 vezes mais lento que o de um guepardo motivado. Sem essa motivação, a preguiça percorre de quatro a cinco metros por hora.

A preguiça-de-três-dedos não tem muitas informações sobre o mundo exterior. Numa escala de 2 a 10, em que o 2 representa uma estupidez fora do comum e o 10, uma extrema acuidade, William Beebe (1926) atribuiu aos sentidos do paladar, do tato, da visão e da audição desse animal a nota 2, e ao seu olfato, 3. Se alguém topar com uma preguiça-de-três-dedos dormindo na selva, duas ou três sacudidelas são o bastante para acordá-la; ela vai então olhar sonolenta em todas as direções, menos na de quem a acordou. Aliás, por que será que ela olha assim, já que se sabe que esse animal vê tudo embaçado, meio como Mr. Magoo? Quanto à audição, a preguiça não é exatamente surda; ela não se interessa muito pelos sons. De acordo com Beebe, disparos de armas de fogo feitos perto de um desses animais dormindo ou comendo praticamente não provocam nenhuma reação. Mesmo o seu olfato, o sentido que é um pouco melhor que os demais, não deve ser superestimado. Segundo consta, elas podem farejar e evitar galhos apodrecidos, mas Bullock (1968) relatou que “é comum” as preguiças caírem no chão, agarradas a galhos que se quebram.

Você deve estar se perguntando como ela consegue sobreviver.

Justamente por ser tão lerda. A sonolência e a preguiça afastam esses animais dos perigos, impedem que elas sejam percebidas pelas onças, pelas jaguatiricas, pelos gaviões-reais e pelas sucuris. Os seus pelos abrigam umas algas que têm a cor marrom durante a época de estiagem e verde no período das chuvas, o que faz com que esse bicho se misture ao musgo e à folhagem que o cercam, parecendo mais um cupinzeiro, um ninho de esquilos ou até mesmo uma parte da própria árvore.

A preguiça-de-três-dedos leva uma vida pacata de vegetariano, em perfeita harmonia com o meio que a cerca. “Ela tem sempre nos lábios um sorriso afável”, como registrou Tirler (1966). Vi esse sorriso com os meus próprios olhos. Não sou do tipo que projeta traços e emoções humanos em animais, mas, por diversas vezes, durante aquele mês que passei no Brasil, olhando as preguiças descansando, senti que estava diante de iogues virados de cabeça para baixo, em meditação profunda, ou de eremitas totalmente entregues a orações, sábios cujas vidas intensas e imaginativas ultrapassavam o alcance das minhas comprovações científicas.

Às vezes, eu misturava os meus dois cursos universitários. Vários dos meus colegas de estudos religiosos — uns agnósticos confusos que não sabiam o que era o quê; que eram escravos da razão, esse falso ouro que engana os tolos com o seu brilho — me lembravam as preguiças-de-três-dedos; e esses animais, um belíssimo exemplo do milagre da vida, me faziam pensar em Deus.

Nunca tive problemas com os meus colegas cientistas. Os cientistas são um bando de bebedores de cerveja amistosos, ateus e trabalhadores; gente que só pensa em sexo, xadrez e beisebol quando não está pensando em ciência.

Fui ótimo aluno, se é que posso dizer isso de mim mesmo. Por quatro anos seguidos, tirei os primeiros lugares no St. Michael's College. Recebi todos os prêmios possíveis do Departamento de Zoologia. Se não ganhei nenhum do Departamento de Estudos Religiosos, foi simplesmente porque não existem prêmios nesse departamento (ninguém ignora que a recompensa pelo estudo da religião não está nas mãos de mortais). E teria ganhado a Medalha Acadêmica do Governador-Geral, o prêmio máximo da Universidade de Toronto para os cursos de graduação, e que já foi entregue a um número considerável de canadenses ilustres, se não fosse por um garoto branco, comedor de carne, com um pescoço que mais parecia um tronco de árvore e um temperamento insuportavelmente animado.

Ainda sofro um pouco com essa humilhação. Quando já se passou por muita coisa ruim na vida, cada dor adicional acaba sendo, a um só tempo, insuportável e insignificante. A minha vida é como um *memento mori* pintado por algum artista europeu: há sempre uma caveira sorridente ao meu lado para me lembrar que a ambição humana é uma bobagem. Debocho dessa caveira. Olho para ela, dizendo: "Você pegou o cara errado. Pode não acreditar na vida, mas eu não acredito na morte. Vá embora!" A caveira dá uma risadinha e chega ainda mais perto de mim, o que não me espanta. Se a morte anda tão grudada à vida não é por uma necessidade biológica — é por ciúme. A vida é tão linda que a morte se apaixonou por ela, e é um amor ciumento, possessivo, que tenta controlar o que pode. Mas a vida escapa a esse controle com a maior facilidade, perdendo apenas uma coisinha ou outra sem

grande importância e, para ela, a tristeza nada mais é que a sombra passageira de uma nuvem. O garoto branco também foi aprovado pelo comitê de bolsas de estudos Rhodes. Gosto dele e espero que a sua estada em Oxford tenha sido uma experiência enriquecedora. Se Lakshmi, a deusa da fortuna, resolver um dia ser generosa comigo, Oxford é a quinta cidade na lista dos lugares que gostaria de conhecer antes de morrer, vindo depois de Meca, Varanasi, Jerusalém e Paris.

Não tenho nada a dizer sobre a minha vida profissional, a não ser que as gravatas são um nó e, se invertidas, podem perfeitamente enforcar um homem caso ele não tome cuidado.

Adoro o Canadá. Sinto falta do calor da Índia, da comida de lá, das lagartixas pelas paredes, dos filmes musicais, das vacas andando pelas ruas, dos corvos grasnindo, até mesmo das conversas sobre os jogos de críquete, mas adoro o Canadá. É um grande país, frio demais para qualquer um que tenha um mínimo de bom senso, habitado por gente inteligente e compassiva que usa uns penteados horrorosos. De todo modo, eu não tinha motivo algum para voltar para a minha terra, Pondicherry.

Richard Parker ficou comigo. Nunca o esqueci. Será que posso dizer que sinto saudade dele? Pois sinto. Sinto mesmo. Até hoje sonho com ele. Na maior parte das vezes, são pesadelos, mas pesadelos com um toquezinho de amor. Como é estranho o coração humano... Ainda não consigo entender como ele pôde me abandonar daquele jeito, com tamanha facilidade, sem qualquer tipo de despedida, sem olhar para trás uma vez sequer. Essa dor é como um machado que me corta o coração.

No hospital, lá no México, os médicos e as enfermeiras foram incrivelmente legais comigo. E os pacientes também. Fossem eles vítimas de câncer ou de acidentes de trânsito, bastava ouvirem a minha história para se aproximarem, mancando ou em cadeiras de rodas, eles próprios e os seus parentes, embora ninguém ali falasse inglês e eu não falasse espanhol. Sorriam para mim, apertavam a minha mão, me davam uns tapinhas na cabeça, deixavam comida e roupas de presente em cima da minha cama. Acabavam me fazendo ter acessos de riso ou de choro incontroláveis.

Em um ou dois dias, eu já conseguia ficar de pé e até dar uns poucos passos, apesar do enjoo, da tontura e da fraqueza que sentia. Os exames de sangue revelaram que eu estava anêmico e que a minha taxa de sódio estava elevadíssima enquanto a de potássio estava bem baixa. O meu corpo retinha líquido, fazendo com que as minhas pernas ficassem tremendamente inchadas. Parecia até que tinham me feito um enxerto de duas patas de elefante. A minha urina era de um amarelo escuro, chegando quase a ser marrom. Depois de mais ou menos uma semana, já dava para eu andar quase normalmente e até calçar sapatos, contanto que não amarrasse os cadarços. A minha pele sarou, embora tenham ficado umas cicatrizes nos meus ombros e nas minhas costas.

A primeira vez que abri uma torneira e vi aquele jato ruidoso, esbanjador, superabundante, o choque foi tamanho que fiquei atordoado: as minhas pernas bambearam e desmaiei nos braços de uma enfermeira.

A primeira vez que fui a um restaurante indiano no Canadá, comi com as mãos. O garçom me olhou com um ar de crítica e disse: “Acabou de desembarcar, não é mesmo?” Fiquei lívido. Os meus dedos, que, um segundo antes, eram papilas gustativas, saboreando a comida ainda meio longe da boca, ficaram sujos diante daquele olhar. Estancaram como bandidos apanhados em flagrante. Não ousei lambê-los. Culpadíssimo, usei o guardanapo para limpá-los. Aquele garçom não podia imaginar o quanto as suas palavras me magoaram. Elas foram como pregos penetrando na minha carne. Peguei o garfo e a faca. Praticamente nunca tinha usado esses utensílios. As minhas mãos tremiam. O meu *sambar* ficou completamente sem gosto.

CAPÍTULO 2

Ele mora em Scarborough. É um homenzinho magro e miúdo — tem, no máximo, um metro e sessenta de altura. Os olhos são escuros, como os cabelos, que estão começando a ficar grisalhos nas têmporas. Não pode ter mais de quarenta anos. A pele é de um tom agradável de café. Apesar da temperatura amena do outono, está usando, para ir até a lanchonete, uma pesada parca de inverno com capuz forrado de pele. O rosto é expressivo. Fala depressa, gesticulando. Com ele, não existe essa história de conversa fiada; vai sempre direto ao assunto.

CAPÍTULO 3

O nome que me deram é de uma piscina, coisa bem curiosa, considerando-se que os meus pais nunca foram muito chegados à água. Um dos primeiros parceiros comerciais do meu pai foi Francis Adirubasamy, que acabou se tornando um grande amigo da família. Eu o chavama Mamaji: *mama* é *tio*, em tâmil, e *ji* é um sufixo usado na Índia para expressar respeito e afeto. Na juventude, bem antes de eu nascer, Mamaji foi campeão de natação, campeão de todo o Sul da Índia, e manteve o porte de atleta pelo resto da vida. Certa vez, o meu irmão Ravi me contou que, quando nasceu, Mamaji não queria parar de respirar água e, então, o médico, para salvar a sua vida, teve de segurá-lo pelos pés e ficar fazendo ele girar acima da cabeça por um bom tempo.

— Funcionou! — exclamou Ravi, girando a mão loucamente acima da própria cabeça. — O bebê tossiu, cuspiu aquela água e começou a respirar ar. Mas aquilo levou toda a carne e todo o sangue para a parte superior do corpo. É por isso que o peito dele é tão largo e as pernas, tão fininhas.

Acreditei. (Ravi implicava comigo sem dó nem piedade. A primeira vez que chamou Mamaji de “sr. Peixe” na minha cara, deixei uma casca de banana na cama dele.) Mesmo na casa dos sessenta, quando já estava um pouco encurvado e toda uma vida de gravidade contraobstétrica começava a empurrar a sua carne para baixo, Mamaji continuava nadando toda manhã, fazendo trinta vezes a extensão da piscina do *ashram* de Aurobindo.

Bem que ele tentou ensinar os meus pais a nadarem; o máximo que conseguiu, porém, foi que entrassem na água do mar até os joelhos e ficassem fazendo, com os braços, uns movimentos tão ridículos que, se estivessem praticando nado de peito, mais pareceria que estavam andando em plena floresta, tentando afastar o mato alto à sua frente, ou, se estivessem praticando nado livre, mais pareceria que estavam descendo um morro, batendo os braços para não cair. Ravi era quase tão desanimado quanto eles.

Mamaji precisou esperar até eu surgir nessa história para conseguir um discípulo interessado. Quando cheguei à idade de aprender a nadar, que, segundo Mamaji, era aos sete anos, para desespero da minha mãe, ele me levou até a praia, parou diante do mar e, abrindo bem os braços, disse:

— Este é o meu presente para você.

— E, então, quase o afogou — exclamava a minha mãe.

Eu, porém, não perdi a fé no meu guru aquático. Sob o seu olhar atento, ficava deitado na praia, batendo as pernas, escavando a areia com as mãos estendidas e virando a cabeça a cada braçada, para respirar. Devia parecer até uma criança tendo um ataque de fúria bem peculiar e em câmera lenta. Na água, enquanto ele me mantinha na superfície, eu me esforçava ao máximo para nadar. Era muito mais difícil que na terra firme. Mas Mamaji era paciente e me encorajava.

Quando ele achou que eu já tinha progredido o suficiente, deixamos para trás os risos e os gritos, as corridas e os respingos de água, as ondas de um verde-azulado e a espuma da arrebentação, e partimos para o formato retangular adequado e a superfície plana formal (além, é claro, da taxa de inscrição) da piscina do *ashram*.

Durante toda a minha infância, fui lá com ele três vezes por semana, às segundas, quartas e sextas, repetindo, com a regularidade de um relógio, o ritual matinal de um bom nadador de *crawl*. Lembro perfeitamente daquele senhor tão digno se despindo quase inteiramente ao meu lado; pouco a pouco, o seu corpo ia aparecendo à medida que ele ia tirando cada peça de roupa e, no finalzinho, a sua decência era protegida, pois ele se virava ligeiramente e vestia um magnífico calção de banho importado. Empertigava-se todo e estava pronto. Aquilo era de uma simplicidade épica... As aulas de natação que, com o tempo, foram se tornando treinos eram exaustivas, mas havia também o imenso prazer de nadar com facilidade e velocidade cada vez maiores, para lá e para cá, numa repetição que praticamente beirava a hipnose, com a água passando de chumbo derretido a líquido bem leve.

Foi por conta própria, com um prazer culpado, que voltei à praia, ouvindo o chamado das ondas possantes que quebravam na areia e

estendiam para mim as suas marolas, laços delicados que capturavam o seu menino indiano já tão predisposto a ceder.

Certa vez, quando eu devia ter uns treze anos, dei de presente de aniversário a Mamaji dois estirões de um nado borboleta bem aceitável. Acabei tão cansado que mal pude acenar para ele.

Além da minha atividade de natação, havia as conversas a esse respeito. Era isso que o meu pai adorava. Quanto mais vigorosamente ele resistia a nadar de verdade, mais aquilo o fascinava. Era com as histórias de natação que ele descansava da conversa do dia a dia sobre a administração de um zoológico. É bem mais fácil lidar com água sem hipopótamos que com um deles lá dentro...

Graças à administração colonial, Mamaji passou dois anos estudando em Paris. Foi a melhor época da vida dele. Era início dos anos 1930, quando os franceses ainda estavam tentando tornar Pondicherry tão gaulesa quanto os ingleses tentavam tornar todo o resto da Índia britânico. Não lembro exatamente o que Mamaji estudou. Algo ligado a comércio, suponho. Ele era um excelente contador de histórias, mas elas não incluíam nada sobre estudos, torre Eiffel, Louvre ou os cafés do Champs-Elysées. Tudo o que contava tinha a ver com piscinas e competições de natação. Por exemplo: havia a piscina Deligny, a mais antiga da cidade, construída em 1796, uma barcaça descoberta, presa ao Quai d'Orsay e local de realização das provas de natação das Olimpíadas de 1900. No entanto, ela jamais foi reconhecida pela Federação Internacional de Natação, já que ultrapassava em seis metros as medidas convencionais. A água dessa piscina vinha direto do Sena, sem qualquer filtragem ou aquecimento.

— Era uma água fria e suja — dizia Mamaji. — Depois de atravessar Paris inteira, ela chegava ali imunda. E, ainda por cima, os frequentadores da piscina deixavam aquilo tudo um nojo.

Num sussurro de conspirador, acrescentando uns detalhes chocantes para provar o que dizia, ele garantia que os padrões de higiene pessoal dos franceses eram bem baixos.

— Deligny era bem ruizinha. Bain Royal, outra latrina das margens do Sena, era pior ainda. Em Deligny, pelo menos se tiravam os peixes mortos.

Mesmo assim, uma piscina olímpica é uma piscina olímpica, bafejada por uma glória imortal. Embora aquele lugar fosse uma verdadeira fossa, Mamaji falava de Deligny com um sorriso carinhoso.

As condições de Château-Landon, de Rouvet ou do Boulevard de la Gare eram bem melhores. Essas piscinas tinham um teto, ficavam em terra firme e funcionavam o ano inteiro. Eram abastecidas pelas máquinas a vapor das fábricas vizinhas e, com isso, a água era mais limpa e mais quente. Mesmo essas piscinas, porém, não eram lá essas coisas e, em geral, ficavam lotadas.

— Tinha tantos escarros e tanto cuspe boiando naquela água que dava até a impressão de que eu estava nadando no meio de águas-vivas — observava ele, rindo.

As piscinas Hébert, Ledru-Rollin e Butte-aux-Cailles eram claras, modernas, espaçosas e alimentadas com água de poços artesianos. Representavam o padrão máximo de excelência em termos de piscinas municipais. É claro que havia também Tourelles, a outra grande piscina olímpica da cidade, inaugurada por ocasião dos segundos jogos realizados em Paris, em 1924. E tinha ainda outras, muitas outras.

Mas, aos olhos de Mamaji, nenhuma delas se equiparava à piscina Molitor. Na verdade, aquela era a glória aquática de Paris, aliás, de todo o mundo civilizado.

— Era o tipo de lugar em que os deuses adorariam nadar. Molitor tinha a melhor equipe de natação de Paris. Havia duas piscinas, uma a céu aberto e a outra, coberta. Ambas tão grandes quanto dois pequenos oceanos. A coberta tinha duas raias reservadas para nadadores que quisessem treinar. A água era tão limpa e tão clara que dava para ser usada para fazer o café da manhã. Havia um vestiário, com cabines de madeira, azuis e brancas, que cercavam a piscina em dois pisos. Olhando para baixo, dava para ver tudo e todos. Os funcionários, que faziam uma marca de giz na porta para indicar que uma cabine estava ocupada, eram uns velhos meio mancos, amistosos com aquele jeitão mal-humorado. Não havia gritaria ou bagunça que conseguisse perturbá-los. Dos chuveiros, saía uma água quente e gostosa. Havia ainda uma sauna e uma sala de ginástica. No inverno, a piscina externa se transformava em

rinque de patinação. Tinha também um bar, uma lanchonete, um solário bem grande e até duas prainhas com areia de verdade. Cada azulejo, metal ou madeira reluzia. Era... era...

Aquela era a única piscina que deixava Mamaji sem palavras, com a memória nadando tantas vezes para lá e para cá que nem dava para contar.

Ele ficava ali recordando, e o meu pai, só sonhando.

Foi assim que surgiu o meu nome quando cheguei a este mundo, um último e bem-vindo acréscimo à família, três anos depois do nascimento de Ravi: Piscine Molitor Patel.

CAPÍTULO 4

Fazia apenas três anos que a nossa boa e velha nação tinha se tornado uma república quando o seu tamanho aumentou graças a um pequeno território. Pondicherry entrou para a União da Índia no dia 1º de novembro de 1954. Um feito cívico exigia outro. Sem qualquer ônus, parte do terreno ocupado pelo Jardim Botânico de Pondicherry foi posta à disposição dos interessados em aproveitar uma excelente oportunidade comercial. E pronto: a Índia ganhou um zoológico novinho em folha, projetado e administrado de acordo com os princípios mais modernos e biologicamente saudáveis.

Era um zoológico imenso que se estendia por vários acres; grande o bastante para que fosse necessário usar um trem para percorrê-lo, embora tudo ali parecesse ir ficando cada vez menor à medida que eu crescia, inclusive o trem. Agora, é tão pequeno que cabe na minha cabeça.

Imagine um lugar quente e úmido, banhado de sol e repleto de cores brilhantes. A profusão de flores é constante. Tem árvores, arbustos e trepadeiras aos milhares — figueiras sagradas, flamboaiãs, búteas, paineiras-vermelhas, jacarandás, mangueiras, jaqueiras e muitas outras que continuariam sendo ilustres desconhecidas se não fosse pelas plaquinhas instaladas aos seus pés. E tem uns bancos. Nesses bancos, veem-se homens dormindo, estirados, ou casais sentados, casais jovens que trocam olhares encabulados e cujas mãos se agitam no ar, chegando a se tocar. De repente, por entre as árvores altas e esguias logo ali em cima, avistamos duas girafas nos olhando com toda calma. E as surpresas não param por aí. Pouco depois, tomamos o maior susto com a algazarra furiosa de um bando bem grande de macacos, que só não é mais barulhento que os gritos estridentes de pássaros estranhos. Chegamos a uma roleta. Distraidamente, pagamos uma quantia módica. Entramos. Vemos um muro baixinho. O que se pode esperar encontrar atrás de um muro assim? Com certeza, não um fosso raso com dois rinocerontes indianos bem grandões. Mas é exatamente o que vamos encontrar. E, ao virar a cabeça, topamos

com o elefante que estava ali o tempo todo, tão grande que nem o notamos. E, no lago, percebemos que os hipopótamos estão boiando na água. Quanto mais olhamos, mais vemos. Estamos em Zootown!

Antes de se mudar para Pondicherry, papai administrava um grande hotel em Madras. Foi o interesse que sempre teve pelos animais que o levou a mudar de ramo. Você pode até achar que passar do ramo da hotelaria para o dos zoológicos seja uma transição natural. Nada disso. Sob muitos aspectos, cuidar de um zoológico é o pior pesadelo de um hoteleiro. Pense só: os hóspedes nunca saem dos seus quartos; contam não apenas com a hospedagem, mas também com pensão completa; estão constantemente recebendo multidões de visitantes, alguns dos quais bem barulhentos e bagunceiros. É preciso esperar que eles resolvam ir passear na varanda, por assim dizer, para poder limpar os quartos, e, depois, esperar que se cansem da vista e entrem novamente no quarto para poder limpar a varanda; e o trabalho de limpeza é enorme, pois os hóspedes são tão anti-higiênicos quanto os bêbados. Cada um deles tem uma alimentação bem peculiar, vive reclamando da demora no serviço e nunca, jamais dá gorjetas. Para ser sincero, muitos apresentam desvios de conduta sexual, sendo terrivelmente reprimidos e sujeitos a explosões ocasionais de uma luxúria frenética; outros, ao contrário, são abertamente depravados; em ambos os casos, estão o tempo todo afrontando a administração com cenas grosseiras de sexo explícito e de incesto. Será que você gostaria de receber esse tipo de hóspede no seu hotel? O Zoológico de Pondicherry era fonte de algum prazer e de muita dor de cabeça para o sr. Santosh Patel, seu fundador, proprietário, diretor, chefe de uma equipe de 53 pessoas e o meu pai.

Já para mim, era o paraíso na terra. Crescer num zoológico só me deixou ótimas lembranças. Eu levava uma vida de príncipe. Que filho de marajá tinha um quintal tão grande e luxuoso para brincar? Que palácio tinha tantos animais assim? Na infância, o meu despertador era um bando de leões. Os bichos não eram nenhum relógio suíço, mas podia-se contar que rugiriam loucamente entre cinco e meia e seis horas. O café da manhã era marcado pelos

berros e gritos dos bugios, dos mainás e das cacatuas-das-molucas. Eu saía para a escola sob o olhar benevolente não apenas da minha mãe, mas também das lontras de olhinhos brilhantes, do robusto bisão americano e dos orangotangos que bocejavam e se espreguiçavam. Tinha de olhar para cima quando passava debaixo de certas árvores, para evitar que os pavões-reais cagassem em mim. Mais valia passar perto das árvores que abrigavam as grandes colônias de morcegos-das-frutas; àquela hora da manhã, o único ataque que podia sofrer por lá eram os concertos desafinados dos gritos e da falação desses animais. A caminho da saída, eu podia parar perto do terrário para dar uma olhadinha nuns sapos luzidios de um verde brilhante, ou amarelos e azul-escuros, ou ainda marrons e verde-claros. Ou podiam ser pássaros que chamavam a minha atenção: flamingos rosados, cisnes negros ou casuares unicaraculados, ou algo menor, como pombas diamante, estorninhos-metálicos, periquitos-de-face-rosa, periquitos-de-cabeça-preta ou periquitos-de-testa-laranja. Não havia a menor chance de elefantes, focas, grandes felinos ou ursos estarem circulando por ali, mas os babuínos, os mangabeis, os gibões, os macacos em geral, os veados, as antas, as lhamas, as girafas, os mangustos eram madrugadores. Toda manhã, antes de sair pelo portão principal, eu tinha uma última visão a um só tempo comum e inesquecível: uma pirâmide de tartarugas; o focinho iridescente de um mandril; o silêncio majestoso de uma girafa; a boca amarela, obesa e aberta de um hipopótamo; a escalada, usando bico e patas, de uma arara numa tela de arame; a saudação do bico-de-tamanco batendo o bico; a expressão senil e lasciva de um camelo. E toda essa riqueza era avistada às pressas, enquanto eu ia correndo para a escola. Só depois das aulas eu podia descobrir, com toda calma, o que é ter um elefante revistando as nossas roupas na esperança de encontrar alguma castanha escondida, ou um orangotango catando a nossa cabeça, à procura de carrapatos para um lanchinho, e vê-lo arfar, desapontado, ao constatar que a nossa cabeça é uma despensa pobre. Adoraria ser capaz de expressar a perfeição de uma foca deslizando na água, de um macaco-aranha se balançando de um lado para outro, ou de um leão fazendo o simples gesto de

virar a cabeça. Mas a língua naufraga em mares como esses. Se quiser sentir essas sensações, é melhor imaginá-las mentalmente.

Nos zoológicos, como na natureza, os melhores horários para visitas são ao amanhecer e ao pôr do sol. É quando a maioria dos animais está despertando. Eles se espreguiçam, deixam as suas tocas e, pé ante pé, vão se aproximando da água. Exibem a sua indumentária. Cantam os seus cantos. Voltam-se uns para os outros e praticam os seus ritos. É grande a recompensa para o olho alerta e o ouvido atento. Nem sei dizer quantas horas e horas eu passava ali, como testemunha silenciosa das mais preciosas e variadas expressões de vida que embelezam o nosso planeta. Às vezes, isso é algo tão brilhante, tão vigoroso, tão estranho e tão delicado que chega a entorpecer os sentidos.

Já ouvi praticamente tantas bobagens sobre os zoológicos quanto sobre Deus e a religião. Pessoas bem-intencionadas, mas desinformadas, acham que, na natureza, os bichos são “felizes” porque vivem “livres”. Em geral, essa gente tem em mente algum desses belos e grandes predadores, como um leão ou um guepardo (raramente se exalta a vida de um gnu ou de um *aardvark*). Todos imaginam o animal selvagem vagando pela savana em passeios digestivos, depois de devorar uma presa que aceita contrita a sua sina, ou fazendo os seus exercícios de corrida para manter a linha depois de exagerar na refeição. Imaginam esse animal de olho na própria cria, orgulhoso e carinhoso, e a família inteira fitando o pôr do sol lá dos galhos das árvores, suspirando de prazer. A seu ver, a vida dos animais selvagens é simples, nobre e significativa. Então, ele é capturado por homens malvados que o atiram em jaulas minúsculas. Acabou-se a tal “felicidade”. Com todas as forças, o bicho deseja recuperar a “liberdade” e faz tudo o que pode para escapar. Depois de um longo tempo privado da sua “liberdade”, torna-se uma sombra de si mesmo, fica literalmente aniquilado. É isso que certas pessoas imaginam.

Mas as coisas não são bem assim.

Na natureza, os bichos levam uma vida de compulsão e necessidade, dentro de uma hierarquia social impiedosa, num hábitat em que o medo existe em altíssima escala e a comida é escassa, o território precisa ser constantemente defendido e os

parasitas eternamente suportados. Qual o significado da liberdade num contexto como esse? Na prática, os animais não são livres no espaço nem no tempo, e tampouco nas suas relações pessoais. Em teoria — ou seja, como mera possibilidade física —, um animal pode perfeitamente pegar as suas coisas e ir embora, desacatando todas as convenções sociais e os limites da própria espécie. Isso, porém, é muito mais improvável de acontecer que para um membro da nossa espécie; um comerciante, digamos, com todos os vínculos habituais — família, amigos, sociedade — pode largar tudo e abandonar a própria vida, levando apenas a roupa do corpo e uns trocados no bolso. Se um homem, a mais ousada e inteligente das criaturas, não vai ficar vagando de um lugar a outro, sem conhecer ninguém, sem se ligar a ninguém, por que um animal, que é, por temperamento, muito mais conservador, faria isso? Porque é isso que eles são: conservadores; poderíamos até dizer que são reacionários. A mais ínfima das mudanças é capaz de deixá-los aborrecidos. Na verdade, querem que tudo seja do mesmo jeito, dia após dia, mês após mês. Para eles, surpresas são algo extremamente desagradável. Dá para perceber isso nas suas relações espaciais. Um animal habita o seu espaço, seja num zoológico ou na natureza, do mesmo jeito que as peças de xadrez se movem pelo tabuleiro — de forma significativa. Não existe mais acaso, ou mais "liberdade" no local de moradia de um lagarto, de um urso ou de um veado que na localização de um cavalo no tabuleiro de xadrez. Ambos falam de padrões e de propósitos. Na natureza, os animais se aferram a determinadas trilhas por razões prementes, estação após estação. Num zoológico, se um animal não está no seu lugar normal ou na sua postura habitual na hora de costume, tem alguma coisa errada. Pode ser o simples reflexo de uma alteração ínfima no ambiente ao seu redor. Uma mangueira enrolada, deixada ali por um funcionário, causou uma impressão ameaçadora. Formou-se uma poça que está incomodando o animal. Uma escada está fazendo sombra. Mas também poderia ser algo mais. Na pior das hipóteses, poderia ser aquilo que o diretor de um zoológico mais teme: um *sintoma*, o prenúncio de que há algum problema à vista, um motivo para inspecionar o esterco, interrogar o

zelador, convocar o veterinário. Tudo isso porque a cegonha não está exatamente onde costuma ficar!

Deixe, porém, que eu retome por um instante um aspecto dessa questão.

Se você fosse a uma casa, arrombasse a porta da frente e pusesse os seus moradores no olho da rua, dizendo: “Podem ir! Vocês estão livres! Livres como pássaros! Vão! Vão!” — acha que essa gente ia gritar e dançar de alegria? Não ia, não. Os pássaros não são livres. As pessoas que você acabou de desalojar iam esbravejar: “Quem lhe deu o direito de nos pôr para fora? Essa casa é nossa. Somos os donos dela. Moramos aqui há anos. Vamos chamar a polícia, seu canalha.”

Não vivemos dizendo “Nada como a nossa casa”? Com certeza, os animais sentem a mesma coisa. Eles são seres territoriais. Essa é a chave para compreender a sua mente. Só um território familiar pode lhes permitir arcar com os dois imperativos inexoráveis da natureza: evitar os inimigos e conseguir água e comida. O cercado de um zoológico sadio, do ponto de vista biológico — seja ele uma gaiola, um tanque, um fosso, um curral, um terrário, um aviário ou um aquário — é pura e simplesmente um outro território cujas únicas peculiaridades são o tamanho e a proximidade com o território dos humanos. O fato de ele ser infinitamente menor que o espaço natural tem a sua razão de ser. Na natureza, os territórios são maiores não por uma questão de gosto, mas de necessidade. Num zoológico, fazemos com os animais o que fizemos conosco em termos de casas: reunimos, num espaço reduzido, o que fica espalhado na natureza. Enquanto antes, para nós, a caverna ficava aqui, o rio ali, os campos para caça a um quilômetro naquela direção, o posto de vigia perto deles, os frutos selvagens em algum outro lugar — tudo isso infestado de leões, cobras, formigas, sanguessugas e ervas venenosas —, hoje o rio corre por torneiras que ficam ao alcance da mão e podemos nos lavar bem pertinho do local onde dormimos, podemos comer onde cozinhamos, e podemos cercar esses lugares com paredes protetoras e manter tudo limpo e aquecido. Uma casa é um território compactado onde podemos satisfazer as nossas necessidades básicas de forma segura e sem precisar nos afastar dali. O terreno de um zoológico

saudável é o equivalente disso para um animal (com a significativa ausência de um fogareiro ou coisa semelhante, presente em todas as moradias humanas). Podendo encontrar ali dentro todos os locais de que precisa — um posto de vigia, um lugar para descansar, para comer, para beber, para se banhar, para se cuidar etc. —, e depois de descobrir que não é necessário sair para caçar, já que a comida surge ali mesmo seis vezes por semana, o animal se apodera do seu espaço no zoológico exatamente como faria com um novo espaço na vida selvagem, explorando-o e demarcando-o do jeito comum à sua espécie, talvez com jatos de urina. Depois de cumprir esse ritual de apropriação e de se instalar naquele espaço, o bicho não vai se sentir como um arrendatário preocupado, e muito menos como um prisioneiro; na verdade, vai se sentir um proprietário e vai se comportar, naquele cercado, exatamente como faria no seu território selvagem, inclusive defendendo-o com unhas e dentes caso alguém tente invadi-lo. Subjetivamente, esse lugar não é nem melhor, nem pior para um animal que a sua condição de vida na natureza; enquanto preencher as suas necessidades, um território, seja ele natural ou construído, simplesmente *é*, sem qualquer julgamento, um dado, como as pintas num leopardo. Pode haver até quem alegue que, se um animal pudesse escolher com inteligência, optaria por viver num zoológico, já que a maior diferença entre esse tipo de estabelecimento e a vida na natureza é a ausência de parasitas e de inimigos, e a abundância de comida, no primeiro, e a respectiva abundância e escassez dessas coisas no segundo. Pense nisso. O que seria melhor: ser instalado no Ritz com serviço de copa gratuito e acesso ilimitado a cuidados médicos, ou ser um sem-teto, sem uma alma caridosa que cuidasse de você? Os animais, porém, são incapazes de tal discernimento. Dentro dos limites da sua própria natureza, eles se viram com o que têm.

Um bom zoológico é um lugar regido por uma coincidência cuidadosamente elaborada: exatamente ali onde um bicho nos diz “Não entre!”, com a sua urina ou qualquer outra secreção, nós lhe dizemos “Não saia!” com as cercas e barreiras. Sob tais condições de paz diplomática, todos os animais ficam satisfeitos, nós podemos relaxar e uns e outros podemos nos observar mutuamente.

Na literatura especializada, é possível encontrar legiões de exemplos de animais que podiam ter fugido, mas não o fizeram, ou que fugiram e acabaram voltando. Tem o caso de um chimpanzé cuja jaula foi deixada destrancada e se abriu. Cada vez mais aflito, o bicho começou a gritar e a tentar fechar a porta inúmeras vezes — sempre com um barulho ensurdecedor —, até que o zelador, alertado por um visitante, tratou imediatamente de remediar a situação. Num zoológico europeu, um grupo de corças escapou do curral quando esqueceram a porteira aberta e, com medo dos visitantes, os bichos correram para a floresta mais próxima onde já existia um bando desses mesmos animais e que comportaria outros tantos. Mesmo assim, as corças do zoológico não tardaram a voltar para o seu curral. Noutro lugar, um funcionário que passava por seu local de trabalho de manhã bem cedinho, carregando umas tábuas, viu, apavorado, um urso surgir da bruma matinal, vindo direto na sua direção, com passos firmes. O sujeito largou as tábuas no chão e saiu correndo. A equipe do zoológico logo saiu à procura do animal fugitivo. Foram encontrá-lo de volta ao seu cercado, depois de ultrapassar o fosso repetindo o que tinha feito para sair: passar por uma árvore que havia caído. Todos acharam que o barulho das tábuas no chão o tivesse assustado.

Não vou insistir mais. Não tenho a intenção de defender os zoológicos. Podem fechar todos eles, se quiserem (e esperemos que o que resta dos animais selvagens possa sobreviver no que resta da natureza). Sei que os zoológicos não gozam mais das boas graças das pessoas. A religião enfrenta o mesmo problema. Certas ilusões acerca da liberdade os contaminaram a ambos.

O de Pondicherry já não existe. Os seus fossos foram aterrados, as jaulas, desmontadas. Hoje em dia, circulo por ele no único lugar que lhe restou: a minha memória.

CAPÍTULO 5

A história do meu nome não acaba com ele. Quando alguém se chama Bob, ninguém lhe pergunta “Como é que se escreve?”. Não é o que acontece com Piscine Molitor Patel.

Alguns achavam que era P. Singh; deduziam que eu fosse sique e ficavam se perguntando por que não estaria usando um turbante.

Na época da faculdade, fui uma vez a Montreal com uns amigos. Certa noite, eu é que tive de pedir as pizzas. Já não aguentava mais aquela gente que falava francês cair na gargalhada ao ouvir o meu nome, portanto, quando o sujeito ao telefone perguntou “O seu nome, por favor?”, respondi: “Sou quem sou.” Meia hora mais tarde, chegaram duas pizzas para um tal de “Soul Ken Soul”...

É verdade que as pessoas que conhecemos podem nos modificar, e, às vezes, de uma forma tão profunda que, depois disso, não somos mais os mesmos, nem com relação ao nosso nome. O apóstolo Simão que passa a se chamar Pedro; Mateus, também chamado Levi; Nataniel que é também Bartolomeu; Judas, não o Iscariotes, que assumiu o nome de Tadeu; Simeão que ficou conhecido como o Negro; Saulo que passou a ser Paulo.

O meu soldado romano estava parado no pátio da escola, uma manhã, quando eu tinha doze anos. Eu tinha acabado de chegar. Ele me viu e um lampejo de gênio do mal se acendeu na sua mente estúpida. Erguendo o braço, apontou para mim e, aos berros, gritou o meu nome acentuando a primeira sílaba em vez da segunda, como na palavra francesa:

— Olha aí o Píscine Patel!

Resultado: o que se ouviu foi *pissing*, “mijando” em inglês, a língua que todos falávamos ali.

Num segundo, todo mundo estava rindo. Fiquei para trás quando fizemos fila para ir para a sala. Fui o último a entrar, envergando a minha coroa de espinhos.

A crueldade das crianças não é novidade para ninguém. As palavras atravessavam o pátio e chegavam aos meus ouvidos sem terem sido provocadas, sem terem sido convocadas: “Pare! Já estou

quase mijando de tanto rir!” Ou então: “O que está fazendo aí, de cara para a parede? Está mijando?” E outras gracinhas do gênero. Eu ficava paralisado ou, ao contrário, continuava o que estava fazendo, fingindo que não tinha ouvido. O som desaparecia, mas a dor permanecia ali, como o cheiro de mijo bem depois que ele já evaporou.

Os professores começaram a fazer a mesma coisa. Devia ser o calor. Mais para o fim do dia, a aula de geografia, que, pela manhã, tinha sido tão compacta quanto um oásis, começou a espichar como o deserto do Thar; a aula de história, tão animada no início do dia, foi ficando seca e poeirenta; a de matemática, no começo tão precisa, ficou incoerente. No cansaço da tarde, enquanto enxugavam a testa e a nuca com o lenço, sem pretender ofender ou fazer os outros rirem, até os professores esqueciam a fresca promessa aquática do meu nome e o distorciam de um jeito vergonhoso. Através de modulações quase imperceptíveis, dava para eu ouvir a alteração. Era como se a língua deles fosse um carroceiro conduzindo cavalos selvagens. Todos lidavam bastante bem com a primeira sílaba, *Pi(s)*, mas, no fim das contas, o calor se tornava excessivo e eles perdiam o controle dos seus corcéis que já estavam espumando e não conseguiam fazê-los escalar a segunda sílaba, *cine*, que acabava então desaparecendo quase por completo. Mais uma vez, ia tudo por água abaixo. A minha mão se levantava para responder e eles me autorizavam a falar com um “Sim, *Píscine*”. Era comum o professor nem perceber do que tinha acabado de me chamar. Ficava me olhando por um instante, com aquele ar cansado, perguntando-se por que eu não respondia à pergunta feita. E, às vezes, a turma inteira, tão arrasada quanto eu mesmo por aquele calor, também não reagia. Nem uma risadinha, nem um sorriso. Mas eu sempre ouvia a ofensa.

Passei o meu último ano no colégio St. Joseph me sentindo como o profeta Maomé — que Deus o tenha — sendo perseguido em Meca. Mas, assim como ele planejou a fuga para Medina, a Hégira que marcou o início da era muçulmana, planejei a minha e o início de um novo tempo para mim.

Ao sair do St. Joseph, fui para o Petit Séminaire, a melhor escola particular de ensino médio que havia em Pondicherry. Ravi já estava

estudando ali, e, como todos os irmãos menores, fui obrigado a seguir os passos de um irmão mais velho bem popular. Ele era o atleta da sua geração naquele colégio, excelente lançador e batedor possante, capitão do melhor time de críquete da cidade, o nosso próprio Kapil Dev. O fato de eu nadar não significava nada; ao que parece, é uma lei da natureza humana: desconfia-se que aqueles que moram à beira-mar sejam nadadores, exatamente como os que moram nas montanhas devem ser alpinistas. Mas viver à sombra de alguém não era a fuga que eu tinha previsto, embora adotasse qualquer outro nome que não fosse *Pissing*, até mesmo "irmão de Ravi". O meu plano era melhor que isso.

Resolvi botá-lo em prática já no meu primeiro dia de colégio, e na primeira aula. Ali na sala, havia outros ex-alunos do St. Joseph. A aula começou como todas elas começam: pela apresentação. Íamos dizendo o nosso nome do nosso lugar, seguindo a ordem das carteiras em que estávamos sentados.

— Ganapathy Kumar — disse Ganapathy Kumar.

— Vipin Nath — disse Vipin Nath.

— Shamshool Hudha — disse Shamshool Hudha.

— Peter Dharmaraj — disse Peter Dharmaraj.

Cada nome gerava uma marquinha numa lista e uma rápida olhadela mnemônica por parte do professor. Eu estava nervosíssimo.

— Ajith Giadson — disse Ajith Giadson, a quatro carteiras de mim...

— Sampath Saroja — disse Sampath Saroja, a três carteiras...

— Stanley Kumar — disse Stanley Kumar, a duas carteiras...

— Sylvester Navin — disse Sylvester Navin, bem na minha frente.

Tinha chegado a minha vez. Era hora de derrotar Satã. Medina, me aguarde...

Levantei do meu lugar e fui direto ao quadro-negro. Antes que o professor pudesse dizer uma palavra que fosse, peguei um giz e fui dizendo, enquanto escrevia:

O meu nome é
Piscine Molitor Patel,
conhecido como

(sublinhei duas vezes as duas primeiras letras do meu nome)

Pi Patel.

Só por precaução, acrescentei

π = 3,14

e tracei um grande círculo que, depois, dividi em dois com a linha do diâmetro, para evocar a lição mais elementar de geometria.

O silêncio foi total. O professor ficou olhando para o quadro. Eu prendi a respiração. Então, ele disse:

— Tudo bem, Pi. Pode ir se sentar. Da próxima vez, peça permissão para sair da sua carteira.

— Sim, senhor.

Ele assinalou o meu nome na lista. E olhou para o aluno seguinte.

— Mansur Ahamad — disse Mansur Ahamad.

Eu estava salvo.

— Gauthama Selvaraj — disse Gauthama Selvaraj.

Agora, podia respirar.

— Arun Annaji — disse Arun Annaji.

Era um novo começo.

Repeti a façanha com todos os professores. A repetição é importante nos treinamentos, não apenas dos bichos, mas também dos seres humanos. Entre um garoto e outro, ambos com nomes comuns, eu disparava lá para frente e desenhava, às vezes com aquele barulho terrível do giz raspando no quadro, os detalhes do meu renascimento. Depois de repetir essa cena algumas vezes, acabei conseguindo que os outros alunos fizessem coro comigo, num crescendo que chegava ao seu clímax, após um breve instante para retomar o fôlego, quando eu sublinhava a nota certa. Qualquer regente de coral ficaria encantado com uma apresentação tão entusiasmada do meu novo nome. Alguns dos meninos acompanhavam com um sussurro: “Três! Vírgula! Um! Quatro!”, enquanto eu ia escrevendo o mais depressa possível, e terminava o concerto cortando o círculo com tamanha força que até saíam voando uns pedacinhos de giz.

A partir daquele dia, quando levantava a mão, coisa que fazia sempre que tinha uma chance, os professores permitiam que eu falasse dizendo uma única sílaba que soava como música para os meus ouvidos. Os alunos os imitaram. Até mesmo os demônios do St. Joseph. Em suma, o nome pegou. Na verdade, somos uma nação de aspirantes a engenheiros: pouco depois, um garoto chamado Omprakash já estava se autodenominando Ômega, outro se apresentava como Ípsilon, e, por algum tempo, houve um Gama, um Lambda e um Delta. Mas eu fui o primeiro e o mais duradouro dos gregos do Petit Séminaire. Até o meu irmão, capitão do time de críquete, o deus local, aprovou o apelido. Na semana seguinte, me chamou a um canto.

— Que história é essa de apelido que andam dizendo por aí? — perguntou ele.

Fiquei calado. Porque fosse qual fosse a gozação que vinha pela frente, ela ia vir. Não havia como evitá-la.

— Não sabia que você gostava tanto de banheiros.

Banheiros? Olhei ao meu redor. Ninguém devia ouvir o que o meu irmão ia dizer, muito menos um dos seus puxa-sacos.

— Não entendi, Ravi — sussurrei.

— Por mim, tudo bem, irmão. Qualquer coisa é melhor que *Pissing*. Até mesmo *Pi*... *pi*.

Quando estava se afastando, sorriu e acrescentou:

— O seu rosto está meio vermelho...

Mas foi tudo o que disse.

E, com isso, naquela letra grega que parece uma cabaninha com um teto de zinco corrugado; naquele número evasivo, irracional com o qual os cientistas tentam compreender o Universo, eu encontrei refúgio.

CAPÍTULO 6

Ele cozinha maravilhosamente. A sua casa, muito aquecida, está sempre com algum cheiro delicioso. A prateleira dos temperos parece até a loja de um boticário. Quando ele abre a geladeira ou o armário, vejo muitas marcas que não identifico; na verdade, nem sei dizer em que língua aqueles rótulos estão escritos. Estamos na Índia. Mas ele também lida muito bem com os pratos ocidentais. Faz para mim o mais picante, mas também sutil, macarrão com queijo que jamais provei. E os seus tacos vegetarianos deixariam o México inteiro com inveja.

Reparei em outra coisa: os armários dele são abarrotados. Por trás de cada porta, em cada prateleira, existem montanhas de latas e pacotes muito bem-arrumadinhos. Uma provisão de comida que duraria todo o tempo do cerco de Leningrado.

CAPÍTULO 7

A minha sorte foi ter uns poucos professores realmente bons na juventude, homens e mulheres que entraram na minha cabeça escura e acenderam um fósforo. Um deles foi Satish Kumar, meu professor de biologia no Petit Séminaire e comunista engajado que vivia torcendo para Tamil Nadu parar de eleger astros do cinema e seguir o exemplo de Kerala. A aparência dele era bem peculiar. O topo da cabeça era calvo e pontudo; já as bochechas eram as mais impressionantes que jamais vi, e os ombros estreitos eram seguidos de uma barriga considerável, que parecia até a base de uma montanha. Só que a montanha se perdia no ar, pois parava de repente e desaparecia dentro das calças, na horizontal. Para mim, era um mistério como aquelas perninhas de graveto aguentavam o peso que carregavam; o fato é que aguentavam, embora, às vezes, fizessem uns movimentos surpreendentes, como se aqueles joelhos pudessem se dobrar em todas as direções. O formato do corpo dele era geométrico: o professor Kumar parecia dois triângulos, um menor, outro maior, equilibrados em duas linhas paralelas. Mas, na verdade, ele era orgânico: tinha muitas verrugas e uns tufos de pelos pretos saindo das orelhas. E era muito afetuoso. O seu sorriso ocupava toda a base daquela cabeça triangular.

O professor Kumar foi o primeiro ateu assumido que conheci. Não foi na sala de aula que descobri isso e sim no zoológico. Ele ia até lá regularmente, lia as plaquinhas e as descrições explicativas e fazia uns gestos de aprovação diante de todos os animais que via. Para ele, cada bicho era um triunfo da lógica e da mecânica, e a natureza como um todo era uma ilustração excepcionalmente bem-feita da ciência. Aos seus ouvidos, quando um animal sentia a necessidade de acasalar, estava dizendo “Gregor Mendel”, lembrando o pai da genética; quando era hora de demonstrar coragem, “Charles Darwin”, o pai da seleção natural, e o que considerávamos balidos, grunhidos, silvos, roncos, rugidos, rosnados, piados e gritos estridentes não passava do forte sotaque de estrangeiros. Quando o professor Kumar ia ao zoológico era para verificar a pulsação do

Universo e o seu estetoscópio mental sempre lhe confirmava que tudo estava em ordem, que tudo *era* ordem. E ele ia embora dali sentindo-se cientificamente revigorado.

A primeira vez que vi o seu formato triangular circulando pelo zoológico com aquele andar oscilante, fiquei com vergonha de me aproximar. Por mais que gostasse dele como professor, o sr. Kumar era a figura da autoridade e eu, um súdito. Tinha um certo medo dele. Fiquei só olhando de longe. Ele acabava de chegar junto ao fosso dos rinocerontes indianos, uma grande atração ali, por causa dos bodes. Os rinocerontes são animais sociais, e, quando recebemos Peak, um jovem macho selvagem, ele dava mostras de sofrer com o isolamento e comia cada vez menos. Como quebra-galho, enquanto procurava uma fêmea, o meu pai teve a ideia de ver se Peak se habituaria a conviver com bodes. Se funcionasse, seria a salvação de um animal valioso; caso contrário, a medida só custaria uns poucos bodes. Funcionou às mil maravilhas. Peak e o rebanho de bodes se tornaram inseparáveis, mesmo depois da chegada de Summit. Agora, quando os rinocerontes tomam o seu banho, os bodes ficam rodeando o tanque lamacento e, quando estes vão para o seu canto, Peak e Summit se postam junto deles, como se estivessem de guarda. Aquele arranjo fez muito sucesso com o público.

O professor Kumar ergueu os olhos e me viu. Sorriu, com uma das mãos segurando o parapeito, e, com a outra, acenou, mandando eu me aproximar.

— Olá, Pi — disse ele.

— Oi, professor. Que bom ver o senhor aqui no zoológico.

— Estou sempre por aqui. Pode-se dizer que este é o meu templo. Isso é bem interessante... — prosseguiu ele, apontando para o fosso. — Se tivéssemos políticos como esses bodes e esses rinocerontes, haveria muito menos problemas no país. Infelizmente, temos uma primeira-ministra que possui a couraça de um rinoceronte sem nem uma gota do bom senso desse animal.

Eu não entendia muito de política. Meus pais viviam se queixando da sra. Gandhi, mas, para mim, isso não queria dizer nada. Ela morava lá longe, no Norte, e não no zoológico, nem em Pondicherry. Mas achei que devia dizer algo.

— A religião vai nos salvar — disse eu. Desde que me entendo por gente, a religião sempre foi uma coisa importante para mim.

— Religião? — retrucou o sr. Kumar com um largo sorriso. — Não acredito em religião. A religião é escuridão.

Escuridão? Fiquei atônito. Escuridão é tudo o que a religião não é, pensei. Ela é luz. Será que ele estava me testando? Será que estava dizendo "A religião é escuridão" do mesmo jeito que fazia às vezes em aula, quando dizia coisas como "Os mamíferos botam ovos", para ver se alguém o corrigia? ("Só os ornitorrincos, professor.")

— Não há condições de ir além de uma explicação científica da realidade, e não é nada sensato acreditar em outra coisa senão na nossa experiência sensorial. Um intelecto claro, uma atenção minuciosa ao detalhe e um pouco de conhecimento científico bastam para demonstrar que a religião é uma baboseira supersticiosa. Deus não existe.

Ele disse isso mesmo? Ou será que estou lembrando trechos de ateus posteriores? Em todo caso, foi algo do gênero. Eu nunca tinha ouvido palavras assim antes.

— Por que tolerar a escuridão? Tudo está bem aqui e é bem claro, contanto que se olhe atentamente.

O professor estava apontando para Peak. Ora, apesar de eu ter uma grande admiração por Peak, nunca havia pensado num rinoceronte como uma lâmpada.

Ele voltou a falar.

— Há quem diga que Deus morreu durante a Partição, em 1947. Pode ter morrido durante a guerra, em 1971. Ou quem sabe ontem, aqui em Pondicherry, num orfanato. É o que dizem algumas pessoas, Pi. Quando eu tinha a sua idade, vivia na cama, sofrendo com a pólio. Todo dia, perguntava a mim mesmo: "Onde está Deus? Onde está Deus? Onde está Deus?" E ele nunca apareceu. Não foi Deus quem me salvou, foi a medicina. A razão é o meu profeta e me diz que, exatamente como quando um relógio para, nós morremos. É o fim. Se o relógio não estiver funcionando direito, precisa ser consertado aqui e agora, por nós mesmos. Um dia, assumiremos o controle dos meios de produção e haverá justiça na terra.

Aquilo tudo era um pouco demais para mim. O tom dele estava certo — carinhoso e arrojado —, mas os detalhes pareciam sombrios. Fiquei calado. E não foi por medo de irritar o professor Kumar. O meu medo era que, numas poucas palavras lançadas ao ar, ele pudesse destruir algo que eu amava. E se as palavras dele exercessem sobre mim o efeito da pólio? Que doença terrível deve ser essa, capaz de matar Deus dentro de um homem...

Ele saiu andando, jogando com o corpo e cambaleando naquele mar bravio que era a terra firme.

— Não esqueça da prova de terça-feira. Estude bastante, 3,14!

— Pode deixar, professor.

O sr. Kumar acabou se tornando o meu professor preferido no Petit Séminaire e foi por causa dele que estudei zoologia na Universidade de Toronto. Havia uma afinidade entre nós. Para mim, essa foi a primeira indicação de que os ateus são meus irmãos de uma outra fé, e que cada palavra que eles dizem expressa fé. Como eu, vão até onde as pernas da razão podem levá-los, e, então, pulam.

Vou ser sincero. Não são os ateus que me irritam, são os agnósticos. A dúvida pode ser útil por um instante. Todos devemos atravessar o jardim do Getsêmani. Se Cristo lidava com a dúvida, devemos fazer isso também. Se Ele passou uma noite angustiado, rezando, se, lá na Cruz, exclamou: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?”, com certeza também podemos duvidar. Mas precisamos ultrapassá-la. Escolher a dúvida como filosofia de vida equivale a escolher a imobilidade como meio de transporte.

CAPÍTULO 8

É comum se dizer, nesse ramo, que o animal mais perigoso que existe num zoológico é o homem. Num sentido mais geral, porque o caráter excessivamente predatório da nossa espécie fez do planeta inteiro nossa presa. E também mais especificamente, com relação às pessoas que atiram anzóis para as lontras, giletes para os ursos, maçãs com tachinhas para os elefantes e as mais incríveis variações sobre o mesmo tema: esferográficas, clipes, alfinetes de fralda, elásticos, pentes, colherinhas de café, ferraduras, cacos de vidro, anéis, broches e coisas do gênero (e não são apenas aquelas pulseiras de plástico baratinhas; há também alianças de ouro), canudinhos, talheres de plástico, bolas de pingue-pongue, de tênis e assim por diante. O obituário dos animais de um zoológico que morrem depois de ingerir algum corpo estranho inclui gorilas, bisões, cegonhas, emas, avestruzes, focas, leões-marinhos, grandes felinos, ursos, camelos, elefantes, macacos e praticamente todas as variedades de cervos, ruminantes e aves canoras. Entre os donos de zoológicos, a morte mais célebre é a de Golias, um elefante-marinho, um imenso animal respeitável, de duas toneladas, a estrela do seu zoológico europeu, adorado por todos os visitantes. Ele morreu de hemorragia interna depois de ingerir uma garrafa de cerveja quebrada que alguém lhe atirou.

A crueldade é quase sempre mais ativa e mais direta. A literatura contém relatos de diversos tormentos infligidos a animais em zoológicos: um bico-de-tamanco que entrou em estado de choque e morreu ao ter o bico esmigalhado com uma martelada; um alce que perdeu a barbicha, juntamente com um naco de carne do tamanho de um dedo indicador, para o canivete de um visitante (seis meses mais tarde, o mesmo animal foi envenenado); um macaco que teve o braço quebrado quando o estendeu para apanhar umas castanhas que alguém lhe ofereceu; a galhada de um veado atacada com uma serra tico-tico; uma zebra ferida com uma espada; e outros ataques a animais, com armas como bengalas, guarda-chuvas, grampos de cabelo, agulhas de tricô, tesouras e sabe-se lá mais o quê, em geral

visando a arrancar um olho ou a ferir os órgãos sexuais. Há também os casos de envenenamento. E existem indecências ainda mais estranhas: onanistas se masturbando diante de macacos, pôneis e pássaros; um fanático religioso que decepou a cabeça de uma cobra; um maluco que resolveu urinar na boca de um alce.

Em Pondicherry, pode-se dizer que tivemos sorte. Não havia, por ali, os sádicos que infestavam os zoológicos europeus e americanos. Mesmo assim, as nossas cutias douradas simplesmente desapareceram, roubadas por alguém que decidiu comê-las, como desconfiava o meu pai. Vários pássaros — faisões, pavões, araras — perdiam as suas penas para visitantes que cobiçavam a sua beleza. Pegamos um sujeito, com uma faca, pulando o cercado dos alces; ele disse que estava indo punir o demônio Ravana (que, no Ramayana, assumiu a forma de um veado para raptar Sita, esposa de Rama). Um outro sujeito foi apanhado quando tentava roubar uma cobra. Era um encantador cuja serpente tinha morrido. Ambos se salvaram: a cobra de uma vida de servidão e música ruim; o homem de uma possível picada mortal. De quando em quando, tínhamos de lidar com atiradores de pedras, gente que, achando os animais quietos demais, queriam ver uma reação qualquer. E houve o caso de uma senhora cujo sári foi abocanhado por um leão. Ela ficou girando feito um ioiô, preferindo o constrangimento mortal a um fim igualmente mortal. O pior é que nem foi um acidente. A mulher se debruçou, enfiou a mão pelas grades e ficou agitando a ponta do sári bem na cara do leão. Nunca conseguimos entender o que pretendia com isso... Ela não se feriu; diversos homens fascinados acorreram em seu auxílio. Diante do meu pai, irritada, limitou-se a exclamar: “Onde já se viu um leão comer um sári de algodão? Achei que eles fossem carnívoros.” O maior problema que tínhamos era com os visitantes que resolviam dar de comer aos animais. Apesar de toda a vigilância, o dr. Atal, veterinário do zoológico, sabia perfeitamente, pela quantidade de bichos com problemas digestivos, que dias tinham sido mais movimentados. As “ites das guloseimas”, como ele chamava as enterites ou gastrites causadas por excesso de carboidratos, especialmente açúcar. Às vezes, chegávamos a desejar que os visitantes se limitassem aos doces. As pessoas acham que os

bichos podem comer qualquer coisa sem que isso tenha nenhuma consequência para a sua saúde. Não é bem assim... Um dos nossos ursos-beiçudos ficou seriamente doente, com uma gastrenterite hemorrágica, porque comeu um peixe já podre, dado por um sujeito convencido de que estava fazendo uma boa ação.

Logo depois do guichê dos ingressos, o meu pai mandou pintar numa parede, em letras vermelhas bem grandes, a seguinte pergunta: Sabe qual é o bicho mais perigoso do zoológico? Uma seta apontava para uma cortininha. As mãos ávidas e curiosas que abriam a tal cortina eram tantas que precisávamos trocá-la regularmente. Atrás dela, havia um espelho.

Mas foi à minha própria custa que aprendi que o meu pai acreditava que havia outro animal ainda mais perigoso que nós, e que também era extremamente comum, encontrado em todos os continentes, em todos os hábitats: a temida espécie *Animalus anthropomorphicus*, ou seja, o animal, visto pelos olhos humanos. Todos nós conhecemos um deles ou até já tivemos um em casa. É o bicho “fofo”, “amiguinho”, “adorável”, “devotado”, “feliz”, “compreensivo”. Esses animais estão emboscados em todas as lojas de brinquedos e nas fazendinhas dos zoológicos. Contam-se inúmeras histórias a seu respeito. Eles são a contraparte daqueles outros, “depravados”, “sanguinários”, “pervertidos”, que inflamam a ira dos maníacos que acabei de mencionar, gente que desconta o seu desprezo atacando-os com bengalas e guarda-chuvas. Em ambos os casos, olhamos para um bicho e vemos um espelho. A nossa obsessão em nos pôr no centro de tudo é uma praga que ameaça não apenas os teólogos, mas os zoológos também.

Aprendi a lição de que um animal é um animal, essencial e praticamente distinto de nós, duas vezes: primeiro, com o meu pai, e, depois, com Richard Parker.

Era um domingo de manhã. Eu estava quieto no meu canto, brincando sozinho, quando o meu pai chamou:

— Meninos, venham cá.

Havia algo errado. O tom da voz dele disparou um alarme na minha cabeça. Mais que depressa, passei em revista a minha consciência. Ela estava tranquila. Ravi devia ter aprontado novamente. Fiquei imaginando o que teria feito dessa vez. Entrei na

sala de visitas. A minha mãe estava lá, o que não era nada comum. A tarefa de educar os filhos, como a de criar os animais, ficava geralmente por conta do meu pai. Ravi entrou por último, com a culpa estampada no rosto criminoso.

— Ravi, Piscine, tenho uma lição muito importante para vocês dois hoje.

— Tem certeza que é necessário? — atalhou a minha mãe. Estava toda vermelha.

Engoli em seco. Se a minha mãe, normalmente tão serena, tão calma, estava preocupada, talvez até irritada, era porque estávamos numa encrenca *daquelas*. Ravi e eu nos entreolhamos.

— É, sim — respondeu o meu pai, aborrecido. — Isso bem pode salvar a vida deles.

Salvar a nossa vida! Agora, já não era uma sineta que tocava na minha cabeça; eram sinos bem grandes, como os que ouvimos lá na igreja do Sagrado Coração de Jesus, não muito longe do zoológico.

— Mas Piscine só tem oito anos... — insistiu a minha mãe.

— É justamente ele que mais me preocupa.

— Sou inocente! — exclamei. — A culpa é de Ravi, seja lá o que foi que aconteceu. Foi ele!

— O quê? — disse Ravi. — Não fiz nada! — E me olhou, furioso.

— Shhh! — interveio o meu pai, erguendo a mão. Ele estava olhando para a minha mãe. — Gita, você viu Piscine. Está naquela idade em que os meninos ficam correndo por aí, metendo o nariz em tudo.

Eu? Correndo por aí? Metendo o nariz em tudo? Nem tanto, nem tanto! Me defenda, mãe, me defenda, implorei de coração. Ela, porém, se limitou a suspirar e assentir, sinal de que aquela história terrível podia ter fundamento.

— Venham comigo — disse o meu pai.

Lá fomos nós, como prisioneiros a caminho da execução.

Saímos da casa, passamos pelo portão, entramos no zoológico. Era cedo e o local ainda não estava aberto para o público. Tratadores e funcionários da limpeza faziam o seu trabalho. Avistei Sitaram, meu tratador favorito, que supervisionava os orangotangos. Ele parou para nos olhar. Passamos por pássaros, ursos, macacos,

ungulados; passamos pelo terrário, pelos rinocerontes, pelos elefantes, pelas girafas.

Chegamos ao local onde ficavam os grandes felinos, os nossos tigres, leões e leopardos. Babu, o tratador, estava à nossa espera. Demos a volta, descendo o caminho, e ele destrancou a porta da jaula dos tigres, que ficava bem no meio de uma ilha cercada por um fosso. Entramos. Era uma grande caverna de cimento, escura, em forma circular, quente e úmida, que cheirava a urina de gato. Por todo lado, havia umas jaulas enormes divididas por grossas barras de ferro verdes. Uma luminosidade amarelada penetrava ali, vinda da luz do dia. Pela boca da caverna, dava para ver a vegetação daquela ilha, reluzindo ao sol. As jaulas estavam vazias, todas, menos uma: Mahisha, o patriarca dos nossos tigres-de-bengala, um animal esguio e forte de mais de 250 quilos, havia ficado detido. Assim que entramos, ele correu até a grade da jaula e soltou um sonoro rugido, com as orelhas coladas à cabeça e os olhos redondos pregados em Babu. Foi um barulho tão alto e feroz que pareceu sacudir a caverna inteira. Os meus joelhos começaram a tremer. Cheguei mais perto da minha mãe. Ela também estava tremendo. Tive a impressão de que até o meu pai parou para se recompor. Só Babu ficou indiferente àquele rompante e àquele olhar fixo que penetrava nele como uma broca. Sabia que podia confiar nas barras de ferro. Mahisha começou a andar de um lado para outro dentro da jaula.

— Que animal é esse? — perguntou o meu pai, virando-se para nós e suplantando, com a voz, os rugidos de Mahisha.

— Um tigre — respondemos Ravi e eu em uníssono, assinalando obedientemente aquela obviedade gritante.

— Os tigres são perigosos?

— São, pai.

— São *muito* perigosos — gritou ele. — Quero que entendam que nunca, em *nenhuma* circunstância, devem pôr a mão num tigre, tratá-lo como animal de estimação, passar os braços pela grade de uma jaula, nem sequer se aproximar delas. Está entendido? Ravi?

O meu irmão assentiu vigorosamente.

— Piscine?

Assenti com mais vigor ainda.

Ele continuou me olhando.

Repeti o gesto com tanta força que achei espantoso o meu pescoço não dar um estalo e a minha cabeça não cair no chão.

Gostaria de dizer, em defesa própria, que talvez eu tenha antropomorfizado os animais a ponto de eles falarem um inglês fluente, com os faisões, num arrogante sotaque britânico, reclamando do chá que estava frio, e os babuínos, em seu apartamento, planejando a sua fuga, depois de assaltar um banco, ameaçando toneladas de gângsteres americanos; mas era uma fantasia consciente. Sabia muito bem o que estava fazendo quando vestia animais selvagens com os trajes da docilidade na minha imaginação. Mas nunca me enganei quanto à natureza real dos meus amigos. O meu nariz enxerido era mais sensato que isso. Não sei de onde o meu pai tirou a ideia de que o seu filho caçula estava prestes a entrar numa jaula junto com uma fera carnívora. Mas, fosse qual fosse a origem de tal preocupação — e o meu pai *era* um sujeito preocupado —, ele estava nitidamente determinado a se livrar dela naquela manhã.

— Vou lhes mostrar como os tigres são perigosos — prosseguiu ele. — Quero que se lembrem dessa lição para o resto da vida.

Virou-se para Babu e fez um aceno de cabeça. O tratador saiu. Os olhos de Mahisha o seguiram e não desgrudaram da porta por onde ele havia desaparecido. Babu voltou segundos mais tarde, trazendo um bode com as patas amarradas. Atrás de mim, a minha mãe me segurou com força. O rosnado de Mahisha virou um rugido sonoro, vindo lá do fundo da garganta.

Babu destrancou e abriu uma jaula pegada à do tigre. Entrou ali e voltou a trancá-la. Uma grade e uma portinhola separavam os dois compartimentos. Mais que depressa, Mahisha se colou à grade divisória, dando-lhe umas patadas. Ao ruído que fazia, acrescentou uns *uuffs* explosivos, entrecortados. O tratador pôs o bode no chão; o corpo do bichinho se sacudia com violência, a sua língua pendia para fora da boca e os seus olhos eram bolas que giravam. Babu desamarrou as suas patas. O bode se pôs de pé. Ele saiu então da jaula daquele mesmo jeito cauteloso com que tinha entrado ali. A jaula tinha dois andares, um deles no nível em que estávamos, o outro, nos fundos, ficava cerca de um metro mais alto, dando para a

ilha lá fora. O bode correu para esse último. Mahisha, que agora nem queria saber de Babu, também subiu, dentro da própria jaula, num movimento fluido, sem qualquer esforço. Agachou-se e ficou quieto; o lento balançar da sua cauda era o único indício de tensão.

Babu se aproximou da portinhola que havia entre as duas jaulas e começou a abri-la. Já antegozando a satisfação, Mahisha se calou. Naquele momento, ouvi duas coisas: o meu pai dizendo “Nunca se esqueçam dessa lição”, com um ar sombrio, e o balido do bode. Ele já devia estar balindo desde que chegou ali, só que, antes, não dava para ouvi-lo.

Senti a mão da minha mãe bem grudada ao meu coração, que estava aos pulos.

A portinhola resistiu, com uns gemidos agudos. Mahisha já estava postado ali ao lado — parecia até que estava a ponto de irromper por entre as grades. Dava a impressão de hesitar entre ficar onde estava, no lugar onde a sua presa estava mais próxima, embora ele não pudesse decerto alcançá-la, ou descer ao nível do chão, mais longe do bode, porém mais perto da portinhola. Levantou-se e voltou a rosnar.

O bode começou a pular. Dava pulos de uma altura espantosa. Eu não imaginava que um bode pudesse pular tão alto. Mas o fundo da jaula era uma parede de cimento, alta e lisa.

Com súbita facilidade, a portinhola se abriu. O silêncio voltou a reinar, só quebrado pelos balidos do bode e pelo tique-tique dos seus cascos batendo no chão.

Um raio preto e laranja voou de uma jaula a outra.

Em geral, os grandes felinos não são alimentados um dia por semana, para simular as condições do mundo natural. Descobrimos, mais tarde, que o meu pai tinha mandado que não dessem comida a Mahisha por três dias.

Não sei se cheguei a ver sangue antes de me virar e esconder o rosto nos braços da minha mãe ou se o pintei posteriormente, na memória, com um pincel bem grande. Mas ouvi tudo. Era o bastante para deixar o meu serzinho vegetariano literalmente apavorado. A minha mãe nos tirou dali o mais depressa possível. Estávamos histéricos e ela, furiosa.

— Como pôde fazer uma coisa dessas, Santosh? São apenas crianças! Vão ficar apavorados pelo resto da vida.

A voz dela soou quente e trêmula. Pude ver que tinha os olhos cheios de água. Me senti melhor.

— Gita, meu docinho, é para o bem deles. Imagine se Piscine resolvesse enfiar a mão pela grade da jaula qualquer dia desses, só para tocar naquela linda pelagem alaranjada? Antes um bode que ele, não é mesmo?

A sua voz soou branda, quase um sussurro. Ele parecia contrito. Nunca a tinha chamado de “meu docinho” na nossa frente.

Nós estávamos grudados nela. Ele se aproximou. Mas a lição ainda não tinha terminado, embora fosse ficar bem mais leve.

O meu pai nos levou aonde ficavam os leões e os leopardos.

— Uma vez, chegou aqui um maluco da Austrália que era faixa preta de caratê. Quis enfrentar os leões. Perdeu. E feio. Na manhã seguinte, os vigias encontraram apenas metade do corpo dele.

— Sim, pai.

Os ursos-do-himalaia e os ursos-beiçudos.

— Um golpe das garras dessas criaturas adoráveis basta para arrancar as suas entranhas e espalhá-las pelo chão.

— Sim, pai.

Os hipopótamos.

— Com essas bocas macias e moles que eles têm, esses animais podem esmigalhar o seu corpo, transformando-o numa maçaroca sanguinolenta. Em terra, correm mais depressa que nós.

— Sim, pai.

As hienas.

— As mandíbulas mais fortes que existem na natureza. Não pensem que são bichos covardes e que só comem carniça. Nada disso é verdade! Elas começam a comê-lo ainda vivo.

— Sim, pai.

Os orangotangos.

— Têm a força de dez homens. Quebram os seus ossos como se fossem gravetos. Conheço alguns que foram animais de estimação e vocês brincavam com eles quando eram filhotes. Mas, agora, são adultos, selvagens e imprevisíveis.

— Sim, pai.

O avestruz.

— Parece bobo e confuso, não parece? Ouçam bem: é um dos bichos mais perigosos de um zoológico. Basta uma patada para quebrar as suas costas ou esmagar o seu peito.

— Sim, pai.

O veado malhado.

— São lindos, não são? Se lhe der na telha, o macho pode atacá-los e esses chifrinhos tão curtos vão perfurá-los como se fossem punhais.

— Sim, pai.

O camelo árabe.

— Uma mordida babada e vocês perdem um naco de carne.

— Sim, pai.

Os cisnes negros.

— Com o bico, podem arrebentar o seu crânio. Com as asas, quebrar os seus braços.

— Sim, pai.

Os pássaros menores.

— Com o bico, eles perfuram os seus dedos como se fosse manteiga.

— Sim, pai.

Os elefantes.

— Os mais perigosos de todos os animais. Num zoológico, morrem mais tratadores e visitantes vitimados por elefantes que por qualquer outro animal. Um jovem elefante pode perfeitamente esquartejar você e esmigalhar cada parte do seu corpo. Foi o que aconteceu a uma pobre alma num zoológico europeu, um sujeito que entrou na casa do elefante por uma janela. Um animal mais velho, mais paciente vai imprensá-lo contra a parede ou sentar em cima de você. Parece engraçado, mas pensem bem nisso!

— Sim, pai.

— Não paramos junto de alguns animais. Não pensem que eles são inofensivos. A vida trata de se defender, por menor que ela seja. Todos os bichos são ferozes e perigosos. Talvez não os matem, mas, com certeza, vão feri-los. Vão arranhá-los e mordê-los, e podem contar com um inchaço infeccionado e cheio de pus, febre alta e uns dez dias de internação num hospital.

— Sim, pai.

Chegamos aos porquinhos-da-índia, os únicos, além de Mahisha, que tinham sido deixados famintos, já que, por ordem do meu pai, não haviam recebido a refeição noturna na véspera. O meu pai abriu a jaula. Tirou do bolso um saco de comida e derramou tudo no chão.

— Estão vendo esses bichinhos?

— Estamos, pai.

As criaturas tremiam de fraqueza enquanto beliscavam freneticamente os grãos de milho.

— Bem... — disse ele, agachando-se e agarrando um dos porquinhos. — Esses aqui não são perigosos.

Mais que depressa, os outros se dispersaram.

O meu pai riu. Estendeu para mim o bichinho que gritava. Queria encerrar aquela história com algo mais leve.

O porquinho-da-índia se aninhou no meu colo, tenso. Ainda era bem novo. Fui até a jaula e, com todo cuidado, botei o bichinho no chão. Ele correu para junto da mãe. Esses porquinhos-da-índia só não eram perigosos — não tiravam sangue com os dentes e as garras — porque eram praticamente domesticados. Caso contrário, pegar um deles com as mãos nuas seria a mesma coisa que segurar uma faca pela lâmina.

A lição tinha terminado. Ravi e eu ficamos emburrados e passamos uma semana dando gelo no meu pai. A minha mãe também o ignorou. Quando eu ia até o fosso dos rinocerontes, ficava imaginando que eles estavam assim cabisbaixos de tristeza por ter perdido um dos seus queridos companheiros.

Mas o que fazer quando amamos o nosso pai? A vida continua e não botamos a mão nos tigres. Só que, dessa vez, tendo acusado Ravi de um crime qualquer que ele não havia cometido, eu podia me considerar praticamente morto. Nos anos subsequentes, quando ele estava a fim de me aterrorizar, sussurrava: “Espere só até ficarmos sozinhos. *O próximo bode vai ser você*!”

CAPÍTULO 9

Fazer com que os animais se acostumem à presença dos seres humanos é o próprio cerne da arte e da ciência da administração de um zoológico. O objetivo principal é reduzir a distância de fuga de um animal, ou seja, a distância mínima que ele admite manter quando avista um inimigo. Na vida selvagem, um flamingo não vai se importar com a sua presença se você permanecer a mais de 250 metros dele. Ultrapasse esse limite e a ave vai ficar tensa. Chegue um pouco mais perto e vai desencadear uma reação de fuga que só termina quando o limite dos 250 metros for restabelecido, ou até o coração e os pulmões do animal falharem. Cada bicho tem uma distância de fuga diferente e estas são medidas de forma diferente. Felinos olham, cervos ouvem, ursos farejam. As girafas nos deixam chegar a cerca de 28 metros se estivermos dentro de um veículo motorizado, mas saem correndo se pararmos a uns 130 metros estando a pé. Os chama-marés saem em disparada ao ver alguém a cerca de dez metros; os bugios se põem em alerta lá nos galhos da árvores quando veem alguém a uns dezoito metros de distância; o búfalo africano reage a uns setenta metros.

Os meios de que dispomos para reduzir a distância de fuga são o conhecimento que temos de um animal, a comida e o abrigo que lhe proporcionamos, a proteção que lhe damos. Quando funciona, o resultado é um animal selvagem emocionalmente estável, sem estresse, que não apenas fica onde estiver tranquilamente, mas também é saudável, longevo, come sem criar problemas, se comporta e se relaciona socialmente de forma natural e — o melhor sinal de todos — se reproduz. Não vou tentar comparar o nosso zoológico com os de San Diego, de Toronto, de Berlim ou de Cingapura, mas ninguém segura um bom administrador de zoológicos. O meu pai tinha nascido para isso. Compensava a falta de um treinamento formal com um talento intuitivo e um olho clínico. Tinha o dom de olhar para um bicho e decifrar o que ele tinha em mente. Dedicava-se aos seus pupilos, e eles, em troca, se multiplicavam, às vezes em excesso.

CAPÍTULO 10

Apesar de tudo, sempre haverá animais que tentam fugir dos zoológicos. O exemplo mais evidente é o daqueles que são mantidos em locais inadequados. Em termos de hábitat, todo animal tem necessidades específicas que precisam ser atendidas. Se bater sol demais onde ele vive, se o local for úmido demais ou excessivamente vazio, se o poleiro estiver alto demais ou muito exposto, se o solo for excessivamente arenoso, se houver poucos ramos de árvores para ele fazer o seu ninho, se o comedouro estiver baixo demais, se não houver lama suficiente para ele se espojar — e vários outros se... —, o animal não vai ficar tranquilo. Não é tanto uma questão de construir uma imitação das condições da vida selvagem; trata-se antes de atingir a *essência* dessas condições. Ali, tudo deve estar na medida certa — em outras palavras, respeitando os limites da capacidade que tem determinado animal de se adaptar. Os maus zoológicos com locais de moradia ruins são uma verdadeira praga! Por causa deles, os outros também acabam levando a fama.

Animais selvagens capturados já em plena maturidade são mais um exemplo dos que tentam a fuga; em geral, têm os hábitos arraigados demais para poder reconstruir o seu mundo subjetivo e se adaptar a um novo ambiente.

Mas mesmo animais criados num zoológico, que nunca conheceram a vida na natureza; que estão perfeitamente adaptados ao seu local de moradia e não ficam tensos em presença de seres humanos, podem vivenciar momentos de excitação que os levarão a tentar escapar. Há em todas as coisas vivas uma dose de loucura que as leva a ter atitudes estranhas, por vezes inexplicáveis. Essa loucura pode ser uma forma de proteção; é parte integrante da capacidade de adaptação. Sem ela, nenhuma espécie sobreviveria.

Seja qual for o motivo desse desejo de escapar, seja ele são ou insano, os detratores dos zoológicos deveriam se dar conta que os animais não estão fugindo *para algum lugar*, mas sim *de algo*. Algo no interior do seu território que os amedrontou — a intrusão de um

inimigo, o ataque de um animal dominante, um barulho assustador — e disparou uma reação de fuga. E eles fogem ou tentam fugir. Fiquei espantado ao ler, no zoológico de Toronto — um ótimo estabelecimento, aliás —, que os leopardos podem dar pulos de até cinco metros e meio. O cercado do nosso, lá em Pondicherry, tinha, nos fundos, uma parede de cinco metros de altura. Deduzo, então, que, se Rosie e Copycat nunca pularam dali, não foi por uma questão de incapacidade constitucional, mas simplesmente porque não tinham motivo para fazer isso. Os animais que fogem vão do conhecido para o desconhecido — e, se há algo que eles detestam mais que qualquer outra coisa, é o desconhecido. Em geral, os fugitivos se escondem no primeiro lugar que encontram e que lhes dê uma sensação de segurança, e só são perigosos para aqueles que porventura se intrometam entre eles e o tal lugar seguro que descobriram.

CAPÍTULO 11

Pense no caso daquela pantera-negra-fêmea que fugiu do zoológico de Zurique, no inverno de 1933. Ela estava ali havia pouco tempo e parecia estar se dando muito bem com o macho. Mas vários arranhões indicaram problemas conjugais. Antes que se pudesse decidir o que fazer, ela escapuliu por uma brecha na grade do teto da jaula e desapareceu na noite. Quando se soube que um animal selvagem e carnívoro estava à solta, foi o maior alvoroço entre os habitantes da cidade. Instalaram-se armadilhas e os cães de caça foram deixados em liberdade. Tudo o que conseguiram foi livrar o cantão daqueles poucos cachorros meio selvagens. Durante *dez semanas,* ninguém encontrou vestígio da pantera-negra. Até que um lavrador temporário deu com a fera num estábulo, a uns quarenta quilômetros de distância, e a matou a tiros. Perto dela havia uns restos de uma corsa. O fato de aquele grande felino tropical todo preto conseguir sobreviver por mais de dois meses no inverno suíço sem que ninguém o visse e, principalmente, sem ter atacado quem quer que fosse, deixa claro que os animais que fogem dos zoológicos não são criminosos que se escondem, mas simplesmente criaturas selvagens tentando se ajustar às circunstâncias.

E este é apenas um caso entre outros tantos. Se você pegar a cidade de Tóquio, virá-la de cabeça para baixo e sacudi-la, vai ficar espantado com a quantidade de bichos que vai cair dali. Vai chover de tudo, menos canivetes, eu lhe garanto. Jiboias, dragões-de-komodo, crocodilos, piranhas, avestruzes, lobos, linces, cangurus, peixes-boi, porcos-espinho, orangotangos, javalis — é isso que deve cair no seu guarda-chuva. E ainda há quem espere encontrar... ha! No meio de uma floresta tropical do México, imagine só! Ha! Ha! É hilário, simplesmente hilário. O que essa gente tem na cabeça?

CAPÍTULO 12

De vez em quando, ele fica agitado. Não é nada que eu tenha dito (falo muito pouco). É a própria história que o deixa desse jeito. A memória é um oceano e ele fica boiando ali dentro. Tenho medo que queira parar. Mas ele quer me contar a sua história. E continua. Depois de todos esses anos, Richard Parker ainda está rondando a sua mente.

Ele é uma graça de pessoa. Sempre que vou vê-lo, prepara um verdadeiro banquete de culinária vegetariana do Sul da Índia. Eu lhe disse que gosto de comida condimentada. Não sei por que fui dizer essa besteira. É a mentira mais deslavada. Ponho colheradas e mais colheradas de iogurte. Mas não adianta. É sempre a mesma coisa: as minhas papilas gustativas murcham e morrem; a minha pele fica vermelha como um pimentão; os meus olhos se enchem de lágrimas; a minha cabeça parece uma casa pegando fogo, e o meu trato digestivo começa a se contorcer e a grunhir em agonia, como uma jiboia que engoliu um cortador de grama.

Como pode ver, se cair no fosso de um leão, ele vai despedaçá-lo não porque esteja com fome — pode ter certeza que os animais de um zoológico são muito bem-alimentados —, ou porque tenha sede de sangue, mas porque você invadiu o território dele.

Aliás, fazendo um aparte, é por isso que um domador de circo sempre deve circular primeiro pelo picadeiro, e bem à vista dos leões. Com isso, fica estabelecido que aquele território é *seu*, e não dos animais, noção que vai ser ainda reforçada pelos gritos, pelas batidas com os pés no chão, pelas chicotadas. Os leões ficam impressionados. A desvantagem em que se encontram tem um peso enorme. Repare como eles entram ali: poderosos predadores que são, os "reis dos animais", eles rastejam, com a cauda baixa, e se mantêm nas bordas do picadeiro que é sempre redondo para que eles não tenham onde se esconder. Estão diante de um macho fortemente dominante, um macho superalfa, e devem se submeter àqueles rituais de dominância. Portanto, abrem bem a boca, sentam-se, saltam através de arcos recobertos de papel, arrastam-se por dentro de tubos, dão marcha a ré, rolam no chão para um lado e para outro. "Esse cara é um esquisitão", pensam eles discretamente. "Nunca vi um leão dominante agir desse jeito. Deve comandar um bando e tanto. Temos uma despensa sempre cheia e — sejamos honestos, companheiros — as suas maluquices nos mantêm ocupados. Esse negócio de ficar cochilando o tempo todo acaba sendo muito chato. Pelo menos não estamos andando de bicicleta, como os ursos-pardos, ou apanhando aqueles pratos do malabarista, como os chimpanzés."

Só que o domador tem de se garantir para continuar sendo sempre superalfa. Se cair para beta, vai pagar caro por isso. Entre os animais, boa parte do comportamento hostil e agressivo é expressão de insegurança social. Na sua frente, ele precisa saber em que pé está, se está acima ou abaixo de você. A posição social é crucial para ele saber como levar a vida. É ela que determina com quem ele pode se relacionar e como; onde e quando pode comer;

onde pode descansar; onde pode beber, e assim por diante. Até ter certeza da posição que ocupa, vive uma vida de uma anarquia insuportável. Então, fica nervoso, irrequieto, perigoso. Para a sorte do domador, entre os animais superiores, as questões de posição social nem sempre são resolvidas pela força bruta. Como diz Hediger (1950): “Quando duas criaturas se encontram, a que for capaz de intimidar a sua oponente será reconhecida como socialmente superior, portanto, essa decisão social nem sempre depende de uma luta; um confronto, em determinadas circunstâncias, pode ser o suficiente.” Palavras de um homem sensato. O sr. Hediger foi, durante anos, diretor de zoológico, primeiro em Basileia, e, depois, em Zurique. Conhecia muito bem os costumes dos animais.

É mais uma questão de cérebro que de músculos. A natureza da ascendência do domador de circo é psicológica. Um ambiente estranho, a postura ereta do sujeito, a atitude calma, o olhar firme, o passo à frente destemido, o rugido esquisito (o estalar do chicote ou o silvo de um apito, por exemplo) — são uns tantos fatores que enchem a mente do animal de medo e dúvida, e deixam clara qual é a sua posição, a coisa mais importante que ele quer saber. Satisfeito, o Número Dois vai recuar e o Número Um pode se virar para o público e gritar: “O show vai continuar! E agora, senhoras e senhores, no meio de arcos com fogo *de verdade*...”

É interessante observar que o leão mais dócil com relação às manobras do domador de circo é, no bando, o animal que ocupa a posição social mais baixa, o animal ômega. Portanto, só tem a ganhar ficando próximo do domador superalfa. Não se trata apenas de pequenas regalias. Uma relação assim mais próxima significa também proteção diante dos outros membros do bando. Esse animal submisso — que, aos olhos do público, não se distingue dos demais em termos de tamanho e aparente ferocidade — vai ser a estrela do espetáculo, ao passo que o domador deixa os leões beta e gama, subordinados mais rebeldes, sentados naqueles barris coloridos, às margens do picadeiro.

A situação é a mesma com outros animais de circo e pode ser vista também em zoológicos. Animais socialmente inferiores são os que se esforçam ao máximo, fazendo de tudo para se aproximar dos tratadores. Dão as maiores provas de fidelidade, deixam claro que precisam da sua companhia e que seriam os últimos a tentar desafiá-los ou se mostrar difíceis de lidar. O fenômeno já foi observado entre os grandes felinos, os bisões, os cervos, os carneiros selvagens, os macacos e vários outros animais. É um fato que todos no ramo conhecem bem.

CAPÍTULO 15

A casa dele é um verdadeiro templo. No hall de entrada, há um quadro com a imagem de Ganesha, aquele da cabeça de elefante. Está sentado de frente — corado, barrigudo, coroado e sorridente. Três das suas mãos seguram objetos diversos e a quarta, erguida, mostra a palma, num gesto de bênção e saudação. Ele é aquele que remove os obstáculos, o deus da boa sorte, da sabedoria, o padroeiro da aprendizagem. Em suma, uma divindade simpática. Que me faz sorrir. Aos seus pés, está um rato bem atento. É o seu veículo. Porque, quando viaja, o senhor Ganesha vai montado num rato. Na parede oposta a esse quadro, há um crucifixo de madeira lisa.

Na sala de visitas, numa mesinha perto do sofá, há uma pequena imagem emoldurada de Nossa Senhora de Guadalupe, com flores caindo do manto aberto. Perto dela, noutro porta-retratos, a Caaba, o santuário mais sagrado do islã, envolta numa capa preta e cercada por um turbilhão de milhares de fiéis. No móvel da televisão, há uma estatueta de latão do Shiva Nataraja, o deus cósmico da dança, que controla os movimentos do Universo e o fluxo do tempo. Dança sobre o demônio da ignorância, com os quatro braços estendidos num gesto coreográfico, um dos pés nas costas do demônio e o outro erguido no ar. Diz-se que, quando o Nataraja puser esse pé no chão, o tempo vai parar.

Há um oratório na cozinha. Fica num armário cuja porta foi trocada por um arco todo entalhado. Esse arco esconde em parte a lâmpada amarela que ilumina o oratório à noite. Por trás de um pequeno altar, veem-se dois quadros: na lateral, outra vez Ganesha, e, no meio, numa moldura maior, com o rosto sorridente e a pele azul, Krishna tocando flauta. Ambos têm, por cima do vidro, umas marcas na testa feitas com um pó vermelho e amarelo. Nesse altar, dentro de um prato de cobre, há três murtis *prateadas. Ele as identifica para mim, apontando cada uma das estatuetas: Lakshmi; Shakti, a deusa-mãe, na forma de Parvati; e Krishna, desta vez representado como um bebê brincalhão, engatinhando. Entre as*

duas deusas, vê-se um yoni linga *de Shiva, que parece a metade de um abacate com um troço fálico subindo do seu centro; é um símbolo hindu das energias masculina e feminina do Universo. De um dos lados do prato, tem uma conchinha assentada num pedestal; do outro, um sininho prateado. Por todo o altar, há grãos de arroz e também flores que já estão começando a murchar. Muitos desses objetos têm as tais marcas amarelas e vermelhas.*

Na prateleira, logo abaixo do altar, há diversos artigos de devoção: uma jarra cheia de água; uma colher de cobre; uma lamparina com um pavio enrolado em azeite; bastões de incenso e umas tigelinhas com pó vermelho, pó amarelo, grãos de arroz e torrões de açúcar.

Na sala de jantar, há uma outra Nossa Senhora.

Lá em cima, no escritório, tem um Ganesha de latão sentado de pernas cruzadas perto do computador; um crucifixo de madeira do Brasil, pendurado numa parede; e um tapete de orações verde a um canto. O Cristo é expressivo — está sofrendo. O tapete de orações fica num lugar à parte. Ali perto, numa estante baixinha, há um livro coberto com um pano. Bem no meio desse pano, uma única palavra árabe, tecida de forma elaborada e contendo quatro letras: um alef*, dois* lams *e um* ha*. É a palavra* Deus*, em árabe.*

O livro sobre a mesinha de cabeceira é uma Bíblia.

CAPÍTULO 16

Todos nascemos como os católicos, não é mesmo? Num limbo, sem religião, até que uma figura qualquer venha nos apresentar Deus. Depois desse encontro, a questão está encerrada, para a maioria de nós. Se houver alguma mudança, em geral é mais uma redução que um aumento; muita gente parece perder Deus ao longo da vida. Não foi o meu caso. Para mim, a tal figura foi uma irmã mais velha da minha mãe, com ideias mais tradicionais, que me levou a um templo quando eu ainda era um bebezinho. Tia Rohini ficou encantada ao conhecer o sobrinho recém-nascido e achou que devia incluir a Deusa-Mãe nesse encantamento.

— Vai ser a sua primeira saída simbólica — disse ela. — Um *samskara*!

Foi simbólico mesmo. Estávamos em Madurai; eu era o mais novo veterano de uma viagem de trem de sete horas. Pouco importa. Lá fomos nós encarar esse rito de passagem hindu: eu, no colo da minha mãe, e a minha tia a estimulando. Não tenho nenhuma lembrança consciente dessa primeira ida a um templo, mas algum cheiro de incenso, algum jogo de luz e sombra, alguma chama, algum borrão de cor, algo do ar meio sufocante e do mistério daquele lugar deve ter ficado aqui dentro. Uma semente de exaltação religiosa, não maior que um grão de mostarda, foi plantada em mim para germinar. E, desde então, nunca parou de crescer.

Sou hindu por causa dos cones esculpidos com pó de *kumkum* vermelho e das cestas com bolinhos amarelos de açafrão; por causa das guirlandas de flores e dos cocos partidos; por causa do soar dos sinos anunciando a chegada de alguém junto de Deus; por causa do lamento dos *nadaswaram* de junco e das batidas dos tambores; por causa do ruído dos pés descalços pelo chão de pedra dos corredores escuros onde, aqui e ali, penetram raios de sol; por causa da fragrância do incenso; por causa das chamas das lamparinas do *Arati*, girando na escuridão; por causa dos *bhajans* cantados suavemente; por causa dos elefantes parados ali para a

bênção; por causa dos murais coloridos que contam histórias coloridas; por causa das testas que carregam, com as mais variadas significações, a mesma palavra — *fé*. Eu me tornei leal a essas impressões sensoriais antes mesmo de saber o que elas significavam ou para que serviam. É algo que vem do meu coração. Num templo hindu, eu me sinto em casa. Tenho consciência de uma Presença, não pessoal, como geralmente sentimos uma presença: é algo maior. O meu coração continua a dar um salto quando avisto o *murti*, o Deus Residente, no santuário interno do templo. Não tenho dúvidas de que estou num útero cósmico sagrado, o lugar onde tudo nasceu, e tenho a sorte de pertencer a esse núcleo vivo. Naturalmente, as minhas mãos se unem num gesto reverente de adoração. Desejo o *prasad*, aquela oferenda açucarada que fazemos a Deus e que volta para nós como uma iguaria santificada. As palmas das minhas mãos precisam sentir o calor da chama consagrada cuja bênção trago para os olhos e a testa.

Mas a religião é mais que ritos e rituais. É aquilo que os ritos e os rituais representam. Nesse ponto também sou hindu. Através dos olhos hindus, o Universo faz sentido para mim. Há Brahman, a alma do mundo, a estrutura de sustentação sobre a qual se tece, se torce e se trama o tecido do ser, com todos os seus elementos decorativos de espaço e tempo. Há o Brahman *nirguna*, sem qualidades, que está além de qualquer compreensão, de qualquer descrição, de qualquer abordagem; com as nossas pobres palavras, costuramos um traje para ele — Um, Verdade, Unidade, Absoluto, Realidade Última, Substrato da Existência — e tentamos encaixá-lo nele, mas o Brahman *nirguna* sempre rompe as nossas costuras. Ficamos sem palavras. Mas há também o Brahman *saguna*, com qualidades, que se encaixa no traje que fazemos. Ora o chamamos Shiva, ora Krishna, ora Shakti ou Ganesha; podemos nos aproximar dele com alguma compreensão; podemos discernir alguns dos seus atributos — amor, compaixão, temor — e sentimos o doce impulso da relação. O Brahman *saguna* é o Brahman tornado manifesto aos nossos sentidos limitados, o Brahman que se expressa não apenas em deuses, mas em seres humanos, animais, árvores, num punhado de terra, pois tudo tem em si a marca do divino. A verdade da vida é que o Brahman não é diferente do atmã, a força espiritual

que reside em nós, o que podemos chamar de alma. A alma individual está relacionada à alma do mundo como um poço busca o lençol d'água. Aquilo que sustenta o Universo, para além do pensamento e da linguagem, e o que está no centro de nós e luta por expressão são a mesma coisa. O finito dentro do infinito, o infinito dentro do finito. Se você me perguntar qual a relação entre Brahman e atmã, eu diria que é exatamente a mesma que se estabelece entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo: um mistério... Uma coisa, porém, é bem clara: o atmã busca alcançar Brahman, se unir ao Absoluto, e passa a vida viajando numa peregrinação em que nasce e morre, volta a nascer e a morrer, e mais uma vez, até conseguir se desfazer dos invólucros que o aprisionam cá embaixo. São inúmeros os caminhos da liberação, mas a margem ao longo do caminho é sempre a mesma, a Margem do Carma, onde, ao balanço da libertação de cada um de nós, acrescenta-se um crédito ou um débito, dependendo das nossas ações.

Isso, numa concha sagrada, é o hinduísmo, e a vida toda, sempre fui hindu. Tendo em mente as suas noções, vejo o meu lugar no Universo.

Mas não devemos nos apegar! Danem-se os fundamentalistas e literalistas! Lembro de uma história do senhor Krishna, quando ele era pastor. Toda noite, convidava as ordenhadoras para dançar com ele na floresta. Elas iam e dançavam. A noite está escura, a fogueira ali no meio estala e ruge, o ritmo da música vai ficando cada vez mais rápido — as moças dançam, dançam, dançam com o seu doce senhor que se fez tão abundante que pode estar nos braços de todas elas ao mesmo tempo. Quando, porém, as moças se tornam possessivas, quando cada uma delas começa a achar que Krishna está dançando só com ela, ele desaparece. Ou seja, não devemos ter ciúme de Deus.

Conheço uma mulher aqui, em Toronto, de quem gosto muitíssimo. Ela foi a minha mãe adotiva. Eu a chamo Tiaji e ela adora. É quebequense. Embora more em Toronto há cerca de trinta anos, a sua mente francófona ainda interfere, vez por outra, na compreensão dos sons do inglês. Foi por isso que, da primeira vez que ouviu falar dos Hare Krishna, não ouviu direito; entendeu "*hairless christians*" e foi isso que eles foram para ela durante muitos

anos, os “cristãos carecas”. Quando eu a corrigi, disse-lhe que, no fundo, ela não estava tão errada assim; que os hindus, na capacidade que têm para o amor, são efetivamente cristãos carecas, exatamente como os muçulmanos, no sentido em que veem Deus em tudo, são hindus barbudos, e os cristãos, em sua devoção a Deus, são muçulmanos de chapéu.

CAPÍTULO 17

A primeira impressão é a que fica; tudo o que vier depois vai se adequar a ela. Devo ao hinduísmo a paisagem original da minha imaginação religiosa, aquelas aldeias e aqueles rios, os campos de batalha e as florestas, as montanhas sagradas e os mares profundos onde deuses, santos, vilões e pessoas comuns convivem lado a lado, e, com isso, definem quem somos e por quê. A primeira vez que ouvi falar do poder imenso e cósmico da ternura amorosa foi nesse território hindu. Quem falava era o senhor Krishna. Eu o ouvi e o segui. E, em sua sabedoria e em seu amor perfeito, o senhor Krishna me levou a conhecer um homem.

Eu tinha quatorze anos — e era um hindu satisfeito da vida, de férias —, quando conheci Jesus Cristo.

Não era comum o meu pai tirar folga do zoológico, mas, numa dessas ocasiões, fomos a Munnar, no estado de Kerala, não muito longe de onde morávamos. Munnar é uma pequena localidade serrana cercada por algumas das maiores plantações de chá do mundo. Estávamos em princípios de maio, e as monções ainda não tinham começado. Fazia um calor danado nas planícies de Tamil Nadu. Chegamos a Munnar depois de uma viagem de cinco horas, por uma estrada cheia de curvas que saía de Madurai. O tempo fresco era tão agradável quanto o gosto de menta na boca. Fizemos tudo que os turistas fazem. Visitamos uma fábrica de chá das empresas Tata. Curtimos um passeio de barco por um lago. Fomos conhecer um centro de criação de gado. Num parque nacional, demos sal para uns tahrs de Nilgiri, uma espécie de bode selvagem (“Temos alguns desses animais no nosso zoológico. Vocês deveriam ir a Pondicherry”, disse o meu pai a uns turistas suíços). Ravi e eu fomos passear pelas plantações de chá dos arredores. Pura desculpa para manter a nossa letargia meio ocupada. Lá pelo fim da tarde, os meus pais estavam tão à vontade no salão de chá do nosso hotel tão confortável quanto dois gatos pegando sol num parapeito. A minha mãe estava lendo e o meu pai conversava com outros hóspedes.

Ali em Munnar, havia três morros. Não dá para compará-los com os outros, bem mais altos — seriam antes montanhas —, que cercam a cidade, mas, na primeira manhã, quando estávamos tomando café, notei que se destacavam por um detalhe: cada um tinha um templo. No da direita, do outro lado do rio, bem defronte do hotel, havia um templo hindu, já bem lá no alto; no do meio, mais ao longe, havia uma mesquita; e no da esquerda, uma igreja católica.

No nosso quarto dia na cidade, no finalzinho da tarde, subi o morro que ficava à esquerda. Apesar de estudar num colégio oficialmente cristão, eu nunca tinha entrado numa igreja — e não estava disposto a ousar essa façanha naquele momento. Sabia muito pouco sobre essa religião. Ela tinha fama de ter poucos deuses e muita violência. Mas boas escolas. Dei a volta na igreja. Era uma construção decidida a não revelar o que continha, com paredes lisas e grossas de um azul bem claro e janelas altas e estreitas que não nos deixavam olhar lá para dentro. Uma verdadeira fortaleza.

Cheguei à sacristia. A porta estava aberta. Escondido num canto, fiquei olhando aquela cena. À esquerda da porta, havia uma pequena tabuleta com as palavras *Pároco e Assistente do Pároco*. Junto a elas, duas plaquinhas daquelas que se põem e se tiram. Tanto o pároco quanto o seu assistente estavam lá, de acordo com as letras douradas da tabuleta que eu podia ver claramente. Um deles estava trabalhando no seu escritório, de costas para as janelas envidraçadas, ao passo que o outro estava sentado num banco, diante de uma mesa redonda, num amplo vestíbulo que sem sombra de dúvida funcionava como sala para receber visitantes. O padre estava de frente para a porta e para as janelas, com um livro nas mãos; uma Bíblia, deduzi. Lia um pouco, erguia os olhos, voltava a ler, voltava a erguer os olhos. Fazia aquilo de um jeito descansado, mas, ao mesmo tempo, alerta e sereno. Minutos depois, fechou o livro e o deixou de lado. Juntou as mãos sobre a mesa e ficou sentado ali, com um rosto plácido que não aparentava nem expectativa, nem resignação.

O vestíbulo tinha as paredes brancas e despojadas; a mesa e os bancos eram de madeira escura; e o padre estava usando uma batina branca — tudo ali era arrumado, claro, simples. Fui tomado

por uma sensação de paz. Mais que o cenário, porém, o que me cativou foi a minha percepção intuitiva de que ele estava ali — disponível, paciente — para o caso de alguém, qualquer pessoa, querer lhe falar; um problema da alma, um peso no coração, uma perturbação de consciência: ele ouviria tudo com amor. Um homem cuja profissão era amar, e ofereceria conforto e conselhos da melhor forma que pudesse.

Fiquei emocionado. O que eu tinha diante dos olhos penetrou no meu coração e me deixou encantado.

Ele se levantou. Achei que fosse trocar a plaquinha da tabuleta, mas não foi o que fez. Simplesmente, foi lá para dentro, deixando aberta a porta que separava o vestíbulo do outro cômodo, exatamente como estava a da sacristia. Reparei neste detalhe: ambas as portas estavam bem abertas. Era evidente que os dois continuavam ali, à disposição de quem viesse.

Saí do meu esconderijo e tomei coragem. Entrei na igreja. Sentia um bolo no estômago. Estava apavorado com a ideia de me ver diante de um cristão que gritaria: “O que está fazendo aqui? Como ousa entrar nesse lugar sagrado, seu profanador? Saia, imediatamente!”

Ela estava vazia. E havia pouca coisa para se entender. Segui em frente e fiquei olhando o altar lá dentro. Tinha um quadro. Seria o *murti*? A cena era de um sacrifício humano. Um deus furioso que precisava ser apaziguado com sangue. Mulheres atordoadas olhavam para cima e uns bebês gorduchos, com asinhas minúsculas, estavam voando ao seu redor. Um pássaro carismático. Qual deles seria o deus? Bem ali ao lado, havia uma imagem de madeira pintada. Mais uma vez, era a vítima, ferida e sangrando, em cores fortes. Fiquei olhando para os joelhos dele. Estavam muito machucados. A pele rosada estava toda esfolada e parecia as pétalas de uma flor, revelando patelas de um vermelho fogo. Era difícil relacionar essa cena de tortura àquele padre na sacristia.

No dia seguinte, mais ou menos à mesma hora, entrei no prédio.

Os católicos têm fama de serem severos, de julgarem com dureza. A minha experiência com o padre Martin não foi absolutamente assim. Ele era muito delicado. Veio me servir chá com biscoitos numa louça que tilintava e chocalhava a cada toque;

tratou-me como a um adulto; e me contou uma história. Ou melhor, já que os cristãos gostam tanto de letras maiúsculas, uma História.

E que história... A primeira reação que ela provocou em mim foi de descrença. O quê? A humanidade peca, mas é o Filho de Deus que paga por isso? Tentei imaginar o meu pai me dizendo:

— Piscine, um leão entrou hoje no cercado das lhamas e matou dois animais. Ontem, outro matou um bode preto. Na semana passada, dois deles comeram um camelo. Na outra semana, foram as cegonhas pintadas e as garças cinzentas. E como saber ao certo quem jantou a nossa cotia dourada? As coisas não podem continuar assim! Preciso tomar uma providência. Decidi que a única solução para os leões expiarem os seus pecados é jogar você para eles comerem.

— Claro, pai. Isso seria o mais certo e o mais lógico a fazer. Espere só um instantinho. Vou me lavar.

— Aleluia, meu filho.

— Aleluia, pai.

Decididamente, aquela história era bem esquisita. Que psicologia peculiar...

Pedi ao padre que me contasse outra história, uma que eu pudesse achar mais satisfatória. Com certeza, essa religião tem mais de uma história na bagagem — as religiões sempre têm montes delas. Mas o padre Martin me explicou que as histórias que vieram antes dessa — e havia várias outras — eram um simples prólogo para os cristãos. A religião deles tinha uma História, e estavam sempre recorrendo a ela, indefinidamente. Aquela história lhes bastava.

Aquela noite, no hotel, fiquei bem calado.

O fato de um deus suportar a adversidade era algo que eu podia entender. Os deuses do hinduísmo enfrentam a sua cota de ladrões, malfeitores, raptores e usurpadores. O que é o Ramayana senão o relato de um longo dia difícil para Rama? A adversidade, sim. Os revezes da fortuna, sim. A traição, sim. Mas a *humilhação*? A *morte*? Eu não conseguia imaginar o senhor Krishna admitindo ser despido, chicoteado, ridicularizado, arrastado pelas ruas e, para culminar, crucificado — ainda por cima, pelas mãos de simples humanos. Nunca tinha ouvido falar de um deus hindu que morresse.

O Brahman Revelado não está destinado à morte. Isso é para os monstros e os demônios, e também para os mortais, e aos milhares e milhões: essa é a sua função. A matéria também desaparece. Mas a divindade não pode ser destruída pela morte. Isso está errado. A alma do mundo não pode morrer, nem mesmo determinada parte dela. Esse Deus cristão errou deixando o Seu avatar morrer. Isso equivale a deixar morrer uma parte de Si mesmo. Porque, se o Filho deve morrer, a história não pode ser uma farsa. Se o Deus na Cruz é o Deus imitando uma tragédia humana, a Paixão de Cristo acabaria sendo a Farsa de Cristo. A morte do Filho tem de ser real. O padre Martin me garantiu que foi. Uma vez morto, porém, ele será sempre um Deus morto, mesmo que tenha ressuscitado. O Filho deve ter, para sempre, o gosto da morte na boca. A Trindade ficará marcada por ele; deve haver certo fedor à direita de Deus Pai. O horror tem de ser real. Por que Deus desejaria isso para Si? Por que não deixar a morte para os mortais? Por que sujar o que é lindo, estragar o que é perfeito?

Por amor. Esta foi a resposta que o padre Martin me deu.

E o que dizer do comportamento desse Filho? Há uma história sobre Krishna ainda pequeno que foi injustamente acusado pelos seus amigos de ter comido um pouquinho de terra. A sua mãe adotiva, Yashoda, veio ralhar com ele, dedo em riste.

— Você não pode ficar comendo terra, menino porco — exclamou ela.

— Mas não comi — disse o incontestável senhor de tudo e de todos, brincando de se disfarçar de criança humana assustada.

— Vamos, vamos! Abra essa boca — insistiu Yashoda.

Krishna obedece. Abre a boca. Yashoda toma um susto. Na boca de Krishna, ela vê o Universo intemporal inteirinho, com todas as estrelas e os planetas do espaço e a distância entre eles, todos os continentes e os mares da Terra e a vida que há neles; vê todos os dias de ontem e os de amanhã; vê todas as ideias e todas as emoções, toda a compaixão e toda a esperança, e os três níveis da matéria; não falta nem uma pedrinha, uma vela, uma criatura, uma aldeia ou galáxia, nem mesmo ela própria e todos os bocadinhos de terra em seu verdadeiro lugar.

— Pode fechar a boca, meu Senhor — disse ela, reverente.

Existe ainda a história de Vishnu encarnado como Vamana, o anão. Ele pede a Bali, o rei dos demônios, que lhe dê apenas uma quantidade de terra que ele possa percorrer com três passadas. Bali começa a rir daquele súdito tão pequeno e do seu pedido insignificante. Concorda. De imediato, Vishnu assume todo o seu tamanho cósmico. Com uma passada, percorre a terra; com a segunda, os céus e, com a terceira, atira Bali no mundo inferior.

Até mesmo Rama, o mais humano dos avatares, que quase esquece a própria divindade quando se deixa abater na sua luta para recuperar Sita, sua esposa, das mãos de Ravana, o rei malvado de Lanka, nunca deixou de se defender. Nenhuma cruz, por mais comprida que fosse, conseguiria sujeitá-lo. Se preciso fosse, ele transcendia a sua medida humana limitada com uma força que nenhum homem podia igualar e com armas que nenhum homem podia manejar.

É assim que deve ser um Deus. Cheio de esplendor, de poder e de força. Um ser capaz de resgatar e salvar, e de derrotar o mal.

Já esse Filho, que tem fome, sofre com a sede, fica cansado, fica triste e ansioso, é desafiado e atormentado; alguém que precisa enfrentar seguidores que não o compreendem e opositores que não o respeitam — que tipo de deus é esse? É um deus numa escala demasiado humana, isso sim. É claro que existem os milagres, em sua maioria de natureza médica, uns poucos para satisfazer estômagos famintos; na melhor das hipóteses, uma tempestade é amainada, e, por um instante, Ele anda sobre a água. Se isso é mágica, é uma mágica menor, assim como os truques com cartas. Qualquer deus hindu pode fazer mil vezes melhor. Esse Filho é um deus que passa a maior parte do tempo contando histórias, *falando*. Esse Filho é um deus que anda, um deus pedestre — e num lugar quente, ainda por cima — com passos iguais aos passos humanos, com as sandálias roçando as pedras do caminho; e, quando se permite usar um meio de transporte, recorre a um simples burro. Esse Filho é um deus que morreu em três horas, gemendo, arfando, se lamentando. Que tipo de deus é esse? O que há de inspirador nesse Filho?

O amor, disse o padre Martin.

E esse Filho aparece uma única vez, há muito tempo, muito longe? Em meio a uma obscura tribo, numa localidade remota da Ásia Ocidental, nos confins de um império que já desapareceu há séculos? E foi liquidado antes mesmo de ter um único fio grisalho na cabeça? Não deixou um só descendente, só algumas testemunhas parciais, como se as suas obras completas tivessem sido rabiscadas no chão? Espere um minuto. Isso é mais que Brahman sofrendo de um sério ataque de medo do palco. É Brahman egoísta. É Brahman mesquinho e injusto. É Brahman praticamente imanifestado. Se Brahman tivesse um filho, Ele deveria ser tão abundante quanto Krishna com as ordenhadoras, não é mesmo? O que poderia justificar semelhante avareza divina?

O amor, repetiu o padre Martin.

Fico com o meu Krishna, obrigado. Acho essa divindade absolutamente irresistível. Pode ficar com esse Filho suado e falante para você.

Foi assim que tomei conhecimento daquele rabino perturbador de tanto tempo atrás: com desconfiança e irritação.

Tomei chá com o padre Martin por três dias seguidos. Todas essas vezes, enquanto a xícara chocalhava no pires e a colher tilintava ao esbarrar na borda da xícara, eu fazia perguntas.

A resposta era sempre a mesma.

Esse tal desse Filho me deixava aborrecido. A cada dia, eu ficava mais indignado contra Ele, encontrava mais defeitos Nele.

Que sujeito *petulante*! É de manhã em Betânia e Deus está com fome; Deus está querendo tomar café. Vai até uma figueira. Como não está na época dos figos, a árvore não tem frutos. Deus fica irritado. O Filho balbucia: “Que você nunca mais volte a dar frutos” e a árvore seca imediatamente. Pelo menos, é o que diz Mateus, e Marcos confirma.

Agora, eu lhe pergunto: que culpa tem a árvore se não está na época dos figos? Isso é lá coisa que se faça com uma figueira inocente, fazê-la secar instantaneamente?

Eu não conseguia tirá-Lo da cabeça. E até hoje não consigo. Passei três dias inteiros pensando Nele. Quanto mais Ele me irritava, menos eu conseguia esquecê-Lo. E quanto mais eu aprendia a Seu respeito, menos queria deixá-Lo.

No nosso último dia, pouco antes da hora marcada para deixarmos Munnar, fui correndo até a colina da esquerda. Agora percebo que foi uma cena tipicamente cristã. O cristianismo é uma religião apressada. Veja a criação do mundo, feita em sete dias. Até em nível simbólico, é uma criação frenética. Para alguém nascido numa religião em que a batalha por uma única alma pode ser uma corrida de revezamento que se estende por vários séculos, com inúmeras gerações passando o bastão umas às outras, o desfecho rápido do cristianismo tem um efeito estonteante. Se o hinduísmo flui placidamente como o Ganges, o cristianismo formiga como Toronto na hora do rush. É uma religião tão veloz quanto uma andorinha, tão urgente quanto uma ambulância. Move-se com rapidez, expressa-se no espaço de um instante. Num momento, você se perde ou se salva. O cristianismo se estende por várias eras, mas, em essência, só existe num tempo: agora.

Disparei colina acima. Embora o padre Martin não estivesse *lá* — infelizmente, a plaquinha tinha sido retirada —, graças a Deus ele estava lá.

— Padre, eu queria ser cristão, por favor — disse eu, quase sem fôlego.

Ele sorriu.

— Você já é cristão, Piscine. No seu coração. Quem quer que encontre Cristo de boa fé é cristão. Aqui em Munnar você encontrou Cristo — disse ele, me dando uns tapinhas na cabeça. Na verdade, foram mais uns tapas. A mão dele soou bum bum bum na minha cabeça.

Achei que ia explodir de alegria.

— Quando voltar aqui, vamos tomar chá novamente, filho.

— Está bem, padre.

Ele me deu um sorriso bom. O sorriso de Cristo.

Entrei na igreja, desta vez, sem medo, pois, agora, ali também era a minha casa. Rezei para Cristo, que está vivo. Depois, saí correndo morro abaixo e subi correndo a colina da direita — para agradecer ao senhor Krishna por ter posto no meu caminho Jesus de Nazaré, cuja humanidade eu achava tão cativante.

CAPÍTULO 18

O islã veio logo atrás, cerca de um ano depois. Eu tinha quinze anos e andava explorando a minha cidade natal. O bairro muçulmano não ficava longe do zoológico. Era um lugarzinho tranquilo, com letras árabes e luas crescentes inscritas na fachada das casas.

Cheguei à rua Mullah. Dei uma olhada na Jamia Masjid, a grande mesquita, tomando o cuidado de ficar do lado de fora, claro. O islã tinha uma fama pior que a do cristianismo — menos deuses ainda, mais violência, e eu nunca tinha ouvido ninguém elogiar escolas muçulmanas —, portanto, não estava nada disposto a entrar ali, embora o lugar estivesse inteiramente vazio. O prédio, despojado e branco, a não ser pelas várias bordas pintadas de verde, era uma construção aberta que se desdobrava a partir de um salão central vazio. Umas esteiras de palha bem compridas cobriam todo o chão. No alto, dois minaretes esguios e estriados se erguiam no ar diante de um pano de fundo de coqueiros bem altos. Não havia nada de evidentemente religioso, aliás, não havia nada particularmente interessante naquele lugar; mas tudo ali era tranquilo e agradável.

Continuei andando. Logo depois da mesquita, havia uma série de casas geminadas, de um andar só, com umas varandinhas sombreadas. Todas eram pobres e meio caindo aos pedaços, com as paredes de estuque de um verde desbotado. Uma delas era uma lojinha. Vi uma prateleira com garrafas empoeiradas de refrigerante Thums Up e quatro potes de plástico transparentes cheios de balas até a metade. O artigo principal, porém, era outro, uma coisa chata, arredondada e branca. Cheguei mais perto. Parecia uma espécie de pão ázimo. Enfiei o dedo num deles. Ele se virou, rígido. Era como os nossos *nans* dormidos, de três dias atrás. Quem comeria isso?, perguntei com meus botões. Peguei um deles e o sacudi, para ver se ele se partia.

— Quer provar? — perguntou uma voz.

Tomei o maior susto. Todos nós já passamos por isso: há luz e sombra, pontos e traçados coloridos, temos a cabeça longe e, portanto, não vemos o que está bem na nossa frente.

A menos de um metro e meio de distância, sentado com as pernas cruzadas diante dos seus pães, estava um homem. O meu susto foi tão grande que o pão escapou das minhas mãos e foi cair quase no meio da rua. Aterrissou bem em cima de um torrão de bosta fresca de vaca.

— Desculpe, moço. Não tinha visto o senhor aí! — exclamei. E já estava a ponto de sair correndo.

— Não tem problema — replicou ele, calmamente. — Esse pão vai servir para alimentar uma vaca. Pegue outro.

Pegou um daqueles pães e o partiu em dois. Comemos juntos. Era duro e borrachento. Dava muito trabalho para os dentes, mas matava a fome. Fiquei mais tranquilo.

— Então, o senhor é que faz esses pães? — disse eu, tentando puxar conversa.

— Isso mesmo. Venha, vou lhe mostrar como — respondeu ele, saindo do estrado onde estava e, com um gesto, me convidando a entrar.

A casa tinha dois cômodos. O maior, onde reinava um forno, era a padaria, e o outro, separado do primeiro por uma cortina bem fininha, era o quarto dele. A parte inferior do forno era recoberta com pedrinhas lisas. O sujeito estava me explicando como o pão assava nessas pedrinhas quentes quando a voz nasalada do muezim veio lá da mesquita, flutuando pelo ar. Eu sabia que aquilo era o chamado para as orações, mas não sabia o que acontecia. Achava que ele chamava os fiéis muçulmanos até o templo, assim como os sinos convocam os cristãos para a igreja. Nada disso. O padeiro parou no meio da frase e disse:

— Desculpe.

Entrou no outro quarto e, um minuto depois, saiu de lá com um tapete enrolado que estendeu no chão da padaria, levantando uma nuvenzinha de farinha. E rezou ali mesmo, na minha frente, no meio do seu local de trabalho. Por estranho que possa parecer, eu é que me senti inteiramente deslocado naquela situação. Por sorte, ele rezava de olhos fechados.

Ficou parado, de pé. Murmurou umas palavras em árabe. Levou as mãos à altura dos ouvidos, com os polegares tocando os lóbulos, parecendo até que se esforçava para ouvir a resposta de Allah.

Inclinou-se para frente. Voltou a ficar ereto. Caiu de joelhos e tocou o chão com as mãos e com a testa. Sentou-se. Caiu para frente outra vez. Ficou de pé e começou tudo de novo.

Ora, o islamismo não passa de uma espécie de ginástica, pensei. Uma ioga adaptada do clima quente dos beduínos. Asanas sem suor, paraíso sem esforço.

Repetiu aquele ciclo quatro vezes, murmurando o tempo todo. Quando terminou — virando a cabeça para a esquerda e para a direita, e fazendo uma breve meditação —, ele abriu os olhos, sorriu, saiu de cima do tapete e o enrolou com um gesto rápido que denotava um velho hábito. Levou o tapete para o seu lugar, no outro quarto. Voltou até onde eu estava.

— O que eu estava dizendo? — perguntou.

Foi assim que vi, pela primeira vez, a oração muçulmana — rápida, necessária, física, murmurada, impressionante. Depois disso, quando eu estava rezando na igreja — ajoelhado, imóvel, calado diante de Cristo na cruz —, a imagem dessa comunhão calistênica com Deus em meio a sacos de farinha não me saía da cabeça.

CAPÍTULO 19

Fui visitá-lo de novo.

— Sobre o que é a sua religião? — perguntei.

Os olhos dele se iluminaram.

— É sobre o Bem-Amado — respondeu.

Duvido que alguém que compreenda o islã, o seu espírito, não venha a amá-lo. É uma bela religião de fraternidade e devoção.

A mesquita era realmente um prédio aberto, para Deus e para o vento. Sentamo-nos de pernas cruzadas, ouvindo o imame, até que chegou a hora de rezar. Então, os grupos aleatórios de homens sentados desapareceram quando nos levantamos e nos postamos em fileiras, lado a lado, cada espaço à frente sendo preenchido por alguém de trás, até que as filas se tornaram sólidas e formamos várias linhas de fiéis. Foi bom encostar a testa no chão. Senti de imediato algo como um contato profundamente religioso.

CAPÍTULO 20

Ele era sufi, um muçulmano místico. Buscava a *fana*, a união com Deus, e a sua relação com Ele era pessoal e amorosa. Vira e mexe me dizia:

— Se você der dois passos na direção de Deus, Ele vem correndo para você!

Era um homem absolutamente comum. Nada na sua aparência ou na sua maneira de vestir parecia feito para ser lembrado. Não é de espantar que eu não tivesse dado pela sua presença na primeira vez que nos vimos. Mesmo quando já o conhecia bem, encontro após encontro, tinha dificuldade em reconhecê-lo. O nome dele era Satish Kumar. Esses nomes são comuns em Tamil Nadu, portanto, a coincidência não é tão notável. Mesmo assim, eu gostava da ideia que esse padeiro religioso, despojado como uma sombra e cheio de saúde, e o professor de biologia comunista, um devoto da ciência, aquela montanha que andava em cima de pernas de pau, tristemente afligido pela pólio na infância, tivessem o mesmo nome. O sr. Kumar e o sr. Kumar me ensinaram biologia e islamismo. O sr. Kumar e o sr. Kumar me levaram a me matricular em zoologia e estudos religiosos na Universidade de Toronto. O sr. Kumar e o sr. Kumar foram os profetas da minha juventude indiana.

Rezávamos juntos e praticávamos o *dhikr*, a recitação dos 99 nomes revelados de Deus. Ele era um hafiz, aquele que sabe o Corão de cor, e o recitava num cântico simples e lento. O meu árabe nunca foi muito bom, mas adorava a sonoridade daquela língua. As suas erupções guturais e o longo fluir das vogais escapavam à minha compreensão, rolando como um lindo córrego. Eu passava horas a fio encantado diante desse regato. Ele não era grande, apenas uma voz masculina, mas era tão profundo quanto o Universo.

Descrevi a casa do sr. Kumar como um casebre. Mesmo assim, nenhuma mesquita, nenhuma igreja, nenhum templo me pareciam tão sagrados. Às vezes, saía daquela padaria me sentindo cheio de

glória. Montava na bicicleta e ia pedalando toda essa glória pelo mundo afora.

Numa dessas ocasiões, saí da cidade e, no caminho de volta, num ponto mais elevado, de onde dava para ver o mar à esquerda e a estrada que se estendia a perder de vista, senti de repente que estava no céu. Na verdade, aquele lugar não estava diferente de quando passei por ali pouco tempo antes, mas a minha forma de vê-lo tinha mudado. O sentimento, uma mescla paradoxal de uma energia pulsante e uma profunda paz, foi intenso e de grande felicidade. Se, antes, a estrada, o mar, as árvores, o ar, o sol, todos eles me falavam de um jeito diferente, agora, falavam uma língua de unidade. Árvore consciente da estrada, que, por seu turno, estava atenta ao ar, que se preocupava com o mar, que compartilhava coisas com o sol. Cada elemento convivia em harmonia com o seu vizinho, e todos faziam parte da mesma família. Me ajoelhei mortal; me levantei imortal. Estava me sentindo o centro de um pequeno círculo que coincidia com o de um outro muito maior. O atmã encontrou Allah.

Noutra ocasião, também senti Deus pertinho de mim. Foi no Canadá, muito tempo mais tarde. Eu tinha ido para a casa de uns amigos no interior. Era inverno. Saí sozinho, para dar um passeio pelo terreno enorme, e estava voltando para casa. O dia estava claro, ensolarado, depois de uma noite de neve. A natureza inteira estava coberta de branco. Já perto da casa, virei a cabeça. Havia um bosque e, nesse bosque, uma pequena clareira. Um ventinho, ou, talvez, um bicho qualquer, tinha feito um galho balançar. Uma neve fininha caía pelo ar, brilhando ao sol. Naquela poeira dourada que caía na clareira cheia de sol, vi a Virgem Maria. Por que ela, não sei. A minha devoção a Maria era coisa secundária. Mas era ela. Tinha a pele pálida. Usava um vestido branco e um manto azul; lembro que as pregas e as dobras desse traje chamaram a minha atenção. Quando digo que a *vi*, não estou usando esse verbo ao pé da letra, embora ela tivesse corpo e cor. *Senti* que a via, uma visão para além da visão. Parei e estreitei os olhos. Ela era linda e de uma suprema imponência. Sorria para mim com uma ternura amorosa. Poucos segundos depois, me deixou. O meu coração disparou, de medo e alegria.

A presença de Deus é a melhor das recompensas.

CAPÍTULO 21

Estou sentado num café do centro, mais tarde, pensando. Passei a tarde quase toda com ele. Os nossos encontros sempre me deixam meio cansado do contentamento melancólico que caracteriza a minha vida. Quais foram mesmo as palavras que ele usou e que tanto me impressionaram? Ah, claro: "factualidade seca, sem fermento", "a melhor história". Peguei papel e caneta, e escrevi:

> *Palavras de uma consciência divina: exaltação moral; sentimentos duradouros de elevação, de elação, de alegria; uma aceleração do sentido moral, que nos causa impacto, parecendo mais importante que um entendimento intelectual das coisas; um alinhamento do Universo e das linhas morais, não das intelectuais; uma percepção de que o princípio básico da existência é aquilo que chamamos de amor, que às vezes se realiza de uma forma nada clara, nada simples, nem imediata e, no entanto, é inelutável.*
>
> *Paro. E quanto ao silêncio de Deus? Reflito sobre isso. E acrescento:*
> *Um intelecto confuso e, mesmo assim, um efetivo senso de presença e de propósito último.*

CAPÍTULO 22

Posso perfeitamente imaginar as últimas palavras de um ateu: “Branco, branco! A-A-Amor! Meu Deus!” — e o despertar da fé no leito de morte. Já o agnóstico, se permanecer fiel ao seu eu racional, se permanecer apegado à factualidade seca e sem fermento, pode tentar explicar o calor luminoso que o envolve, dizendo: “Deve ser f-f-falta de oxigenação no c-c-cérebro”, e, bem no fim, fica sem imaginação e perde a melhor história.

CAPÍTULO 23

Infelizmente, a noção de comunidade que uma fé comum proporciona a um povo para mim só trouxe problemas. Com o tempo, as minhas atividades religiosas passaram da percepção daqueles para quem elas não tinham a menor importância e que só achavam graça naquilo à daqueles para quem tudo isso é muito importante — e esses não acharam graça nenhuma.

— Por que o seu filho anda frequentando o templo? — perguntou o padre.

— Viram o seu filho na igreja, fazendo o sinal da cruz — disse o imame.

— Seu filho agora é muçulmano — disse o pândita.

É, essas histórias foram parar nos ouvidos dos meus pais tão distraídos. Como pode ver, eles não sabiam de nada. Não sabiam que eu era hindu, cristão e muçulmano praticante. Os adolescentes sempre escondem algumas coisas dos pais, não é mesmo? Todos os jovens de dezesseis anos têm lá os seus segredos, não têm? Mas o destino decidiu que os meus pais, eu e aqueles três homens sábios, como vou chamá-los, deveríamos nos encontrar uma tarde, na esplanada Goubert Salai, à beira-mar, e que o meu segredo seria revelado. Era um domingo lindo e quente; soprava uma brisa e a baía de Bengala reluzia sob o céu azul. Os moradores da cidade tinham saído para passear. Crianças gritavam e riam. Balões coloridos flutuavam pelo ar. Vendiam-se sorvetes sem parar. Por que tratar de negócios num dia como aquele, pergunto eu? Por que eles não poderiam simplesmente ter passado pela gente com um sorriso e um aceno de cabeça? Porque não era para ser assim. Tínhamos de encontrar, não apenas um dos três homens sábios, mas todos os três, e não um depois do outro, mas todos ao mesmo tempo, e, assim que nos viram, os três decidiram que aquela era a ocasião perfeita para conversar com o diretor do zoológico, uma personalidade de Pondicherry, e o seu filho modelo, tão devoto. Quando vi o primeiro deles, sorri; na hora em que os meus olhos deram com o terceiro, o meu sorriso já tinha se congelado numa

máscara de terror. Quando ficou claro que os três vinham na nossa direção, o meu coração pulou e, depois, se enfiou bem lá no fundo do peito.

Os sábios pareceram aborrecidos ao perceber que estavam se aproximando das mesmas pessoas. Cada um deles deve ter deduzido que os outros dois estavam ali por motivos que nada tivessem a ver com a atividade pastoral e, sem o mínimo tato, escolhido aquele momento para tratar do assunto. Os três trocaram uns olhares de desagrado.

Os meus pais pareceram atônitos ao ver o seu caminho gentilmente bloqueado por três estranhos religiosos com um largo sorriso no rosto. Devo explicar que a minha família não tinha nada de ortodoxa. O meu pai se via como parte da Nova Índia — rica, moderna e secular como um sorvete. Não tinha a fibra da religião no corpo. Era um homem de negócios, e dos mais ocupados; um profissional trabalhador e bem terra a terra, mais preocupado com os cruzamentos consanguíneos entre os leões que com qualquer esquema moral ou existencial mais abrangente. É verdade que todo animal novo era abençoado por um padre e, no zoológico, havia dois pequenos santuários, um dedicado ao senhor Ganesha e outro a Hanuman, deuses que têm tudo para agradar ao diretor de um zoológico, já que o primeiro tem cabeça de elefante e o segundo é um macaco; mas a ideia do meu pai era de que isso era bom para os negócios, e não para a sua alma; era mais uma questão de relações públicas que de salvação pessoal. As preocupações espirituais não faziam parte da sua vida; a sua existência era embalada pelas preocupações financeiras. “Uma epidemia na coleção”, dizia ele, “e vamos acabar como operários quebrando pedras na estrada”. A minha mãe era calada, entediada e neutra a esse respeito. Uma criação hindu e uma educação batista tinham se neutralizado mutuamente em termos de religião, deixando-a serenamente incrédula. Acho que ela desconfiava que a minha relação com esse assunto era diferente, mas nunca me disse nada quando, ainda pequeno, eu devorava o Ramayana em quadrinhos, o Mahabharata, uma Bíblia ilustrada para crianças e outras histórias de deuses. Ela própria lia muito. Gostava de me ver com a cara enfiada num livro, qualquer um, desde que não fosse indecente.

Quanto a Ravi, se o senhor Krishna tivesse nas mãos um bastão de críquete em vez de uma flauta; se Cristo lhe aparecesse sob a forma mais banal de um árbitro; se o profeta Maomé, que Deus o tenha, houvesse demonstrado algumas noções de boliche, ele poderia ter aberto um pouco os olhos para a religião, mas, como nenhum dos três fez nada disso, o meu irmão acabou cochilando.

Depois dos olás e dos bons-dias, fez-se um silêncio um tanto embaraçoso. Foi o padre que o rompeu, dizendo, com voz orgulhosa:

— Piscine é um bom cristão. Espero vê-lo em breve participando do nosso coro.

Os meus pais, o pândita e o imame ficaram espantados.

— O senhor deve estar enganado. Ele é um bom muçulmano. Comparece regularmente às orações da sexta-feira e o seu conhecimento do Sagrado Corão está melhorando a olhos vistos — disse o imame.

Os meus pais, o padre e o pândita não conseguiam acreditar no que ouviam.

— Vocês dois estão enganados — atalhou este último. — Ele é um bom hindu. Vejo-o sempre no templo para o *darshan* e para realizar os *pujas*.

Os meus pais, o imame e o padre ficaram atônitos.

— Não há engano algum — disse o padre. — Conheço esse menino. Ele se chama Piscine Molitor Patel e é um bom cristão.

— Eu também o conheço — afirmou o imame —, e estou lhe dizendo que ele é um bom muçulmano.

— Tudo bobagem! — exclamou o pândita. — Piscine nasceu hindu, vive como um hindu e vai morrer hindu!

Aqueles três homens sábios se entreolharam, ofegantes e desconfiados.

“Senhor, afaste os olhos deles de mim”, sussurrei na minha alma.

Todos os olhares se voltaram para mim.

— Isso é verdade, Piscine? — perguntou o imame, muito sério. — Os hindus e os cristãos são idólatras. Têm muitos deuses.

— E o muçulmanos têm muitas esposas — retrucou o pândita.

O padre olhou para ambos, desconfiado.

— Só existe salvação em Jesus Cristo, Piscine — disse ele, quase num sussurro.

— Bobagem! Os cristãos não sabem nada sobre religião — exclamou o pândita.

— Há muito que eles se afastaram do caminho de Deus — acrescentou o imame.

— Onde está Deus, na sua religião? — esbravejou o padre. — Vocês não têm nem um único milagre para demonstrar a sua existência. Que tipo de religião é essa, que não tem milagres?

— Ela não é um circo, com mortos saindo das sepulturas o tempo todo, isso sim! Nós, muçulmanos, nos apegamos ao milagre essencial da existência. Pássaros voando, chuva caindo, colheitas crescendo, isso nos basta em termos de milagres.

— Plumas e chuva são realmente lindos, mas gostamos de saber que Deus está efetivamente conosco.

— É mesmo? Ora, foi ótimo para Deus estar com vocês, vocês tentaram matá-lo! Pregaram-no numa cruz com uns pregos bem grandes. Isso lá é modo civilizado de tratar um profeta? O profeta Maomé, que Deus o tenha, trouxe para nós a palavra de Deus sem nenhuma dessas bobagens indignas e morreu de velhice.

— A palavra de Deus? Para aquele seu mercador analfabeto, lá no meio do deserto? O que ele teve foram ataques epiléticos cheios de baba, provocados pelo sacolejar do camelo, e não revelação divina. Ou isso, ou o sol lhe fritando os miolos!

— Se o profeta, que Deus o tenha, estivesse vivo, saberia escolher as palavras certas para você — replicou o imame, com os olhos estreitados.

— Bom, mas ele não está! Cristo está vivo, enquanto o seu “que Deus o tenha” está morto, morto, morto!

O pândita os interrompeu com toda calma.

— O problema efetivo — disse ele, em tâmil — é: por que Piscine está flertando com essas religiões *estrangeiras*?

Os olhos do padre e do imame quase saltaram fora das órbitas. Ambos eram tâmeis legítimos.

— Deus é universal — gaguejou o padre.

— Só existe um Deus — acrescentou o imame, assentindo em sinal de aprovação.

— E com o seu deus único, os muçulmanos estão sempre criando problemas e provocando tumultos. Isso prova como o islã é ruim, como os muçulmanos são bárbaros — declarou o pândita.

— O que dizer do seu sistema de castas capataz de escravos... — bufou o imame. — Os hindus escravizam pessoas e adoram uns bonecos enfeitados.

— São adoradores do bezerro de ouro. Ajoelham-se diante de vacas — disse o padre, fazendo eco ao muçulmano.

— Ao passo que os cristãos se ajoelham diante de um branco! São os lacaios de um deus estrangeiro. São o pesadelo de todos os que não são brancos.

— Ainda por cima, comem porco e são canibais — acrescentou o imame.

— O que importa efetivamente — afirmou o padre, com uma raiva fria — é saber se Piscine está querendo uma religião *de verdade* ou mitos saídos de desenhos animados.

— Deus... ou ídolos — declarou o imame, em tom grave.

— Os nossos deuses... ou os deuses coloniais — disse o pândita, entre dentes.

Difícil dizer qual deles tinha o rosto mais inflamado. Parecia até que iam explodir.

O meu pai ergueu as mãos.

— Cavalheiros, cavalheiros, por favor! — atalhou ele. — Gostaria de lembrar que, neste país, existe a liberdade de culto.

Três rostos apopléticos se voltaram para ele.

— Isso mesmo! *Culto*... No singular! — bradaram os três homens sábios, em uníssono. Três indicadores, parecendo até pontos de exclamação, se destacaram no ar para enfatizar o que eles diziam.

Nenhum deles gostou daquele involuntário efeito de coral, nem da espontânea unidade dos seus gestos. Os dedos logo trataram de se recolher, e os três suspiraram e grunhiram lá com seus botões. Os meus pais só ficaram olhando, sem saber o que dizer.

O pândita foi o primeiro a falar.

— Sr. Patel, a devoção de Piscine é admirável. Nesses tempos tumultuados, é bom ver um garoto tão entusiasmado por Deus. Quanto a isso, todos concordamos. — O imame e o padre

assentiram. — Mas ele não pode ser hindu, cristão *e* muçulmano. É impossível. Ele precisa escolher.

— Não acho que isso seja um crime, mas suponho que o senhor tenha razão — observou o meu pai.

Os três murmuraram, concordando, e ergueram os olhos para o céu; o meu pai fez o mesmo, levando-os a crer que uma decisão seria tomada. A minha mãe olhou para mim.

Um silêncio caiu sobre os meus ombros, pesado.

— Hmmm, Piscine — disse ela, me cutucando. — Como se sente a respeito?

— *Bapu* Gandhi disse: "Todas as religiões são verdadeiras." Eu só quero amar a Deus — retruquei, meio sem pensar, e baixei os olhos, com o rosto inteiramente vermelho.

O meu embaraço foi contagioso. Ninguém disse nada. Por acaso, estávamos bem perto da estátua de Gandhi ali na esplanada. De cajado na mão, um sorriso esperto nos lábios, um brilho nos olhos, lá ia o Mahatma. Fiquei imaginando que ele teria ouvido a nossa conversa, mas era ao meu coração que ele prestava mais atenção. O meu pai pigarreou e disse, a meia-voz:

— Suponho que é o que todos tentamos fazer... amar a Deus.

Achei engraçadíssimo ele dizer isso, logo ele que não entrava num templo com sérias intenções desde que eu me entendia por gente. Aparentemente, porém, funcionou. Não se pode ralhar com um menino porque ele quer amar a Deus. Os três homens sábios se afastaram, com uns sorrisos rígidos e ressentidos no rosto.

O meu pai me olhou por um segundo, como se fosse dizer algo, e, depois, pensando melhor, propôs:

— Alguém quer sorvete?

Foi se dirigindo ao sorveteiro mais próximo antes que pudéssemos responder. A minha mãe me olhou por mais algum tempo, com uma expressão a um só tempo terna e perplexa.

Esse foi o meu primeiro contato com o diálogo inter-religioso. O meu pai trouxe três sanduíches de sorvete. Comemos em silêncio, o que não era nada comum, e continuamos o nosso passeio de domingo.

CAPÍTULO 24

Ravi fez a festa quando ficou sabendo.

— E então, *swami* Jesus, vai fazer o *hajj*, a sua peregrinação desse ano? — perguntou ele, juntando as mãos diante do rosto, num reverente *namaskar*. — Meca está chamando por você? — acrescentou, fazendo o sinal da cruz. — Ou será que vamos a Roma para a sua coroação como o próximo Papa Pi...o? — Com a mão, traçou no ar uma letra grega para deixar bem clara a sua gracinha. — Já arranjou tempo para mandar cortarem a ponta do seu pau e virar judeu? Desse jeito, se for ao templo na terça, à mesquita na sexta, à sinagoga no sábado e à igreja no domingo, só precisa se converter a mais três religiões para ficar de folga para o resto da vida.

E outras gozações do gênero.

CAPÍTULO 25

E a história não acabou aí. Existem sempre aqueles que se acham na obrigação de defender Deus, como se a Realidade Última ou a estrutura de sustentação da existência fossem algo fraco e desamparado. Essa gente passa por uma viúva deformada pela lepra, mendigando umas poucas paisas; passa por crianças esmolambadas, morando na rua, e pensa: “A vida é assim mesmo.” Se percebem, porém, uma coisinha de nada contra Deus, tudo muda de figura. Ficam com o rosto vermelho, o peito inflado, esbravejam palavras furiosas. O seu grau de indignação é espantoso. A sua transformação, assustadora.

O que essas pessoas não entendem é que é só internamente que Deus precisa ser defendido, não externamente. Deviam dirigir a sua fúria contra si mesmas. Pois o mal exterior nada mais é que o mal interior que conseguiu escapar. O principal campo de batalha para o bem não está no espaço aberto da arena pública, mas na pequena clareira de cada coração. Nesse meio-tempo, aquele monte de viúvas e crianças sem-teto são um problema sério e é em sua defesa, e não na de Deus, que essa gente moralista devia correr.

Uma vez, um imbecil me expulsou da Grande Mesquita. Quando fui à igreja, o padre ficou me olhando com uma cara tão feia que não consegui sentir a paz de Cristo. Às vezes, um brâmane me enxotava do culto num templo hindu. A minha prática religiosa era relatada aos meus pais naquele tom premente e sussurrado da traição revelada.

Como se essas mesquinharias fizessem algum bem a Deus.

Para mim, religião é uma questão de dignidade, não de degradação.

Parei de ir à missa na igreja de Nossa Senhora da Imaculada Conceição e passei a frequentar Nossa Senhora dos Anjos. Deixei de ficar circulando em meio aos meus confrades depois das preces da sexta-feira. Comecei a ir ao templo nas horas em que havia mais gente por lá, pois, assim, os brâmanes estariam distraídos demais para se intrometer entre mim e Deus.

CAPÍTULO 26

Dias depois do tal encontro na esplanada, tomei coragem e fui procurar o meu pai no seu escritório.

— Pai?

— Sim, Piscine.

— Eu queria ser batizado e queria ter um tapete de orações.

As minhas palavras penetraram bem devagar. Ele levou alguns segundos para erguer os olhos dos papéis.

— Um o quê? O quê?

— Gostaria de rezar ao ar livre sem sujar as calças. E frequento uma escola cristã sem ter recebido adequadamente o batismo de Cristo.

— Por que quer rezar ao ar livre? Na verdade, por que quer rezar?

— Porque amo Deus.

— Hum... — exclamou ele, parecendo chocado com aquela resposta, parecendo quase constrangido. Houve um instante de silêncio. Achei que ele ia me oferecer sorvete de novo. — Bom, o Petit Séminaire só é cristão de nome. Muitos meninos hindus estudam ali sem precisarem ser cristãos. Você vai ter uma educação igualmente boa sem ser batizado. E rezar para Allah também não vai fazer diferença alguma.

— Mas eu quero rezar para Allah. Quero ser cristão.

— Não dá para ser ambas as coisas. Ou é uma, ou é outra.

— Por que não as duas?

— Porque são religiões separadas! Elas não têm nada em comum.

— Não é o que se diz! Ambas reivindicam Abraão como sendo seu. Os muçulmanos dizem que o Deus dos hebreus e dos cristãos é o mesmo deles. Reconhecem Davi, Moisés e Jesus como profetas.

— O que isso tem a ver conosco, Piscine? Somos *indianos*!

— Há séculos que existem cristãos e muçulmanos na Índia. Há quem diga que Jesus foi enterrado na Caxemira.

O meu pai não disse nada; só ficou me olhando, com o cenho franzido. De repente, o dever o chamou.

— Converse com a sua mãe sobre isso.

Ela estava lendo.

— Mãe?

— Sim, querido.

— Eu queria ser batizado e queria um tapete de orações.

— Vá falar com o seu pai.

— Já falei. Ele me mandou vir falar com você.

— Mandou? — indagou ela, pondo o livro de lado. Olhou para fora, na direção do zoológico. Tenho certeza que, naquele instante, o meu pai sentiu um bafo gelado na nuca. A minha mãe se virou para a estante. — Tenho um livro aqui que você vai adorar — disse ela, com o braço estendido para pegá-lo. Era Robert Louis Stevenson. Essa era a sua tática habitual.

— Já li esse livro, mãe. Três vezes.

— Ah! — exclamou ela, movendo o braço mais para a esquerda.

— Também já li Conan Doyle.

O seu braço se dirigiu para a direita.

— R.K. Narayan? Não é possível que tenha lido tudo de Narayan...

— Isso é importante para mim, mãe.

— *Robinson Crusoé*?

— Mãe!

— Mas Piscine! — exclamou ela. Voltou a se recostar na cadeira; no rosto, um ar de caminho-de-menor-resistência, o que significava que eu precisava lutar bravamente atingindo pontos bem precisos. Ela ajeitou uma almofada. — O seu pai e eu achamos que esse seu fervor religioso é um mistério.

— Mas é um Mistério mesmo.

— Hmmm... Não é nesse sentido. Ouça, querido, se quer ser religioso, tem de ser hindu, cristão ou muçulmano. Você ouviu eles dizerem isso lá na esplanada.

— Não sei por que não posso ser as três coisas. Mamaji tem dois passaportes. Ele é indiano e francês. Por que não posso ser hindu, cristão e muçulmano?

— É diferente. A França e a Índia são nações da Terra.

— Quantas nações existem no céu?

Ela pensou por um segundo.

— Uma só — respondeu. — Aí é que está o problema. Uma nação, um passaporte.

— Uma nação no céu?

— É. Ou nenhuma. Existe essa opção também, como sabe. Você se encantou por umas coisas terrivelmente antiquadas...

— Se existe só uma nação no céu, todos os passaportes não deveriam valer para ela?

Uma nuvem de incerteza encobriu o seu rosto.

— *Bapu* Gandhi disse...

— Eu sei o que *bapu* Gandhi disse — retrucou ela, levando uma das mãos à testa. Parecia cansada, cansada mesmo. — Caramba!

CAPÍTULO 27

Mais tarde, naquele mesmo dia, ouvi os meus pais conversando.

— Você concordou? — perguntou o meu pai.

— Acho que ele foi pedir a você também. E você mandou ele vir me procurar — replicou a minha mãe.

— Mandei?

— Mandou, sim.

— Tive um dia atarefadíssimo...

— Mas não está ocupado agora. Ao que parece, está confortavelmente sem ter o que fazer. Se quiser ir até o quarto dele, puxar o tapete de orações de baixo dos seus pés e discutir a questão do batismo cristão, pode ir. Não vou fazer qualquer objeção.

— Não, não.

Pela voz dele, dava para imaginar que o meu pai tinha se afundado na cadeira. Houve um momento de silêncio.

— Ele parece atrair religiões como um cachorro atrai pulgas — prosseguiu o meu pai. — Não consigo entender isso. Somos uma família indiana moderna; levamos uma vida moderna; a Índia está prestes a se tornar uma nação efetivamente moderna e avançada... e nós, aqui, produzimos um filho que acha que é a reencarnação de *Sri* Ramakrishna.

— Se a sra. Gandhi é o que se considera moderno e avançado, não sei se gosto da ideia — observou a minha mãe.

— A sra. Gandhi vai passar! Não se pode deter o progresso. Ele é o ritmo segundo o qual todos devemos marchar. A tecnologia ajuda e as boas ideias se espalham: essas são duas leis da natureza. Quem não se deixa ajudar pela tecnologia; quem resiste às boas ideias está se condenando à condição de dinossauro! Tenho plena convicção disso. A sra. Gandhi e as suas tolices vão passar. A Nova Índia está a caminho.

(Passou mesmo. E a Nova Índia, ou uma das suas famílias, resolveu se mudar para o Canadá.)

— Ouviu ele dizer "*Bapu* Gandhi disse que todas as religiões são verdadeiras"? — prosseguiu o meu pai.

— Ouvi.

— *Bapu* Gandhi? O menino trata Gandhi assim, com tanta intimidade? Depois de papai Gandhi, o que vai ser? Titio Jesus? E, afinal, que besteira é essa: ele se tornou realmente *muçulmano*?

— Parece que sim.

— Muçulmano! Um hindu devoto, tudo bem, dá para entender. Cristão já fica meio estranho, mas posso fazer um esforço de compreensão. Os cristãos estão aqui há tanto tempo... São Tomás, são Francisco Xavier, os missionários e assim por diante. Devemos a eles bons colégios.

— Verdade.

— Portanto, consigo aceitar tudo isso. Mas *muçulmano*? É algo inteiramente alheio às nossas tradições. Eles são forasteiros.

— Mas também vivem por aqui há muito tempo. São muitíssimo mais numerosos que os cristãos.

— Isso não muda nada. Continuam sendo forasteiros.

— Talvez Piscine esteja marchando ao som de outro rufar de tambores do progresso.

— Você está defendendo o menino? Não se importa que ele esteja se considerando muçulmano?

— Não podemos fazer nada, Santosh. Ele leva isso muito a sério e não está prejudicando ninguém. Talvez seja apenas uma fase. Que também pode passar... como a sra. Gandhi.

— Por que ele não pode se interessar pelas coisas normais da sua idade? Veja só Ravi. Só pensa em críquete, cinema e música.

— E você acha isso melhor?

— Não, não. Ah, nem sei o que acho. Tive um dia longo — disse ele, suspirando. — Até onde será que ele vai com esses interesses?

— Semana passada, ele acabou de ler um livro chamado *A imitação de Cristo* — respondeu a minha mãe, com uma risadinha.

— *A* imitação *de Cristo!* Repito: até onde será que ele vai com esses interesses! — exclamou o meu pai.

E os dois começaram a rir.

CAPÍTULO 28

Adorei o meu tapete de orações. Embora não fosse grande coisa em termos de qualidade, brilhava de beleza aos meus olhos. Lamento tê-lo perdido. Onde quer que eu o abrisse, sentia uma afeição toda especial pelo trechinho que ele cobria e pelo resto do chão à sua volta, o que, para mim, era um claro indício de que se tratava de um bom tapete, já que me ajudava a lembrar que a terra é criação de Deus e, portanto, é sagrada em qualquer lugar que seja. O desenho, com traços dourados sobre um fundo vermelho, era simples: um retângulo estreito com uma ponta triangular numa das extremidades, para indicar o *qibla*, a direção da oração, e uns pequenos arabescos flutuando ao seu redor, como fios de fumaça ou toques de uma língua estranha. O pelo era macio. Quando eu rezava, a franja curta ficava a poucos centímetros do topo da minha cabeça, numa das pontas do tapete, e, na outra, acontecia a mesma coisa com relação aos meus pés. Era um tamanho bem aconchegante para nos ajudar a nos sentir em casa em qualquer lugar deste vasto mundo.

Rezava ao ar livre porque gostava disso. Em geral, estendia o meu tapete de orações num canto do quintal dos fundos da casa. Havia um cantinho mais afastado, à sombra de uma eritrina, perto de um muro coberto de buganvílias. Ao pé desse muro, de ponta a ponta, havia uma fileira de vasos com bicos-de-papagaio. A buganvília tinha subido também pela árvore. O contraste entre as brácteas roxas e as flores vermelhas da árvore era lindo. E quando a árvore estava florida, vivia cheia de corvos, mainás, sabiás, estorninhos-rosados, pássaros-sol e periquitos. O muro ficava à minha direita, a uma certa distância. À minha frente e mais para a esquerda, em meio à sombra leitosa e malhada da árvore, ficava o quintal ensolarado. É claro que a aparência das coisas mudava, dependendo do tempo, da hora do dia, da época do ano. Tudo isso, porém, continua muito nítido na minha memória, como se nunca mudasse. Eu me voltava para Meca com o auxílio de uma linha que

tracei no chão de um amarelado pálido e que vivia reforçando com todo cuidado.

Às vezes, quando acabava de rezar, me virava e dava com o meu pai, a minha mãe ou Ravi me observando, mas eles acabaram se acostumando com aquela cena.

O meu batizado foi um pouco mais estranho. A minha mãe participou de tudo na maior tranquilidade, o meu pai só ficou olhando, impassível, e, graças a Deus, Ravi não pôde ir por causa de um jogo de críquete, o que não o impediu de passar um tempão comentando o evento. A água escorreu pelo meu rosto e pelo meu pescoço; embora fosse apenas uma caneca, teve o efeito refrescante da chuva das monções.

CAPÍTULO 29

Por que as pessoas se mudam? O que as faz se desarraigarem e deixarem tudo o que conhecem por um grande desconhecido para além do horizonte? Por que escalar esse Everest de formalidades que as faz se sentirem mendigas? Por que entrar nessa selva de estranheza onde tudo é novo, desconhecido e difícil?

A resposta é a mesma em qualquer lugar do mundo: as pessoas se mudam na esperança de uma vida melhor.

Em meados dos anos 1970, as coisas andavam complicadas na Índia. Percebia isso pelas profundas rugas que se formavam na testa do meu pai quando ele lia os jornais. Ou quando eu entreouvia trechos de conversas entre ele, minha mãe, Mamaji e outros. Não que eu não entendesse o sentido geral do que eles diziam; simplesmente não estava interessado. Os orangotangos continuavam loucos por *chapattis*, como sempre; os macacos jamais pediam notícias de Delhi; os rinocerontes e os bodes continuavam vivendo em paz; os pássaros cantavam; as nuvens traziam chuva; o sol era quente; a terra respirava; Deus existia — não havia qualquer Emergência no meu mundo.

Finalmente, a sra. Gandhi conseguiu derrotar o meu pai. Em fevereiro de 1976, o governo de Tamil Nadu, que vinha sendo um dos maiores opositores da primeira-ministra, foi derrubado por Delhi. Tudo aconteceu bem de mansinho e o gabinete do ministro-chefe Karunanidhi acabou se dissolvendo em “renúncia” ou prisão domiciliar. Mas que importância tem a queda de um governo local quando a Constituição de um país inteiro tinha sido suspensa nos últimos oito meses? Para o meu pai, porém, aquela foi a gota d’água que faltava para deixar claro o poder ditatorial que a sra. Gandhi exercia sobre a nação. No zoológico, os hipopótamos continuavam tomando o seu banho, impassíveis, mas aquela gota fez o pote do meu pai transbordar.

— Logo, logo, ela vai chegar aqui no zoológico, dizendo que as suas cadeias estão lotadas e que precisa de mais espaço. Não daria para pôr Desai junto com os leões? — gritou ele.

Morarji Desai era um político de oposição. Não se dava absolutamente com a sra. Gandhi. Eu ficava triste ao ver o meu pai sempre tão preocupado. A sra. Gandhi poderia vir pessoalmente bombardear o zoológico que eu ia achar tudo muito bom, contanto que o meu pai se alegrasse com isso. Adoraria que ele não tivesse se aborrecido tanto. É difícil, para um filho, ver o pai doente de preocupação.

Mas ele ficou preocupadíssimo. Qualquer negócio é arriscado, quanto mais um negócio com *n* minúsculo, em que a gente se arrisca a perder a roupa do corpo. Um zoológico é uma instituição cultural. Como uma biblioteca pública, um museu, está a serviço da educação popular e da ciência. E, sob esse aspecto, não é exatamente uma máquina de fazer dinheiro, já que o máximo de bem possível e o máximo de lucro possível não são objetivos compatíveis, para tristeza do meu pai. Na verdade, não éramos ricos, não pelos padrões canadenses, sem dúvida alguma. Éramos uma família pobre que, por acaso, possuía um monte de bichos, embora não possuíssemos o teto sobre a cabeça deles (ou melhor, sobre a nossa). A vida de um zoológico, como a dos seus habitantes na natureza, é precária. Não se trata de um negócio grande o bastante para ficar acima da lei, nem pequeno o bastante para sobreviver às margens dela. Para prosperar, um zoológico precisa de um governo parlamentarista, de eleições democráticas, de liberdade de expressão, de imprensa, de associação; precisa do cumprimento da legislação e de tudo o mais que a Constituição da Índia garantia. Se não for assim, é impossível apreciar a presença dos animais. A longo prazo, uma má política é ruim para o negócio.

As pessoas se mudam por causa do desgaste provocado pela ansiedade. Por causa da sensação aguda de que, por mais que elas batalhem, os seus esforços não vão dar em nada; que o que construírem num ano vai ser posto abaixo por outros num único dia. Por causa da impressão de que o futuro está bloqueado, que *elas* podem até fazer tudo certo, mas os seus filhos não. Por causa do sentimento de que nada vai mudar; de que felicidade e prosperidade só serão possíveis em algum outro lugar.

A Nova Índia se despedaçou e sucumbiu na cabeça do meu pai. A minha mãe concordou. Íamos cair fora dali.

Eles nos deram a notícia uma noite, durante o jantar. Ravi e eu ficamos atônitos. *Canadá*! Se Andhra Pradesh, logo ali ao norte, era um lugar estranho; se o Sri Lanka, que ficava a um pulo de nós, do outro lado de um estreito, era a face oculta da lua, imaginem o que era o Canadá... Para nós, aquele nome não significava absolutamente nada. Era como Timbuktu, ou seja, por definição, um lugar permanentemente distante.

CAPÍTULO 30

Ele é casado. Estou agachado, tirando os sapatos, quando ouço ele dizer:

— Queria que você conhecesse a minha mulher.

Ergo os olhos e, ao lado dele, está... a sra. Patel.

— Olá — diz ela, estendendo a mão e sorrindo. — Piscine tem me falado muito a seu respeito.

Não posso dizer o mesmo. Nem imaginava que ele fosse casado. Ela está de saída, portanto conversamos só por uns instantes. A sra. Patel também é indiana, mas tem um sotaque mais tipicamente canadense. Deve ser de segunda geração. É um pouco mais moça que o marido, tem a pele ligeiramente mais escura, o cabelo preto comprido preso numa trança. Olhos escuros e brilhantes, e lindos dentes bem brancos. Está segurando um jaleco branco saído da tinturaria, envolto numa capa de plástico. É farmacêutica. Quando digo "Muito prazer em conhecê-la, sra. Patel", ela replica:

— Por favor, me chame de Mina.

Depois de dar um beijo rápido no marido, lá vai ela para trabalhar no sábado.

Esta casa é mais que uma caixa cheia de imagens. Começo a perceber pequenos indícios de uma existência conjugal. Estavam lá o tempo todo, mas não os notei porque não estava procurando por eles.

Ele é um sujeito tímido. A vida o ensinou a não exibir o que lhe é mais caro.

Será ela a nêmesis do meu trato digestivo?

— Fiz um chutney *especial para você — diz ele, sorrindo.*

Não, é ele mesmo.

CAPÍTULO 31

Eles se encontraram uma vez, o sr. Kumar e o sr. Kumar, o padeiro e o professor. O primeiro tinha expressado o desejo de ir conhecer o zoológico.

— Esse tempo todo e nunca fui lá. E é tão perto. Você me mostraria tudo? — perguntou ele.

— Claro — respondi. — Será uma honra.

Marcamos encontro no portão principal, no dia seguinte, depois do colégio.

Passei o dia inteiro preocupado. Me repreendi, dizendo: “Seu idiota! Por que foi marcar no portão principal? A qualquer hora do dia, tem sempre uma multidão por lá. Esqueceu como ele passa despercebido com a maior facilidade? Nunca vai reconhecê-lo!” Se eu passasse direto, sem vê-lo, ele ia ficar magoado. Ia achar que eu tinha mudado de ideia e não queria ser visto com um pobre padeiro muçulmano. Iria embora sem dizer uma palavra. Não ficaria bravo — aceitaria a minha alegação de que tinha sido o sol batendo nos meus olhos —, mas não ia mais querer voltar ao zoológico. Eu podia até ver a cena... *Tinha* de reconhecê-lo. Ia me esconder e ficar esperando até ter certeza que era ele, era isso que eu ia fazer. Antes disso, porém, me dei conta que, sempre que eu me esforçava para reconhecê-lo, ficava ainda mais difícil conseguir. O próprio esforço parecia me cegar.

Na hora marcada, me postei diante do portão do zoológico e comecei a esfregar os olhos com ambas as mãos.

— O que está fazendo?

Era Raj, um amigo.

— Estou ocupado.

— Ocupado esfregando os olhos?

— Vá embora.

— Vamos até a Beach Road.

— Estou esperando uma pessoa.

— Bom, se continuar a esfregar os olhos desse jeito, não vai conseguir vê-la.

— Obrigado pela informação. Divirta-se na Beach Road.
— Que tal o Government Park?
— Já disse que não posso.
— Ora, vamos!
— Por favor, Raj, vá embora!
Ele foi. Recomecei a esfregar os olhos.
— Pode me dar uma ajudinha com o dever de matemática, Pi?
Era Ajith, outro amigo.
— Mais tarde. Agora, vá embora.
— Olá, Piscine.
Era a sra. Radhakrishna, amiga da minha mãe. Mais umas poucas palavras e consegui despachá-la.
— Por favor, onde fica a Laporte Street?
Era um desconhecido.
— É por aqui.
— Quanto custa a entrada?
Outro desconhecido.
— Cinco rupias. O guichê é logo ali.
— Entrou cloro nos seus olhos?
Era Mamaji.
— Olá, Mamaji. Não entrou, não.
— O seu pai está aí?
— Acho que sim.
— Vejo você amanhã de manhã.
— Claro, Mamaji.
— Cheguei, Piscine.
As minhas mãos estacaram nos meus olhos. Aquela voz. Estranha, de um jeito familiar; familiar, de um jeito estranho. Senti um sorriso brotando em mim.
— *Salaam alaykum*, sr. Kumar! Que bom vê-lo.
— *Wa alaykum as-salaam*. Algum problema com os seus olhos?
— Não é nada. Foi só um cisco.
— Eles estão bem vermelhos.
— Não é nada.
Ele foi se dirigindo ao guichê, mas eu o detive.
— Não, não. O senhor não vai pagar, mestre.

Foi com o maior orgulho que, com um gesto, afastei a mão do funcionário que recebia os ingressos e fiz o sr. Kumar entrar no zoológico.

Ele se encantou com tudo: como as girafas altas se aproximavam das árvores altas; como os carnívoros eram alimentados de herbívoros e os herbívoros de grama; como algumas criaturas povoavam o dia e outras, a noite; como as que precisavam de bicos afiados tinham bicos afiados e outras, que precisavam de patas flexíveis, tinham patas flexíveis. Fiquei feliz por ele se mostrar tão impressionado.

— Em tudo isso há mensagens efetivas para aquele que usa a razão — disse ele, citando o Corão Sagrado.

Chegamos às zebras. O sr. Kumar nunca tinha ouvido falar desses bichos, o que dirá vê-los. Ficou abismado.

— Essas são as zebras — disse eu.

— Elas foram pintadas com um pincel?

— Não, não. São assim por natureza.

— O que acontece quando chove?

— Nada.

— As listras não desmancham?

— Não.

Eu havia trazido umas cenouras. Tinha sobrado uma delas; era uma grande e grossa. Tirei a cenoura da sacola. Nesse exato momento, ouvi um barulhinho no cascalho à minha direita. Era o sr. Kumar que vinha se aproximando do cercado com aquele seu jeitão costumeiro, mancando e jogando o corpo.

— Olá, professor.

— Olá, Pi.

O padeiro, um homem tímido, mas digno, cumprimentou o professor com um aceno de cabeça, e o professor retribuiu o cumprimento.

Uma zebra mais atenta tinha percebido a cenoura e chegou mais perto da cerca baixa. Ficou agitando as orelhas e pisoteando o chão bem de mansinho. Parti a cenoura ao meio e dei metade para o sr. Kumar e metade para o sr. Kumar.

— Obrigado, Piscine — disse um deles.

— Obrigado, Pi — disse o outro.

O sr. Kumar foi o primeiro, enfiando a mão pela cerca. Os lábios grossos, fortes e pretos do animal agarraram a cenoura avidamente. O sr. Kumar não a soltou. Com os dentes, a zebra partiu a cenoura em dois. Ficou mastigando ruidosamente a guloseima por uns segundos, e, depois, veio pegar o resto, roçando, com os lábios, as pontas dos dedos do sr. Kumar. Ele soltou a cenoura e tocou o focinho macio do animal.

Era a vez do sr. Kumar, que não exigiu tanta atenção da zebra. Assim que o bicho pegou a cenoura com a boca, ele a soltou. Mais que depressa, aqueles lábios enfiaram a cenoura para dentro.

O sr. Kumar e o sr. Kumar pareciam encantados.

— Uma *zebra*, não é mesmo? — indagou o sr. Kumar.

— Isso — respondi. — Elas são da mesma família dos burros e dos cavalos.

— O Rolls-Royce dos equinos — observou o sr. Kumar.

— Que criatura incrível — observou o sr. Kumar.

— Essa é uma zebra-de-grant — acrescentei.

— *Equus burchelli boehmi* — disse o sr. Kumar.

— *Allahu akbar* — disse o sr. Kumar.

— É linda — disse eu.

E ficamos ali olhando.

CAPÍTULO 32

Há vários exemplos de animais que conseguem se adaptar a esquemas de vida surpreendentes. São sempre casos do equivalente animal do antropomorfismo: o zoomorfismo, quando um animal assume um ser humano ou outro animal como sendo da sua espécie.

O mais famoso deles é também o mais comum: o cachorrinho de estimação que assimilou de tal forma os humanos ao reino canino que quer cruzar com eles, fato que pode ser confirmado por qualquer dono de cachorro que já tenha precisado afastar um bichinho entusiasmado da perna de uma visita constrangidíssima.

A nossa cotia dourada e a nossa paca malhada conviviam às mil maravilhas, andando sempre juntas e dormindo aninhadas uma à outra, até que a primeira foi roubada.

Já mencionei o caso do nosso rinoceronte com o rebanho de cabras, e o do leão de circo.

Há histórias comprovadas de marinheiros que estão se afogando e são trazidos de volta à tona, e mantidos ali, por golfinhos. Este é o jeito característico que esses animais têm de se ajudarem mutuamente.

A literatura relata o caso de um arminho e um rato vivendo uma relação de companheirismo, ao passo que outros ratos que lhe fossem apresentados eram devorados pelo animal, como é típico da sua espécie.

Nós mesmos presenciamos um episódio de estranha suspensão da relação predatória. Tínhamos um camundongo que viveu várias *semanas* com as víboras. Enquanto outros camundongos que caíssem naquele terrário desapareciam em dois dias, o pequeno Matusalém fez um ninho lá dentro, armazenou os grãos que lhe dávamos nos mais diversos esconderijos e ficava correndo por ali, bem na cara das cobras. Ficamos espantadíssimos. Pusemos uma placa, chamando a atenção do público para o tal camundongo. Afinal, ele acabou morrendo de um jeito curioso: uma jovem víbora o picou. Será que ela não tinha noção do status especial daquele

bichinho? Não tinha sido apresentada a ele, talvez? Seja como for, Matusalém foi picado por uma jovem víbora, mas devorado — e imediatamente — por uma adulta. Se havia um feitiço qualquer, ele foi quebrado pela jovem cobra. Depois disso, tudo voltou ao normal. Todos os camundongos desapareciam na goela das víboras no prazo habitual.

Nesse ramo, às vezes se usam cadelas como mães adotivas de filhotes de leão. Embora fiquem muito maiores que as cadelas que os criaram, e muitíssimo mais perigosos, os leõezinhos nunca lhes dão problemas e elas nunca deixam de ter o mesmo comportamento plácido e nunca perdem o senso de autoridade sobre a ninhada. É preciso pôr sempre umas placas, avisando ao público que aquele cachorro não foi deixado ali como comida viva para os leões (exatamente como fizemos para esclarecer que rinocerontes são herbívoros e não comem bodes).

Qual seria a explicação para o zoomorfismo? Será que um rinoceronte não é capaz de distinguir o grande do pequeno, a carcaça dura do pelo macio? É evidente, para um golfinho, qual a aparência que um golfinho tem? Acho que a resposta está num fato que já mencionei antes: aquela dose de loucura que move a vida de formas estranhas, mas salvadoras. Como o rinoceronte, a cotia dourada estava precisando de companhia. Os leões do circo nem querem saber se o seu líder é um ser humano fracote; a ficção lhes garante o bem-estar social e os mantém livres da violenta anarquia. Já os filhotes de leão com toda certeza desmaiariam de medo se soubessem que a mãe deles era uma cadela, pois isso significaria que não tinham mãe, a pior condição imaginável para qualquer vida jovem de sangue quente. Não duvido que até mesmo aquela víbora adulta, quando engoliu o camundongo, tenha sentido, em algum ponto da sua mente nada desenvolvida, uma pontinha de tristeza, uma sensação de que algo maior havia falhado, uma escapadela imaginativa da crua e solitária realidade de um réptil.

CAPÍTULO 33

Ele me mostrou recordações de família. Primeiro, fotos de casamento. Um casamento hindu com canadenses iminentes pelas bordas. Um ele mais jovem, uma ela mais jovem. Foram passar a lua de mel nas cataratas do Niágara. Foi ótimo. Os sorrisos deixam isso bem claro. Voltamos ainda mais no tempo. Fotos dos seus tempos de estudante da Universidade de Toronto; com amigos; diante da St. Mike; no quarto; durante o Diwali, na Gerrard Street; lendo, na igreja de St. Basil, usando uma roupa branca; usando outro tipo de roupa branca num laboratório do departamento de zoologia; no dia da formatura. Sempre sorrindo, mas os seus olhos contam uma história diferente.

Fotos do Brasil, com várias preguiças-de-três-dedos in loco.

Bastou virar uma página para atravessarmos o Pacífico — e praticamente não havia nada. Ele me explica que a câmera clicava regularmente — como de costume, nas ocasiões importantes —, mas tudo tinha se perdido. O pouco que havia ali tinha sido reunido por Mamaji e mandado para ele depois dos acontecimentos.

Há uma foto tirada no zoológico, durante a visita de um figurão qualquer. Em preto e branco, um novo mundo me é revelado. Tem um monte de gente na foto. Um ministro da União é o centro das atenções. Ao fundo, uma girafa. Numa das pontas, reconheço um sr. Adirubasamy mais jovem.

— É Mamaji? — pergunto, apontando.

— É — responde ele.

Perto do ministro, tem um homem de óculos de aro de osso e o cabelo todo empastinhado. Parece um sr. Patel bem plausível, com o rosto ainda mais redondo que o do filho.

— Esse aqui é o seu pai? — pergunto.

— Não conheço — diz ele, abanando a cabeça. E, depois de uma pausa de uns segundos, acrescenta: — Foi o meu pai que tirou essa foto.

Na mesma página, há outra foto de grupo, desta vez, em sua maioria garotos de escola. Ele bate com o dedo no retrato.

— Esse é Richard Parker — diz.

Fico espantado. Olho mais de perto, tentando deduzir personalidade de aparência. Infelizmente, essa foto também é em preto e branco e está meio fora de foco. Um retrato tirado em outra época, um instantâneo feito ao acaso. Richard Parker está olhando para o outro lado. Nem percebe que estão tirando um retrato.

A página oposta está inteiramente ocupada por uma foto colorida da piscina do ashram *de Aurobindo. É uma linda piscina a céu aberto, com água clara e reluzente, um fundo azul límpido e ligada a uma piscina para mergulho.*

A outra página exibe uma foto do portão principal do Petit Séminaire. Na arcada, está pintado o lema do colégio: Nil magnum nisi bonum. *Não há grandeza sem bondade.*

E pronto. Toda uma infância registrada em quatro fotos praticamente irrelevantes.

Ele fica tristonho.

— O pior — diz — é que já não consigo lembrar como era a minha mãe. Posso vê-la mentalmente, mas é uma imagem fugidia. Assim que tento olhar bem para ela, a imagem desaparece. Acontece a mesma coisa com a voz dela. Se eu a visse de novo, na rua, tudo voltaria à minha memória. Mas não há chance de isso acontecer. É muito triste não conseguir lembrar da aparência da nossa mãe.

E fecha o álbum.

CAPÍTULO 34

— Vamos dizer o que Colombo disse! — exclamou o meu pai.

— Ele estava contando encontrar a Índia — emendei, emburrado.

Vendemos o zoológico com porteira fechada, como se diz. Lá íamos nós rumo a um novo país, uma nova vida. Além de garantir um belo futuro para a nossa coleção, a transação cobriria as despesas da imigração e nos deixaria com uma boa quantia para começar tudo de novo no Canadá (agora, quando lembro disso, vejo que a tal quantia era irrisória — como somos cegos com relação a dinheiro...). Poderíamos ter vendido os animais para zoológicos da Índia, mas os estabelecimentos americanos estavam dispostos a pagar mais caro. A cites, a Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção, tinha acabado de entrar em vigor e a possibilidade de negociar animais selvagens capturados foi eliminada. O futuro dos zoológicos dependia, agora, de outros zoológicos. O de Pondicherry fechou na hora certa. Foi um verdadeiro corre-corre para comprar os nossos animais. Afinal, foram diversos os compradores, em especial o Lincoln Park, de Chicago, e o zoológico de Minnesota, em vias de ser inaugurado. Um ou outro, porém, seguiu para Los Angeles, Louisville, Oklahoma City e Cincinnati.

E dois animais estavam sendo embarcados para o zoológico do Canadá. Era exatamente como Ravi e eu nos sentíamos. Não queríamos ir. Não queríamos morar num país com ventanias e invernos com temperaturas de duzentos graus abaixo de zero. O Canadá não se incluía no mapa do críquete. A partida acabou ficando mais fácil — porque fomos nos acostumando à ideia — por causa da demora em dar conta de todos os preparativos para a viagem. Aquilo durou quase um ano. Não por nós. Pelos animais, na verdade. Considerando-se que eles dispensam roupas, sapatos, roupa de cama, móveis, utensílios de cozinha, artigos de toalete; que, para eles, nacionalidade não significa absolutamente nada; que não estão nem aí para passaportes, dinheiro, procura de emprego, colégios, custo de moradia, plano de saúde; considerando-se, em

suma, a sua leveza de ser, é incrível a dificuldade que se tem para aprontar a mudança deles. Fazer a mudança de um zoológico é como fazer a de uma cidade.

A papelada foi colossal. Foram necessários litros de água para molhar os selos. Escreveram-se mil vezes as palavras *Prezado Senhor Fulano de Tal*. Fizeram-se propostas. Ouviram-se suspiros. Expressaram-se dúvidas. Regateou-se muitíssimo. Mandaram-se decisões para serem aprovadas por superiores. Chegou-se a um acordo quanto aos preços. Fecharam-se negócios. Assinaram-se nomes em linhas pontilhadas. Trocaram-se cumprimentos. Pediram-se *pedigrees*. Pediram-se atestados de saúde. Pediram-se autorizações para a exportação. Pediram-se autorizações para a importação. Esclareceram-se condições de quarentena. Organizou-se a forma de transporte. Gastou-se uma fortuna em telefonemas. Existe uma piada no ramo dos zoológicos, uma velha piada, que diz que a papelada envolvida na compra e venda de um musaranho pesa mais que um elefante; que a papelada envolvida na compra e venda de um elefante pesa mais que uma baleia, e que, portanto, nunca se deve tentar negociar uma baleia. Parecia até que havia uma única fila de burocratas inúteis de Pondicherry até Minneapolis, via Delhi e Washington, cada qual com o seu formulário, o seu problema, a sua hesitação. Embarcar os animais para a lua não poderia ter sido mais complicado. O meu pai arrancou quase todos os fios de cabelo da cabeça e esteve a ponto de desistir em várias ocasiões.

Também houve surpresas. A maior parte dos nossos pássaros e répteis, bem como os nossos lêmures, rinocerontes, orangotangos, mandris, uanderus, girafas, tamanduás, tigres, leopardos, guepardos, hienas, zebras, ursos-de-colar e ursos-narigudos, elefantes-indianos e tahrs de Nilgiri, entre outros, eram cobiçadíssimos, mas alguns animais, como Elfie, por exemplo, não pareceram despertar o mínimo interesse.

— Uma operação de catarata! — bradou o meu pai, sacudindo a carta. — Ficam com ela se operarmos a catarata do seu olho direito. Um hipopótamo! O que mais eles vão querer? Plástica de nariz nos rinocerontes?

Certos animais eram considerados “comuns demais”, como os leões e os babuínos, por exemplo. Judiciosamente, o meu pai negociou esses espécimes, trocando-os por um orangotango extra, do zoológico de Mysore, e um chimpanzé do de Manila. (Já Elfie passou o resto dos seus dias em Trivandrum.) Um zoológico pediu “uma autêntica vaca brâmane” para a sua “fazendinha”. O meu pai percorreu a selva urbana de Pondicherry e comprou uma vaca com olhos negros e úmidos, uma bela corcova bem gorda e chifres tão retos e num ângulo tão certinho com relação à cabeça que parecia até que ela tinha lambido uma tomada. Papai mandou pintar os chifres do animal de um laranja vivo e prender uns sininhos de plástico nas suas extremidades, para lhe dar um toque a mais de autenticidade.

Chegou uma comissão de três americanos. Fiquei curiosíssimo. Nunca tinha visto americanos de verdade, ao vivo. Eles eram rosados, gordos, simpáticos, muito competentes e suavam loucamente. Examinaram os nossos animais. Sedaram quase todos e, depois, aplicaram estetoscópios no coração deles, examinaram urina e fezes como se fossem horóscopos, tiraram sangue com umas seringas e o examinaram também, apalparam corcovas e protuberâncias, deram batidinhas nos dentes, cegaram-lhes os olhos com lanternas, beliscaram pele, acariciaram e puxaram pelos. Coitados dos bichos. Devem ter achado que estavam sendo alistados no Exército dos Estados Unidos. Nós ganhamos largos sorrisos desses americanos, e apertos de mão de quebrar os ossos.

O resultado foi que os animais, como nós mesmos, conseguiram papéis necessários. Eram futuros ianques e nós, futuros *canucks*, como vocês dizem por aqui.

CAPÍTULO 35

Deixamos Madras no dia 21 de junho de 1977, a bordo do cargueiro japonês de bandeira panamenha *Tsimtsum*. Os oficiais eram japoneses, a tripulação era taiwanesa, e a embarcação era grande e impressionante. No último dia que passamos em Pondicherry fui me despedir de Mamaji, do sr. Kumar e do sr. Kumar, de todos os meus amigos e até de vários estranhos. Minha mãe vestiu o seu melhor sári. A sua trança comprida, habilmente puxada para trás e presa na nuca, estava enfeitada com uma guirlanda de jasmins frescos. Ela estava linda. E triste. Porque estava deixando a Índia, a Índia do calor e das monções, dos arrozais e do rio Cauvery, das extensões à beira-mar e dos templos de pedra, dos carros de boi e dos caminhões coloridos, dos amigos e dos comerciantes conhecidos, da rua Nehru e de Goubert Salai, disso e daquilo, a Índia que lhe era tão familiar e que ela tanto amava. Enquanto os seus homens — eu já me imaginava um deles, apesar de ter apenas dezesseis anos — tinham pressa de ir embora, já se consideravam gente de Winnipeg, ela se detinha ali.

Na véspera da viagem, apontou para uma *wallah* de cigarros e perguntou:

— Será que devíamos comprar um ou dois maços?

— Eles têm tabaco lá no Canadá — respondeu o meu pai. — E por que quer comprar cigarros? Você não fuma!

É, eles têm tabaco lá no Canadá, mas será que têm cigarros Gold Flake? Têm sorvete Arun? As bicicletas deles são da marca Heroe? As televisões, Onida? Os carros, Ambassador? As livrarias, Higginbotham? Desconfio que todas essas perguntas andavam girando pela cabeça da minha mãe enquanto ela aventava a ideia de comprar cigarros.

Os animais foram sedados; as jaulas foram embarcadas e bem presas; a comida foi estocada; as cabines foram distribuídas; soltaram-se as amarras e soaram os apitos. Enquanto o navio ia deixando o cais e começava a seguir para alto-mar, fiquei acenando

para a Índia. O sol brilhava, o vento era constante e gaivotas gritavam no ar acima de nós. Eu estava empolgadíssimo.

As coisas não correram como se esperava, mas o que se pode fazer? Temos de encarar a vida do jeito que ela se apresenta e tentar tirar o melhor proveito dela.

CAPÍTULO 36

Na Índia, as cidades são grandes e incrivelmente populosas, mas, quando as deixamos, percorremos vastos trechos do país onde praticamente não se vê vivalma. Lembro que fiquei imaginando onde 950 milhões de indianos poderiam estar escondidos.

Posso dizer o mesmo desta casa.

Cheguei um pouco antes da hora. Mal pus o pé nos degraus de cimento da varanda da frente, um adolescente saiu porta afora. Estava usando um uniforme de beisebol, levava o equipamento desse esporte e parecia apressado. Quando me viu, parou bruscamente, espantado. Virou-se e gritou para dentro da casa.

— Pai! O escritor chegou. — Dirigindo-se a mim, acrescenta: — Oi. — E saiu correndo.

O pai do rapaz aparece na porta da frente.

— Olá — diz ele.

— É o seu filho? — pergunto, incrédulo.

— É. — Admitir esse fato lhe põe um sorriso nos lábios. — Lamento não poder apresentá-lo direito a você. Ele está atrasado para o treino. O nome dele é Nikhil. Todos o chamam de Nick.

Estou no hall de entrada.

— Não sabia que você tinha um filho — digo. Ouve-se um latido. Um vira-lata pequenino, preto e marrom, vem correndo na minha direção, arfando e farejando, e pula nas minhas pernas. — Nem um cachorro — acrescento.

— Ele é mansinho. Tata, quieto!

Tata o ignora. Ouço um "Oi". Só que não é um cumprimento rápido e vigoroso como o de Nick. É um longo ganido nasalado, brando, um Oooooooooooooi *cujo* oooooooooo *chega até mim como um tapinha no ombro ou um puxão de leve nas minhas calças.*

Viro-me. Recostada no sofá da sala de visitas, olhando para mim de um jeito meio encabulado, está uma garotinha morena, toda bonita, de rosa, parecendo muito à vontade. Tem no colo um gato alaranjado. Duas patas dianteiras esticadas e uma cabeça bem afundada são tudo o que se pode ver acima dos braços cruzados da

menina. O resto do gato está pendurado, em direção ao chão. O bicho parece bem tranquilo, deixando-se esticar assim dessa maneira.

— E esta é a sua filha — digo.

— É. Usha. Usha, querida, tem certeza que essa posição é confortável para Mocassim?

A menina larga o gato, que cai no chão sem se abalar.

— Oi, Usha — digo.

Ela se aproxima do pai e fica me olhando por trás das pernas dele.

— O que está fazendo, figurinha? — pergunta ele. — Está se escondendo?

A garotinha não responde; só fica me olhando, sorrindo, e esconde o rosto.

— Quantos anos você tem, Usha?

Ela não responde.

Então, Piscine Molitor Patel, que todos chamam de Pi Patel, se abaixa e pega a filha no colo.

— Você sabe a resposta. Hein? Tem quatro anos. Um, dois, três, quatro.

A cada número, aperta de mansinho a ponta do nariz da filha com o indicador. Ela acha isso divertidíssimo. Dá uma risadinha e enfia o rosto no pescoço do pai.

Essa história tem um final feliz.

Parte dois

O oceano Pacífico



CAPÍTULO 37

O navio afundou. Fez um som que parecia um monstruoso arroto metálico. As coisas ficaram borbulhando na água e, depois, desapareceram. Tudo gritava: o mar, o vento, o meu coração. Do bote salva-vidas, vi algo na água.

— Richard Parker, é você? — gritei. — Está tão difícil enxergar. Ah, se essa chuva parasse... Richard Parker? Richard Parker? É você mesmo!

Só dava para ver a cabeça dele, que lutava para se manter na superfície.

— Jesus, Maria, Maomé e Vishnu, que bom ver você, Richard Parker! Não desista, por favor. Venha para o bote. Está ouvindo esse apito? Trriiiiii! Triiiiii! Triiiiiii! É isso mesmo. Nade, nade! Você é um ótimo nadador. Não são nem trinta metros.

Ele tinha me visto. Parecia em pânico. Começou a nadar na minha direção. Ao seu redor, a água se movia furiosamente. Ali, ele parecia pequeno e indefeso.

— Dá para acreditar no que nos aconteceu, Richard Parker? Diga que é um pesadelo. Diga que não é verdade. Diga que ainda estou na minha cabine no *Tsimtsum*, me virando e me debatendo, e que logo vou acordar desse pesadelo. Diga que continuo a ser feliz. Mãe, meu terno anjo da guarda de sabedoria, onde está você? E você, pai, meu querido poço de preocupações? E você, Ravi, fascinante herói da minha infância? Que Vishnu me preserve, que Allah me proteja, que Cristo me salve, não aguento isso! Triiiiiiiii! Triiiiiii! Triiiiiiiii!

Eu não tinha nenhum machucado pelo corpo, mas nunca tinha sentido uma dor tão intensa, tamanho esgarçar dos nervos, tamanho peso no coração.

Ele não ia conseguir. Ia se afogar. Mal avançava e os seus movimentos eram fracos. O focinho e a boca estavam dentro da água. Só os seus olhos se mantinham fixos em mim.

— O que está fazendo, Richard Parker? Você não ama a vida? Então, continue nadando! Triiiiiii! Triiiiiiiii! Triiiiii! Bata as patas. Bata!

Bata! Bata!

Ele deslizou na água e começou a nadar.

— E o que aconteceu com os meus outros parentes: os pássaros, as feras e os répteis? Também se afogaram. Todas as coisas de que eu gostava na vida foram destruídas. E não mereço uma explicação? Vou ter de sofrer o diabo sem que o céu me dê qualquer justificativa? Nesse caso, de que serve a razão, Richard Parker? Ela só vale para brilhar com relação a coisas práticas: conseguir comida, roupas e um abrigo? Por que a razão não é capaz de dar respostas maiores? Por que não podemos lançar uma pergunta mais longe do que podemos alcançar uma resposta? Por que uma rede tão grande se há tão pouco peixe para se pescar?

Aquela cabeça mal conseguia ficar acima da água. Ele estava olhando para cima, fitando o céu pela última vez. No bote, havia uma boia presa a uma corda. Eu a peguei e a agitei no ar.

— Está vendo essa boia, Richard Parker? Está vendo? Pegue ela! Humpf! Vou tentar de novo. Humpf!

Ele estava longe demais. Mas a visão daquela boia voando na sua direção lhe deu esperança. Richard Parker ganhou vida nova e começou a bater na água com movimentos mais vigorosos, desesperados.

— É isso aí! Um, dois. Um, dois. Respire sempre que puder. Cuidado com as ondas. Triiiiiiii! Triiiiiiiii! Triiiiiii!

O meu coração era uma pedra de gelo. Eu estava me sentindo mal de tanta tristeza. Mas não havia tempo para ficar em estado de choque. O choque tinha de ser em atividade. Alguma coisa em mim não queria desistir da vida, não estava disposta a se entregar, queria lutar até o fim. Onde essa parte de mim conseguiu forças para isso, não sei.

— Não é irônico, Richard Parker? Estamos no inferno e, mesmo assim, tenho medo da imortalidade. Veja como você já está perto! Triiiii! Triiiii! Triiiiiii! Parabéns! Parabéns! Você conseguiu, Richard Parker, você conseguiu. Pegue! Humpf!

Atirei a boia com toda força. Ela caiu na água bem diante dele. Com as últimas energias que lhe restavam, ele se esticou para frente e a agarrou.

— Segure firme, vou puxar você. Não solte. Puxe com os olhos enquanto eu puxo com as mãos. Em poucos segundos, você estará a bordo e estaremos juntos. Espere aí! Juntos? Vamos ficar *juntos*? Será que enlouqueci?

Só então percebi o que estava fazendo. Dei um puxão na corda.

— Largue essa boia, Richard Parker! Largue, já disse. Não quero você aqui, está entendendo? Arranje outro lugar qualquer. Me deixe em paz. Fique perdido. Se afogue! Se afogue!

Ele batia as patas vigorosamente. Agarrei um remo e o atirei na sua direção, pretendendo afastá-lo. Errei e perdi o remo.

Agarrei outro. Enfiei-o na alça e remei com toda a força, tentando tirar o bote dali. Tudo o que consegui foi virá-lo um pouquinho, deixando uma das pontas mais perto ainda de Richard Parker.

Ia lhe dar uma cacetada na cabeça! Ergui o remo no ar.

Mas ele era muito rápido. Esticou-se e entrou no barco.

— Ai, meu Deus!

Ravi tinha razão. Com certeza, eu ia ser o próximo bode. Tinha agora no meu bote um tigre-de-bengala adulto, de três anos de idade, todo molhado, trêmulo, meio afogado, ofegante e tossindo. Com alguma dificuldade, Richard Parker se ergueu nas quatro patas sobre a lona. Os seus olhos reluziram quando encontraram os meus, as orelhas ficaram bem coladas na cabeça, todas as armas a postos. A cabeça dele era do tamanho e da cor da boia, só que com dentes.

Eu me virei, pisei na zebra e me atirei pela borda do bote.

CAPÍTULO 38

Não entendo. Por vários dias, o navio seguiu em frente, altivamente indiferente às condições que o cercavam. O sol brilhou, a chuva caiu, os ventos sopraram, as correntes passaram, o mar armou colinas, o mar se escavou em vales, e o *Tsimtsum* nem ligava. Continuava avançando, com a lenta e maciça confiança de um continente.

Para a viagem eu tinha comprado um mapa que pendurei na nossa cabine, num quadro de cortiça. Toda manhã, me informava sobre a nossa posição na ponte de comando e ia assinalá-la no mapa com um alfinete de cabeça laranja. Saímos de Madras, cruzamos a baía de Bengala, descemos o estreito de Málaca, contornamos Cingapura e subimos na direção de Manila. Estava adorando cada minuto. Era o máximo estar num navio. Os cuidados com os animais nos mantinham ocupadíssimos. Toda noite, caíamos na cama absolutamente exaustos. Ficamos dois dias em Manila, para resolver umas questões de comida fresca, embarcar mais carga e, segundo nos disseram, cumprir uma rotina de manutenção das máquinas. Só dei atenção às duas primeiras razões. A tal comida incluía uma tonelada de bananas, e a carga, uma chimpanzé-fêmea do Congo, era parte dos arranjos e dos negócios do meu pai. Uma tonelada de bananas vem acompanhada de uns bons dois quilos de aranhas negras bem grandes. Um chimpanzé parece um gorila menor e mais esguio, mas com um ar mais malvado, praticamente sem aquela delicadeza melancólica do seu primo maior. Um chimpanzé estremece e faz caretas quando toca uma daquelas aranhas, exatamente como você e eu faríamos, e, depois, a esmaga furioso com os dedos, coisa que você e eu não faríamos. Achei que bananas e um chimpanzé eram mais interessantes que uma geringonça barulhenta e imunda, enfiada nas entranhas escuras de um navio. Ravi passava o dia inteiro lá, vendo os homens trabalharem. Tinha um problema qualquer com as máquinas, disse ele. Será que algo saiu errado com aquele conserto? Não faço ideia. Acho que jamais vamos ficar sabendo. A

resposta é um mistério que jaz no fundo de milhares de metros de água.

Deixamos Manila e penetramos no Pacífico. No quarto dia, a meio caminho das ilhas Midway, afundamos. O navio desapareceu num buraquinho de alfinete no meu mapa. Uma montanha desabou bem diante dos meus olhos e sumiu bem debaixo dos meus pés. Tudo ao meu redor era o vômito de um navio dispéptico. Fico enjoado. Sinto que estou em choque. Sinto um vazio imenso dentro de mim, vazio que, depois, se enche de silêncio. Por vários dias, o meu peito fica apertado de dor e de medo.

Acho que houve uma explosão. Mas não tenho certeza. Quando tudo aconteceu, eu estava dormindo. Aquilo me acordou. O navio não era um transatlântico luxuoso. Era um cargueiro sombrio e batalhador que não foi projetado para levar passageiros ou para eles terem conforto. O tempo todo, ouviam-se os mais diversos ruídos. Era exatamente porque o nível do barulho era tão uniforme que dormíamos como bebês. Acabava sendo uma forma de silêncio que nada podia perturbar, nem os roncos de Ravi, nem a minha falação durante o sono. Portanto a explosão, se é que houve uma, não era um barulho novo. Era um barulho irregular. Acordei assustado, como se Ravi tivesse estourado um balão bem nos meus ouvidos. Olhei o relógio. Passava um pouco das quatro e meia da manhã. Me debrucei e olhei para a cama de baixo: Ravi continuava dormindo.

Tratei de me vestir e desci da cama. Normalmente, tenho o sono pesado. Normalmente, teria voltado a dormir. Não sei por que me levantei aquela noite. Era mais o tipo de coisa que Ravi faria. Ele gostava da expressão “está me chamando”; com certeza, diria: “A aventura está me chamando”, e sairia para circular pelo navio. O nível de barulho tinha voltado ao normal, mas com um toque diferente talvez, meio abafado talvez.

Sacudi Ravi.

— Ei, Ravi! — disse eu. — Está fazendo um barulho estranho. Vamos descobrir o que é.

Ele me olhou sonolento. Abanou a cabeça, virou para o lado e puxou o lençol até o queixo. Ah, Ravi!

Abri a porta da cabine.

Lembro de ter seguido pelo corredor. De dia ou de noite, ele estava sempre do mesmo jeito. Mas senti a noite em mim. Parei diante da porta da cabine dos meus pais e pensei em bater. Lembro que olhei o relógio e achei melhor não fazer isso. O meu pai gostava de dormir. Decidi subir ao convés superior para espiar o amanhecer. Quem sabe não veria uma estrela cadente? Era nisso que eu estava pensando, em estrelas cadentes, quando subi a escada. Estávamos dois pisos abaixo do convés superior. Já tinha até esquecido o tal barulho estranho.

Foi só quando empurrei aquela porta pesada que dava para o convés que vi como estava o tempo. Será que se poderia chamar aquilo de tempestade? Está certo que chovia, mas nem era tanto assim. Com certeza não era uma chuva forte como a gente vê durante as monções. E estava ventando. Acho que algumas daquelas rajadas teriam acabado com guarda-chuvas. No entanto, saí andando sem muita dificuldade. Já o mar parecia agitado, mas, para um marinheiro de água doce, o mar é sempre impressionante e ameaçador, lindo e perigoso. As ondas iam lá no alto e a sua espuma, soprada pelo vento, batia com força no casco da embarcação. Acontece que eu já tinha visto isso outras vezes e o navio não afundou. Um cargueiro é uma estrutura imensa e estável, uma façanha da engenharia. É projetado para se manter flutuando nas condições mais adversas. Um tempo como aquele decerto não provocaria um naufrágio. Ora, mal fechei a porta, a tempestade acabou. Fui andando pelo convés. Segurei na amurada e fiquei olhando os elementos. Aquilo era aventura.

— Canadá, aí vou eu! — gritei, encharcado e gelado. Estava me sentindo corajosíssimo. Ainda estava escuro, mas havia luz suficiente para se enxergar. Na verdade, luz iluminando um pandemônio. A natureza pode encenar espetáculos de arrepiar. O palco é grande; a iluminação, dramática; os extras, incontáveis, e o orçamento para efeitos especiais, absolutamente ilimitado. O que eu tinha diante dos olhos era um espetáculo de vento e água, um terremoto dos sentidos que nem mesmo Hollywood conseguiria orquestrar. Mas o terremoto parava no chão debaixo dos meus pés. O chão debaixo dos meus pés era sólido. Eu era um espectador sentado em segurança na sua poltrona.

Foi quando ergui os olhos para um bote salva-vidas preso ao tombadilho que comecei a ficar preocupado. Ele não estava retinho. Pendia do seu suporte. Ao me virar, vi as minhas mãos. As juntas estavam brancas. O caso era que eu não estava me segurando com tanta força por causa do mau tempo, e sim porque, se não fizesse isso, cairia para a frente do navio. Ele estava tombando para bombordo, para o outro lado. Não era uma inclinação muito acentuada, mas foi o bastante para me deixar espantado. Quando olhei por cima da amurada, percebi que não estávamos mais a prumo. Agora, dava para ver o costado negro do navio.

Um arrepio de frio percorreu todo o meu corpo. Decidi que, afinal de contas, era mesmo uma tempestade. Estava na hora de voltar à segurança. Soltei a amurada. Mais que depressa, corri até a parede, fui me esgueirando junto dela e escancarei a porta.

Dentro do navio, havia uns barulhos. Uns rugidos guturais. Tropecei e caí. Não me machuquei. Levantei. Segurando no corrimão, desci a escada pulando os degraus de quatro em quatro. Só tinha descido um andar quando vi água. Muita água. Que barrava o meu caminho. Brotava lá de baixo, como uma multidão turbulenta, em fúria, babando e borbulhando. As escadas sumiam naquela escuridão aquosa. Não conseguia acreditar no que estava vendo. O que essa água estava fazendo ali? De onde tinha vindo? Fiquei imóvel, assustado, incrédulo, sem saber o que deveria fazer. Lá embaixo era onde a minha família estava.

Subi correndo a escada. Cheguei ao convés principal. O tempo não estava mais para brincadeira. Fiquei com muito medo. Agora era claro e óbvio: o navio estava tombado para um lado. E também não estava nivelado no outro sentido. Dava para ver nitidamente a inclinação que ia da popa à proa. Olhei pela amurada. A água não parecia estar a mais de uns 25 metros. O navio estava afundando. A minha cabeça mal conseguia conceber aquela ideia. Era tão inacreditável quanto a lua pegando fogo.

Onde estavam os oficiais e a tripulação? O que estariam fazendo? Mais para o lado da proa, vi uns homens correndo no escuro. Achei ter visto também alguns animais, mas descartei a ideia, considerando-a uma ilusão criada pela chuva e pelas sombras. Abríamos as tampas das suas baias quando o tempo estava bom,

mas, em qualquer circunstância, os bichos ficavam confinados às suas jaulas. Estávamos transportando perigosos animais selvagens, e não bichinhos de uma fazenda. Mais acima, na ponte, julguei ter ouvido gritos de homens.

O navio deu um solavanco e veio aquele tal som, o monstruoso arroto metálico. O que teria sido aquilo? O grito coletivo de homens e animais protestando contra a morte iminente? Seria o próprio navio dando o seu último suspiro? Caí. Levantei. Olhei pela amurada novamente. O mar estava subindo. As ondas chegavam cada vez mais perto. Estávamos afundando depressa.

Ouvi nitidamente os guinchos dos macacos. Algo fazia o convés balançar. Um gauro — um touro selvagem indiano — irrompeu em meio à chuva e passou por mim na disparada, apavorado, descontrolado, enlouquecido. Olhei para ele, surpreso e atônito. Quem diabos o teria soltado?

Corri para a escada da ponte. Lá em cima, era onde ficavam os oficiais, as únicas pessoas naquele navio que falavam inglês, os donos do nosso destino ali dentro, aqueles que consertariam aquele desacerto. Eles me explicariam tudo. Cuidariam da minha família e de mim. Cheguei à ponte intermediária. A bombordo, não havia ninguém. Corri para estibordo. Vi três homens, membros da tripulação. Caí. Levantei. Eles estavam olhando para o mar. Gritei. Os três se viraram. Olharam para mim e, depois, se entreolharam. Trocaram algumas palavras. Bem depressa, vieram na minha direção. Senti uma onda de gratidão e de alívio crescendo dentro de mim.

— Graças a Deus encontrei vocês — disse eu. — O que está acontecendo? Estou muito assustado. Tem água no fundo do navio. Estou preocupado com a minha família. Não consigo chegar ao nível onde ficam as nossas cabines. Isso é normal? Acham que...

Um deles me interrompeu empurrando um colete salva-vidas para mim e gritando algo em chinês. Vi que tinha um apito cor de laranja pendurado no colete. Os homens assentiam para mim com gestos vigorosos. Quando me pegaram naqueles braços fortes, não me ocorreu absolutamente nada. Achei que tinham vindo me ajudar. A minha confiança naqueles homens era tanta que fiquei grato por

eles estarem me carregando no colo. Só quando me atiraram por cima da amurada é que comecei a ter as minhas dúvidas.

CAPÍTULO 39

Caí num troço que balançava como um trampolim, em cima de uma lona meio enrolada que cobria um bote salva-vidas, uns doze metros mais abaixo. Foi um milagre eu não ter me machucado. Perdi o colete e só fiquei com o apito na mão. O bote havia sido parcialmente baixado e ficou ali pendurado. Pendia do seu suporte, dançando com aquela tempestade, cerca de seis metros acima da água. Olhei para o alto. Dois dos homens estavam olhando para mim, apontando febrilmente o bote e gritando. Não consegui entender o que queriam que eu fizesse. Achei que iam pular também. Mas eles viraram a cabeça, parecendo horrorizados, e surgiu aquela criatura no ar, saltando com a graça de um cavalo de corrida. Caiu fora da lona. Era uma zebra-de-grant, um macho de mais de duzentos quilos. Aterrissou com um barulhão no último banquinho, quebrando-o e fazendo o bote chacoalhar todinho. O bicho gritou muito. Eu devia estar esperando ouvir o zurrar de um burro ou o relinchar de um cavalo, mas não foi nada disso. O barulho que ela fez parecia mais uma explosão de latido, *kua-ha-ha, kua-ha-ha, kua-ha-ha* esganiçado, do mais puro desespero. Os lábios do animal estavam entreabertos, erguidos e trêmulos, revelando dentes amarelos e gengivas de um rosa-escuro. O bote despencou no ar e nos chocamos com aquela água borbulhante.

CAPÍTULO 40

Richard Parker não seguiu o meu exemplo, pulando na água. O remo, que eu pretendia usar como um porrete, ficou boiando. Eu o agarrei enquanto me esticava para segurar a boia agora livre de seu ocupante anterior. Era assustador estar ali dentro da água. Ela estava negra, fria e agitadíssima. Tive a impressão de estar no fundo de um poço que desmoronava. A água não parava de bater em mim com força. Fazia os meus olhos arderem. Me empurrava para baixo. Eu mal podia respirar. Se não fosse pela boia, não teria resistido um minuto sequer.

Vi um triângulo cortando a água, a uns cinco metros de distância. Era a barbatana de um tubarão. Um arrepio terrível, frio e líquido, percorreu a minha espinha de alto a baixo. Nadei o mais depressa que pude para uma das pontas do bote, a que ainda estava coberta pela lona. Segurando firme na boia, consegui me erguer. Não dava para ver Richard Parker. Ele não estava em cima da lona nem num dos banquinhos. Estava no fundo do bote. Dei mais um impulso. Tudo o que consegui ver, de relance, na outra extremidade, foi a cabeça da zebra se debatendo. Quando caí de volta na água, avistei outra barbatana bem à minha frente.

A tal lona, de um laranja brilhante, ficava presa por uma corda de *nylon* bem grossa que passava por entre uns ilhoses metálicos na própria lona e por uns ganchos presos à lateral do bote. Eu estava ali, junto da proa, batendo as pernas para me manter na superfície. Mais para perto da roda de proa — ela era bem pequena; se fosse num rosto, a gente diria que o bote tinha um nariz chato —, a lona não estava tão presa quanto nos outros pontos. Bem no lugar onde a corda saía de um gancho de um dos lados da roda de proa e ia para outro, do lado oposto, havia uma folga, uma parte mais solta. Ergui o remo e enfiei o cabo dele nessa abertura, nesse pequeno detalhe que podia salvar uma vida. Empurrei o remo o mais que pude. Agora, a proa do bote se projetava acima das ondas, embora meio torta. Dei um impulso para cima e enlacei as pernas no remo. O cabo se levantou por baixo da lona, mas tanto ela quanto a corda

e o próprio remo aguentaram o tranco. Eu estava fora da água, mas a uma distância de menos de um metro. As ondas maiores continuavam a me acertar.

Estava sozinho e órfão, no meio do Pacífico, pendurado num remo, com um tigre adulto à minha frente, tubarões passando por baixo e uma tempestade desabando sobre mim. Se tivesse pensado nas minhas chances à luz da razão, com certeza teria desistido e soltado aquele remo, na esperança de me afogar antes de ser devorado. Mas não lembro de ter um pensamento sequer durante aqueles primeiros minutos de relativa segurança. Nem notei quando o dia clareou. Continuei agarrado no remo, só isso, sabe Deus por quê...

Depois de alguns instantes, tive uma ideia. Tirei a boia da água e enfiei o remo pelo buraco do meio. Fui tentando, tentando, até ela me rodear por inteiro. Agora, não era só com as pernas que estava me firmando. Se Richard Parker aparecesse, ficaria mais difícil me soltar dali, mas, um terror de cada vez: primeiro o Pacífico, depois, o tigre.

CAPÍTULO 41

Os elementos me deixaram continuar vivo. O bote não afundou. Richard Parker nem aparecia. Os tubarões ficaram rondando por ali, mas não atacaram. As ondas respingavam água em mim, mas não me jogaram no mar.

Vi o navio ir desaparecendo com muitas borbulhas e muitos arrotos. As luzes ficaram piscando e se apagaram. Olhei à minha volta, procurando pela minha família, por sobreviventes, por outro bote salva-vidas, por qualquer coisa que pudesse me dar alguma esperança. Mas não havia nada ali. Só a chuva, as ondas ameaçadoras de um oceano negro e vestígios de tragédia.

A escuridão foi desaparecendo do céu. Parou de chover.

Eu não ia conseguir aguentar aquela posição para sempre. Estava com frio. O meu pescoço estava duro do esforço de sustentar a cabeça e de tanto eu ficar tentando me virar para um lado e para outro. As minhas costas esbarravam o tempo todo no bote, e já estavam doendo. E eu precisava ficar um pouco mais alto para tentar ver outros botes.

Aos poucos, consegui ir me arrastando pelo remo até os meus pés tocarem a proa do bote. Tinha de tomar todo cuidado. Supunha que Richard Parker estivesse ali no chão, por baixo da lona, de costas para mim, encarando a zebra que, sem dúvida alguma, a essa altura ele já tinha matado. Dos cinco sentidos, é na visão que os tigres mais se fiam. Eles têm a vista muito aguçada, principalmente quando se trata de detectar movimentos. A audição deles é boa. O faro, apenas mediano. Em comparação com o de outros animais, claro. Se comparado com ele, eu era surdo, cego e com um nariz absolutamente nulo para cheiros. Mas naquela hora ele não podia me ver; molhado como eu estava, provavelmente também não conseguiria me farejar; com o uivar do vento e o barulho das ondas quebrando, se eu tomasse cuidado, ele não me ouviria. A minha única chance era ele não dar pela minha presença, caso contrário, me mataria imediatamente. Será que conseguiria atravessar a lona?

O medo e a razão ficaram disputando quem daria a resposta. O medo dizia *sim*. Ele era um carnívoro feroz, de mais de duzentos quilos. Cada garra sua era afiada como uma faca. A razão dizia *não*. Aquela lona era forte, bem diferente das paredes de papel japonesas. Eu tinha caído em cima dela, de uma altura considerável. Com algum tempo e esforço, Richard Parker poderia furá-la com as garras, mas não conseguiria pular através dela, como o boneco de uma caixinha de surpresa. E, ainda por cima, não tinha me visto. Já que não tinha me visto, não tinha motivo para tentar abrir caminho, rasgando a lona com as garras.

Fui deslizando pelo remo. Pus as duas pernas de um dos lados dele e apoiei os pés na amurada. A amurada é a parte superior do casco de uma embarcação, a borda, por assim dizer. Fui me arrastando um pouco mais até as minhas pernas estarem no bote. O tempo todo, mantinha os olhos fixos no horizonte daquela lona. Esperava que, a qualquer instante, Richard Parker fosse surgir, vindo na minha direção. Por várias vezes, tive umas ondas de medo que me fizeram até tremer. Justo o lugar que eu queria que estivesse mais firme, as pernas, era onde eu mais tremia. Elas chegavam a tamborilar na lona. Impossível imaginar um jeito mais evidente de bater à porta de Richard Parker. O tremor se espalhava pelos meus braços e tudo o que eu conseguia fazer era me segurar firme. Mas todos esses ataques passaram.

Quando boa parte do meu corpo já estava no bote, dei um impulso e entrei. Olhei para a outra ponta da lona. Para minha grande surpresa, a zebra ainda estava viva. Continuava deitada junto da popa, onde havia caído, inteiramente desfalecida, mas a sua barriga subia e descia, e os seus olhos se mexiam, numa expressão de terror. Ela estava de lado, virada para mim, com a cabeça e o pescoço apoiados de um jeito estranho no banquinho lateral do bote. Tinha quebrado uma das patas traseiras que formava um ângulo absolutamente anormal. Um osso saltava da pele e o animal estava sangrando. Só as suas patas dianteiras, bem fininhas, pareciam em posição normal. Estavam dobradas e bem encolhidas de encontro àquele corpo retorcido. De quando em quando, a zebra abanava a cabeça, relinchava e bufava. Afora isso, ficava ali, quietinha.

Era linda. As suas listras, molhadas, reluziam num branco brilhante e num negro intenso. Eu estava tão terrivelmente aflito que não tinha como lhe dar atenção; mesmo assim, de passagem, como uma dessas lembranças distantes que nos ocorrem, a estranha, simples, artística ousadia do seu desenho e a delicadeza da sua cabeça me impressionaram. No entanto, o mais importante para mim era o estranho fato de Richard Parker não a ter matado. Se as coisas seguissem o seu curso normal, era isso que deveria ter acontecido. É o que os predadores fazem: matam a presa. Nas atuais circunstâncias, sob essa tremenda pressão mental, o medo deveria provocar em Richard Parker um nível excepcional de agressividade. A zebra teria sido literalmente destroçada.

O motivo de a sua vida ter sido poupada não tardou a se revelar. Senti o sangue gelar — e, depois, veio uma pontinha de alívio. Apareceu uma cabeça do outro lado da lona. Ela me olhou de um jeito direto, assustado; sumiu debaixo da lona, voltou a aparecer, sumiu de novo, apareceu mais uma vez, desapareceu de todo. Parecia até uma cabeça de urso, mas era a cabeça meio careca de uma hiena-malhada. No nosso zoológico, havia um clã de seis desses animais, duas fêmeas dominantes e quatro machos subordinados. Deveriam seguir para Minnesota. Aquele ali era um dos machos. Eu o reconheci pela orelha direita, toda rasgada, com a borda que cicatrizou deformada, testemunho de uma velha cena de violência. Agora dava para entender por que Richard Parker não tinha matado a zebra: ele já não estava a bordo. Uma hiena e um tigre não podem estar juntos num espaço tão pequeno. Ele deve ter caído da lona e se afogado.

Só não podia imaginar como a hiena tinha vindo parar naquele bote salva-vidas. Pelo que sabia, elas não são capazes de nadar em mar aberto. Concluí que deve ter estado ali o tempo todo, escondida debaixo da lona, e que não dei pela sua presença quando caí lá do navio. Percebi mais uma coisa: foi por causa da hiena que aqueles marinheiros me atiraram no bote. Não estavam tentando salvar a minha vida. Longe disso. Estavam me usando como ração. Tinham a esperança de que o bicho me atacasse e que, de um jeito ou de outro, eu conseguisse me livrar dele, deixando o bote a salvo para eles, mesmo que isso custasse a minha vida. Agora sabia o que

eles estavam apontando tão freneticamente pouco antes de a zebra aparecer.

Nunca pensei que eu fosse achar bom me ver confinado a um espacinho minúsculo com uma hiena-malhada; mas achei. Na verdade, havia duas coisas boas. Se não fosse pela hiena, os marinheiros não teriam me atirado naquele bote; eu teria ficado no navio e, com toda certeza, morrido afogado. E, já que eu tinha de conviver com um animal selvagem, mil vezes enfrentar a ferocidade direta de um cachorro que a força e a dissimulação de um gato. Soltei um ligeiro suspiro de alívio. Por precaução, cheguei mais perto do remo. Sentei nele a cavalo, em cima da boia que estava enfiada ali, com o pé esquerdo apoiado na pontinha da proa e o direito, na borda do bote.

Olhei à minha volta. Só se via céu e mar. Exatamente como se estivesse no topo de uma onda. Por instantes, o mar ia imitando cada contorno da terra — cada morro, cada vale, cada planície. Numa geotectônica acelerada. A volta ao mundo em oitenta ondas. Em nenhum desses lugares, porém, consegui encontrar a minha família. Tinha umas coisas flutuando na água, mas nada que me desse alguma esperança. Não havia nenhum bote salva-vidas à vista.

O tempo estava mudando bem depressa. O mar, tão imenso, imenso de tirar o fôlego, estava assumindo um movimento suave e regular, com ondas bem baixinhas; o vento se abrandou, transformando-se numa brisa melodiosa; nuvens fofas, de um branco radiante, começavam a brilhar numa insondável cúpula de um azul-claro delicado. Era o amanhecer de um lindo dia no oceano Pacífico. A minha camisa já estava até secando. A noite tinha desaparecido tão depressa quanto o navio.

Comecei a esperar. Meus pensamentos iam mudando na maior velocidade. Ou eu ficava concentrado nos detalhes práticos da sobrevivência imediata, ou transtornado de dor, chorando baixinho, de boca aberta e com as mãos na cabeça.

CAPÍTULO 42

Ela surgiu, boiando numa ilha de bananas, envolta num halo de luz, tão linda quanto a Virgem Maria. O sol nascente estava às suas costas. O seu cabelo chamejante tinha uma aparência deslumbrante.

— Oh, Grande Mãe abençoada, deusa da fertilidade de Pondicherry, provedora de leite e de amor, maravilhoso braço que dispensa consolo, terror dos carrapatos, acolhedora dos que choram, você também teve de testemunhar essa tragédia? — exclamei. — Não é justo que a delicadeza se encontre com o horror. Melhor teria sido que você tivesse morrido de uma vez. Que alegria amarga sinto em vê-la. Você me traz a mesma medida de felicidade e de dor. Fico contente por você estar comigo, mas me dói saber que não vai ser por muito tempo. O que sabe sobre o mar? Nada. O que sei sobre o mar? Nada. Sem um condutor, esse ônibus está perdido. A nossa vida terminou. Venha para esse bote se está indo para o esquecimento: com certeza é a nossa próxima parada. Podemos nos sentar juntos. Pode ficar com a poltrona da janela, se quiser. Mas a vista é triste. Ah, chega de fingimento. Falando francamente, adoro você, adoro você, adoro você, adoro você. As aranhas, não, por favor.

Era Suco de Laranja — nós a chamávamos assim porque ela tinha tendência a ficar babando —, a nossa preciosa matriarca orangotango de Bornéu, estrela do zoológico e mãe de dois garotos formidáveis, cercada de uma massa de aranhas negras que rastejavam ao seu redor como adoradores malévolos. As bananas sobre as quais ela vinha flutuando estavam presas pela rede de *nylon* usada para embarcá-las. Quando ela saiu daquela pilha para entrar no bote, as bananas balançaram e rolaram para um lado e para o outro. A rede se soltou. Sem pensar, só porque ela estava ao meu alcance e prestes a afundar, agarrei aquela rede e a trouxe para bordo, um gesto casual que acabaria se revelando salvador por mil e uma razões. Essa rede ia se tornar um dos meus pertences mais preciosos.

As bananas se espalharam. As aranhas negras começaram a rastejar a toda, mas a situação em que se encontravam era desesperadora. A ilha desmoronou debaixo delas. Todas se afogaram. Por um breve instante, o bote ficou flutuando num mar de frutas.

Peguei o que achava ser uma rede inútil, mas será que me ocorreu recolher esse maná de bananas? Não. Nem umazinha sequer. Foi um verdadeiro show de bananas-d'água, no meu sentido particular do termo: o mar se encarregou de espalhá-las. Mais tarde, esse desperdício colossal ia me pesar muitíssimo. Quase tive ataques de arrependimento pensando na minha burrice.

Suco de Laranja estava meio atarantada. Os seus gestos eram lentos, hesitantes, e os seus olhos refletiam uma intensa confusão mental. Ela estava em estado de choque profundo. Ficou deitada ali na lona por um bom tempo, calada e imóvel, até que finalmente se aprumou e se jogou dentro do bote. Ouvi a hiena gritar.

CAPÍTULO 43

O último vestígio que vi do navio foi uma mancha de óleo reluzindo na superfície da água.

Tinha certeza de que não estava sozinho. Era inconcebível que o *Tsimtsum* naufragasse sem despertar a mínima preocupação de quem quer que fosse. Nesse exato momento, em Tóquio, na Cidade do Panamá, em Madras, em Honolulu, quem sabe até mesmo em Winnipeg, piscavam luzes vermelhas em painéis, soavam alarmes, olhos se arregalavam horrorizados, bocas exclamavam: “Meu Deus! O *Tsimtsum* afundou!”, e mãos se estendiam para pegar o telefone. Começavam a piscar mais luzes vermelhas e começavam a tocar mais alarmes. Pilotos corriam para aviões, com tanta pressa que nem amarravam direito os cadarços dos sapatos. Capitães de navios giravam os seus timões até ficarem tontos. Até submarinos estavam se desviando do seu curso para virem participar dos trabalhos de resgate. Logo, logo seríamos resgatados. Um navio ia aparecer no horizonte. Alguém arranjaria um revólver para matar a hiena e pôr fim ao tormento da zebra. Talvez Suco de Laranja conseguisse se salvar. Eu subiria a bordo e abraçaria a minha família. Eles todos tinham sido recolhidos num outro bote salva-vidas. Tudo que eu precisava fazer era garantir a minha sobrevivência durante as próximas horas, até esse navio chegar.

Ali de onde estava empoleirado, estiquei o braço para pegar a rede. Depois de enrolá-la, eu a enfiei entre a lona e o barco, para servir de barreira, por menor que fosse. Suco de Laranja parecia praticamente cataléptica. Desconfiei que estivesse morrendo de choque. Era a hiena que me preocupava. Dava para ouvi-la ganindo. Decidi me agarrar à esperança de que uma zebra, uma presa familiar, e um orangotango, esta nada habitual, pudessem distraí-la, impedindo que se lembrasse de mim.

Fiquei com um olho no horizonte e o outro na extremidade do bote. A não ser pelos ganidos da hiena, não estava ouvindo praticamente nenhum ruído dos animais: nem garras arranhando

uma superfície dura, nem rugidos esporádicos ou lamentos contidos. Não parecia estar acontecendo nenhuma luta de peso.

Lá pelo meio da manhã, a hiena voltou a aparecer. Nos minutos que antecederam essa aparição, os seus ganidos tinham ficado mais altos, até se tornarem gritos. Ela pulou por cima da zebra, na direção da popa, onde os bancos laterais se juntavam formando um único banco triangular. Era uma posição bastante desprotegida, já que a distância entre o banco e a borda era de cerca de trinta centímetros. Nervosa, a hiena ficou espiando para além do bote. A visão de uma vasta extensão de água em movimento parecia ser a última coisa que ela queria ter, pois, quase imediatamente, o animal baixou a cabeça e se meteu no fundo da embarcação, por trás da zebra. Era um espacinho minúsculo; entre as costas largas da zebra e as laterais dos tanques de flutuação que cercavam todo o bote, por baixo dos bancos, não sobrava muito lugar para uma hiena. Ela ficou ali por um instante, agitadíssima, até que voltou para a popa e, pulando de novo por cima da zebra, chegou ao meio do bote onde sumiu debaixo da lona. Toda essa movimentação durou menos de dez segundos. A hiena ficou a uns quatro metros de mim. A minha única reação foi gelar de medo. Já a zebra logo tratou de pôr a cabeça para trás e zurrar.

Estava com esperança que a hiena fosse ficar debaixo da lona. Para minha decepção, pouco depois ela voltou a pular por cima da zebra e foi para o banco da popa novamente. Girou sobre si mesma algumas vezes, ganindo e hesitando. Fiquei me perguntando o que iria fazer. A resposta não tardou: ela baixou a cabeça e começou a correr em volta da zebra, transformando o tal banco, os outros das laterais e o enviesado que ficava logo depois da lona numa pista de corrida *indoor* de cerca de oito metros de comprimento. A hiena fez uma volta, duas, três, quatro, cinco, e continuou correndo, sem parar, até que perdi a conta. E o tempo todo, volta após volta, ia fazendo um barulhinho estridente, *yip, yip, yip, yip, yip*... Mais uma vez, a minha reação foi lentíssima. Apavorado, só consegui ficar olhando aquilo. Ela ia num ritmo bem veloz, e olhe que não era um bicho pequeno; era um macho adulto que, aparentemente, pesava uns 65 quilos. As suas patas, batendo nos bancos, faziam o bote inteiro estremecer, e dava para ouvir as suas garras ressoando

naquela superfície. Sempre que ela vinha lá da popa, eu ficava tenso. Já era de arrepiar ver aquela coisa correndo na minha direção; pior ainda era o medo de vê-la seguir reto. Evidentemente, Suco de Laranja, onde quer que ela estivesse, não seria um obstáculo. A lona enrolada e a rede toda embolada eram barreiras ainda mais irrisórias. Sem precisar de muito esforço, a hiena chegaria à proa, bem aos meus pés. Ela não parecia ter essa intenção; cada vez que chegava ao banco transversal e subia nele, eu via a parte superior do seu corpo se movendo a toda nas bordas da lona. Mas, nas atuais condições, o comportamento da hiena era absolutamente imprevisível e ela podia decidir me atacar sem qualquer aviso prévio.

Algumas voltas depois, o bicho estancou de repente em cima do banco da popa e se agachou, dirigindo o olhar para baixo, para o espaço que ficava além da lona. Ergueu então os olhos e me fitou. Aquele era praticamente o jeito típico de uma hiena — inexpressiva e franca, com uma curiosidade aparente que não revela nada do aparato mental, a boca aberta, as orelhas grandes bem levantadas, os olhos pretos e brilhantes —, a não ser pela tensão que exalava de cada célula do seu corpo; uma ansiedade que fazia o animal reluzir, como se estivesse com febre. Eu me preparei para o meu fim. À toa. Ela recomeçou a correr em círculos.

Quando um bicho decide fazer algo, pode ficar fazendo isso por muito tempo. A hiena passou a manhã inteira dando aquelas voltas, *yip, yip, yip, yip, yip*. De vez em quando, parava por um instante no banco da popa, mas, afora essas pausas, cada volta era idêntica à anterior, sem qualquer variação de movimento ou velocidade, sem qualquer modulação dos guinchos que soltava, girando sempre no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio. Aqueles guinchos eram estridentes e irritantes. Ficou tão chato e cansativo olhar para aquilo que acabei virando a cabeça, tentando continuar vigiando com o rabo do olho. Até a zebra que, no começo, bufava sempre que a hiena passava correndo por ela, caiu num estado de estupor.

Mesmo assim, sempre que o bicho fazia aquela pausa no banco lá da popa, o meu coração dava um salto. E, por mais que tentasse dirigir a atenção para o horizonte, onde estava a minha salvação, ela acabava voltando para aquela fera obsessiva.

Não sou do tipo que tem preconceito contra qualquer animal, mas ninguém ignora que a hiena-malhada não é muito bem-dotada em termos de aparência. Ela é feia de doer... Tem o pescoço grosso e os ombros altos que caem na direção do lombo dando a impressão de que saíram de um protótipo de girafa descartado, e a sua pelagem grossa e eriçada parece ter sido feita com remendos de sobras da criação. A sua cor é uma mistura estranha de caramelo, preto, amarelo e cinza, e as manchas não têm nada da ostentação classuda das pintas do leopardo; elas mais parecem sintomas de alguma doença de pele, uma forma virulenta de sarna. A cabeça é grande e excessivamente maciça, com uma testa alta, como a dos ursos, mas com umas entradas bem acentuadas, e aquelas orelhas, ridiculamente semelhantes às de um camundongo, grandes e redondas, quando não foram arrancadas numa briga qualquer. A boca vive aberta e ofegante. As narinas são grandes demais. O rabo é mirrado, sempre imóvel. O andar é arrastado. Juntando tudo, ela acaba ficando parecida com um cachorro, só que um cachorro que ninguém ia querer como bicho de estimação.

Mas eu não tinha esquecido as palavras do meu pai. Aqueles animais não eram uns covardes comedores de carniça. Se o *National Geographic* os retratava assim era porque as suas equipes filmavam durante o dia. É quando a lua aparece no céu que o dia das hienas começa, e elas demonstram ser caçadoras implacáveis. Atacam em bando qualquer bicho que possa ser capturado, e abrem-lhe o flanco ainda em pleno movimento. Atacam zebras, gnus e búfalos-d'água, e não só os velhos ou os doentes do rebanho, mas também os adultos em pleno vigor. São ousadas em seus ataques, levantando-se imediatamente quando lhes acertam chifradas e coices, nunca desistindo simplesmente por lhes faltar disposição. E são espertas; qualquer coisa que possa ser atraída para longe da mãe serve. O gnu com dez minutos de vida é um dos seus pratos favoritos, mas as hienas também podem perfeitamente comer filhotes de leões e rinocerontes. São diligentes quando os seus esforços são recompensados. Em quinze minutos contados no relógio, tudo o que resta de uma zebra é o crânio, que pode ser arrastado para a toca e mordiscado pelos filhotes como brincadeira. Nada se perde; até o mato respingado de sangue é comido. O

estômago das hienas incha visivelmente quando elas engolem grandes nacos de caça. Em dias de sorte, ficam com a barriga tão cheia que mal conseguem andar. Depois de digerirem a presa, cospem umas bolas de pelo bem densas; catam ali dentro tudo o que for comestível e, depois, ficam se rolando em cima delas. Canibalismo acidental é coisa comum durante a empolgação com a comida; tentando alcançar uma zebra, uma hiena pode, sem segundas intenções, acertar a orelha ou uma narina de um dos membros do clã. Mas não vai ficar enojada com esse engano. São tantos os prazeres que não dá para admitir sentir nojo do que quer que seja.

Na verdade, a variedade do paladar da hiena é tão indiscriminada que chega quase a ser admirável. Ela bebe água mesmo que esteja urinando ali dentro. Aliás, esse animal tem uma outra utilidade bem original para a urina: quando o tempo está quente e seco, eles se refrescam aliviando a bexiga no chão, revolvendo aquela terra molhada com as patas e se deliciando com um refrescante banho de lama. Comem excremento de herbívoros lambendo os lábios de prazer. O difícil é dizer o que as hienas *não* comem. Devoram a própria espécie (o resto daqueles animais cujas orelhas ou focinhos arrancaram como aperitivo), desde que o bicho esteja morto, e isso depois de um período de luto que dura cerca de um dia. Chegam até a atacar veículos motorizados — faróis, cano de escapamento, espelhos laterais. Não é o suco gástrico das hienas que estabelece o limite da sua alimentação; é o poder das suas mandíbulas, que é formidável.

E era esse bicho que estava ali, correndo em círculos, bem na minha frente. Um bicho que era um sofrimento para os olhos e que fazia gelar o coração.

Tudo acabou bem ao estilo das hienas. Ela parou na popa e começou a fazer uns grunhidos profundos, interrompidos por uns acessos de respiração ofegante. Eu me encolhi no remo, deixando apenas as pontas dos pés encostadas no bote. O animal meio que engasgou e tossiu. Sem mais nem menos, vomitou. Um jato de vômito foi parar na zebra. A hiena logo chafurdou no que tinha acabado de produzir. Ficou ali, se sacudindo, ganindo e rolando sobre si mesma, explorando os mais remotos confins da angústia

animal. Não saiu daquele espaço restrito pelo resto do dia. Às vezes, a zebra fazia uns ruídos para o predador que estava logo atrás dela, mas, de um modo geral, só ficava ali caída, num silêncio sombrio e desamparado.

CAPÍTULO 44

O sol foi subindo no céu, atingiu o seu zênite e começou a baixar. Passei o dia inteiro encarapitado no remo, só fazendo os mínimos movimentos necessários para manter o equilíbrio. Todo o meu ser estava voltado para aquele pontinho que ia surgir no horizonte, vindo me salvar. Era um estado curioso, um tédio tenso que me fazia prender a respiração. Na minha memória, essas primeiras horas estão associadas a um som que ninguém conseguiria adivinhar: não é o ganir da hiena, nem o murmúrio do mar, mas o zumbido das moscas. Havia moscas naquele bote. Apareceram ali e ficavam voando do jeito que elas fazem, formando umas órbitas grandes e preguiçosas, a não ser quando se aproximavam uma da outra e, então, giravam juntas em espiral, numa velocidade estonteante e zumbindo ainda mais alto. Algumas eram corajosas o bastante para se aventurar onde eu estava. Rodavam ao meu redor, parecendo até uns monomotores engasgando, até que acabavam indo embora. Não sei se eram nativas do bote ou se tinham vindo com algum dos animais, mais provavelmente com a hiena. Mas, qualquer que fosse a sua origem, elas não duraram muito; em dois dias, tinham desaparecido. A hiena, ali atrás da zebra, abocanhou algumas delas e as comeu. Outras devem ter sido atiradas ao mar pelo vento. Talvez umas poucas, mais sortudas, tenham chegado ao fim da vida e morrido de velhice.

À medida que ia anoitecendo, a minha ansiedade só fazia aumentar. Tudo me apavorava com relação ao fim do dia. À noite, ficaria difícil um navio me ver. À noite, a hiena voltaria à atividade e talvez Suco de Laranja também.

Veio a escuridão. Não havia lua. Nuvens encobriam as estrelas. Os contornos das coisas ficaram praticamente imperceptíveis. Tudo desapareceu: o mar, o bote, o meu próprio corpo. O mar ficou calmo e quase não ventava; portanto, eu nem podia me guiar por algum som. Tinha a impressão de estar flutuando num puro negrume abstrato. Continuei com os olhos pregados onde eu achava que ficava o horizonte, enquanto os meus ouvidos se mantinham alertas,

à espreita de qualquer sinal dos bichos. Não imaginava que pudesse aguentar aquela noite.

Em algum momento, a hiena começou a rosnar e a zebra se pôs a zurrar e a gritar; ouvi ainda umas pancadas repetidas. Estremeci de medo e — não vou esconder nada aqui — fiz xixi nas calças. Aqueles sons, porém, vinham da outra ponta do bote. Não dava para eu sentir nenhum balanço que indicasse movimento. Aparentemente, a fera infernal estava se mantendo longe de mim. Mais perto, na escuridão, comecei a ouvir bem alto umas expirações, uns gemidos, uns grunhidos e vários ruídos molhados feitos por uma boca. A simples ideia de que Suco de Laranja estivesse se espreguiçando era demais para os meus nervos aguentarem, então, tratei de nem pensar nisso. Simplesmente ignorei a possibilidade. Havia ainda uns barulhos vindos debaixo de mim, lá do mar; de súbito, ouvi umas batidas na água, uns sons sibilantes, que não tardaram a cessar. Também ali estava acontecendo a luta pela sobrevivência.

A noite foi passando, minuto a minuto, bem devagar.

CAPÍTULO 45

Eu estava com frio. Reparei nisso meio distraído, como se a observação não me dissesse respeito. Amanheceu. Foi rápido, embora tenha acontecido gradualmente, de forma imperceptível. Um canto do céu mudou de cor. O ar começou a se encher de luz. O mar calmo se abriu ao meu redor como um grande livro. Mas eu ainda sentia que era noite. De repente, já era dia.

Só começou a esquentar quando o sol, parecendo uma laranja acesa como uma lâmpada elétrica, despontou no horizonte, mas não precisei esperar tanto para senti-lo. Com os primeiros raios de luz, ela surgiu em mim, viva: era a esperança. À medida que as coisas iam aparecendo, simples contornos cheios de cores, a esperança crescia até se instalar como uma cantiga no meu coração. Ah, como era bom me aquecer daquele jeito! As coisas iam se resolver. O pior já tinha passado. Eu havia sobrevivido à noite. Hoje, seria resgatado. Pensar nisso, ligar essas palavras mentalmente era o bastante como fonte de esperança. Esperança alimentada de esperança. Assim que o horizonte se tornou uma linha clara e distinta, tratei de vasculhá-lo, ansioso. Era mais um dia claro e a visibilidade estava perfeita. Imaginei que Ravi seria o primeiro a me cumprimentar, implicando, como sempre.

— O que é isso? — diria ele. — Você se viu sozinho num bote bem grande e resolveu enchê-lo de animais? Por acaso, acha que é Noé ou coisa do gênero?

O meu pai estaria despenteado e com a barba por fazer. A minha mãe olharia para o céu e me tomaria nos braços. Desfiei uma dezena de versões de como seria no navio que viria me salvar, todas elas variações sobre o mesmo tema: a doce reunião. Naquela manhã, o horizonte podia se curvar num sentido; os meus lábios estavam decididos a se curvar noutro, num sorriso.

Por estranho que possa parecer, só bem mais tarde olhei para o bote. A hiena havia atacado a zebra. Tinha a boca de um vermelho brilhante e mastigava um pedaço de couro. Automaticamente, os

meus olhos procuraram o local ferido, a área que havia sido atacada. Soltei uma exclamação abafada, de horror.

A pata quebrada da zebra já não existia. A hiena a tinha arrancado, levando-a para a popa, bem atrás do animal caído. Um pedaço de pele pendia, mole, sobre o toco em carne viva. O sangue ainda escorria. A vítima suportava aquele sofrimento com toda paciência, sem qualquer manifestação de protesto. Um lento e constante ranger de dentes era o único sinal visível de dor. Eu me senti invadir por uma onda de choque, repulsa e raiva. Tive um ódio profundo da hiena. Pensei em fazer algo para matá-la. Mas não fiz nada. E a minha revolta durou pouco. Tenho de ser franco. Não tinha condições de ficar lamentando a sorte da zebra. Quando a nossa própria vida está ameaçada, o nosso senso de empatia é ofuscado por uma terrível e egoísta fome de sobrevivência. Era triste vê-la sofrendo tanto — e, sendo ela uma criatura robusta e de grande porte, o fim do seu tormento ainda estava longe —, mas não havia nada que eu pudesse fazer para ajudá-la. Senti pena e pronto. Não é uma atitude de que me orgulhe. Lamento ter sido tão insensível a esse respeito. Nunca esqueci aquela pobre zebra e tudo o que ela passou. Não há uma única vez que não pense nela quando estou rezando.

Não vi nem sinal de Suco de Laranja. Voltei a olhar o horizonte.

Naquela tarde, o vento ficou um pouquinho mais forte e percebi um detalhe com relação ao bote: apesar do seu peso, ele boiava bem de leve na água, provavelmente por estar transportando uma carga abaixo da sua capacidade. Tínhamos bastante calado, a distância entre a amurada e a água; só mesmo um mar bravio poderia nos fazer afundar. Mas isso também significava que qualquer das extremidades que estivesse contra o vento ficava mais vulnerável, fazendo com que as ondas nos atingissem pelo costado. Com as ondinhas miúdas, ouvia-se um constante bater no casco, parecendo até uns socos, ao passo que as maiores faziam o bote jogar loucamente, inclinando-se para um lado e para o outro. Esse movimento contínuo e sacolejante estava me deixando enjoado.

Talvez me sentisse melhor noutra posição. Desci do remo e voltei para a proa. Sentei de frente para as ondas, com o resto do bote à

minha esquerda. Agora, estava mais perto da hiena, mas ela não se mexia.

Foi quando estava respirando fundo, me esforçando para ver se o enjoo passava, que vi Suco de Laranja. Achei que ela estivesse enfurnada em algum lugar, perto da proa, debaixo da lona, o mais longe possível da hiena. Mas, não. Ela estava no banco lateral, pouco depois da pista de corrida da fera, não muito escondida de mim pelo volume que fazia a lona enrolada. Ergueu a cabeça um tantinho de nada e logo a vi.

A curiosidade foi maior que tudo. Eu precisava vê-la melhor. Apesar do movimento do bote que jogava, consegui ficar de joelhos. A hiena me olhou, mas nem se mexeu. Assim, dava para ver Suco de Laranja. Ela estava toda escarrapachada, segurando firme a borda com ambas as mãos e a cabeça bem enfiada entre os braços. Tinha a boca aberta e a língua para fora. Era óbvio que estava ofegante. Apesar da tragédia que se abatia sobre mim; apesar de não estar me sentindo nada bem, soltei uma risada. Naquele instante, tudo em Suco de Laranja deixava clara uma coisa: enjoo. A imagem de uma nova espécie brotou na minha mente: o raro orangotango *verde*, navegante. Voltei a me sentar. A pobrezinha parecia tão *humanamente* enjoada! É particularmente engraçado perceber traços humanos nos animais, especialmente nos primatas, onde eles são tão fáceis de se ver. Os símios são os espelhos mais nítidos que temos no mundo animal. É por isso que são tão populares nos zoológicos. Ri de novo. Levei as mãos ao peito, espantado de estar me sentindo daquele jeito. Gente! Aquele riso era como um vulcão de felicidade em plena erupção dentro de mim. E Suco de Laranja não tinha só levantado o meu ânimo; ela também tinha assumido o enjoo de nós dois. Agora, estava me sentindo ótimo.

Voltei a espiar o horizonte, cheinho de esperanças.

Além do enjoo mortal, tinha outra coisa impressionante com relação a Suco de Laranja: ela não estava ferida. E estava de costas para a hiena, como se soubesse que podia ignorá-la sem correr perigo algum. O ecossistema dentro daquele bote era decididamente desconcertante. Uma vez que, em condições naturais, não existe a menor chance de uma hiena-malhada e um

orangotango se encontrarem, já que não existem hienas em Bornéu, nem orangotangos na África, não há como saber que tipo de relação poderia se estabelecer entre ambos. Eu, porém, achava muitíssimo improvável, se não totalmente inacreditável, que, quando reunidos, esses frugívoros que vivem nas árvores e esses carnívoros que vivem na savana arranjassem cada qual o seu cantinho e nem prestassem atenção um ao outro. Para a hiena, o orangotango teria decerto cheiro de presa, por mais estranha que fosse; uma presa que seria lembrada por um bom tempo por provocar o surgimento de bolas de pelos fantásticas, mas, de todo modo, com um gosto melhor que um cano de escapamento e que valia a pena procurar quando ela se visse na proximidade de alguma árvore. E, para o orangotango, a hiena teria decerto o cheiro do predador, representando um motivo para se manter alerta quando um pedaço de durião despencasse no chão acidentalmente. Mas a natureza sempre nos reserva surpresas. Talvez as coisas não fossem assim. Se bodes podiam aprender a conviver amistosamente com rinocerontes, por que não poderia acontecer o mesmo entre orangotangos e hienas? Isso faria um sucesso danado num zoológico... Seria preciso pôr um cartaz. Eu já via até os seus dizeres: “Prezados visitantes. Não precisam temer pelos orangotangos! Eles estão em cima das árvores porque é lá que vivem, não porque estejam com medo das hienas-malhadas. Voltem na hora da refeição, ou ao pôr do sol, quando eles ficam com sede, e vão vê-los descer das árvores e circular pelo chão, sem ser incomodados pelas hienas.” O meu pai ia ficar fascinado.

Durante aquela tarde, vi o primeiro espécime daquele que ia se tornar um amigo querido e confiável. Ouvi uma batida e um ruído de algo arranhando o casco do bote. Poucos segundos depois, tão perto do bote que, me inclinando, eu poderia tê-la apanhado, apareceu uma enorme tartaruga marinha, uma tartaruga-de-pente, girando as nadadeiras de um jeito preguiçoso, com a cabeça espichada para fora da água. Ela era impressionante daquele seu jeito feioso: tinha uma carapaça irregular, de um marrom-amarelado, com uns noventa centímetros de comprimento, toda salpicada de algas, uma cara verde-escura, com um bico pontudo, sem lábios, dois furos consideráveis que eram as narinas, e uns olhos pretos

que me fitavam atentamente. A expressão do animal era orgulhosa e severa, como um velho rabugento que estivesse se queixando mentalmente. O mais estranho de tudo, com relação àquele animal, era o simples fato de ele existir. Parecia algo incongruente, boiando ali na água, com um formato tão estranho em comparação com a aparência esguia e lustrosa dos peixes. Mesmo assim, ela estava absolutamente no seu elemento e, ali, eu é que era a coisa estranha. Ela ficou rondando o bote por alguns minutos.

— Vá avisar a algum navio que estou aqui — disse-lhe eu. — Ande, vá!

Ela se virou e sumiu no mar, com as nadadeiras traseiras cortando a água em movimentos alternados.

CAPÍTULO 46

Umas nuvens foram se aglomerando no lugar onde deveriam aparecer navios e, pouco a pouco, o passar do dia se encarregou de desfazer o meu sorriso. Inútil dizer que essa ou aquela noite foi a pior da minha vida. Entre tantas noites ruins para escolher, o melhor é não apontar nenhuma delas como vencedora. Mesmo assim, essa segunda noite no mar ficou gravada na minha memória como um momento de sofrimento excepcional, diferente da ansiedade paralisante da anterior, pois foi um sofrimento de um tipo mais convencional, daqueles que nos arrasam, com choro, tristeza, dor espiritual, e diferente de outras noites que vieram depois, já que eu ainda tinha forças para avaliar plenamente o que estava sentindo. E essa noite assustadora foi precedida de um anoitecer assustador.

Percebi a presença de tubarões ao redor do bote. O sol estava começando a fechar as cortinas do dia. Era uma plácida explosão de laranja e vermelho, uma fantástica sinfonia cromática, uma tela colorida de proporções sobrenaturais; na verdade, um esplêndido pôr do sol no Pacífico, espetáculo que não tive condições de apreciar. Os tubarões eram anequins — predadores velozes, de focinho pontudo, com dentes grandes e assassinos que saltam visivelmente da sua boca. Tinham de um a dois metros de comprimento, sendo que um deles tinha mais que isso. Fiquei olhando para eles, aflitíssimo. O maior se aproximou do bote, parecendo que ia atacá-lo; veio bem depressa, com a barbatana uns bons centímetros fora da água. Pouco antes de nos atingir, porém, afundou e passou deslizando por baixo do bote com uma graça apavorante. Voltou, sem contudo chegar tão perto quanto antes, e, depois, desapareceu. A visita dos outros foi mais demorada, pois eles ficaram indo e vindo, nadando a diferentes profundidades, alguns bem visíveis, quase ao alcance da mão, logo abaixo da superfície, outros, um pouco mais fundo. Havia também outros peixes, grandes e pequenos, de várias cores e formatos os mais diversos. Eu os teria observado melhor se a minha atenção não

houvesse sido atraída para outro ponto: a cabeça de Suco de Laranja ficou à vista.

Ela se virou e levou o braço na direção da lona, num movimento igualzinho ao que a gente faz quando passa o braço pelo encosto da cadeira vizinha, ficando numa posição de completo relaxamento. Mas obviamente não era assim que a orangotango se sentia. Com um ar profundamente triste e abatido, ela começou a olhar ao seu redor, virando a cabeça bem devagar para um lado e para o outro. De imediato, a semelhança dos primatas perdeu aquele caráter divertido. Lá no zoológico, ela tinha dado à luz dois machos robustos, agora com cinco e oito anos, e eles eram o seu — e o nosso — orgulho. Sem dúvida alguma, era neles que Suco de Laranja estava pensando quando olhava para a água, imitando, involuntariamente, o que eu vinha fazendo nas últimas 36 horas. Percebeu a minha presença e não esboçou qualquer reação. Eu era apenas mais um animal que também tinha perdido tudo e estava fadado a morrer. O meu estado de espírito desabou.

Foi então que, limitando-se a soltar um rosnado discreto, a hiena se enfureceu. Ela tinha passado o dia inteiro naquele cantinho apertado. Pôs as patas dianteiras no lombo da zebra, se esticou, abocanhou um naco de pele e o puxou com força. Uma lasca do couro da barriga do animal se soltou como o papel de presente quando se desmancha um embrulho, uma tira de bordas bem lisas, só que sem ruído, daquele jeito da carne que se rasga, e com mais resistência. O sangue logo começou a escorrer como um rio. Zurrando, bufando e guinchando, a zebra saiu do seu torpor para se defender. Deu impulso com as patas dianteiras e jogou a cabeça para trás, tentando morder a hiena, mas a fera estava fora do seu alcance. Sacudiu então a pata traseira, o que só serviu para explicar o barulho que eu tinha ouvido na noite anterior: era o casco batendo na lateral do bote. As tentativas de autopreservação da zebra atiçaram a hiena, que começou a rosnar e a morder freneticamente, abrindo uma ferida enorme no dorso do animal caído. Quando não se sentiu mais satisfeita com o que conseguia alcançar, ficando ali atrás da zebra, a hiena trepou nas suas ancas. Dali, tratou de ir tirando pedaços de intestinos e outras vísceras. Não havia qualquer método no que ela fazia. Mordia aqui, engolia ali, parecendo

atordoada pela abundância que tinha diante de si. Depois de devorar metade do fígado, começou a puxar o estômago, que mais parecia uma bola esbranquiçada. Mas ele era pesado e, como as ancas da zebra ficavam mais altas que a sua barriga — ainda por cima, o sangue é escorregadio —, a hiena começou a entrar na sua vítima. Enfiou a cabeça e os ombros nas entranhas do animal, metendo as patas dianteiras lá dentro até os cotovelos. Com algum esforço, conseguiu sair dali, mas só para entrar novamente. Acabou adotando aquela posição, metade lá dentro, metade cá fora. A zebra estava sendo devorada viva, e de dentro para fora.

Ela tentou protestar, mas já não tinha forças. Começava a sair sangue das suas narinas. Uma ou duas vezes, pôs a cabeça para trás, olhando para cima, como que apelando para os céus, numa perfeita expressão da condição abominável daquele momento.

Suco de Laranja não assistiu à cena indiferente. Logo se pôs de pé, ficando inteiramente erguida em cima do banco. Com aquelas pernas pequenas que não combinavam nada com o torso maciço, parecia uma geladeira sobre rodinhas tortas. Mas com os braços gigantescos erguidos no ar, era uma figura impressionante. A sua envergadura ultrapassava longe a altura do animal — uma das mãos pendia sobre a água, a outra se estendia pelo bote, chegando quase a tocar a outra ponta. Ela encolheu os lábios, deixando à mostra uns caninos enormes, e começou a rugir. Era um rugido profundo, possante, irritado, um ruído surpreendente vindo de um bicho em geral tão calado quanto uma girafa. A hiena ficou tão assustada quanto eu com aquele ataque de fúria. Intimidou-se e recuou. Mas não por muito tempo. Depois de fitar intensamente Suco de Laranja, os pelos do seu pescoço e dos seus ombros se eriçaram e ela ergueu o rabo bem alto. Voltou a trepar na zebra moribunda. Dali, com sangue a lhe escorrer pela boca, reagiu à altura, com um rugido esganiçado. Os dois animais estavam a pouco mais de um metro um do outro, se encarando de boca bem aberta. Puseram tanta energia naqueles urros que o seu corpo chegava a tremer com o esforço feito. Eu podia ver lá dentro da goela da hiena. O ar do Pacífico, que até um minuto atrás propagava apenas o sopro do vento e os sussurros do mar, uma melodia natural que, em circunstâncias mais felizes, eu chamaria de

relaxante, agora estava cheio daquele barulho assustador, parecendo a fúria de uma batalha generalizada, com o disparo ensurdecedor das pistolas e dos canhões, e os estrondos tonitruantes das bombas. O rugido da hiena atingia o ponto máximo da minha capacidade auditiva, o de Suco de Laranja, o ponto mínimo, e, em algum espaço entre os dois, eu podia ouvir os gritos da zebra desamparada. Os meus ouvidos estavam repletos. Mais nada, nem mais um som sequer poderia entrar ali e ser registrado.

Comecei a tremer de um jeito que não dava para controlar. Estava convencido que a hiena ia investir contra Suco de Laranja.

Não podia imaginar que as coisas iam piorar, mas pioraram. A zebra cuspiu um pouco de sangue pela amurada. Em poucos segundos, ouvi uma batida forte no bote, e, logo depois, mais uma. À nossa volta, a água ficou coalhada de tubarões. Procuravam a origem daquele sangue, a comida ali tão à mão. As barbatanas da sua cauda reluziam na água, e todos botavam a cabeça para fora. O bote foi atingido várias vezes. Não tive medo que ele pudesse virar; achei que, na verdade, os tubarões iam ficar batendo no casco metálico e acabariam nos fazendo afundar.

A cada pancada, os animais pulavam e pareciam assustados, mas não abandonavam a sua ocupação principal: rosnar bem na cara um do outro. Eu tinha certeza que aquela gritaria ia virar um combate físico, mas não: minutos depois, tudo terminou de repente. Suco de Laranja, bufando e estalando os lábios, virou para o outro lado, e a hiena baixou a cabeça e se encolheu atrás do corpo mutilado da zebra. Não encontrando nada, os tubarões pararam de bater no bote e acabaram indo embora. Enfim, veio o silêncio.

Um fedor penetrante, um cheiro cru de ferrugem e excrementos, pairava no ar. Havia sangue por todo lado, coagulando e formando uma crosta de um vermelho profundo. Uma única mosca apareceu voando, soando, para mim, como um alarme de insanidade. Nenhum navio, absolutamente nada tinha surgido no horizonte aquele dia, e, agora, a tarde estava chegando ao fim. Quando o sol sumiu no horizonte, não foram só o dia e a pobre zebra que morreram, mas a minha família também. Com o segundo pôr do sol, a incredulidade deu lugar à dor e à tristeza. Eles tinham morrido; eu não podia continuar negando isso. Como é duro para um coração

admitir uma coisa dessas! Perder um irmão é perder alguém com quem se pode compartilhar a experiência de crescer; alguém que pode teoricamente lhe dar uma cunhada e sobrinhos, criaturas que vão povoar a árvore da sua vida e lhe dar novos ramos. Perder o pai é perder aquele cuja orientação e cuja ajuda procuramos; aquele que nos apoia como o tronco apoia os ramos. Perder a mãe, bom, é como perder o sol acima de nós. É como perder — desculpem, prefiro parar por aqui. Deitei em cima da lona e passei a noite inteira chorando e sofrendo, com o rosto enterrado nos braços. A hiena passou boa parte da noite comendo.

CAPÍTULO 47

Amanheceu. Era um dia úmido e nublado, com um vento quente e o céu como uma densa manta de nuvens cinzentas que pareciam lençóis de algodão, sujos e embolados. O mar não tinha mudado. Fazia o bote subir e descer, num ritmo regular.

A zebra ainda estava viva. Não dava para acreditar. Tinha, no corpo, um buraco de mais de meio metro de largura, uma fístula, como um vulcão que acabasse de entrar em erupção, cuspindo órgãos semidevorados que faiscavam à luz do dia ou que emitiam um brilho opaco, seco; mesmo assim, nas suas partes estritamente essenciais, aquele corpo continuava a pulsar de vida, embora fracamente. Os seus movimentos se limitavam a um tremor na pata traseira e, de vez em quando, um piscar de olhos. Fiquei horrorizado. Não fazia ideia que um ser vivo pudesse sofrer ferimentos tão sérios e continuar vivendo.

A hiena estava tensa. Não tinha se instalado para a sua noite de descanso apesar de já ser dia claro. Talvez fosse por ter comido tanto; o seu estômago estava incrivelmente dilatado. Suco de Laranja também estava com um humor perigoso, nitidamente irrequieta e mostrando os dentes.

Fiquei onde estava, encolhido perto da proa. A sensação que experimentava era de fraqueza, tanto no corpo quanto na alma. Fiquei com medo de cair na água se tentasse me equilibrar em cima do remo.

A zebra morreu por volta do meio-dia. Ficou com os olhos vidrados e, agora, absolutamente indiferente aos ataques ocasionais da hiena.

A violência irrompeu à tarde. A tensão tinha atingido um nível insuportável. A hiena soltava uns ganidos. Suco de Laranja grunhia e fazia uns barulhos bem altos com os lábios. De repente, as queixas de ambas se fundiram e explodiram em volume máximo. A hiena pulou por cima dos restos da zebra e partiu para atacar a orangotango.

Acho que deixei bem claro o tipo de ameaça que uma hiena representa. Para mim, era algo tão óbvio que não dava nada pela vida de Suco de Laranja, e isso sem que ela tivesse sequer chance de se defender. Eu a subestimei. Não soube avaliar sua coragem.

A orangotango deu um murro na cabeça da hiena. Foi impressionante. O meu coração se derreteu todo, com um misto de amor, admiração e medo. Já disse que ela tinha sido um bichinho de estimação, descartado sem piedade pelos seus donos indonésios? A sua história era igualzinha a de todos os bichos de estimação inadequados. É mais ou menos assim que acontece: o bicho é comprado ainda filhote, pequenininho e fofo. Os seus donos se divertem a valer. Depois, ele começa a crescer, tanto em tamanho quanto em apetite. Revela-se incapaz de ser domesticado. A sua força, cada vez maior, dificulta muito as coisas. Um dia, a empregada tira o lençol da caminha dele, porque resolveu lavá-lo, ou, de brincadeira, o filho dos donos tira um pedaço de comida das mãos dele — por uma ninharia do gênero, o bicho de estimação mostra os dentes, furioso, e a família fica apavorada. Logo no dia seguinte, ele se vê sacolejando na traseira do jipe da família, em companhia dos seus irmãos humanos. O carro entra numa selva. Todos ali dentro acham o lugar estranho e formidável. Chegam a uma clareira. Fazem uma breve parada para explorá-la. De repente, o jipe ganha vida, as suas rodas levantam a poeira do chão e o bichinho de estimação vê todos aqueles que conhecia e amava olhando para ele pelo vidro traseiro daquele jipe que vai embora a toda. Deixaram-no para trás. O bicho não entende nada. É tão despreparado para aquela selva quanto os seus irmãos humanos. Fica esperando que voltem, tentando conter o pânico que cresce no seu peito. Mas eles não voltam. O sol se põe. O animal não tarda a ficar deprimido e desiste de viver. Em poucos dias, morre de fome ou de frio. Ou, então, é atacado por cachorros.

Suco de Laranja podia ter sido um desses bichos de estimação desamparados. Mas acabou no zoológico de Pondicherry. A vida inteira, continuou sendo dócil e mansa. Lembro que, quando eu era criança, os seus braços intermináveis me cercavam e os seus dedos, cada um deles do tamanho da minha própria mão, ficavam catando a minha cabeça. Era uma fêmea jovem treinando as suas

habilidades maternas. Observei à distância todo o processo do seu amadurecimento, até ela se tornar aquela criatura adulta e selvagem. Achava que a conhecia tão bem que poderia prever cada um dos seus movimentos. Achava que conhecia não só os seus hábitos, mas também os seus limites. Essa exibição de ferocidade, de bravura selvagem, me fez ver o quanto eu estava enganado. Durante toda a minha vida, conheci apenas uma parte dela.

Suco de Laranja deu um murro na cabeça da hiena. E que murro! A cabeça da fera bateu no banco onde ela tinha acabado de trepar. A pancada fez um barulho tão grande, e as patas dianteiras do animal ficaram tão esparramadas que achei que o banco ou a sua boca, ou ambos, iam se quebrar. Num instante, a hiena estava outra vez de pé. Cada pelo do seu corpo estava tão eriçado quanto os meus cabelos, mas, a essa altura, a sua hostilidade já não era tão cinética. Ela recuou. Exultei. A defesa impressionante de Suco de Laranja me animou o coração.

Mas isso não durou muito.

Uma orangotango adulta não pode derrotar uma hiena-malhada-macho, também adulta. Trata-se simplesmente de uma verdade empírica. Que todos os zoólogos saibam disso. Se Suco de Laranja fosse macho, se tivesse crescido tanto em termos reais quanto cresceu no meu coração, as coisas seriam diferentes. Por mais gorducha e superalimentada que estivesse, por viver no conforto de um zoológico, ela pesava no máximo uns cinquenta quilos. As fêmeas dos orangotangos têm metade do tamanho dos machos. Mas não se trata apenas de peso e força bruta. Suco de Laranja estava longe de ser indefesa. É antes uma questão de atitude e conhecimento. O que um comedor de frutas sabe sobre matar? Onde aprenderia a morder, com que força, por quanto tempo? Um orangotango pode ser mais alto, pode ter braços grandes e fortes e caninos bem compridos, mas, se não sabe usá-los como armas, eles vão ter pouca serventia. Só com as mandíbulas, a hiena vencerá o primata porque sabe o que quer e como consegui-lo.

A hiena voltou. Pulou no banco e agarrou Suco de Laranja pelo pulso antes que ela pudesse atacar. A orangotango a golpeou na cabeça com o outro braço, mas, com a pancada, a fera se limitou a rosnar de um jeito maldoso. Ela tentou então mordê-la; a hiena,

porém, foi mais rápida. Infelizmente, a reação de defesa de Suco de Laranja não tinha precisão nem coerência. O medo que sentia era inútil e só servia para atrapalhar. A hiena soltou o seu pulso e, como perita que era, atacou a sua garganta.

Atordoado de dor e de horror, fiquei ali olhando, vendo a orangotango esmurrar a hiena sem qualquer eficácia e puxar os seus pelos enquanto a própria garganta era apertada pelas mandíbulas da fera. No fim, lembrei até de nós: os olhos dela expressavam medo de um jeito tão humano... exatamente como os seus gemidos de agonia. Ela tentou subir na lona. A hiena a sacudiu com violência. Suco de Laranja caiu então no fundo do bote, junto com a fera. Ouvi barulhos, mas não vi mais nada.

Eu era o próximo. Isso estava bem claro para mim. Com alguma dificuldade, me levantei. Mal conseguia enxergar através das lágrimas que me enchiam os olhos. Não chorava mais pela minha família ou pela minha morte iminente. Estava entorpecido demais para pensar numa coisa ou na outra. Chorava porque estava absolutamente exausto e era hora de descansar.

Saí andando por cima da lona. Embora ela estivesse bem esticada na ponta do bote, afundava um pouco no meio; foram uns três ou quatro passos difíceis, sacolejantes. E ainda tinha de passar pela rede e pela lona enrolada. Como se não bastasse, tive de fazer todo esse esforço num bote que ficava jogando o tempo todo. No estado em que me encontrava, parecia até uma longa trilha a percorrer. Quando pus o pé no banco do meio, a dureza que senti teve um efeito revigorante, como se eu tivesse acabado de pisar em terra firme. Com os dois pés plantados ali em cima, desfrutei daquela firmeza. Estava meio estonteado, mas, já que o momento capital da minha vida se aproximava, essa tonteira só fazia aumentar a minha sensação de sublimidade apavorada. Levantei os braços até a altura do peito: eram as armas que tinha para usar contra a hiena. Ela ergueu os olhos para mim. A sua boca estava vermelha. Suco de Laranja estava estirada ali perto, junto da zebra. Tinha os braços bem abertos e as perninhas curtas estavam encolhidas e ligeiramente viradas para um lado. Parecia uma versão simiesca do Cristo crucificado. À exceção da cabeça, que tinha sido arrancada. O pescoço cortado ainda sangrava. Era uma cena

terrível para os olhos e mortífera para o espírito. Quando ia me lançar sobre a hiena, para me recompor antes do derradeiro combate, olhei para baixo.

Entre os meus pés, sob o banco, avistei a cabeça de Richard Parker. Ela era gigantesca. Para os meus sentidos atordoados, parecia do tamanho do planeta Júpiter. As patas eram como volumes da *Enciclopédia britânica*.

Voltei para a proa e desabei ali.

Passei a noite num estado de delírio. Vira e mexe, achava que tinha dormido e que acordava depois de sonhar com um tigre.

CAPÍTULO 48

Richard Parker tem esse nome por causa de um erro burocrático. Uma pantera vinha aterrorizando o distrito Khulna, de Bangladesh, nas proximidades de Sundarbans. Recentemente, o animal tinha matado uma garotinha. Tudo o que se encontrou foi a mãozinha da criança, com uma tatuagem de hena na palma, e umas pulseirinhas de plástico. Em dois meses, aquela era a sétima pessoa a morrer pelas garras do bandido. E a fera estava ficando mais ousada. A vítima anterior tinha sido um homem, atacado na sua lavoura, em plena luz do dia. O animal o arrastou até a floresta, onde comeu boa parte da sua cabeça, a carne da perna direita e todas as suas entranhas. O cadáver foi encontrado pendendo da forquilha de uma árvore. Naquela noite, os habitantes do lugar ficaram por ali de vigília, na esperança de surpreender a pantera e matá-la, mas ela não apareceu. O Departamento Florestal contratou um caçador profissional. Ele instalou uma pequena plataforma escondida numa árvore próxima ao rio onde tinham ocorrido dois dos ataques. Amarraram uma cabra numa estaca na margem do rio. O caçador passou várias noites esperando. Concluiu que devia ser um macho já velho e enfraquecido, com dentes estragados, incapaz de caçar qualquer coisa mais difícil que um ser humano. Mas o que apareceu por ali uma bela noite foi um tigre impecável. Uma fêmea, com um único filhote. A cabra baliu. Estranhamente, o filhote, que devia ter uns três meses de idade, praticamente não deu atenção ao animalzinho. Correu para a beira do rio e começou a beber água com sofreguidão. A mãe o acompanhou. Entre a fome e a sede, este último é o imperativo maior. Só depois de ter matado a sede, o tigre se voltou para a cabra, buscando saciar a fome. O caçador tinha duas espingardas: uma com balas de verdade e a outra com dardos imobilizantes. Aquele animal não saía por aí comendo gente, mas, estando tão perto de uma aglomeração humana, poderia representar uma ameaça, principalmente por estar com o filhote. O sujeito pegou a espingarda com os dardos. Atirou quando o tigre estava prestes a atacar a cabra. O animal recuou, rosnou e saiu

correndo. Mas esses agentes imobilizadores não atuam de mansinho, como uma boa xícara de chá; eles derrubam como uma garrafa de bebida bem forte. Um ímpeto de atividade por parte do animal acelera ainda mais o resultado. O caçador chamou seus assistentes pelo rádio. Foram encontrar o tigre a cerca de duzentos metros do rio. Ela ainda estava consciente. As patas traseiras estavam entorpecidas e ela tinha dificuldades em se equilibrar nas patas dianteiras. Quando os homens se aproximaram, ela tentou fugir, mas não conseguiu. Virou-se para eles, erguendo uma das patas, um gesto que significava ataque. Mas tudo o que conseguiu foi perder o equilíbrio. Caiu no chão e o zoológico de Pondicherry ganhou dois tigres novos. O filhote foi encontrado num arbusto ali por perto, miando de medo. O caçador, que se chamava Richard Parker, o pegou no colo e, lembrando da pressa que o bichinho teve em ir beber água no rio, batizou-o de Sedento. No entanto, o funcionário do setor de cargas da estação ferroviária de Howrah era evidentemente um homem cioso das suas tarefas, mas muitíssimo trapalhão. Todos os papéis que recebemos junto com o filhote declaravam que o nome dele era Richard Parker, que o nome de batismo do caçador era Sedento e que o seu sobrenome era Não Consta. O meu pai deu boas gargalhadas com toda aquela confusão e o nome do tigrinho pegou: Richard Parker.

Não sei se Sedento Não Consta conseguiu afinal pegar a tal pantera.

CAPÍTULO 49

Pela manhã, não consegui me mexer. Estava pregado àquela lona de tanta fraqueza. Até mesmo pensar era cansativo. Tratei então de fazer um esforço para pensar sistematicamente. Com o tempo, bem devagar como uma caravana de camelos cruzando um deserto, alguns pensamentos conseguiram se juntar.

O dia estava como o da véspera, quente e nublado, com nuvens baixas e um ventinho brando. Isso foi um pensamento que tive. O bote jogava de mansinho. Esse foi mais um.

Pela primeira vez, pensei no meu sustento. Há três dias que não tinha uma gota de água para beber, uma migalha para comer, um minuto de sono. Descobrir essa explicação tão óbvia para a minha fraqueza me deu alguma força.

Richard Parker continuava a bordo. Na verdade, estava bem debaixo de mim. É incrível como uma coisa dessas precisa de autorização para ser verdade, mas só depois de muita deliberação; depois de investigar vários itens mentais e pontos de vista, concluí que aquilo não era sonho ou ilusão, nem uma recordação deslocada, uma fantasia ou qualquer outra falsidade do gênero, mas algo sólido e verdadeiro presenciado num estado de fraqueza e de muita agitação. A verdade desse fato ia ser confirmada tão logo eu me sentisse suficientemente bem para investigar.

Como pude não reparar, durante dois dias e meio, num tigre-de-bengala de mais de duzentos quilos dentro de um bote salva-vidas de oito metros de comprimento era um enigma que tentaria decifrar mais tarde, quando tivesse um pouco mais de energia. Essa façanha fez decerto de Richard Parker o maior clandestino, proporcionalmente falando, da história da navegação. Da ponta do focinho à ponta da cauda, ele ocupava mais de um terço do tamanho da embarcação.

Você deve estar achando que, nessa ocasião, perdi toda e qualquer esperança. E perdi mesmo. O resultado foi que me animei e fiquei me sentindo muito melhor. Vemos isso o tempo todo nos esportes, não é? O tenista que busca o título começa com tudo, mas

não tarda a perder a confiança no próprio jogo. O campeão vai ganhando todos os *games*. No último *set*, porém, quando o outro não tem mais nada a perder, volta a se sentir relaxado, despreocupado, ousado. De repente, está jogando bem como o diabo e o campeão tem de lutar muito para conseguir fechar o jogo. Foi exatamente o que aconteceu comigo. Lidar com uma hiena parecia remotamente possível, mas a minha desvantagem com relação a Richard Parker era tão óbvia que nem valia a pena eu me preocupar com isso. Com um tigre a bordo, a minha vida tinha terminado. Diante dessa certeza, por que não fazer algo a respeito da minha garganta seca?

Acho que foi isso que salvou a minha vida naquela manhã, pois eu estava literalmente morrendo de sede. Agora que a palavra havia brotado na minha cabeça, não dava para pensar em mais nada, como se a própria palavra fosse salgada e, quanto mais eu pensasse nela, pior ficasse a situação. Ouvi dizer que a necessidade de ar, como sensação irresistível, é mais intensa que a sede de água. Só por alguns minutos, garanto. Passados esses minutos, a gente morre e o desconforto da asfixia desaparece. Ao passo que a sede é um negócio demorado. Veja bem: o Cristo na Cruz morreu sufocado, mas a única coisa de que Ele se queixou foi de sede. Se a sede pode ser tão insuportável a ponto de o próprio Deus encarnado se queixar dela, imagine o efeito que exerce sobre um ser humano comum. No meu caso, foi o bastante para me deixar completamente ensandecido. Nunca experimentei nenhum inferno físico pior que aquele gosto de podre e aquela sensação pastosa na boca; aquela pressão insuportável no fundo da garganta; aquela impressão de que o meu sangue estava virando um xarope bem grosso que mal conseguia fluir. Na verdade, comparado com isso, um tigre não era nada.

Afastei, então, qualquer pensamento relacionado a Richard Parker e, destemido, me propus ir à cata de água fresca.

A minha forquilha mental mergulhou fundo e uma fonte de água brotou quando me lembrei que estava num genuíno bote salva-vidas e que eles eram por certo providos de mantimentos. Parecia uma proposição perfeitamente racional. Que capitão falharia de uma forma tão elementar na tarefa de garantir a segurança da sua

tripulação? Que fornecedor deixaria passar a oportunidade de ganhar um dinheirinho extra sob o nobre pretexto de salvar vidas? Estava decidido. Havia água a bordo. Tudo o que eu tinha a fazer era encontrá-la.

O que significava que precisava sair dali.

Consegui chegar ao meio do bote, pela borda da lona. Não foi nada fácil. Parecia que eu estava escalando a encosta de um vulcão e prestes a olhar lá para dentro, para aquele caldeirão fervente de lava alaranjada. Me deitei. Com todo cuidado, ergui a cabeça para espiar lá para baixo. Não olhei mais do que o estritamente necessário. Não vi Richard Parker. Já a hiena estava bem visível. Tinha voltado a se enfiar atrás do que restava da zebra. E ficou me olhando.

Eu, porém, não tinha mais medo dela. Não estava nem a três metros de distância e, mesmo assim, o meu coração nem disparou. A presença de Richard Parker tinha pelo menos essa vantagem. Ter medo daquele cachorro ridículo quando havia um tigre por perto era como ter medo de farpas quando as árvores estão caindo. Fiquei com uma raiva danada daquela fera.

— Seu bicho feio! Criatura repugnante! — murmurei.

Só não me levantei para atirá-la fora do bote com uma vara porque não tinha forças nem vara; não foi por falta de coragem.

Será que a hiena percebeu algo do meu domínio? Será que disse com seus botões: “O superalfa está me olhando. Melhor eu nem me mexer”? Sei lá. Seja como for, ela nem se mexeu. Na verdade, encolheu a cabeça de um jeito tal que parecia até estar querendo se esconder de mim. Mas se esconder para quê? Logo, logo, ela ia ter o que merecia.

A presença de Richard Parker também explicava o comportamento estranho da hiena. Agora estava claro por que ela tinha se confinado a um espaço tão absurdamente reduzido, ali atrás da zebra, e por que esperou tanto para matá-la. Foi por medo da fera maior e por medo de mexer na comida da fera maior. A paz tensa e temporária entre Suco de Laranja e a hiena, e o fato de eu ter sido poupado, deviam-se sem dúvida à mesma razão: diante de um predador tão superior, todos nós éramos presas, e os padrões normais da caça eram afetados. Aparentemente, a presença de um

tigre tinha me salvado de uma hiena — com certeza um bom exemplo da expressão “sair da frigideira para cair no fogo”.

Mas a grande fera não estava agindo como uma grande fera, a tal ponto que a hiena resolveu tomar algumas liberdades. A passividade de Richard Parker, e isso por três longos dias, exigia explicação. Eu só via duas justificativas possíveis para o fato: sedação ou enjoo. O meu pai sedava regularmente vários dos nossos animais para reduzir o seu estresse. Será que ele tinha sedado Richard Parker pouco antes do naufrágio? Será que o choque do acidente — os barulhos, a queda no mar, a terrível batalha para nadar até o bote — acentuaram o efeito do sedativo? Será que, depois disso, o enjoo o dominou? Eram as únicas explicações possíveis que eu conseguia imaginar.

Mas me desinteressei do assunto. Agora, só queria saber de água.

Resolvi vasculhar o bote inteiro.

CAPÍTULO 50

Ele tinha um metro e vinte de profundidade, dois metros e meio de largura e oito de comprimento, exatamente. Sei disso porque estava escrito em letras pretas num dos bancos laterais. Ali dizia também que o bote havia sido projetado para acomodar no máximo 32 pessoas. Não seria fantástico dividi-lo assim com tanta gente? Em vez disso, éramos só três a bordo e ele estava terrivelmente superlotado. Ele tinha um desenho simétrico, com as pontas arredondadas, praticamente impossíveis de distinguir. A única indicação da popa era a presença de um pequeno leme que nada mais era que um prolongamento da quilha; já a proa, sem contar com o acréscimo que eu tinha feito, ostentava o bico mais triste, mais achatado da história da construção naval. O casco de alumínio era fixado com rebites e pintado de branco.

Essa era a aparência externa do bote salva-vidas. Por dentro, não era tão espaçoso quanto se poderia esperar por causa dos bancos laterais e dos tanques de flutuação. Esses bancos percorriam toda a extensão do bote, unindo-se na proa e na popa para formar dois outros bancos de um formato praticamente triangular. Eles ficavam bem acima dos tanques de flutuação lacrados. Os laterais tinham uns cinquenta centímetros de profundidade e os das pontas, uns noventa. O espaço aberto do bote tinha portanto uns seis metros de comprimento por um e meio de largura. O que dava a Richard Parker um território de nove metros quadrados. Cortando esse espaço, de um lado a outro, havia mais três bancos, contando com aquele que a zebra tinha quebrado. Esses bancos tinham sessenta centímetros de profundidade e eram dispostos a intervalos regulares. Ficavam a uns sessenta centímetros do fundo do bote — o espaço de que dispunha Richard Parker para não dar com a cabeça no teto, por assim dizer, se ficasse debaixo de um deles. Sob a lona, sobravam-lhe mais uns trinta centímetros, a distância entre a amurada, onde a lona estava presa, e os bancos; portanto, noventa centímetros no total, o que mal dava para ele ficar em pé. O piso, feito de umas pranchas estreitas de madeira tratada, era plano

e as laterais dos tanques de flutuação formavam um ângulo reto com relação a ele. Ou seja: curiosamente, o bote tinha pontas arredondadas e lados arredondados, mas, por dentro, tudo era retangular.

Ao que parece, o laranja — uma cor hindu tão linda — é a cor da sobrevivência, pois todo o interior do bote, bem como a lona, os coletes salva-vidas, a boia, os remos e praticamente todos os outros objetos significativos ali dentro eram laranja. Até os apitos de plástico eram dessa cor.

As palavras *Tsimtsum* e *Panamá* estavam impressas de ambos os lados da proa, em letras maiúsculas, pretas e bem retas.

A lona era um tecido resistente, impermeabilizado, que, depois de algum tempo, chegava a incomodar ao contato com a pele. Havia sido desenrolada até a altura do banco transversal do meio. Portanto, um desses bancos estava escondido debaixo dela, na toca de Richard Parker; o do meio começava exatamente na borda da lona, ficando pois descoberto; o terceiro estava quebrado, por baixo do corpo da zebra morta.

Na beira da amurada, havia seis ganchos em forma de “U” para os remos e havia cinco remos, já que eu tinha perdido um deles tentando afastar Richard Parker. Três deles estavam pousados num dos bancos laterais, um, no do outro lado e o último era o que eu estava usando lá na proa, para salvar a minha vida. Não levei muita fé na utilidade desses remos em termos de propulsão. O bote salva-vidas não era nenhum daqueles barquinhos de regata. Era uma construção sólida, pesada, projetada para flutuar inabalável, e não para navegar, embora eu acredite que, se fôssemos 32 a remar ali dentro, talvez pudéssemos fazê-lo avançar um pouco.

Não me dei conta de todos esses detalhes — e de outros tantos — de imediato. Eles foram sendo observados com o tempo e em função de alguma necessidade. Por vezes, ficava na maior enrascada, tendo pela frente um futuro sombrio, quando uma coisinha qualquer, um pequeno detalhe se transformava e se mostrava à minha mente sob uma nova luz. Deixava de ser a coisinha qualquer que era antes; agora, era a coisa mais importante do mundo, aquilo que salvaria a minha vida. Isso aconteceu

inúmeras vezes. Essa história de dizer que a necessidade é a mãe da invenção é a mais pura verdade. E como!

CAPÍTULO 51

Mas dessa primeira vez em que dei uma boa olhada no bote, não vi o detalhe que procurava. A superfície da popa e dos bancos laterais era contínua, sem fendas, exatamente como as laterais dos tanques de flutuação. O chão era bem colado ao casco; não dava para ter nenhum compartimento ali debaixo. Uma coisa era certa: não tinha armário, caixa ou qualquer tipo de reservatório em lugar nenhum. Só aquelas superfícies cor de laranja, lisas, ininterruptas.

Comecei a mudar de opinião a respeito dos capitães e dos fornecedores dos navios. As minhas esperanças de sobreviver ficaram abaladas. A minha sede continuou firme.

E se os mantimentos estivessem na proa, debaixo da lona? Me virei e me arrastei de volta até lá. Estava me sentido um lagarto ressecado. Tentei baixar a lona. Ela estava bem presa. Se a desenrolasse, poderia chegar ao local onde os suprimentos estariam estocados. Só que isso significava criar uma abertura na toca de Richard Parker.

Mas não havia o que pensar. A sede me impelia. Soltei o remo que estava debaixo da lona. Enfiei a boia na cintura. Pus o remo atravessado na proa. Me debrucei na amurada e, com os polegares, comecei a tentar soltar de um dos ganchos a corda que prendia a lona. Não foi nada fácil. Mas, depois do primeiro gancho, com o segundo e o terceiro tudo ficou mais simples. Fiz a mesma coisa do outro lado do bico. Senti a lona se afrouxar sob os meus cotovelos. Eu estava estirado nela, com as pernas voltadas para a popa.

Desenrolei um pouquinho. De imediato, fui recompensado. A proa tinha um banco como o da popa. E, logo acima dele, poucos centímetros abaixo do bico, um trinco brilhava como um diamante. Dava para ver as bordas de uma tampa. O meu coração disparou. Desenrolei mais um tantinho da lona. Espiei ali debaixo. O formato daquela tampa era o de um triângulo com as quinas arredondadas e cobria um espaço de uns noventa centímetros de largura por sessenta de profundidade. Naquele instante, percebi uma massa cor de laranja. Mais que depressa, virei a cabeça para trás. Mas a

massa laranja não estava se mexendo e tinha alguma coisa estranha. Olhei novamente. Não era um tigre. Era um colete salva-vidas. Havia vários deles no fundo da toca de Richard Parker.

Um arrepio percorreu o meu corpo inteiro. Entre os coletes, como em meio a uma folhagem, tive a minha primeira visão, parcial, mas evidente, absolutamente clara de Richard Parker. O que dava para ver eram as suas ancas e parte das suas costas. Alaranjado, com listras e simplesmente enorme. Estava virado para a popa, deitado sobre a barriga. Não se mexia, a não ser pelo movimento da respiração que se percebia nos seus flancos. Pisquei algumas vezes, sem conseguir acreditar que estávamos tão perto um do outro. Ali estava ele, pouco mais de meio metro abaixo de mim. Se me esticasse, poderia beliscar o seu traseiro. E, entre nós, nada além de uma lona fina, que não chegava a ser um obstáculo.

— Que Deus me proteja!

Nunca uma súplica foi assim tão apaixonada, embora dita quase num sussurro. Fiquei absolutamente imóvel.

Precisava arranjar água. Baixei a mão e, bem de mansinho, abri o trinco. Levantei a tampa. Lá dentro tinha um armário.

Acabei de mencionar a história dos detalhes que se tornam salva-vidas. Aquele ali era um deles: a tampa ficava presa a mais ou menos três centímetros da beirada do banco da proa — o que significa que, quando aberta, formava uma barreira, tapando os trinta centímetros de espaço vazio entre a lona e o banco por onde Richard Parker podia me alcançar, depois de afastar os coletes. Abri a tampa até ela encostar no remo atravessado e na borda da lona. Fui para o bico, de frente para o bote, com um pé na beira do armário aberto e o outro apoiado na tampa. Se Richard Parker resolvesse me atacar por baixo, teria de empurrar aquela tampa. Esse empurrão tanto serviria para me alertar quanto me faria cair na água, usando a boia. Se ele atacasse de outro jeito, trepando na lona lá pelo lado da popa, do lugar em que estava, eu podia vê-lo quase imediatamente e, mais uma vez, pular na água. Dei uma olhada no mar. Não vi nenhum tubarão.

Olhei por entre as minhas pernas. Achei que fosse desmaiar de alegria. O armário aberto brilhava com coisas reluzentes de tão novas. Ah, que maravilha os produtos manufaturados, os objetos

feitos pelo homem, a coisa criada! Aquele momento de revelação material me deu um prazer tão intenso — uma mistura inebriante de esperança, surpresa, descrença, emoção, gratidão, tudo embolado numa sensação única — que nem Natal, nem aniversário, nem casamento, nem Diwali ou qualquer outra dessas ocasiões em que se ganham presentes jamais puderam igualar. Eu estava definitivamente atordoado de tanta felicidade.

Imediatamente, dei com os olhos no que estava procurando. Seja em garrafa, lata ou caixinha, a embalagem da água é inconfundível. Ali no bote, o vinho da vida se apresentava em latinhas de um dourado claro que cabiam perfeitamente na mão. *Água potável,* dizia o rótulo com a inscrição em letras pretas. *HP Alimentos Ltda.* eram os viticultores. *500ml*, o conteúdo. Havia pilhas dessas latinhas; tantas que não dava para contar assim de olho.

Estendi a mão trêmula e peguei uma delas. Era pesada e estava fria. Eu a sacudi. O borbulhar do ar ali dentro fez um *glub, glub, glub* meio abafado. Eu estava prestes a me livrar daquela sede infernal. Só de pensar nisso, o meu pulso se acelerou. Tudo o que tinha a fazer era abrir a lata.

Mas parei. Abrir como?

Tinha uma lata... Devia ter um abridor em algum lugar. Olhei para o armário. Havia muita coisa ali. Remexi um pouco aquilo tudo. Já estava perdendo a paciência. A expectativa dolorosa já estava dando seus frutos. Precisava beber *imediatamente*... ou morreria. Não consegui encontrar o utensílio tão desejado. Mas não havia tempo para desespero inútil. Tinha de agir. Será que dava para abrir a lata com as unhas? Tentei. Não consegui. Com os dentes? Nem valia a pena experimentar. Olhei para a borda do barco. Os ganchos da lona. Pequenos, sólidos, sem pontas afiadas. Ajoelhei no banco e me debrucei para frente. Segurando a lata com ambas as mãos, dei uma pancada com ela num dos ganchos. Amassou bem. Bati de novo. Outro amassado, perto do primeiro. De amassado em amassado, consegui o que queria. Apareceu uma gotinha de água. Eu a lambi. Virei a lata e comecei a bater com o outro lado para abrir mais um furo. Trabalhei como um louco. Consegui abrir um furo maior. Sentei novamente na amurada. Levei a lata até o rosto. Abri a boca. Inclinei a lata.

Talvez seja possível imaginar os meus sentimentos, mas é praticamente impossível descrevê-los. Ao ritmo gorgolejante da minha garganta ressecada, uma água pura, deliciosa, linda, cristalina penetrou no meu corpo. Vida líquida, isso sim. Esvaziei aquela taça dourada até a última gota, chupando o furinho para aproveitar a umidade que ainda restasse. Fiz “Ahhhhhhhhhh!”. Atirei a lata no mar e peguei outra. Abri do mesmo jeito e o seu conteúdo desapareceu com a mesma rapidez. Essa segunda lata também foi navegar no mar, e abri mais uma. Que, para resumir, também acabou no oceano. Outra ainda foi despachada. Bebi quatro latas, dois litros do mais sublime dos néctares. Só então parei. Você pode achar que uma ingestão tão rápida de água depois de uma sede prolongada pudesse perturbar o meu organismo. Bobagem! Nunca me senti melhor na vida. Ora, veja só a minha testa! Ela agora estava úmida com uma transpiração fresca, clara, refrescante. Tudo em mim, até os poros da minha pele, expressava alegria.

Logo, logo, uma sensação de bem-estar tomou conta de mim. A minha boca ficou úmida e macia. Nem me lembrava mais do fundo da garganta. A minha pele relaxou. As minhas articulações se moviam com muito mais facilidade. O meu coração começou a bater como um tambor animado e o sangue passou a circular pelas minhas veias como os carros de uma festa de casamento buzinando durante o trajeto pela cidade. Força e flexibilidade voltaram aos meus músculos. A minha cabeça ficou mais clara. Na verdade, eu estava voltando da morte. Era a glória, a glória! Ouça o que lhe digo: se embebedar com álcool é degradante, mas se embriagar de água é nobre e extático. Passei vários minutos imerso em bem-aventurança e plenitude.

Um certo vazio se fez sentir. Pus a mão na barriga. Havia ali uma cavidade dura e oca. Seria bom comer agora. Um *masala dosa* com *chutney* de coco... Hmmmm! Melhor ainda: um *uthappam*! Hmmmm! Ah, levei as mãos à boca... Uns *idlis*! Só de pensar nessa palavra senti uma pontada no fundo das mandíbulas e um dilúvio de saliva na boca. A minha mão direita começou a se remexer. Eu a estendi e, na minha imaginação, cheguei quase a tocar as deliciosas bolinhas achatadas de arroz parboilizado. Ela mergulhou os dedos naquela carne fumegante... Fez uma bola encharcada de molho...

Trouxe aquele bocado até a minha boca... Mastiguei... Ah, que sensação maravilhosamente dolorosa!

Olhei para o armário à procura de comida. Encontrei uns pacotes de Ração de Emergência para embarcações Seven Oceans, vindos da longínqua e exótica Bergen, na Noruega. O café da manhã — que teria de valer pelas nove refeições que não tinham sido feitas, sem contar com os lanchinhos que a minha mãe tinha trazido — estava embalado a vácuo, num pacote de meio quilo, denso, sólido, de um plástico prateado coberto com instruções em doze línguas diferentes. Em inglês, dizia que a ração consistia de dezoito biscoitos vitaminados, feitos de trigo, *gordura animal* e glucose, e que era para comer no máximo seis deles num período de 24 horas. Que pena, essa história de gordura animal... Mas, considerando-se as circunstâncias excepcionais, a minha parte vegetariana simplesmente taparia o nariz e aguentaria isso.

Na parte de cima do pacote estava escrito *Rasgue aqui para abrir*, com uma setinha preta apontando para a borda do plástico. Ela cedeu entre os meus dedos. Dali caíram nove barrinhas retangulares embrulhadas em papel-manteiga. Desembrulhei uma delas, que se partiu em dois sozinha. Dois biscoitos quase quadrados, um tanto descorados e cheirosos. Mordi um deles. Meu Deus, quem poderia imaginar? Isso nunca me passou pela cabeça. Para mim, era um segredo muito bem-guardado: a cozinha norueguesa era a melhor do mundo! Os tais biscoitos eram incrivelmente gostosos. Eram saborosos e de paladar delicado, nem doces nem salgados demais. Partiam-se entre os dentes com um barulhinho deliciosamente crocante. Misturados à saliva, formavam uma pasta granulosa que encantava a língua e a boca. E, quando engoli, o meu estômago só podia dizer uma coisa: Aleluia!

O pacote inteiro desapareceu em poucos minutos, com os papéis voando ao vento. Pensei em abrir outro, mas mudei de ideia. Não seria nada mau exercitar um pouco a contenção. Na verdade, com meio quilo de ração de emergência na barriga, estava me sentindo bem cheio.

Decidi descobrir o que havia exatamente naquele baú do tesouro que eu tinha ali à minha frente. O armário era grande, bem maior que a sua abertura. O espaço interno se estendia até o casco e

continuava um pouco mais por baixo dos bancos laterais. Baixei os pés e me sentei na beirada do armário, de costas para o bico da proa. Contei os pacotes de Seven Oceans. Tinha comido um; ainda sobravam trinta e um. De acordo com as instruções, cada pacote de quinhentos gramas era suficiente para manter um sobrevivente por três dias. O que significava que eu tinha ração para... 31×3... 93 dias! As instruções sugeriam ainda que os náufragos se limitassem a ingerir meio litro de água a cada 24 horas. Contei as latas de água. 124. Cada uma continha meio litro. Portanto, eu tinha água para 124 dias. Nunca a simples aritmética tinha trazido um sorriso assim ao meu rosto.

E o que mais havia ali? Ávido, enfiei o braço lá dentro e fui tirando uma maravilha atrás da outra. Cada uma delas, fosse o que fosse, me deixava aliviado. Eu estava precisando loucamente de companhia e de consolo, e o cuidado dedicado à fabricação de cada uma daquelas coisas produzidas em massa me dava a sensação de ser um cuidado dedicado a mim. Fiquei murmurando, mil vezes: “Obrigado! Obrigado! Obrigado!”

CAPÍTULO 52

Depois de uma investigação minuciosa, fiz uma lista completa:

- 192 comprimidos de remédio para enjoo
- 124 latas de água fresca, cada uma delas contendo 500ml, ou seja, 62 litros ao todo
- 32 saquinhos plásticos para vômito
- 31 pacotes de ração de emergência, cada um deles contendo 500g, ou seja, 15,5 quilos ao todo
- 16 cobertores de lã
- 12 destiladores solares
- cerca de 10 coletes salva-vidas laranja, cada um deles com um apito laranja preso por um cordão
- 6 ampolas de morfina
- 6 foguetes de sinalização portáteis
- 5 remos flutuantes
- 4 foguetes de sinalização com paraquedas
- 3 sacos de plástico transparentes, bem fortes, com capacidade para cerca de cinquenta litros
- 3 abridores de latas
- 3 canecas de vidro, graduadas, para beber
- 2 caixas de fósforos à prova de água
- 2 sinais de fumaça laranja, flutuantes
- 2 baldes plásticos laranja, de tamanho médio
- 2 canecas flutuantes cor de laranja, para apanhar água
- 2 caixas multiuso, de plástico, com tampa hermética
- 2 esponjas retangulares amarelas
- 2 cordas sintéticas flutuantes, de 50m de comprimento cada
- 2 cordas sintéticas não flutuantes de comprimento não especificado, mas que tinham no mínimo uns trinta metros
- 2 kits de pesca com anzóis, linha e chumbo
- 2 arpões com ganchos farpados afiadíssimos
- 2 âncoras marítimas

- 2 machadinhas
- 2 coletores de água de chuva
- 2 canetas esferográficas pretas
- 1 rede de *nylon* para carga
- 1 sólida boia com um diâmetro interno de 40cm e externo de 80, ligada a uma corda
- 1 facão de caça, com um cabo resistente, uma ponta afilada e duas lâminas: uma delas bem afiada e a outra serrilhada; estava preso por um cordão comprido a uma argola dentro do armário
- 1 kit de costura com agulhas retas e curvas, e uma linha branca bem grossa
- 1 kit de primeiros socorros, num estojo plástico à prova de água
- 1 espelho de sinalização
- 1 pacote de cigarros chineses com filtro
- 1 barra grande de chocolate amargo
- 1 manual de sobrevivência
- 1 bússola
- 1 caderno com 98 páginas pautadas
- 1 garoto todo vestido com roupas leves, mas que tinha perdido um pé de sapato
- 1 hiena-malhada
- 1 tigre-de-bengala
- 1 bote salva-vidas
- 1 oceano
- 1 Deus

Comi ¼ da barra de chocolate. Examinei um dos coletores de água de chuva. Era um negócio que parecia um guarda-chuva de cabeça para baixo, com um saquinho de bom tamanho e um tubo de borracha para fazer a conexão.

Cruzei os braços diante do peito, por cima da boia, baixei a cabeça e caí no mais profundo sono.

CAPÍTULO 53

Dormi a manhã inteira. O que me acordou foi a ansiedade. Aquela avalanche de comida, água e descanso que percorreu o meu organismo enfraquecido, me dando uma nova chance de viver, também me deu forças para ver como a minha situação era desesperadora. Acordei para a realidade de Richard Parker. Havia um tigre ali no bote. Eu mal conseguia acreditar naquilo, embora soubesse que tinha de acreditar. E precisava me salvar.

Pensei em pular do bote e sair nadando, mas o meu corpo se recusava a se mexer. Eu estava a centenas de quilômetros de qualquer costa; talvez até a mais de mil. Não podia nadar tanto assim, nem mesmo com uma boia. O que ia comer? O que ia beber? Como conseguiria afastar os tubarões? Como me manter aquecido? Como saber em que direção nadar? Não havia sombra de dúvida: deixar o bote significava morrer. Mas e ficar ali? Ele ia se aproximar como um gato típico, sem barulho algum. Antes que eu pudesse perceber, ele ia me agarrar pela nuca ou pela garganta e me furar todinho com aquelas garras. Eu não conseguiria nem falar. O sangue da vida escorreria do meu corpo sem a marca das últimas palavras. Ou então ele ia me matar me esmigalhando com uma daquelas patas enormes, quebrando o meu pescoço.

— Vou morrer — balbuciei, com os lábios trêmulos.

A iminência da morte já é algo terrível, mais é ainda pior esperar por ela: um tempo em que toda a felicidade que já tivemos e toda a felicidade que poderíamos vir a ter se tornam claras para nós. Vemos com extrema lucidez tudo o que estamos perdendo. Essa visão traz consigo uma tristeza opressiva que nem se compara a um carro prestes a nos atropelar ou uma água prestes a nos afogar. É um sentimento efetivamente insuportável. As palavras *Pai, Mãe, Ravi, Índia, Winnipeg* me atingiam com uma intensidade lancinante.

Eu estava entregando os pontos. Teria entregado os pontos se não fosse uma voz que se fez ouvir no meu coração. Essa voz dizia: “Não vou morrer. Eu me recuso a morrer. Vou sobreviver a esse pesadelo. Vou vencer as adversidades, por maiores que elas sejam.

Consegui sobreviver esse tempo todo, milagrosamente. Agora, vou transformar o milagre em rotina. A cada dia, vão acontecer maravilhas. Vou me empenhar ao máximo para que isso aconteça. É isso mesmo, enquanto Deus estiver comigo, não vou morrer. Amém."

O meu rosto assumiu uma expressão severa e determinada. Modéstia à parte, foi ali que eu descobri que tinha uma vontade feroz de viver. Pela minha experiência, sei que isso não é algo evidente. Alguns de nós desistem de viver soltando apenas um suspiro resignado. Outros lutam um pouco, mas, depois, perdem a esperança. Outros ainda, e sou um destes, nunca desistem. Lutamos, lutamos, lutamos. Lutamos a despeito do preço que pagamos pela batalha, das perdas que sofremos, da improbabilidade da vitória. Lutamos até o fim. Não é uma questão de coragem. É algo da nossa constituição, uma incapacidade de abandonar. Pode perfeitamente ser apenas estupidez sedenta de vida.

Naquele exato momento Richard Parker começou a grunhir, como se estivesse esperando que eu me tornasse um adversário à sua altura. Senti um aperto de medo no peito.

— Depressa, homem, depressa — balbuciei, quase sem fôlego. Precisava organizar a minha sobrevivência. Não tinha um segundo a perder. Precisava arranjar um abrigo e imediatamente. Lembrei da plataforma que tinha criado com aquele remo. Mas, agora, a lona estava desenrolada lá na proa; não havia nada que pudesse manter o remo preso no lugar. E nada me garantia que ficar pendurado na ponta de um remo me desse uma segurança efetiva contra Richard Parker. Ele poderia chegar até lá com a maior facilidade e me agarrar. Tinha de encontrar outra solução. A minha cabeça estava funcionando a mil.

Fiz uma balsa. Os remos eram flutuantes, lembra? E eu tinha ainda os coletes salva-vidas e aquela boia bem resistente.

Prendendo a respiração, fechei o armário e estiquei o braço por baixo da lona para pegar os remos que estavam nos bancos laterais. Richard Parker percebeu. Eu o via atrás dos coletes. Cada vez que eu puxava um dos remos — e dá para imaginar com que cuidado —, ele fazia um movimento qualquer. Mas não se virou.

Consegui pegar três remos. Um outro já estava atravessado ali, em cima da lona. Levantei a tampa do armário para bloquear o espaço que dava para a toca de Richard Parker.

Tinha quatro remos flutuantes. Pus todos eles sobre a lona, em volta da boia. Agora, ela estava cercada pelos remos. A minha balsa parecia um jogo da velha com um “O” bem no meio, depois da primeira jogada.

Agora, vinha a parte perigosa. Precisava pegar os coletes. O grunhido de Richard Parker tinha se transformado num ronco profundo que fazia o ar estremecer. A hiena respondia com um ganido, um ganido meio trêmulo e esganiçado, um sinal evidente de que ia haver confusão.

Eu não tinha escolha. Precisava agir. Baixei a tampa novamente. Os coletes estavam ao alcance da minha mão. Alguns deles estavam encostados em Richard Parker. A hiena começou a gritar.

Estendi a mão para pegar o colete que estava mais perto. Foi difícil segurá-lo, pois a minha mão tremia muito. Consegui puxá-lo. Aparentemente, Richard Parker nem percebeu. Puxei mais um. E outro ainda. Parecia que eu ia desmaiar de medo. Estava tendo a maior dificuldade para respirar. Se for preciso, disse comigo mesmo, eu me atiro na água com esses coletes. Puxei mais um. O último. Agora, tinha quatro coletes salva-vidas.

Empurrando um remo de cada vez, consegui enfiar todos eles nas cavas dos coletes — entrando por uma delas, saindo pela outra —, para que ficassem presos aos quatro cantos da balsa. Depois, fechei bem cada colete.

Peguei uma das cordas flutuantes no armário. Com a faca, eu a cortei em quatro pedaços. Amarrei bem apertado os quatro remos nos pontos em que um cruzava com o outro. Ah, que bom ter tido uma instrução prática em termos de nós! Em cada canto, dei dez nós e, mesmo assim, tinha medo que os remos se soltassem. Trabalhei freneticamente, me xingando o tempo todo pela minha burrice. Um tigre a bordo e fiquei esperando três dias e três noites para pensar em salvar a minha vida!

Cortei mais quatro pedaços da corda e prendi a boia a cada lado do quadrado. Enfiei a corda da própria boia pelos coletes salva-vidas, contornando os remos e passando também pelo furo da boia

— e isso, em toda a volta da balsa. Mais uma precaução para evitar que ela se desmanchasse.

Agora, a hiena gritava altíssimo.

Faltava uma única coisa.

— Me dê tempo, meu Deus! — implorei.

Peguei o resto da corda flutuante. Havia um furo no bico da proa, perto da ponta. Passei a corda por ali e prendi bem. Bastava prender a outra ponta à balsa e eu estaria salvo.

A hiena se calou. O meu coração parou e, depois, triplicou a velocidade dos batimentos. Eu me virei.

— Jesus, Maria, Maomé e Vishnu!

O que vi vai permanecer na minha memória pelo resto da vida. Richard Parker tinha se levantado e aparecido. Não estava nem a cinco metros de mim. Ah, o tamanho daquele animal! O fim da hiena tinha chegado, e o meu também. Fiquei pregado onde estava, paralisado, fascinado pelo que se desenrolava diante dos meus olhos. Com a breve experiência que eu tinha em termos das relações entre animais selvagens soltos dentro de botes salva-vidas, fiquei na expectativa de muito barulho e muita reação quando chegasse a hora do derramamento de sangue. Mas tudo aconteceu praticamente em silêncio. A hiena morreu sem ganir ou gemer, e Richard Parker a matou sem um ruído que fosse. O carnívoro alaranjado surgiu, saindo de trás da lona, e foi se aproximando do outro animal. A hiena estava encostada no banco da popa, atrás da carcaça da zebra, estática. Nem tentou lutar. Tudo o que fez foi se encolher no chão, erguendo uma das patas dianteiras num gesto inútil de defesa. A expressão da sua cara era de terror. Uma pata maciça pousou nos seus ombros. As mandíbulas de Richard Parker se fecharam na lateral do pescoço da hiena. Os olhos vidrados do animal se esbugalharam. Ouviram-se uns estalos orgânicos quando a traqueia e a medula foram trituradas. A hiena se sacudiu. Os seus olhos ficaram baços. E pronto.

Richard Parker a soltou e rosnou. Mas foi um rosnado baixo; ao que parecia, privado e meio desanimado. Estava ofegante, com a língua pendurada para fora da boca. Lambeu as costelas. Sacudiu a cabeça. Cheirou a hiena morta. Ergueu a cabeça bem alto e farejou o ar. Pôs as patas no banco da popa e subiu. Tinha as patas bem

separadas. Era óbvio que o movimento do bote jogando, embora calmo, não era do seu agrado. Fitou o mar aberto além da amurada. Soltou um grunhido baixinho, cruel. Farejou o ar novamente. Devagarinho, virou a cabeça. Foi virando... virando... Virou completamente... até estar olhando direto para mim.

Adoraria conseguir descrever o que aconteceu a seguir, não a cena que vi, coisa que posso conseguir, mas o que senti na hora. De onde eu estava, via Richard Parker por um ângulo que o mostrava da forma mais imponente possível: de costas, meio erguido, com a cabeça virada. Aquela postura tinha um quê de pose, como se fosse uma exibição, mesmo que afetada, de uma perícia poderosa. E que perícia! Que poder! A sua presença era avassaladora, embora a sua graciosa agilidade fosse igualmente evidente. Ele era incrivelmente musculoso, mas com os ombros esguios e a pelagem luzidia pendendo frouxa sobre o corpo. Esse corpo, de um alaranjado-escuro bem vivo com aquelas listras verticais em preto, era incomparavelmente lindo, parecendo feito sob medida para combinar com o peito e toda a parte inferior branquíssimos e os anéis negros da cauda comprida. A cabeça era grande e redonda, exibindo formidáveis costeletas, uma barbicha impecável e um dos bigodes mais lindos do mundo felino, grossos, longos, brancos. No alto da cabeça, duas orelhinhas pequenas e expressivas, no formato de arcos perfeitos. A cara cor de cenoura tinha uma testa ampla e um focinho rosado completado por um faro dos mais aguçados. Umas pinceladas pretas contornavam aquela cara, formando um desenho vistoso, embora sutil, pois chamava menos a atenção para si mesmo do que para outra parte do rosto à qual aquelas marcas não chegavam, a testa, cujo brilho amarelado reluzia de um jeito quase fulgurante. As manchas brancas acima dos olhos, nas bochechas e em torno da boca se destacavam como últimos retoques dignos de uma dançarina Kathakali. O resultado era uma cara que parecia as asas de uma borboleta e tinha uma expressão vagamente antiga e chinesa. Quando, porém, os olhos cor de âmbar de Richard Parker encontraram os meus, o olhar foi intenso, frio e impassível, um olhar que nada tinha de fugaz ou de amistoso, e que expressava um autodomínio prestes a explodir em raiva. As suas orelhas se agitaram e giraram, dando uma volta

completa. Um dos lábios começou a subir e a descer. O canino amarelado que surgiu timidamente se revelou tão comprido quanto o maior dos meus dedos.

Cada pelo do meu corpo estava em pé, estremecendo de medo.

Foi então que apareceu o rato. Surgido do nada, um rato marrom, bem magricela, se materializou num dos bancos laterais, nervoso e ofegante. Richard Parker parecia tão surpreendido quanto eu. O rato pulou na lona e veio correndo na minha direção. Vendo aquilo, de susto e de espanto, as minhas pernas bambearam sob o meu corpo e praticamente caí dentro do armário. Diante dos meus olhos incrédulos, o roedor saltou por entre as diversas partes da balsa, pulou em cima de mim e trepou até o topo da minha cabeça, onde eu podia sentir aquelas garras miúdas arranhando o meu couro cabeludo, numa tentativa de se aferrar à vida tão preciosa.

Os olhos de Richard Parker o seguiram. Agora, estavam pregados na minha cabeça.

Ele completou o giro da cabeça com uma ligeira virada do corpo, movendo as patas dianteiras para o lado no banco lateral. Desceu para o chão do bote com uma facilidade impressionante. Dava para eu ver o topo da sua cabeça, as suas costas e o rabo comprido e enrolado. As orelhas estavam achatadas, coladas ao crânio. Em três passadas, estava no meio do bote. Sem qualquer esforço, a parte dianteira do seu corpo se ergueu no ar e as patas da frente pousaram na borda enrolada da lona.

Estava a menos de três metros de mim. Aquela cabeça, aquele peito, aquelas patas... tão grandes! Tão grandes! E os dentes... era um batalhão inteiro numa boca. Estava se preparando para pular em cima da lona. Eu estava prestes a morrer.

Mas não gostou nada da estranha maciez da lona. Pressionou-a com a pata, como que experimentando aquela superfície. Ergueu os olhos, aflito: estar assim tão exposto à luz e ao espaço aberto também não era nada agradável. E o balanço do bote continuava a deixá-lo desconfortável. Por um breve instante, Richard Parker estava hesitando.

Passei a mão no rato e o atirei na direção do animal. Ainda posso ver o bichinho voando pelo ar, com as garras à mostra e o rabo erguido, o seu saco miúdo e alongado, o furinho do ânus. Richard

Parker abriu a boca e, guinchando, o rato desapareceu ali dentro como uma bola de beisebol na luva de um pegador. Aquele rabinho pelado sumiu como um fio de espaguete sugado pela boca de alguém.

Richard Parker pareceu gostar da oferenda. Recuou e voltou para debaixo da lona. Instantaneamente, as minhas pernas recuperaram sua capacidade de funcionar. De um salto, ergui novamente a portinhola do armário para bloquear a brecha que ficava entre o banco da proa e a lona.

Ouvi umas fungadas bem altas e o barulho de um corpo sendo arrastado. Esse deslocamento fez o bote jogar um pouco. Comecei a ouvir o som de mastigação. Espiei por baixo da lona. Ele estava no meio do bote. Comia a hiena aos nacos, com a maior voracidade. Era uma chance que não aconteceria outra vez. Estendi a mão para pegar os coletes que restavam, seis ao todo, e o último remo. Com isso, a balsa ia ficar melhor. Senti um cheiro no ar. Não era o cheiro forte de mijo de gato. Era vômito. Tinha uma pocinha no chão. Devia ser de Richard Parker. Concluí que ele estava realmente enjoando no mar.

Prendi a corda comprida na balsa. Agora as duas embarcações estavam amarradas. Depois, prendi um colete de cada lado da balsa, na parte de baixo. Enfiei outro pelo buraco da boia, para funcionar como um assento. Com o último remo, fiz um apoio para os pés, amarrando-o num dos lados da balsa, a cerca de meio metro da boia, e prendi a ele o colete que tinha sobrado. Os meus dedos tremiam enquanto fazia esse trabalho, e a minha respiração estava curta e tensa. Verifiquei várias vezes os nós que tinha dado.

Olhei para o mar. Só umas grandes ondulações, bem tranquilas. Nada de espuma. O vento era brando e constante. Olhei para baixo. Vi uns peixes — uns grandes, com uma testa saltada e umas barbatanas dorsais bem compridas, os tais de *dourados*; outros menores, compridos e fininhos, que eu não conhecia, e uns ainda menores — e também tubarões.

Com cuidado, fui baixando a balsa. Se, por alguma razão, ela não flutuasse, eu estaria perdido. Mas, ao tocar a água, ela boiou que foi uma beleza. Na verdade, o poder de flutuação dos coletes era tamanho que os remos e a boia ficavam fora da água. Algo, porém,

me deixou desanimadíssimo. Assim que a balsa pousou no mar, os peixes debandaram, todos, exceto os tubarões. Esses ficaram ali. Uns três ou quatro. Um deles passou bem debaixo da minha embarcação. Richard Parker grunhiu.

Eu me senti um prisioneiro sendo empurrado da prancha por piratas.

Puxei a balsa para perto do bote, aproximando-a o máximo que as pontas dos remos permitiam. Me debrucei e pus as mãos na boia. Pelas “gretas” que havia no fundo da embarcação — seria mais acertado dizer fendas enormes — dava para ver as insondáveis profundezas do mar. Ouvi Richard Parker de novo. Pulei para a balsa e caí de barriga. Fiquei deitado ali, estatelado, sem mover um dedo sequer. Na minha cabeça, aquilo ia virar a qualquer momento. Ou um tubarão ia atacar, furando os coletes e quebrando os remos. Não aconteceu nem uma coisa, nem outra. A balsa afundou um pouco, oscilou, girou, com as pontas dos remos mergulhando na água, mas flutuou galhardamente. Os tubarões se aproximaram, mas não tocaram nela.

Senti um puxão bem de leve. A balsa girou. Ergui a cabeça. As duas embarcações já tinham se afastado tudo o que a corda permitia, uns doze metros. Estendida, a corda saiu da água e ficou balançando no ar. Era uma visão perturbadora. Eu tinha fugido do bote para salvar a minha vida. Agora, queria voltar. Essa história de balsa era precária demais. Bastava um tubarão morder a corda, um nó se desmanchar ou uma onda grande arrebentar em cima de mim, e pronto: eu estaria perdido. Comparado à balsa, o bote agora parecia um paraíso de conforto e segurança.

Com todo cuidado, tratei de me virar. Sentei. Até agora, a estabilidade era boa. O meu apoio para os pés cumpria o seu papel. Mas tudo ali era tão pequeno... Só dava para eu sentar, e mais nada. Essa balsa de brinquedo, essa minibalsa, essa microbalsa poderia funcionar para um laguinho, mas não para o oceano Pacífico. Peguei a corda e puxei. Quanto mais me aproximava do bote, mais devagar eu puxava. Quando cheguei bem perto, ouvi Richard Parker. Ele ainda estava comendo.

Hesitei por um bom tempo.

Fiquei na balsa. Não via o que mais poderia fazer. As minhas opções se limitavam a ficar encarapitado em algum lugar acima de um tigre ou ficar pairando sobre tubarões. Sabia perfeitamente como Richard Parker era perigoso. Por outro lado, os tubarões ainda não tinham dado provas de serem também. Verifiquei os nós que prendiam as duas embarcações. Soltei a corda até elas ficarem a uns nove metros uma da outra, uma distância que deixava mais ou menos equilibrados os meus dois medos: estar perto demais de Richard Parker e longe demais do bote. Enrolei o resto da corda, cerca de três metros, no remo que servia de apoio para os pés. Assim, poderia soltá-la facilmente em caso de necessidade.

O dia estava chegando ao fim. Começou a chover. Havia sido um dia nublado e quente. Agora, a temperatura tinha baixado, a chuva era constante e fria. À minha volta, umas gotas pesadas caíam ruidosas e abundantes, fazendo umas rodinhas na superfície do mar. Puxei a corda outra vez. Quando cheguei perto da proa, me virei, ficando de joelhos, e agarrei o bico do bote. Consegui me levantar e, com todo cuidado, espiei pela amurada. Não dava para vê-lo.

Mais que depressa, estiquei a mão para chegar ao armário. Peguei o coletor de chuva, um saco plástico de cinquenta litros, uma manta e o manual de sobrevivência. Bati a porta. Não pretendia batê-la, só queria fechá-la para proteger da chuva os meus preciosos bens, mas a portinhola escorregou da minha mão molhada. Foi um erro grave. Exatamente no momento em que revelava a Richard Parker a minha presença, tirando da frente o que tapava a sua visão, fiz o maior barulho para chamar a sua atenção. Ele estava agachado em cima da hiena. Virou a cabeça na mesma hora. Muitos animais detestam ser perturbados quando estão comendo. Richard Parker grunhiu. As suas garras se esticaram. A ponta do seu rabo se remexeu elétrica. Caí de volta na balsa e acho que foi tanto o terror quanto o vento e a correnteza que aumentaram a distância entre as duas embarcações tão depressa. Soltei a corda toda. Na minha cabeça, Richard Parker ia surgir de dentro do bote, voando pelo ar, com os dentes e as garras prontos para me atacar. Fiquei de olho no bote. Quanto mais olhava, mais aquela espera ia ficando insuportável.

Ele não apareceu.

Quando abri o coletor de chuva acima da cabeça e enfiei os pés no saco plástico, já estava encharcado até os ossos. E a manta também tinha se molhado quando eu caí na balsa. Mesmo assim, me enrolei nela.

Anoiteceu. Tudo o que me cercava desapareceu na mais profunda escuridão. Só os puxões regulares da corda me diziam que eu ainda estava preso ao bote. O mar, a poucos centímetros abaixo de mim, e, apesar disso, longe demais para os meus olhos alcançarem, açoitava a balsa. Furtivamente, dedos de água passavam pelas frestas e molhavam o meu traseiro.

CAPÍTULO 54

Choveu a noite toda. Foi horrível. Não consegui dormir nada. O barulho era grande. No coletor, a chuva parecia um tambor e, à minha volta, vindo da escuridão ali embaixo, o que se ouvia era um ruído sibilante, como se eu estivesse bem no meio de um ninho enorme de serpentes em fúria. Rajadas de vento mudavam a direção da chuva fazendo com que algumas partes de mim que já estavam mais quentinhas ficassem encharcadas novamente. Eu mudava a posição do coletor só para ter uma surpresa desagradável poucos minutos depois, quando o vento voltava a alterar a sua direção. Tentei manter um pedacinho de mim seco e aquecido, na altura do peito, onde eu tinha posto o manual de sobrevivência, mas a umidade se espalhava com uma determinação perversa. Passei a noite inteira tremendo de frio. O tempo todo, ficava preocupado achando que a balsa podia se desmanchar, que os nós que me prendiam ao bote podiam se soltar, que um tubarão vinha me atacar. Com as mãos, verificava a todo instante a condição dos nós e de todas as amarrações, tentando decifrá-las como um cego faz com a escrita em braile.

À medida que a noite avançava, a chuva foi ficando mais forte e o mar, mais agitado. A corda amarrada ao bote se retesava com solavancos, e não mais com puxões, e a balsa passou a jogar com mais intensidade e de um jeito mais irregular. Continuava flutuando, erguendo-se acima das ondas, mas ficava muito rente à água e cada onda que quebrava lambia a balsa inteira, me molhando todo, como um rio passando por cima de uma pedra. O mar estava mais quente que a chuva, o que não significa, porém, que algum pedacinho de mim tenha ficado seco aquela noite.

Pelo menos, bebi água. Na verdade, não estava exatamente com sede, mas me obriguei a beber. O coletor de chuva parecia um guarda-chuva invertido, um guarda-chuva que o vento tivesse virado ao contrário. A chuva escorria para o meio, onde havia um buraco. Esse buraco ficava ligado a um saco de plástico grosso e transparente por um tubo de borracha. No começo, a água tinha

gosto de borracha, no entanto, em pouco tempo, a chuva já tinha lavado o coletor e a água ficou ótima.

Durante essas horas intermináveis, frias e escuras, com o barulho da chuva invisível acabando por se tornar ensurdecedor, e o mar sibilando, se retorcendo e me empurrando para lá e para cá, só uma coisa me passava pela cabeça: Richard Parker. Bolei inúmeros planos para me livrar dele e poder ficar com o bote inteirinho para mim.

Plano número um: Empurrá-lo para fora do bote. Para quê? Mesmo que eu conseguisse empurrar pela amurada um bicho vivo e feroz, com mais de duzentos quilos, tigres são exímios nadadores. Na região dos Sundarbans, já aconteceu de alguns deles nadarem mais de oito quilômetros em mar aberto e encapelado. Ao se ver de repente no meio da água, Richard Parker simplesmente voltaria nadando, subiria de novo no bote e me faria pagar caro por aquela traição.

Plano número dois: Matá-lo, usando as seis seringas de morfina. Mas não tinha a menor ideia do efeito que isso produziria nele. Seria o suficiente para matá-lo? E como exatamente eu conseguiria injetar a morfina no organismo dele? Dava até para imaginar, remotamente, que eu pudesse surpreendê-lo uma vez, assim como aconteceu com a sua mãe quando ela foi capturada, mas surpreendê-lo pelo tempo necessário para lhe aplicar *seis injeções consecutivas*? Impossível! Tudo que eu ia conseguir espetando-o com uma agulha ia ser uma patada que arrancaria a minha cabeça fora.

Plano número três: Atacá-lo com todas as armas disponíveis. Ridículo. Eu não era Tarzan nem nada... Era apenas um serzinho vegetariano, fraco, insignificante. Na Índia, as pessoas montam em elefantes enormes e usam rifles possantes para matar tigres. O que eu poderia fazer naquele bote? Disparar um foguete de sinalização na cara dele? Atacá-lo com uma machadinha em cada mão e uma faca entre os dentes? Dar cabo dele com aquelas agulhas de costura retas e curvas? Se eu conseguisse lhe dar um corte que fosse, já seria um feito e tanto. Em contrapartida, ele me estraçalharia inteirinho, membro por membro, órgão por órgão.

Porque tem uma coisa mais perigosa que um animal saudável: um animal ferido.

Plano número quatro: Estrangulá-lo. Eu tinha corda. Se ficasse na proa, conseguisse esticá-la até a popa e fizesse um nó para passar no pescoço dele, poderia puxar a corda quando ele viesse me atacar. Assim, ao partir para cima de mim, ele próprio se estrangularia. Um plano esperto. Suicida.

Plano número cinco: Envenená-lo, Atear fogo nele, Eletrocutá-lo. Mas como? Com o quê?

Plano número seis: Travar uma guerra de atrito. Tudo o que eu tinha a fazer era deixar que as implacáveis leis da natureza se desencadeassem e estaria salvo. Esperar o desgaste natural de Richard Parker e a sua morte não exigiria esforço algum de mim. Eu tinha provisões para alguns meses. E ele, o que tinha? Só uns poucos bichos mortos que logo, logo teriam apodrecido. O que comeria então? Melhor ainda: onde conseguiria água? Sem comida, ele poderia durar semanas, mas nenhum animal, por mais forte que seja, sobrevive sem água por um período mais longo.

Dentro de mim, uma chamazinha de esperança se acendeu, como uma vela na noite. Eu tinha um plano e ele era bom. Só precisava sobreviver para botá-lo em prática.

CAPÍTULO 55

Chegou a aurora e as coisas só fizeram piorar. Porque, agora, surgindo da escuridão, dava para ver o que antes eu só podia sentir: as imensas cortinas de chuva desabando sobre mim, vindo lá das alturas, e as ondas que me encobriam e me pisoteavam uma após outra.

Com a visão turva, tremendo e entorpecido, uma das mãos segurando o coletor de chuva e a outra agarrada à balsa, continuei esperando.

Algum tempo depois, de um jeito inesperado que o silêncio que se seguiu só fez enfatizar, a chuva parou. O céu abriu e as ondas pareceram ir embora junto com as nuvens. A mudança foi tão rápida e radical quanto passar de um país a outro em terra firme. Agora, eu estava num oceano diferente. Logo o sol brilhava sozinho no céu e o mar era uma pele macia, refletindo aquela luz com um milhão de espelhos.

Eu estava todo duro, dolorido e exausto, nem sei se estava grato por continuar vivo. As palavras “Plano número seis, Plano número seis, Plano número seis” ficavam se repetindo na minha cabeça como um mantra e me trouxeram um pouquinho de consolo, embora eu não conseguisse lembrar, por mais que tentasse, que plano era esse. O calor começou a atingir os meus ossos. Fechei o coletor de chuva. Me enrolei na manta e deitei de lado, todo encolhido, para que nem uma parte de mim encostasse na água. Peguei no sono. Não sei por quanto tempo dormi. A manhã já ia avançada quando acordei, e fazia calor. A manta estava praticamente seca. Por um breve período, eu tinha dormido um sono profundo. Levantei o tronco, me apoiando num cotovelo.

Ao meu redor, apenas uma superfície plana e infinita, um infinito panorama em azul. Nada encobria a minha visão. Aquela imensidão me atingiu como um soco no estômago. Deitei de novo, sem fôlego. A balsa era um brinquedinho. Não passava de umas varetas e um pedaço de cortiça amarrados com barbante. Entrava água por todas as brechas. A profundidade que havia debaixo dela era capaz de

deixar um pássaro estonteado. Avistei o bote. Não parecia maior que a metade de uma noz. Mantinha-se na superfície da água como dedos que se agarram à borda de um penhasco. Era só uma questão de tempo até a gravidade puxá-lo para o fundo.

Agora, também podia ver o meu companheiro de naufrágio. Ele se ergueu na amurada e olhou na minha direção. Seja onde for, o surgimento súbito de um tigre é impressionante; aqui, porém, muito mais que em qualquer outro lugar. O estranho contraste entre o alaranjado vivo, brilhante e listrado da sua pelagem e o branco inerte do casco do bote era incrivelmente irresistível. Os meus sentidos agitadíssimos deram uma freada brusca. Por mais vasto que fosse o Pacífico à nossa volta, de repente parecia que, entre nós, só havia um fosso estreito sem a proteção de qualquer muro ou grade.

"Plano número seis, Plano número seis, Plano número seis", sussurrava a minha mente em tom de urgência. Mas o que *era* o Plano número seis? Ah, claro! A guerra de atrito. O jogo da espera. Passividade. Deixar as coisas acontecerem. As implacáveis leis da natureza. A marcha inexorável do tempo e o esgotamento dos recursos. Era esse o Plano número seis.

Uma ideia soou na minha cabeça como um grito furioso: "Seu bobo! Seu idiota! Seu burro! Seu babuíno desmiolado! *O Plano número seis é o pior de todos!* Nesse exato momento, Richard Parker está com medo do mar. Aquele quase foi o seu túmulo. Mas, enlouquecido de sede e de fome, ele vai superar esse medo e fazer o que for preciso para saciar as suas necessidades. Vai transformar esse fosso numa verdadeira ponte. Vai nadar o mais depressa que puder para alcançar essa balsa e a comida que está nela. Quanto à água, esqueceu que os tigres dos Sundarbans são famosos por beberem água salgada? Acha mesmo que pode aguentar mais tempo que os rins dele? Ouça bem: se travar com ele uma guerra de atrito, vai perder! Vai *morrer*! Entendeu bem?"

CAPÍTULO 56

Preciso dizer uma coisa sobre o medo. Ele é o único adversário efetivo da vida. Só o medo pode derrotá-la. É um adversário traiçoeiro, esperto... Como eu sei disso! Não tem nenhuma decência, não respeita leis nem convenções, não tem dó nem piedade. Procura o nosso ponto mais fraco e o encontra com a maior facilidade. Começa pela mente, sempre. Num momento, estamos nos sentindo calmos, confiantes, contentes. Aí o medo, disfarçado sob a capa de uma ligeira dúvida, se infiltra na nossa mente como um espião. A dúvida vai ao encontro do descrédito e o descrédito tenta expulsá-la dali. Mas ele não passa de um soldado de infantaria com armamento deplorável. Sem maiores problemas, a dúvida consegue vencê-lo. Começamos a ficar ansiosos. A razão entra em cena para lutar por nós. Ficamos mais tranquilos. Afinal, ela está inteiramente equipada com armamentos da mais avançada tecnologia. Mas, para nossa surpresa, apesar da superioridade das suas táticas e de uma quantidade inegável de vitórias, a razão é derrotada. Nós nos sentimos enfraquecidos, hesitantes. A nossa ansiedade se transforma em pavor.

O medo, então, se concentra inteiramente no nosso corpo, que já está sabendo que algo terrível vai acontecer. Os nossos pulmões já bateram asas como um pássaro e as nossas entranhas foram embora se esgueirando como uma cobra. Agora, a nossa língua cai morta como um gambá, enquanto as nossas mandíbulas começam a galopar sem sair do lugar. Os nossos ouvidos ficam surdos. Os nossos músculos começam a estremecer como num ataque de malária e os nossos joelhos chocalham como se estivessem dançando. O nosso coração fica apertadíssimo ao passo que o nosso esfíncter relaxa demais. E assim por diante, com todo o resto do nosso corpo. Cada parte de nós, a seu modo, entra em colapso. Só os nossos olhos continuam funcionando bem. Eles sempre dão a devida atenção ao medo.

Bem depressa, tomamos decisões precipitadas. Abandonamos os nossos últimos aliados: a esperança e a confiança. E pronto! Nós

mesmos nos derrotamos. O medo, que não passa de uma impressão, acabou de nos vencer.

É uma questão difícil de expressar com palavras. Pois o medo, o medo de verdade, aquele que abala até mesmo os nossos alicerces, aquele que sentimos quando nos vemos cara a cara com o nosso fim mortal, se instala na nossa memória como uma gangrena: trata de estragar tudo, até mesmo as palavras que usamos para falar dele. Portanto, é preciso um esforço enorme para expressá-lo. Temos de lutar bravamente para lançar a luz das palavras sobre ele. Porque, se não fizermos isso, se o nosso medo se tornar uma escuridão indescritível que evitamos a todo custo, algo que talvez até possamos esquecer, estaremos abrindo a guarda para sofrer novos ataques, já que nunca enfrentamos para valer o adversário que nos derrotou.

CAPÍTULO 57

Foi Richard Parker que me acalmou. A ironia dessa história é que justo aquele que, no começo, me apavorava loucamente acabou sendo quem me trouxe paz, algum sentido para a vida e, diria até, completude.

Ele estava me olhando fixo. Depois de alguns instantes, reconheci aquele olhar. Nós dois crescemos juntos. Era o animal satisfeito, olhando para fora da jaula ou do cercado, do mesmo jeito que você ou eu, à mesa de um restaurante, depois de uma boa refeição, quando chegou a hora de conversar e de olhar as pessoas que passam por ali. Era evidente que Richard Parker tinha se fartado com a hiena e bebido toda água de chuva que quis. Os lábios não estavam subindo e descendo, os dentes não estavam à mostra, não se ouvia nenhum grunhido ou rosnado. Ele estava simplesmente olhando, me observando, de uma forma imponente, mas não ameaçadora. Ficava o tempo todo virando as orelhas e variando o girar da cabeça. Tudo aquilo era tão... bom... tão *gato*. Richard Parker parecia um gato doméstico, grande, bonito e gordo; um gatão de mais de duzentos quilos.

De repente, emitiu um som, uma fungadela, pelas narinas. Fiquei de orelha em pé. Ele fez de novo. Eu não conseguia acreditar no que ouvia. Seria o tal *prusten*?

Os tigres fazem uma grande variedade de sons. Entre eles, alguns rugidos e grunhidos, sendo que o mais alto de todos é provavelmente o *aaonh*, bem gutural, emitido em geral durante o período de acasalamento por machos e fêmeas no cio. É um grito de um incrível alcance e absolutamente apavorante quando ouvido de perto. Eles fazem um *uuuf* quando são apanhados de surpresa, uma breve detonação de fúria que fará as suas pernas pularem instantaneamente e saírem correndo, se não ficarem pregadas no chão. Quando atacam, emitem uns rugidos roucos e ásperos. O grunhido que usam para ameaçar é gutural, mas de um outro tipo. Eles também sibilam e rosnam, ruídos que, dependendo da emoção que os provoca, podem soar como folhas de outono caindo no chão,

com mais ressonância, ou, no caso do rosnado furioso, pode parecer uma porta gigantesca com dobradiças enferrujadas se abrindo bem devagar — ambos são de dar um frio na espinha. Mas os tigres fazem ainda outros sons. Podem grunhir e gemer. Podem ronronar, embora não de forma tão melodiosa ou tão frequente como os gatinhos, e isso só acontece nas exalações. (Só gatinhos ronronam tanto inspirando quanto expirando. Essa é uma das características que distinguem os grandes dos pequenos felinos. Outra delas é que só os grandes são capazes de rugir. O que é muito bom. Acho que a popularidade dos gatos domésticos ia despencar de uma hora para outra se filhotinhos dessem para rugir quando alguma coisa os desagradasse.) Os tigres até miam, com uma inflexão semelhante à dos gatos domésticos, só que mais alto e num tom mais profundo, nada convidativo para que alguém se abaixe e os pegue no colo. E eles também podem ficar absoluta e majestosamente silenciosos.

Cresci ouvindo todos esses sons, exceto esse tal de *prusten*. Sabia que existia porque o meu pai tinha me dito. Ele havia lido descrições desse ruído na literatura especializada. Mas só o tinha ouvido uma vez, quando visitou o hospital veterinário do zoológico de Mysore: quem fez esse barulho foi um jovem macho que estava sendo tratado de uma pneumonia. O *prusten* é o som mais baixinho que os tigres fazem, um bufar pelo nariz expressando uma disposição amistosa e demonstrando que eles não têm a mínima intenção de fazer mal a quem quer que seja.

Richard Parker fez de novo, desta vez acompanhando o ruído de um movimento da cabeça. Parecia direitinho que estava me fazendo uma pergunta.

Olhei para ele, tomado por um encantamento temeroso. Mas, já que não havia nenhuma ameaça imediata, a minha respiração foi se aquietando, o meu coração parou de pular dentro do peito e comecei a recuperar o uso dos sentidos.

Eu precisava domá-lo. Foi nesse instante que me dei conta de tal necessidade. Não era uma questão de ele ou eu, mas sim de ele *e* eu. No sentido próprio e no figurado, estávamos no mesmo barco. Íamos viver — ou morrer — juntos. Ele poderia morrer num acidente ou simplesmente por causas naturais, mas seria bobagem contar

com essa possibilidade. Era mais provável que o pior acontecesse: a simples passagem do tempo, quando o seu vigor animal tinha muito mais chances de resistir que a minha fragilidade humana. Só domando-o eu teria condições de enganá-lo, levando-o a morrer primeiro, se fosse mesmo necessário chegar a esse desfecho lamentável.

Tem mais uma coisinha, porém, que preciso confessar. Vou lhe contar um segredo: parte de mim estava feliz com a presença de Richard Parker. Parte de mim não queria absolutamente vê-lo morrer porque, se isso acontecesse, eu ficaria sozinho com o desespero, um adversário muito mais assustador que um tigre. Se ainda tinha vontade de viver era graças a Richard Parker. Ele me impedia de ficar pensando demais na minha família e nas trágicas circunstâncias em que me encontrava. Ele me empurrava para continuar vivendo. Eu o odiava por isso, mas, ao mesmo tempo, lhe era extremamente grato. Na verdade lhe *sou* grato. Essa é a pura verdade: sem Richard Parker, hoje eu não estaria vivo para lhe contar a minha história.

Dei uma olhada para o horizonte. Eu não tinha um picadeiro perfeito, do qual não se podia escapar, sem um único cantinho onde Richard Parker pudesse se esconder? Olhei para o mar. Aquilo não era uma fonte ideal de guloseimas que poderia usar para condicioná-lo a obedecer? Reparei num dos apitos presos a um colete salva-vidas. Será que não daria um chicote perfeito para mantê-lo na linha? O que faltava para eu domar Richard Parker? Tempo? Várias semanas podiam se passar até que um navio enfim me avistasse. Eu tinha todo o tempo do mundo. Determinação? Nada como a extrema necessidade para nos dar determinação. Conhecimento? Mas eu não era filho do dono de um zoológico? Compensação? Existe alguma compensação maior que a vida? Algum castigo pior que a morte? Olhei para Richard Parker. O meu pânico havia desaparecido. O meu medo tinha sido dominado. A sobrevivência estava ao meu alcance.

Que soem as trombetas! Que rufem os tambores! O show vai começar! Fiquei de pé. Richard Parker percebeu. Não era fácil me equilibrar ali. Respirei fundo e gritei:

— Senhoras e senhores, meninos e meninas, ocupem os seus lugares! E rápido! Andem, andem! Não vão querer se atrasar. Sentem-se, abram bem os olhos, abram o coração e preparem-se para ver algo espantoso. Eis aqui, para a sua diversão e para a sua instrução; para a sua gratificação e para a sua edificação, o espetáculo que vêm desejando ver a vida inteira, o maior espetáculo da terra! Estão preparados para esse milagre? Estão? Pois então, eles são incrivelmente adaptáveis. Vocês já os viram nas florestas temperadas geladas e cobertas de neve. Já os viram nas densas selvas tropicais das monções. Já os viram em regiões isoladas e semiáridas. Já os viram em manguezais salobros. Na verdade, eles se adaptam a qualquer lugar. Mas vocês nunca os viram onde vão ver agora! Senhoras e senhores, meninos e meninas, sem retardar mais o espetáculo, tenho o prazer e a honra de lhes apresentar o grande circo flutuante indo-canadense e transpacífico Pi Pateeeeellllll!!! Triiii! Triii! Triii! Triii! Triii!

Tudo aquilo produziu efeito sobre Richard Parker. Ao primeiro som do apito, ele recuou e rosnou. Haha! Que pule na água se quiser! Que experimente!

— Triiiiiiii! Triiiiiii! Triiiiiiii! Triiiiii! Triiiiii!

Ele soltou um rugido e deu uma patada no ar. Mas não pulou. Não ficaria com medo do mar se estivesse enlouquecido de fome e de sede, mas, por enquanto, essa era uma reação esperável.

— Triiiii! Triiiiii! Triiiiiiii! Triiiiiii! Triiiiiiii!

Richard Parker recuou ainda mais e se atirou no fundo do bote. A primeira sessão de adestramento estava terminada. E tinha sido um sucesso estrondoso. Parei de apitar e me deixei cair na balsa, sem fôlego e exausto.

Foi assim que surgiu o:

Plano número sete: Mantê-lo vivo.

CAPÍTULO 58

Peguei o manual de sobrevivência. As páginas ainda estavam molhadas. Tive de virá-las com cuidado. O autor era um comandante da Marinha Real Britânica. O livreto continha uma profusão de informações práticas para a sobrevivência no mar depois de um naufrágio. Havia inclusive dicas do tipo:

- Leia sempre as instruções atentamente.
- Não beba urina. Nem água do mar. Nem sangue de pássaros.
- Não coma águas-vivas. Ou peixes que tenham espinhos. Nem os que têm um bico semelhante ao dos papagaios. Ou os que inflam como balões.
- Apertando-se os olhos de um peixe consegue-se paralisá-lo.
- O corpo pode ser um herói em combate. Se houver algum náufrago ferido, cuidado com tratamentos médicos bem-intencionados, mas equivocados. A ignorância é o pior de todos os médicos; já repouso e sono são as melhores enfermeiras.
- De hora em hora, ponha os pés para o alto por cinco minutos pelo menos.
- Qualquer esforço desnecessário deve ser evitado. Mas uma mente ociosa tende a se deprimir, portanto, é preciso mantê-la ocupada com algum tipo de distração leve que possa se apresentar. Jogos de cartas ou jogos de salão são excelentes formas para uma recreação simples. Entoar cantigas comunitárias também é uma atividade perfeita para elevar os ânimos. Recomenda-se ainda efusivamente a contação de histórias.
- As águas verdes são mais rasas que as azuis.
- Cuidado com as nuvens isoladas que parecem montanhas. Procure o verde. Em última instância, o pé é o único meio garantido de se identificar terra firme.
- Não nade. É desperdício de energia. Além do mais, uma embarcação de resgate se desloca mais depressa que alguém

nadando. E isso, sem contar com os perigos do mar. Se estiver com calor, prefira molhar as suas roupas.
- Não urine nas roupas. O calor momentâneo não compensa se comparado às assaduras.
- Abrigue-se. Ficar exposto ao tempo pode matar mais depressa que a sede ou a fome.
- Desde que não haja perda excessiva de água pela transpiração, o corpo pode sobreviver até quatorze dias sem água. Se sentir sede, chupe um botão.
- As tartarugas são uma presa fácil e dão uma excelente refeição. O seu sangue é uma bebida boa, saudável e sem sal; a sua carne é saborosa e dá sensação de saciedade; a sua gordura tem várias utilidades; e o náufrago vai achar os ovos de tartaruga um verdadeiro manjar. Cuidado com o bico e as garras desses animais.
- Não deixe o seu moral esmorecer. Mesmo que se sinta desencorajado, nunca se sinta derrotado. Lembre-se: acima de tudo o mais, o ânimo é que conta. Se tiver vontade de viver, viverá. Boa sorte!

Havia também algumas linhas altamente indecifráveis sobre a arte e a ciência da navegação. Aprendi que o horizonte, visto de uma altura de um metro e meio num dia tranquilo, fica a uns cinco quilômetros de distância.

A recomendação de não beber urina era, na verdade, desnecessária. Ninguém que passou a infância tendo o seu nome associado à ideia de *mijar* seria apanhado levando um copinho de xixi à boca, nem mesmo num bote em pleno Pacífico. E as sugestões gastronômicas só serviram para confirmar a ideia que eu já tinha: os ingleses desconhecem o sentido da palavra *comida*. No mais, o manual era um panfleto fascinante sobre como evitar virar uma conserva em salmoura. Só um tópico importante não tinha sido tratado: como estabelecer uma relação alfa-ômega com um predador de peso, dentro de um bote salva-vidas.

Eu tinha que bolar um programa de treinamento para Richard Parker. Precisava fazê-lo entender que eu era o tigre dominante e

que o seu território se limitava ao chão do bote, o banco da popa e os laterais até o meio da embarcação. Tinha de fazê-lo gravar que o espaço em cima da lona e a proa do barco, até a faixa neutra representada pelo banco do meio, era o *meu* território, lugar expressamente proibido para ele.

Logo, logo precisava começar a pescar. Richard Parker não tardaria a dar cabo das carcaças dos animais. No zoológico, os leões e tigres adultos comem, em média, quatro quilos e meio de carne por dia.

Havia ainda muitas outras coisas que eu precisava fazer. Arranjar um jeito de me abrigar. Se Richard Parker ficava o tempo todo debaixo da lona era por um bom motivo. Estar continuamente ao ar livre, exposto ao sol, ao vento, à chuva e ao mar, era exaustivo, e não só para o corpo, para a mente também. Eu não tinha lido ainda agorinha mesmo que a exposição ao tempo pode provocar uma morte rápida? Precisava arranjar alguma espécie de toldo.

Tinha de amarrar a balsa ao bote com uma segunda corda, para o caso de a primeira arrebentar ou se soltar.

Tinha de aperfeiçoar aquela balsa. Atualmente, ela resistia ao mar, mas era praticamente inabitável. Precisava dar um jeito de fazer dela um lugar onde eu pudesse morar até poder me mudar para os meus aposentos definitivos no bote. Por exemplo, tinha de haver, ali, um cantinho onde eu pudesse me manter seco. A minha pele estava toda enrugada e inchada de ficar o tempo todo molhada. As coisas não podiam continuar assim. E eu precisava também arranjar um lugar para estocar coisas dentro dela.

Precisava parar de ter tanta esperança que um navio viesse me salvar. Não podia ficar contando com ajuda alheia. A sobrevivência tinha de começar por mim. A experiência me ensinou que o pior erro de um náufrago é ter esperanças de mais e agir de menos. O primeiro passo para sobreviver é prestar atenção ao que está por perto, à mão, às coisas imediatas. Ficar olhando para fora, sem fazer nada, é a mesma coisa que passar a vida inteira só sonhando.

E eu tinha muito que fazer.

Olhei para o horizonte vazio. Havia tanta água por todo lado... E eu estava absolutamente só. Absolutamente só.

Comecei a chorar. Enfiei o rosto entre os braços cruzados e solucei. A minha situação era visivelmente desesperadora.

CAPÍTULO 59

Sozinho ou não, perdido ou não, eu estava com fome e com sede. Puxei a corda. Senti uma leve tensão. Assim que soltei um pouco, ela escorregou e a distância entre a balsa e o bote aumentou. Portanto, o barco estava indo mais depressa, puxando consigo a balsa. Percebi esse detalhe sem pensar nada a respeito. A minha cabeça estava mais concentrada nas tarefas relativas a Richard Parker.

Ao que parecia, ele estava debaixo da lona.

Puxei a corda até me ver perto da proa. Estendi a mão para segurar a amurada. Quando estava agachado, me preparando para uma rápida incursão no armário, uma série de ondas me fez ver uma coisa. Reparei que, com a balsa ali perto, o bote tinha mudado de direção. Já não estava mais em posição perpendicular às ondas, mas de lado para elas, e começava a jogar para lá e para cá. Esse balanço era tão desconfortável para o estômago... Logo percebi claramente o motivo de tal mudança: quando a balsa ficava mais solta funcionava como uma âncora, uma amarra que puxava o bote, deixando a sua proa virada para as ondas. As ondas e os ventos constantes são normalmente perpendiculares entre si. Portanto, se um barco for empurrado por um vento, mas estiver preso a uma âncora, vai se virar até o ponto em que oferece menos resistência ao vento, ou seja, até se alinhar a ele, formando um ângulo reto com relação às ondas. Isso produz uma ondulação de proa a popa, o que é muito mais confortável que o balanço de um lado para outro. Estando ali perto, a balsa deixava de exercer o efeito de amarra e não havia nada que fizesse o barco virar de frente para o vento. Ele, então, virou de lado e começou a jogar.

O que pode lhe parecer um mero detalhe foi algo que acabou salvando a minha vida e que Richard Parker viria a lamentar.

Como que confirmando o que eu tinha acabado de perceber, ele grunhiu. Era um grunhido desolado, num tom que tinha um quê meio indefinível de mal-estar e de enjoo. Talvez ele fosse um bom nadador, mas não levava jeito para marinheiro.

Ainda me restava uma chance.

Se eu estivesse confiante demais na minha capacidade de manipulá-lo, naquele instante, recebi um aviso discreto, mas sinistro sobre o que exatamente estava enfrentando. Richard Parker parecia ser um tamanho polo magnético de vida, uma criatura tão carismática na sua vitalidade que outras formas de vida o achavam intolerável. Eu estava dando impulso para subir no bote quando ouvi um barulhinho rascante. Vi algo pequeno cair na água perto de mim.

Era uma barata. Ela boiou por um ou dois segundos até ser engolida por uma boca submersa. Outra barata caiu na água. Em cerca de um minuto, umas dez baratas foram caindo no mar, de ambos os lados da embarcação. E todas foram abocanhadas por um peixe qualquer.

A última das formas de vida estrangeira estava abandonando o barco.

Com toda cautela, espiei por cima da amurada. A primeira coisa que vi, numa dobra da lona, em cima do banco da proa, foi uma barata bem grande, talvez a matriarca daquele clã. Fiquei olhando para ela, estranhamente interessado. Quando ela decidiu que já era hora, abriu as asas, ergueu-se no ar com um barulhinho discreto, pairou por um instante acima do bote, como que verificando se ninguém tinha ficado para trás, e mergulhou para a morte.

Agora, éramos só nós dois. Em cinco dias, a população de orangotangos, zebras, hienas, ratos, moscas e baratas tinha sido despachada. Sem contar com as bactérias e vermes que ainda deviam estar vivos nos restos dos animais, não havia nenhuma outra forma de vida naquele barco, a não ser Richard Parker e eu.

Não era exatamente uma ideia reconfortante.

Dei impulso, afinal, e, ofegante, abri a portinhola do armário. Deliberadamente, evitei olhar debaixo da lona temendo que olhar pudesse ser como gritar e chamasse a atenção de Richard Parker. Só depois que a porta já estava encostada na lona, ousei permitir que os meus sentidos considerassem o que estava ali do outro lado.

Senti algo no ar, era um fedor almiscarado de urina, bem ativo; o cheiro que têm todas as jaulas de felinos num zoológico. Tigres são altamente ligados a territórios e é com urina que marcam as fronteiras desses espaços. Para mim, aquilo era uma boa notícia

sob a capa do fedor: o cheiro vinha exclusivamente da parte coberta pela lona. O território demarcado por Richard Parker parecia se limitar ao chão do barco. O que era bastante promissor. Se eu pudesse estabelecer que a lona era o meu próprio território, a convivência seria possível.

Prendi a respiração, baixei a cabeça e a inclinei para o lado tentando ver o que estava por trás da portinhola. Havia ali uma poça de água de chuva, de uns dez centímetros, ondulando no piso da embarcação — o tanque de água fresca de Richard Parker. Ele estava fazendo exatamente o que eu faria se estivesse no seu lugar: se refrescando à sombra. Estava começando a fazer um calor danado. Richard Parker estava deitado, de costas para mim, com as patas traseiras esticadas para trás e bem abertas, as garras voltadas para cima, e a barriga e partes íntimas encostadas no chão. Parecia uma pose meio idiota, mas era sem dúvida bem agradável.

Voltei às minhas tarefas de sobrevivência. Abri um pacote de ração e comi cerca de um terço do seu conteúdo. Era impressionante ver como bastava um pouquinho daquilo para eu me sentir de barriga cheia. Quando ia beber água da chuva do saco do coletor, que estava pendurado no meu ombro, vi as canecas graduadas. Se não dava para eu mergulhar ali dentro, será que daria ao menos para tomar um golinho? O meu suprimento de água não ia durar para sempre. Peguei uma delas, me debrucei um pouco, baixei a portinhola apenas o mínimo necessário e, trêmulo, mergulhei a caneca no “laguinho” de Parker, a menos de dois metros das suas patas traseiras. Aquelas almofadinhas viradas para cima, no meio do pelo molhado, pareciam umas ilhazinhas desertas cercadas de algas marinhas.

Consegui pegar uns bons quinhentos mililitros. Era um pouco descorado e tinha uns ciscos boiando ali dentro. Quer saber se tive medo de engolir alguma bactéria terrível? Essa ideia nem me passou pela cabeça. Eu só pensava mesmo era na minha sede. Bebi até a última gota, satisfeito da vida.

A natureza sempre se preocupa com o equilíbrio, portanto, não estranhei que quase de imediato tenha me dado vontade de urinar. Fiz dentro da caneca. A quantidade foi praticamente tão idêntica à

que eu tinha tomado que, se não tivesse se passado um minuto, pareceria até que eu ainda estava observando a água da chuva que peguei de Richard Parker. Hesitei. Tive uma vontade louca de levar a caneca à boca novamente. Resisti à tentação. Mas foi difícil. Que se danem as gozações, mas a minha urina tinha uma aparência deliciosa! Como eu ainda não estava sofrendo de desidratação, era um líquido clarinho que reluzia ao sol como um copo de suco de maçã. E eu tinha certeza de que era fresco, coisa que por certo não poderia dizer da água enlatada do meu estoque. Mas ouvi a voz da razão. Despejei a urina na lona e na portinhola do armário para demarcar o meu território.

Roubei mais duas canecas de água de Richard Parker, desta vez, sem urinar. Estava me sentindo tão recém-aguado quanto uma planta num vaso.

Agora, tinha de melhorar a minha situação. Voltei a atenção para o conteúdo daquele armário e as várias promessas que ele encerrava.

Peguei uma outra corda, que usei para amarrar a balsa ao bote.

Descobri o que é um destilador solar. É um instrumento para transformar água salgada em água potável. Trata-se de um cone transparente inflável instalado numa câmara flutuante redonda, que parecia até uma boia, com uma lona preta emborrachada bem esticada no meio. O aparelhinho funciona segundo o princípio da destilação: debaixo do cone preso à lona preta, a água do mar é aquecida pelo sol e evapora, se acumulando na superfície do tal cone. Essa água, já sem sal, vai gotejando por uma canaleta que fica nas bordas do cone e é recolhida num saquinho. O bote salva-vidas estava equipado com doze desses destiladores. Li as instruções com todo cuidado, como mandava o manual de sobrevivência. Enchi os doze cones de ar e cada uma das câmaras flutuantes com os dez litros de água salgada que eles recomendavam. Prendi todos a uma corda e amarrei aquela fileirinha pelas duas pontas, uma no barco, outra na balsa, o que significava que, não apenas eu não ia perder nenhum dos destiladores se, por acaso, um dos meus nós se soltasse, mas também que, agora, tinha uma segunda corda de emergência me ligando ao bote salva-vidas. Boiando ali na água, eles ficaram

bonitinhos e tinham um ar de tecnologia, mas também pareciam frágeis e duvidei da sua capacidade de produzir água potável.

Decidi me dedicar ao aprimoramento da balsa. Verifiquei cada nó da sua estrutura, para ter certeza de que estavam bem firmes e seguros. Depois de alguma reflexão, resolvi transformar o quinto remo, o que servia de apoio para os pés, numa espécie de mastro. Soltei o remo. Com a lâmina serrilhada da faca de caça, consegui, a duras penas, fazer um furo nele, mais ou menos no meio da parte inferior. E com a ponta da faca abri três furinhos na parte achatada. Foi um trabalho demorado, mas satisfatório. Ajudou a manter a minha mente ocupada. Quando terminei, enfiei o remo, em posição vertical, num dos cantos da balsa, com a parte achatada se erguendo no ar e o cabo desaparecendo dentro da água. Passei a corda pelo furo que fiz, esticando bastante para evitar que o remo escorregasse. Em seguida, para que ele ficasse em pé e também para ter onde prender um toldo ou pendurar suprimentos, enfiei umas cordas pelos buracos que eu tinha aberto no topo do meu mastro e amarrei todas elas nas pontas dos remos horizontais. Peguei então o colete salva-vidas que, antes, estava preso ao apoio para os pés e o amarrei à base do mastro. Ali, ele desempenharia duas funções: aumentaria o poder de flutuação, compensando o peso vertical do mastro, e serviria de banquinho, um lugar ligeiramente mais elevado, para eu sentar.

Joguei a manta em cima das cordas. Ela escorregou e caiu. O ângulo estava acentuado demais. Dobrei a manta ao meio, no sentido do comprimento, fiz dois furos a uns trinta centímetros de distância um do outro e enfiei ali um barbante que consegui desfiando um pedaço de corda. Mais uma vez, atirei a manta em cima das cordas, passando a alça de barbante pelo topo do mastro. E pronto: agora, eu tinha um toldo.

Levei boa parte do dia trabalhando na balsa. Precisava cuidar de tantos detalhes... O movimento constante do mar, embora suave, não facilitava muito o meu trabalho. E eu tinha de ficar de olho em Richard Parker. O resultado não foi nenhum galeão. O tal do mastro acabava uns poucos centímetros acima da minha cabeça. Já o convés só tinha espaço para eu me sentar com as pernas cruzadas ou me deitar bem encolhido, em posição fetal de final de gravidez.

Mas não tinha do que reclamar. A balsa resistia ao mar e me salvaria de Richard Parker.

Quando terminei as minhas tarefas, a tarde estava quase acabando. Peguei uma lata de água, um abridor, quatro biscoitos da ração de sobrevivência e quatro mantas. Fechei o armário (desta vez, bem devagarinho), sentei na balsa e soltei a corda. O bote foi se afastando. A corda principal ficou toda esticada, mas a de segurança, que eu tinha cortado um pouco maior deliberadamente, continuou a pender frouxa. Pus duas mantas debaixo de mim, tendo o cuidado de dobrá-las para que não encostassem na água. Enrolei as outras duas nos ombros e me recostei no mastro. Gostei daquela ligeira elevação que consegui sentando no colete extra. Não fiquei mais afastado da água do que alguém ficaria do chão se sentasse numa almofada fininha; mesmo assim, tinha esperanças de não me molhar muito.

Fiz a minha refeição com o maior prazer, vendo o sol baixar num céu sem nenhuma nuvem. Foi um momento relaxante. A abóbada do mundo estava com uma coloração magnífica. As estrelas estavam ansiosas para participar; bastou que aquela manta colorida se afastasse um pouco para elas começarem a brilhar no azul profundo. Havia uma ligeira brisa quentinha e o mar se remexia brando, com as águas subindo e descendo como pessoas que, dançando em roda, se aproximam e erguem as mãos, e, depois, voltam a se afastar e a se aproximar de novo, repetidas vezes.

Richard Parker se sentou. Só dava para ver a cabeça dele e parte dos seus ombros por cima da amurada. Olhou para o mar.

— Olá, Richard Parker! — gritei, acenando.

Ele olhou para mim. Fungou ou espirrou; na verdade, nenhuma palavra expressa exatamente aquele som. Era o tal *prusten* de novo. Que criatura incrível! Um porte tão nobre... Como tudo é perfeito num tigre-real-de-bengala! De certa forma, me considerei um sujeito de sorte. Já pensou se eu tivesse ido parar ali com uma criatura feia ou de aparência estúpida, uma anta, um avestruz ou um bando de perus? Sob alguns aspectos, teria sido uma companhia mais penosa.

Ouvi um barulho. Olhei para a água. Achei que estivesse sozinho. Aquele ar parado, a glória daquela luz, a sensação de relativa

segurança, tudo isso tinha me feito pensar assim. Em geral, há um elemento de silêncio e de solidão na paz, não é mesmo? É difícil imaginar ficar em paz numa estação de metrô movimentada, não é? Portanto, o que era toda aquela comoção?

Bastou uma olhadela para eu descobrir que o mar é uma cidade. Logo abaixo de mim, por todo lado, sem que eu sequer desconfiasse, havia estradas, avenidas, ruas e rotundas fervilhando com o tráfego submarino. Numa água densa, lustrosa e salpicada de milhares de pontinhos luminosos de plâncton, peixes parecendo caminhões, ônibus, carros, bicicletas e pedestres circulavam a toda, sem dúvida buzinando e esbravejando uns com os outros. A cor predominante era o verde. Em profundidades variadas, até onde eu conseguia enxergar, havia uns rastros de bolhas verdes fosforescentes, vestígio de algum peixe apressado. Assim que uma dessas linhas desaparecia, logo surgia outra. E elas vinham de todas as direções e sumiam em todas as direções. Parecia até aquelas fotos com longa exposição que a gente vê das cidades à noite, com os riscos vermelhos bem compridos formados pelas lanternas traseiras dos carros. Só que, aqui, os carros passavam por cima e por baixo uns dos outros como se estivessem num trevo de dez andares de altura. E aqui os carros eram das cores mais enlouquecidas. Os dourados — devia haver mais de cinquenta deles rondando por baixo da balsa — exibiam a sua mistura reluzente de dourado, azul e verde quando passavam correndo para lá e para cá. Outros peixes que eu não conseguia identificar eram amarelos, marrons, prateados, azuis, vermelhos, rosa, verdes, brancos, e em todas as combinações possíveis: lisos, listrados ou pintados. Só os tubarões teimavam em recusar as cores. Mas, qualquer que fosse o tamanho ou a cor de um veículo, uma coisa era constante: todos ali dirigiam feito doidos. Havia inúmeras colisões — sempre com vítimas, acho — e vários carros rodavam inteiramente fora de controle ou batiam em alguma barreira, irrompendo na superfície e voltando a mergulhar com chafarizes de luminescência. Fiquei olhando aquela confusão urbana como alguém observa uma cidade de um balão. Era um espetáculo impressionante e assustador. Com certeza, Tóquio deve ser assim nas horas de rush.

Fiquei ali olhando até todas as luzes da cidade se apagarem.

A bordo do *Tsimtsum*, eu só tinha visto golfinhos. Na ocasião, concluí que, a não ser por uns cardumes que passavam, o Pacífico era uma imensidão de água com pouca densidade habitacional. Mais tarde, descobri que os cargueiros navegam depressa demais para a velocidade dos peixes. Dentro deles, é tão pouco provável a gente ver vida marinha quanto ver vida selvagem numa floresta viajando de carro por uma autoestrada. Os golfinhos, nadadores muito velozes, brincam junto de barcos e navios do mesmo jeito que os cachorros correm atrás de carros: eles os seguem até não conseguirem mais acompanhá-los. Se queremos ver vida selvagem, é a pé e com toda calma que temos de explorar uma floresta. No mar é a mesma coisa. É preciso circular pelo Pacífico em ritmo de passeio, por assim dizer, para ver a riqueza e a abundância que ele contém.

Deitei de lado. Pela primeira vez em cinco dias, estava sentindo uma certa calma. Uma chamazinha de esperança — conseguida a duras penas, merecidíssima e fundada — brilhava dentro de mim. Peguei no sono.

CAPÍTULO 60

Acordei uma vez durante a noite. Afastei um pouco o toldo e olhei para cima. A lua tinha o desenho bem-definido do quarto crescente e o céu estava perfeitamente claro. As estrelas brilhavam com uma luz tão intensa e tão contida que parecia absurdo dizer que a noite era escura. O mar estava calmo, banhado por uma luminosidade tímida e ágil, uma dança em preto e prateado, que se estendia ilimitada à minha volta. O volume das coisas se confundia — o do ar, acima de mim, o da água, abaixo e ao meu redor. Fiquei meio emocionado, meio aterrorizado. Me senti como o sábio Markandeya, que saiu da boca de Vishnu, enquanto este dormia, e, por isso, era capaz de contemplar o Universo inteiro, todas as coisas nele contidas. Antes que o sábio morresse de medo, Vishnu acordou e o levou de volta à boca. Pela primeira vez percebi — e viria a perceber constantemente durante o meu calvário, entre uma e outra crise de agonia — que o meu sofrimento se desenrolava num cenário majestoso. Vi o meu sofrimento exatamente como ele era, finito e insignificante, e fiquei estático. Compreendi que ele não se encaixaria em nenhum outro lugar. E pude aceitar isso. Estava tudo certo. (Foi o amanhecer que trouxe o meu protesto: “Não! Não! Não! O meu sofrimento é importante, *sim*! Quero viver! Não posso me impedir de misturar a minha vida à do Universo. A vida é uma vigia, uma única portinha minúscula para uma vastidão — como posso não me deter nessa visão breve, estreita que tenho das coisas? Essa vigia é tudo que tenho!”) Murmurei a oração muçulmana e voltei a dormir.

CAPÍTULO 61

Quando amanheceu, eu não estava molhado demais e me sentia fortalecido. Achei isso notável, considerando-se a pressão que vinha sofrendo e o pouco que vinha comendo havia vários dias.

O dia estava lindo. Decidi me arriscar a pescar, pela primeira vez na vida. Depois de um café da manhã composto de três biscoitos e uma lata de água, li o que o manual dizia sobre o assunto. Logo surgiu o primeiro problema: a isca. Fiquei pensando. Havia os bichos mortos, mas roubar comida debaixo do nariz de um tigre era algo que eu não estava disposto a fazer. Ele não compreenderia que aquilo era um investimento que lhe daria excelentes lucros. Decidi usar o meu sapato de couro. Só tinha me sobrado um deles. Perdi o outro quando o navio afundou.

Entrei no bote, me esgueirando, e peguei um dos kits de pesca que havia no armário, a faca e um balde para o que eu conseguisse apanhar. Richard Parker estava deitado de lado. O seu rabo se mexeu subitamente enquanto eu estava ali na proa, mas a cabeça não se levantou. Deixei a balsa se afastar.

Prendi um anzol numa argola de metal que amarrei à linha. Acrescentei uns pesinhos de chumbo. Escolhi três que tinham o formato intrigante de um torpedo. Tirei o sapato e o cortei em várias tiras. Foi difícil, pois o couro era duro. Com todo cuidado, enfiei o anzol num pedaço liso, não através dele, mas dentro dele para que a ponta ficasse escondida. Mergulhei a linha. De noite, havia tantos peixes por ali que fiquei contando com um sucesso fácil.

Que nada... O sapato inteiro foi desaparecendo, pedaço a pedaço, puxão de leve na linha a puxão de leve na linha, peixe esperto a peixe esperto, anzol vazio a anzol vazio, até que só sobraram a sola de borracha e o cadarço. Quando o cadarço demonstrou que não era nada convincente como minhoca, absolutamente irritado resolvi tentar a sola, e inteira. Não foi uma boa ideia. Senti um ligeiro puxão bem promissor e, de repente, a linha ficou levíssima. Quando a tirei da água, ela estava vazia. Eu tinha perdido o equipamento todo.

Essa perda não foi um golpe assim tão sério. Havia mais anzóis, argolas e pesos no kit, e, além disso, havia um outro kit completo. E nem era para mim que eu estava pescando. Eu tinha bastante comida naquele armário.

Mesmo assim, parte da minha mente — aquela que diz as coisas que a gente não quer ouvir — ficou me criticando. “A burrice tem seu preço. Você devia ter mais cuidado e ser mais esperto da próxima vez.”

Mais tarde, ainda pela manhã, apareceu uma segunda tartaruga. Veio direto para a balsa. Se quisesse, podia ter espichado o pescoço e mordido o meu traseiro. Quando virou de costas, estiquei o braço para pegar a sua pata traseira. Assim que a toquei, porém, recuei horrorizado. E ela foi embora, nadando.

A mesma parte da minha mente que tinha criticado o meu fiasco como pescador voltou a me censurar. “Afinal, o que você pretende dar de comer a esse seu tigre? Quanto tempo acha que ele ainda vai se satisfazer com três animais mortos? Será que preciso lembrar a você que os tigres não são comedores de carniça? Pode ter certeza que, quando ele estiver caindo pelas tabelas, provavelmente não vai torcer o nariz para quase nada. Mas não acha que, antes de se submeter a ficar comendo zebra podre, ele vai tentar a carne fresquinha e suculenta de um menino indiano que está apenas a um mergulho de distância? E o que pretende fazer quanto à água? Sabe como os tigres ficam impacientes quando estão com sede. Sentiu o bafo dele nos últimos dias? Está simplesmente um horror. O que é mau sinal. Talvez tenha esperanças de que ele beba o Pacífico e, assim, matando a sede, deixe que você vá a pé para a América. É impressionante mesmo essa capacidade limitada de excretar o sal que os tigres desenvolveram nos Sundarbans... Deve ter surgido do fato de eles viverem em manguezais... Mas *é* uma capacidade limitada. Não dizem que quando os tigres bebem muita água salgada eles se tornam comedores de gente? Mas vejam só... Falando no diabo... Olhe lá ele. Bocejando. Céus! Que imensa caverna rosada! E essas enormes estalactites e estalagmites amareladas! Talvez, hoje, você tenha a sorte de receber uma visita.”

A língua de Richard Parker, do tamanho e da cor de um saco de água quente de borracha, se recolheu e a boca se fechou. Ele

engoliu.

Passei o resto do dia morrendo de preocupação. Fiquei longe do bote. Apesar das minhas próprias predições alarmantes, Richard Parker ficou bem calmo o tempo todo. Ainda tinha água de chuva e não parecia estar dando muita importância a essa história de fome. Mas fez vários daqueles barulhos que os tigres fazem — grunhidos, gemidos e coisas do gênero — que não contribuíram em nada para a minha tranquilidade. O enigma parecia insolúvel: para pescar, eu precisava de iscas, mas só teria iscas se pescasse algum peixe. O que eu poderia fazer? Usar um dos meus dedos dos pés? Cortar fora uma das minhas orelhas?

Já no final da tarde, apareceu uma solução da forma mais inesperada. Eu tinha subido no bote. Mais que isso: tinha escalado a amurada e remexia enlouquecido aquele armário, procurando uma ideia que pudesse salvar a minha vida. Prendi a balsa, deixando-a a uns dois metros de distância. Na minha cabeça, com um pulo e um puxão para soltar um nó, conseguiria escapar de Richard Parker. Foi o desespero que me levou a correr tamanho risco...

Sem encontrar nada, nem isca, nem ideia nova, sentei só para descobrir que eu estava bem no meio do seu foco de visão. Richard Parker estava na outra ponta do barco, onde antes ficava a zebra, virado para mim e sentado, olhando como se estivesse esperando pacientemente que eu desse pela sua presença. Como pude não ouvir quando ele se mexeu? Que raio de ilusão era aquela que me fez achar que eu poderia ser mais esperto que ele? De repente, levei uma pancada bem forte no rosto. Gritei e fechei os olhos. Com uma velocidade felina, ele tinha atravessado o bote de um salto e vindo me acertar. A minha cara ia ser toda estraçalhada por aquelas garras: era desse jeito horrível que eu ia morrer. A dor foi tamanha que não senti nada. Bendito seja o choque. Bendita seja essa parte de nós que nos protege da dor e do sofrimento excessivos. No coração da vida, tem uma caixa de fusíveis.

— Ande, Richard Parker, acabe comigo — choraminguei. — Mas, por favor, seja lá o que tiver de fazer, faça de uma vez. Um fusível queimado não precisa ficar sendo testado...

Ele não tinha pressa alguma. Estava aos meus pés, fazendo uns barulhos. Com certeza tinha descoberto o armário e os seus

tesouros. Morrendo de medo, abri um olho.

Era um peixe. Tinha um peixe no armário. Estava se debatendo como um peixe fora da água. Tinha uns 35 centímetros de comprimento e umas asas. Um peixe-voador. Fininho, de um azul-acinzentado bem escuro, com umas asas secas, sem plumas, e uns olhinhos redondos e amarelados que não piscavam. Foi ele que bateu no meu rosto, e não Richard Parker. Este continuava a uns cinco metros de distância, sem dúvida tentando descobrir o que eu ia fazer naquelas circunstâncias. Mas tinha visto o peixe. Dava para perceber a curiosidade aguçada estampada na sua cara. Parecia absolutamente disposto a investigar.

Eu me abaixei, peguei o peixe e o atirei para ele. Era assim que ia conseguir domá-lo! Para onde foi o rato, o peixe-voador ia também. Infelizmente, o peixe-voador voou. Em pleno ar, bem acima da boca aberta de Richard Parker, o bicho se desviou e caiu na água. Tudo aconteceu numa rapidez incrível. Richard Parker virou a cabeça e fechou a boca, batendo as mandíbulas, mas o peixe foi muito mais rápido. Ele ficou com um ar espantado e nada satisfeito. Voltou a me fitar. “Onde está a minha guloseima?”, parecia perguntar. O medo e a tristeza tomaram conta de mim. Eu me virei, com a esperança meio desanimada, meio abandonada de pular na balsa antes que ele pudesse me atacar.

Nesse exato momento, houve uma vibração no ar e fomos atingidos por um cardume de peixes-voadores. Eles surgiram como uma praga de gafanhotos. E não era apenas uma questão de quantidade; havia algo de inseto naquele estalar, naquele zumbir que as suas asas faziam. Brotaram da água, às dezenas, alguns fazendo piruetas a mais de cem metros no ar. Vários deles mergulharam na água bem na frente do bote. Outros passaram por cima de nós. Outros ainda esbarraram no casco, com um barulho que parecia de fogos de artifício se apagando. Muitos sortudos voltaram para a água depois de baterem na lona. Outros, menos afortunados, caíram direto no bote, onde começaram a pular e bater as asas, fazendo uma barulheira danada. Houve ainda alguns que voaram na nossa direção. Sem ter com que me proteger, tive a impressão de estar vivendo o martírio de são Sebastião. Cada peixe que me acertava era como uma flecha penetrando na minha carne.

Agarrei uma das mantas para me proteger, mas, ao mesmo tempo, tentei pegar alguns deles. Fiquei com o corpo inteiro cheio de cortes e manchas roxas.

O motivo de tal investida logo ficou claro: uns dourados pulavam da água perseguindo-os furiosamente. Embora muito maiores, os dourados levavam desvantagem por não poderem voar, mas nadavam mais depressa e os seus pequenos pulmões eram muito possantes. Podiam alcançar os peixes-voadores se estivessem logo atrás deles pulando fora da água ao mesmo tempo e na mesma direção. E havia tubarões; eles também pulam fora da água, não com a mesma precisão, mas com consequências devastadoras para alguns dourados. Esse tumulto aquático não durou muito, mas, enquanto estava acontecendo, o mar borbulhava e fervia, com peixes saltando e mandíbulas na maior atividade.

Richard Parker foi muito mais durão que eu diante daqueles peixes, e muito mais eficiente. Ergueu-se e saiu interceptando, acertando e abocanhando o que pôde. Muitos foram comidos vivos e inteiros, com aquelas asas se debatendo dentro da sua boca. Foi uma exibição atordoante de poder e velocidade. Na verdade, não era tanto a rapidez que impressionava, mas a pura confiança animal, a mais completa concentração no momento. Essa mescla de facilidade e concentração, essa condição de estar plenamente no momento presente daria inveja aos mais exímios iogues.

Quando tudo terminou, o resultado, além do meu corpo todo machucado, foram seis peixes-voadores dentro do armário e uma quantidade muito maior no bote. Mais que depressa, embrulhei um deles numa manta, peguei uma das machadinhas e fui para a balsa.

Tomei todas as precauções possíveis. Perder o material de pesca pela manhã serviu para me deixar mais moderado. Não podia me permitir errar novamente. Desembrulhei o peixe com todo cuidado, mantendo uma das mãos bem firme no seu corpo, sabendo perfeitamente que ele ia tentar escapar dali para se salvar. Quanto mais aquele peixe ia se tornando visível, mais assustado e enojado eu ficava. A cabeça apareceu. Do jeito que eu o estava segurando, ele parecia até uma bola nojenta de sorvete de peixe saindo de uma casquinha de lã branca. Ofegava, precisando de água, com a boca e as guelras se abrindo e se fechando lentamente. Dava para sentir

a pressão das asas na minha mão. Virei o balde e enfiei a cabeça dele lá no fundo. Passei a mão na machadinha e a ergui no ar.

Várias vezes, ameacei baixar a machadinha, mas não conseguia completar o gesto. Um sentimentalismo como esse pode parecer ridículo, considerando-se o que eu havia presenciado nos últimos dias, mas tudo aquilo tinha sido ação de outros, de animais predatórios. Acho que fui em parte responsável pela morte do rato, mas eu só o atirei; quem o matou de verdade foi Richard Parker. Uma vida inteira de vegetarianismo tranquilo se postava entre mim e a decapitação voluntária de um peixe.

Tapei a cabeça dele com a manta e girei a machadinha. Mais uma vez, a minha mão se balançou no ar. A ideia de golpear uma cabeça macia e viva com uma arma era simplesmente demais para mim.

Deixei a machadinha de lado. Decidi partir o pescoço daquele peixe, sem olhar. Embrulhei ele bem na manta. Com ambas as mãos, comecei a dobrá-lo. Quanto mais eu apertava, mais o bicho lutava. Fiquei imaginando como me sentiria se fosse eu ali dentro, enrolado numa manta, com alguém tentando quebrar o meu pescoço. Fiquei horrorizado. Cheguei a desistir diversas vezes. Mesmo assim, sabia que tinha de fazer aquilo e que, quanto mais eu demorasse, mais o sofrimento do peixe se prolongaria.

Com as lágrimas escorrendo pelo rosto, tomei coragem e continuei pressionando até ouvir um estalo e deixar de sentir qualquer luta pela vida entre as minhas mãos. Abri a manta. O peixe-voador estava morto. Tinha se partido em dois e saía sangue de um dos lados da sua cabeça, na altura das guelras.

Chorei sentido diante daquela pobre alma falecida. Era o primeiro ser vivo que jamais havia matado. Agora, eu era um assassino. Agora, era tão culpado quanto Caim. Eu tinha dezesseis anos; era um garoto inofensivo, estudioso e religioso que, agora, tinha sangue nas mãos. É um peso terrível de se carregar. Todo ser vivo é sagrado. Nunca esqueci de incluir aquele peixe nas minhas orações.

Depois, tudo ficou mais fácil. Agora que estava morto, o peixe-voador parecia aqueles peixes que eu já tinha visto nos mercados de Pondicherry. Era outra coisa, algo diferente do esquema essencial da Criação. Cortei ele todo com a machadinha e pus os pedaços no balde.

No finalzinho do dia, tentei pescar novamente. De início, não tive mais sorte que pela manhã. Mas o sucesso parecia menos ilusório. Os peixes mordiscavam o anzol com animação. Era evidente que estavam interessados. Percebi que se tratava de peixinhos miúdos, pequenos demais para o meu anzol. Soltei então um pouco mais de linha e deixei que ela mergulhasse mais fundo, fora do alcance daqueles peixinhos que se concentravam em volta da balsa e do barco.

Foi quando usei a cabeça do peixe-voador como isca, e com um único chumbinho, atirando a linha e puxando-a de volta bem depressa para fazer a cabeça flutuar na superfície da água, que consegui afinal o meu primeiro sucesso. Apareceu um dourado para atacar o meu anzol. Afrouxei um pouco a linha, para ter certeza que ele tinha engolido mesmo a isca e, depois, dei um puxão vigoroso. O dourado explodiu fora da água, puxando a linha com tanta força que achei que ele ia me fazer cair da balsa. Tratei de me preparar. A linha foi ficando muito tensa. Era de boa qualidade, portanto, não ia arrebentar. Comecei a puxar o dourado. Ele lutava vigorosamente, pulando, mergulhando e respingando água por todo lado. A linha já estava cortando as minhas mãos. Eu as enrolei na manta. O meu coração estava aos pulos. Aquele peixe era forte como um touro. Não sabia se conseguiria trazê-lo para a balsa.

Percebi que todos os outros peixes tinham sumido dali de perto da balsa e do bote. Provavelmente por sentirem o infortúnio do dourado. Resolvi me apressar. A luta daquele peixe ia acabar atraindo os tubarões. Mas ele resistia como um demônio. Os meus braços estavam doendo. Cada vez que eu conseguia trazê-lo para junto da balsa, ele se debatia tão freneticamente que eu me assustava e lhe dava um pouco mais de linha.

Finalmente, consegui içá-lo a bordo. Ele tinha quase um metro de comprimento. Nem dava para tentar enfiá-lo no balde. Para um peixe daquele tamanho, ele ficaria parecendo um chapéu. Imobilizei o dourado ajoelhando em cima dele e usando as duas mãos. Era uma pura massa de músculos se contorcendo, tão grande que o rabo escapava ao meu alcance, batendo com toda força na balsa. Ele estava me dando uma surra como imagino que um cavalo xucro faça com um caubói. Eu estava com uma disposição selvagem e

triunfante. Um dourado é um peixe lindíssimo, grande, carnudo e lustroso, com uma testa saltada que demonstra uma personalidade forte, uma barbatana dorsal bem comprida, tão orgulhosa quanto a crista de um galo, e um revestimento de escamas lisinhas e brilhantes. Achei que estava aplicando um sério golpe no destino ao enfrentar adversário tão bonito. Com esse peixe, estava me vingando do mar, do vento, do naufrágio dos navios, de todas as circunstâncias que tramavam contra mim.

— Obrigado, senhor Vishnu, obrigado! — gritei. — Uma vez, você salvou o mundo assumindo a forma de um peixe. Agora, veio *me* salvar assumindo a forma de um peixe. Obrigado, obrigado!

Não tive problemas para matá-lo. Poderia até ter me poupado esse trabalho — afinal, aquele peixe era para Richard Parker, que o despacharia com toda a tranquilidade de um perito —, mas tinha de retirar o anzol que estava enfiado na sua garganta. Fiquei exultante por ter um dourado na ponta da minha linha — ficaria bem menos animado se fosse um tigre. Tratei de resolver logo aquele assunto. Segurei a machadinha com ambas as mãos e golpeei o peixe na cabeça com o lado cego (ainda não tinha coragem de usar a parte cortante). O dourado fez a coisa mais extraordinária ao morrer: começou a brilhar em todas as cores possíveis, numa sucessão bem rápida. Azul, verde, vermelho, dourado e roxo se acendiam e reluziam como luzes de neon no corpo do peixe enquanto ele se debatia. Tive a impressão de estar matando um arco-íris. (Mais tarde, descobri que os dourados são famosos pela iridescência que precede a sua morte.) Enfim, ele ficou caído ali, imóvel e descorado, e eu pude retirar o anzol. Consegui até recuperar parte da minha isca.

Você pode se espantar ao ver que, em tão pouco tempo, passei do choro pela morte quase escondida de um peixe-voador ao massacre esfuziante de um dourado. Poderia explicar, alegando que tirar proveito do lamentável erro de navegação de um pobre peixe-voador me deixou envergonhado e tristonho, ao passo que a empolgação por batalhar ativamente para capturar um grande dourado me deixou autoconfiante e sanguinário. Mas, para dizer a verdade, a explicação é bem diferente. É simples e brutal: a gente pode se habituar a qualquer coisa, mesmo a matar.

Foi com um orgulho de caçador que aproximei a balsa do bote. Cheguei pelo lado, bem agachadinho. Dando impulso com o braço, deixei o dourado cair lá dentro. Ele aterrissou com uma pancada forte e provocou um grunhido de surpresa em Richard Parker. Depois de uma ou duas fungadas, ouvi os barulhos de mastigação molhada de uma boca em atividade. Voltei a me afastar, sem esquecer de soprar o apito com toda força, e várias vezes, para que ele soubesse quem tinha lhe dado comida fresca com tanta generosidade. Parei ainda para pegar uns biscoitos e uma lata de água. Os cinco peixes-voadores guardados no armário estavam mortos. Arranquei as asas deles e joguei fora, depois, embrulhei os peixes na manta agora dedicada a esse fim.

Quando acabei de me lavar para tirar o sangue, limpar o meu equipamento de pesca, botar isso tudo de lado e jantar, já era noite. Uma camada fina de nuvens escondia as estrelas e a lua, e estava bem escuro. Eu estava cansado, mas ainda excitado com os acontecimentos das últimas horas. A sensação de estar ocupado era profundamente agradável; nem por um instante, tinha pensado na minha situação tão crítica, nem em mim mesmo. Sem dúvida alguma, pescar era uma atividade bem melhor para passar o tempo que contar histórias ou jogar algum jogo de salão. Decidi fazer tudo de novo no dia seguinte, assim que amanhecesse.

Peguei no sono, com a cabeça iluminada pelo faiscar camaleônico do dourado morrendo.

CAPÍTULO 62

Naquela noite, tive um sono muito entrecortado. Pouco antes do nascer do sol, desisti de tentar adormecer de novo e me levantei um pouco, me apoiando num dos cotovelos. Mal podendo abrir os olhos, avistei um tigre. Richard Parker estava irrequieto. Andava de um lado para o outro dentro do bote, gemendo e grunhindo. Era impressionante. Tentei avaliar a situação. Não poderia ser fome. Ou, pelo menos, não uma fome perigosa. Seria sede? A sua língua pendia da boca, mas só de vez em quando, e ele não estava ofegante. A barriga e as patas ainda estavam úmidas. Mas não a ponto de gotejar. Provavelmente, já não havia muita água ali dentro. Logo, logo, ele ficaria com sede.

Olhei para o céu. A nebulosidade tinha desaparecido. A não ser por umas nuvens esparsas no horizonte, o céu estava claro. Teríamos mais um daqueles dias quentes, sem chuva. O mar se movia num ritmo letárgico, como se já estivesse cansado por conta do calor que se anunciava.

Sentei, recostado no mastro, e fiquei pensando na situação. Os biscoitos e o equipamento de pesca garantiam a parte sólida da nossa dieta. A parte líquida é que era o problema. Tudo se resumia àquilo que era tão abundante à nossa volta, mas que o sal estragava. Talvez fosse possível misturar um pouco de água salgada à água potável; antes de mais nada, porém, eu tinha de arranjar mais água para bebermos. Usadas por nós dois, as latinhas não durariam muito — na verdade, eu não estava disposto a dividir nem uma delas com Richard Parker —, e seria bobagem contar com a água da chuva.

Os destiladores solares eram a única outra fonte possível de água potável. Olhei para eles sem muito entusiasmo. Já fazia dois dias que estavam ali fora. Reparei que um deles tinha perdido um pouco de ar. Puxei a corda para apanhá-lo. Tirei o cone de ar que o cobria. Sem muita expectativa, mergulhei a mão na água para pegar a bolsinha de destilação que ficava ligada à câmara redonda flutuante. Os meus dedos seguraram um objeto surpreendentemente

volumoso. Um arrepio de emoção percorreu todo o meu corpo. Tratei de me controlar. Era bem provável que tivesse entrado alguma água salgada naquele recipiente. Desprendi a tal bolsinha e, seguindo as instruções, eu a baixei e inclinei o destilador para que a água que ainda estivesse sob o cone não pudesse mais entrar. Depois de fechar as duas tampinhas da bolsa, eu a soltei e a retirei da água. Ela era retangular, feita de um plástico amarelo grosso e macio, com umas graduações marcadas na lateral. Provei aquela água. Provei de novo. Era sem sal.

— Minha peixe-vaca querida! — exclamei, dirigindo-me ao destilador. — Você deu leite, e como! Que leite mais delicioso. Bom, tem um certo gostinho de borracha, mas não estou reclamando, não... Olhe só, estou bebendo!

Tomei tudo. A bolsinha tinha capacidade para um litro e estava quase cheia. Depois de um instante de suspiros e olhos fechados de tanta satisfação, voltei a prendê-la ao destilador. Examinei os outros. Todos tinham um úbere igualmente pesado. Juntei aquele leite fresco, mais de oito litros, no balde dos peixes. De repente, aqueles dispositivos tecnológicos tinham virado, para mim, algo tão precioso quanto o gado para um fazendeiro. Na verdade, boiando ali placidamente, formando um semicírculo, ficavam até parecendo umas vaquinhas pastando num campo. Tratei de cuidar das suas necessidades, verificando se havia uma quantidade suficiente de água do mar em cada um deles, e vendo se os cones e as câmaras estavam inflados na pressão adequada.

Acrescentei um pouquinho de água do mar ao conteúdo do balde e, depois, o deixei no banco, no ponto em que a lona terminava. Com o fim do frescor da manhã, Richard Parker parecia estar bem-protegido ali debaixo. Prendi o balde passando uma corda pelos ganchos da lona na lateral do barco. Com toda cautela, dei uma espiada pela amurada. Ele estava deitado de lado. Dava para ver a toca inteira. Os bichos mortos estavam todos juntos, formando uma grotesca pilha de partes em decomposição. Identifiquei uma ou duas patas, vários pedaços de pele, partes de uma cabeça, inúmeros ossos. E tinha asas de peixes-voadores espalhadas por ali.

Cortei um daqueles peixes e atirei um pedaço em cima do banco lateral. Depois de pegar no armário tudo o que seria necessário para

passar o dia, estava pronto para ir embora e atirei mais um pedaço do peixe por cima da lona, bem diante de Richard Parker. Aquele gesto surtiu o efeito pretendido. Ao me afastar, pude vê-lo saindo da toca para abocanhar o peixe. Virou a cabeça, viu o outro pedaço e o objeto desconhecido ao seu lado. Ergueu-se nas patas traseiras. Curvou a cabeça enorme sobre o balde. Fiquei com medo que o derrubasse. Mas não. A sua cara desapareceu ali dentro, mal cabendo naquele espaço, e ele começou a beber. Em pouco tempo o balde já estava se sacudindo e chocalhava quase vazio a cada movimento da sua língua. Quando ele ergueu os olhos, eu o fitei agressivamente e toquei o apito algumas vezes. Ele sumiu debaixo da lona.

Foi então que me ocorreu que, a cada dia que se passava, o bote ia ficando mais parecido com o cercado de um zoológico: Richard Parker tinha um lugarzinho protegido, onde podia dormir e descansar, o seu esconderijo para a comida, o seu lugarzinho para ver a vista, e, agora, a sua tina de água.

A temperatura subiu. Começou a fazer um calor infernal. Passei o resto do dia à sombra do toldo, pescando. Ao que parecia, a história do dourado tinha sido sorte de principiante. Não consegui pescar nada, nem mesmo no final da tarde, quando a vida marinha se revelava em abundância. Surgiu uma tartaruga. Desta vez, era de um tipo diferente: uma tartaruga marinha, verde, mais corpulenta e com um casco mais liso, mas tão curiosa quanto as que apareceram antes, daquele jeitão parado. Não fiz absolutamente nada, mas comecei a achar que devia fazer.

A única coisa boa daquele dia tão quente era ver a aparência dos destiladores solares. O interior de todos os cones estava repleto de gotinhas e riachinhos formados pela condensação.

O dia terminou. Pelos meus cálculos, no dia seguinte estaria completando uma semana do naufrágio do *Tsimtsum*.

CAPÍTULO 63

A família Robertson sobreviveu no mar por 38 dias. O capitão Bligh, do célebre *Bounty*, o navio amotinado, sobreviveu 47 dias, juntamente com os outros náufragos. Steven Callahan sobreviveu 76 dias. Owen Chase, cujo relato do naufrágio do baleeiro *Essex*, provocado por uma baleia, e que inspirou Herman Melville, conseguiu resistir, com dois marujos, por 83 dias no mar, período interrompido por uma estada de uma semana numa ilha inóspita. A família Bailey sobreviveu 118 dias. Ouvi dizer que um comerciante coreano, chamado Poon, acho eu, conseguiu sobreviver no Pacífico por 173 dias, nos anos 1950.

Eu sobrevivi 227 dias. Foi quanto durou a minha longa provação, mais de sete meses.

Tratei de me manter ocupado. Essa foi uma das chaves da minha sobrevivência. Num bote salva-vidas, ou mesmo numa balsa, há sempre algo que precisa ser feito. Para mim, um dia normal, se é que essa noção se aplica a um náufrago, transcorria da seguinte maneira:

Do amanhecer até o meio da manhã:
- acordar
- fazer as minhas orações
- providenciar o café da manhã de Richard Parker
- fazer uma inspeção geral na balsa e no bote, verificando especialmente todos os nós e as cordas
- cuidar dos destiladores solares (secar, inflar, encher com água)
- tomar café da manhã e inspecionar o estoque de comida
- pescar e preparar o peixe caso apanhasse algum (abrir, limpar, pendurar lascas de carne para secar ao sol)

Do meio da manhã até o meio da tarde:
- fazer minhas orações
- fazer uma refeição leve
- descansar e me dedicar a atividades mais tranquilas (escrever no diário, examinar machucados e pontos doloridos, cuidar da

manutenção do equipamento, ficar olhando o conteúdo do armário, observar e analisar Richard Parker, ficar roendo uns ossinhos de tartaruga etc.)

Do meio da tarde até o anoitecer:
orações
pescar e preparar o peixe
cuidar das lascas de carne penduradas para secar (virá-las, cortar partes apodrecidas)
preparar o jantar
servir o jantar para mim mesmo e para Richard Parker

Ao pôr do sol:
fazer uma inspeção geral na balsa e no bote (mais uma vez, nós e cordas)
recolher e guardar o produto dos destiladores
guardar toda a comida e todo o equipamento
cuidar dos preparativos para a noite (fazer a cama, trazer para a balsa e pôr em lugar seguro os sinalizadores, para o caso de surgir algum navio, e o coletor de chuva, para o caso de chover)
orações
Noite:
sono irregular
orações

De um modo geral, as manhãs eram melhores que o fim da tarde, quando o vazio do tempo tendia a se fazer sentir.

Vários acontecimentos afetavam essa rotina. A chuva, a qualquer hora do dia ou da noite, interrompia qualquer outra atividade, pois, enquanto estivesse chovendo, eu tinha de segurar os coletores e ficava ocupadíssimo estocando o seu conteúdo. A visita de uma tartaruga era outra interrupção de peso. E, é claro, Richard Parker era um transtorno constante. Mantê-lo satisfeito era uma prioridade que eu não podia esquecer por um instante sequer. Ele não tinha exatamente uma rotina, a não ser comer, beber e dormir, mas, por vezes, ele saía daquela letargia e percorria o seu território, fazendo uns barulhos e parecendo de mau humor. Felizmente, sempre que

isso acontecia, o sol e o mar logo o cansavam e ele se metia sob a lona, deitando-se de lado novamente, ou de barriga para baixo, com a cabeça apoiada nas patas dianteiras cruzadas.

Mas a minha relação com ele não se limitava ao estritamente necessário. Eu passava horas observando-o porque era uma distração. Em qualquer circunstância, um tigre é um animal fascinante; o que dizer então quando ele é a única companhia que temos?

No começo, ficar procurando um navio era algo que eu fazia o tempo todo, compulsivamente. Algumas semanas depois, porém, umas cinco ou seis, praticamente parei com isso.

E sobrevivi porque fiz questão de esquecer. A minha história começou numa data marcada — 2 de julho de 1977 — e terminou noutra dada — 14 de fevereiro de 1978 —, mas, entre as duas, não existiu nenhum calendário. Não contei os dias, as semanas ou os meses. O tempo é uma ilusão que só faz nos deixar ofegantes. Sobrevivi porque esqueci até mesmo a noção de tempo.

O que lembro são acontecimentos, confrontos e rotinas, marcos que emergiam, aqui e ali, do oceano do tempo e ficaram gravados na minha memória. O cheiro do tubo dos sinalizadores usados, as orações ao amanhecer, a matança de tartarugas e a biologia das algas, por exemplo. E muitos outros. Mas não sei se consigo pôr isso tudo em ordem para você. As lembranças me vêm todas embaralhadas.

CAPÍTULO 64

As minhas roupas se desintegraram, vítimas do sol e do sal. Primeiro, foram ficando fininhas como gaze. Depois, começaram a rasgar e só sobraram as costuras. Até que, finalmente, elas também se partiram. Passei meses inteiramente nu, a não ser pelo apito pendurado no meu pescoço por um barbante.

As bolhas de água — vermelhas, inflamadas, desfiguradoras — eram uma praga do alto-mar, transmitidas pela água que me encharcava. Quando estouravam, a minha pele ficava excepcionalmente sensível; se, acidentalmente, esbarrava numa daquelas feridas abertas, doía tanto que eu chegava a perder o fôlego e a gritar. Naturalmente, elas se desenvolviam nas partes do meu corpo que ficavam mais molhadas e que roçavam mais na balsa, ou seja, o meu traseiro e as minhas costas. Havia dias em que era difícil encontrar uma posição para descansar. O tempo e o sol acabavam curando aquelas feridas, mas o processo era lento e apareciam novas bolhas se eu não me mantivesse seco.

CAPÍTULO 65

Eu passava horas tentando decifrar as linhas do manual que tratavam de navegação. As explicações claras e simples sobre como viver do mar eram dadas em abundância, mas o autor do livrinho supunha que todos tivessem um conhecimento básico sobre a vida em alto-mar. Para ele, o náufrago era um marinheiro experiente que, de bússola, mapa e sextante em punho, sabia como tinha se metido naquela situação e talvez até como sair dela. O resultado eram recomendações do gênero: “Lembre-se, tempo é distância. Não esqueça de dar corda no relógio”, ou “Se necessário, é possível medir a latitude com os dedos”. Eu tinha um relógio, mas, a essa altura, ele estava no fundo do Pacífico, pois o perdi quando o *Tsimtsum* afundou. Quanto a latitude e longitude, os meus conhecimentos marítimos eram estritamente limitados ao que eu vivia *no* mar e não incluíam o que circulava pela sua superfície. Ventos e correntes eram um mistério para mim. As estrelas não me diziam absolutamente nada. Eu era incapaz de identificar uma constelação que fosse. A minha família se guiava por uma única estrela: o sol. Íamos deitar cedo e levantávamos cedo. Passei a vida vendo diversas noites maravilhosas, de céu estrelado, onde, usando apenas duas cores e o mais simples dos estilos, a natureza traça o mais grandioso dos quadros; me deslumbrei diante dele e me senti pequeno como todos nos sentimos, e tinha uma nítida sensação de direção daquele espetáculo, sem a menor sombra de dúvida, mas isso num sentido espiritual e não geográfico. Não fazia a mínima ideia de como um céu noturno poderia funcionar como mapa rodoviário. Como as estrelas, por mais brilhantes que fossem, poderiam me ajudar a encontrar o meu caminho se estavam sempre em movimento?

Desisti de tentar descobrir. Qualquer conhecimento que pudesse adquirir seria inútil. Eu não tinha condições de controlar para onde estava indo — nem leme, nem velas, nem motor; tinha alguns remos, é claro, mas não tinha força suficiente para usá-los. Para que planejar um trajeto se não era capaz de pôr esse plano em

prática? E, mesmo que fosse, como saber que rumo tomar? Seguir para o oeste, voltando ao ponto de partida? Para o leste, em direção à América? Para o norte, indo para a Ásia? Para o sul, onde se concentravam as rotas de navegação? Todas essas possibilidades pareciam igualmente boas e ruins.

Então, continuei vagando. Os ventos e as correntes é que decidiriam para onde eu iria. Para mim, o tempo se tornou distância no sentido que isso tem para todos os mortais — estava viajando pela estrada da vida —, e usei os dedos para fazer outras coisas, não para calcular a latitude. Mais tarde, descobri que tinha seguido por uma estrada estreita, a contracorrente equatorial do Pacífico.

CAPÍTULO 66

Passei a pescar com a maior variedade de anzóis, nas profundidades mais variadas, pegando várias espécies de peixes, desde a pesca em águas profundas, usando anzóis bem grandes e vários pesos de chumbo, até a de superfície, com anzóis menores e só um ou dois chumbinhos. Custei a ter sucesso, mas, quando começou a acontecer, o resultado foi muito mais apreciado; só que o esforço parecia desproporcional à recompensa. Eram longas horas ali, esperando; os peixes eram pequenos e Richard Parker vivia eternamente com fome.

Os arpões é que acabaram se revelando o mais precioso de todos os equipamentos de pesca. Vinham em três peças separadas, de atarraxar: duas seções tubulares, que formavam a haste — uma delas tinha um cabo de plástico na ponta e um anel onde se prendia o arpão com uma corda — e uma cabeça que consistia de um gancho medindo cerca de cinco centímetros na altura da curva e terminando numa ponta afiada e serrilhada. Juntas, essas hastes ficavam com cerca de um metro e meio de comprimento e eram leves e sólidas como uma espada.

No começo, eu pescava no mar aberto. Mergulhava o arpão a mais ou menos um metro de profundidade, às vezes com um peixe espetado no gancho para servir de isca, e ficava esperando. Esperava horas e horas, com o corpo tão tenso que chegava a doer. Quando via um peixe exatamente no lugar certo, dava um puxão no arpão com o máximo de força e de rapidez que conseguia. Tudo tinha de ser feito numa fração de segundos. A experiência me ensinou que era melhor atacar quando eu sentia que tinha uma boa chance de ter algum resultado que ficar atacando atabalhoadamente, pois os peixes também aprendem com a experiência e é raro caírem duas vezes na mesma armadilha.

Quando eu dava sorte, o peixe vinha preso ao arpão, empalado, e eu podia trazê-lo para a balsa sem problemas. Mas, quando o arpão penetrava na barriga ou na cauda de um peixe maior, era comum ele conseguir fugir com uma sacudidela e um impulso rápido para

frente. Ferido, acabaria sendo uma presa fácil para outro predador, um presente que eu não tinha a mínima intenção de oferecer. Portanto, com os peixes maiores, eu mirava a região abdominal, logo abaixo das guelras e das barbatanas laterais, pois, ao se sentirem capturados, a sua reação instintiva é nadar para *cima*, para longe do arpão, ou seja, exatamente na direção para onde eu estava puxando. O resultado era que, às vezes, o peixe, mais espetado que efetivamente fisgado, pulava da água bem na minha cara. Em pouco tempo, já tinha perdido o nojo de tocar nos animais marinhos. Não precisava mais daquela história de manta toda bonitinha para pegar um deles. Qualquer peixe que pulasse fora da água enfrentava um garoto faminto que não tinha escrúpulo algum em agarrá-lo. Se eu percebesse que o gancho do arpão não estava bem-enfiado, eu o largava — tomei o cuidado de prendê-lo à balsa com uma corda — e pegava o peixe com as mãos. Apesar de não serem cortantes, os dedos são muito mais ágeis que um arpão. A luta era rápida e furiosa. Aqueles peixes eram escorregadios e estavam desesperados, ao passo que eu só estava desesperado. Se ao menos tivesse tantos braços quanto a deusa Durga — dois para segurar o arpão, quatro para agarrar o peixe e dois para manejar as machadinhas... Mas tinha de me virar com dois. Enfiava o dedo nos olhos deles, apertava as guelras com as mãos, esmigalhava aquelas barrigas macias com os joelhos, mordia os rabos: fazia o que fosse preciso para imobilizar um peixe até conseguir passar a mão na machadinha e cortar fora a cabeça dele.

Com o tempo e a experiência, acabei me tornando um caçador bem melhor. Fui ficando mais ousado e mais ágil. Desenvolvi um instinto, uma intuição que me dizia o que fazer.

As coisas melhoraram muitíssimo quando comecei a usar parte da rede de carga. Ela não servia para pescar, pois era rígida e pesada demais, com a malha muito aberta. Mas era perfeita como armadilha. Flutuando livremente na água, aquela rede se revelou um atrativo irresistível para os peixes; ainda mais quando foi ficando cheia de algas. Os que viviam por ali mesmo faziam da rede o seu bairro, e os mais velozes, que tendiam a passar a toda, como os dourados, por exemplo, nadavam mais devagar para explorar o novo assentamento. Nem residentes, nem viajantes desconfiavam

que havia um arpão escondido ali dentro. Houve dias — infelizmente, muito poucos — em que tive à mão os peixes que quisesse fisgar. Nessas ocasiões, capturava uma quantidade muito maior que as minhas necessidades alimentares ou que a minha capacidade de secagem; simplesmente, não havia espaço suficiente no bote, ou cordas na balsa, para pôr para secar ao sol tantas lascas de dourado, de peixes-voadores, xaréus, garoupas e atuns, e muito menos no meu estômago para comer tudo aquilo. Ficava com o que podia e dava o resto para Richard Parker. Nesses dias de abundância, passavam tantos peixes pelas minhas mãos que o meu corpo chegava a brilhar com as escamas que se grudavam nele. Eu usava aqueles pontinhos prateados e brilhantes como *tilaks*, aquelas marcas coloridas que nós, hindus, usamos na testa como símbolos da divindade. Se aparecessem marinheiros nessa ocasião, tenho certeza que iam pensar que eu era um peixe-deus pairando acima do seu reino, e não parariam de jeito nenhum. Bons dias, aqueles. Mas eram raros.

Era bem fácil apanhar tartarugas, exatamente como dizia o manual. Na seção “caçar e coletar”, elas seriam listadas no segundo tópico. Apesar de serem bem robustas, como tanques, não eram nadadoras rápidas nem possantes; bastava segurar firme uma das suas patas traseiras para apanhá-las. Mas o manual esqueceu de mencionar que capturar uma tartaruga não significava tê-la. Faltava ainda trazê-la para a embarcação. E içar para um bote salva-vidas um bicho de cerca de sessenta quilos, que ainda por cima estava tentando escapar, não era nada fácil. Era uma tarefa que exigia proezas de força dignas de Hanuman. Eu puxava a vítima para junto da proa do bote, encostando a carapaça no casco, e, com uma corda, amarrava o seu pescoço, uma das patas dianteiras e uma traseira. Depois, puxava até achar que os meus braços iam cair e a minha cabeça, explodir. Passava as cordas pelos ganchos da lona, do lado oposto da proa; sempre que a corda cedia um pouco, eu tratava de garantir o meu sustento antes que ela escapasse. Centímetro a centímetro, a tartaruga ia sendo içada. Demorava à beça. Lembro de uma, verde, que ficou dois dias pendurada ali, na lateral do bote, e passou o tempo todo se debatendo furiosamente, com as patas livres se sacudindo no ar. Por sorte, na última etapa,

já quase chegando na amurada, era comum a tartaruga me ajudar sem querer. Tentando livrar as patas que ficavam todas tortas e doídas, o bicho dava impulso com elas; se eu puxasse ao mesmo tempo, os nossos esforços conflitantes às vezes se uniam e, de repente, tudo ficava mais fácil. Do jeito mais dramático que se possa imaginar, a tartaruga despontava na amurada e escorregava para cima da lona. Eu caía para trás, exausto, mas radiante.

As tartarugas marinhas verdes tinham mais carne que as de pente, e a carapaça da sua barriga é mais fina. Mas, em geral, são maiores; quase sempre grandes demais para um náufrago enfraquecido como eu conseguir tirar da água.

Meu Deus, e pensar que sou vegetariano... Pensar que, quando eu era pequeno, estremecia quando ouvia alguém descascando uma banana porque achava que parecia o barulho do pescoço de um bicho qualquer se quebrando. Desci a um nível de selvageria que jamais imaginei que fosse possível.

CAPÍTULO 67

O fundo da balsa passou a abrigar uma multidão de criaturas marinhas, exatamente como a rede, mas eram seres menores. No começo, foram umas algas verdes e macias que grudaram nos coletes salva-vidas. Depois, apareceram também umas algas mais duras, de um tipo mais escuro. Elas se deram bem ali e ficaram fortes. Surgiu então vida animal. As primeiras criaturas que vi foram uns camarões minúsculos e translúcidos que não deviam ter nem um centímetro de comprimento. Eles foram seguidos por uns peixinhos mais ou menos do mesmo tamanho que pareciam estar constantemente sob raios X; dava para ver os seus órgãos internos por baixo da pele transparente. Mais tarde, reparei nas minhocas pretas com espinhos brancos, nas lesmas gelatinosas com umas patas primitivas, nos peixinhos de uns dois centímetros de comprimento, todos coloridos e barrigudos, e, finalmente, os siris, marrons, com um a dois centímetros de largura. À exceção das minhocas, provei tudo aquilo, inclusive as algas. Só os siris não tinham um gosto insuportavelmente amargo ou muito salgado. Cada vez que eles apareciam, eu ia enfiando um atrás do outro na boca, como se fossem balas, até que não sobrava nenhum. Não dava para me controlar. Sempre demorava um tempão até surgir uma nova safra de siris frescos.

O casco do bote também atraía seres vivos: eram uns mariscos bem pequenos. Eu chupava o líquido que havia ali dentro. Já a carne dava uma ótima isca.

Acabei me afeiçoando a esses caronas oceânicos, embora o seu peso fizesse a balsa afundar um pouco. Para mim, eram uma distração, exatamente como Richard Parker. Passava horas e horas sem fazer absolutamente nada, só deitado de lado; afastava um pouco um dos coletes salva-vidas, como se fosse a cortina de uma janela, e podia ver bastante bem. O que eu via era uma aldeia de cabeça para baixo; um lugar pequeno, silencioso e tranquilo, cujos habitantes iam e vinham com a doce civilidade dos anjos. Aquela

visão era um alívio muito bem-vindo para os meus nervos em frangalhos.

CAPÍTULO 68

O meu padrão de sono mudou. Embora descansasse o tempo todo, raramente dormia mais que cerca de uma hora seguida, mesmo durante a noite. Não era o movimento constante do mar que me atrapalhava, nem o vento; a gente acaba se acostumando com eles, exatamente como se acostuma a desníveis num colchão. O que me deixava muito ligado eram a apreensão e a ansiedade. É impressionante como eu conseguia me satisfazer com tão pouco sono...

Já Richard Parker era exatamente o oposto. Ele se tornou um campeão das sonecas. Passava a maior parte do tempo debaixo da lona. Mas, nos dias mais tranquilos, quando o sol não estava forte demais, e nas noites calmas, ele saía dali. Ao ar livre, uma das suas posições favoritas era ficar deitado de lado no banco da popa, com a barriga quase encobrindo a borda, e as patas traseiras e dianteiras esticadas sobre os bancos laterais. Era um bocado de tigre para espremer num espacinho tão estreito, mas ele conseguia caber ali mantendo as costas bem arqueadas. Quando estava dormindo de verdade, deitava a cabeça nas patas dianteiras, mas, quando estava com uma disposição um pouco mais ativa; quando resolvia abrir os olhos e ficar espiando à sua volta, virava a cabeça de lado e apoiava o queixo na amurada.

Outra das suas posições favoritas era sentar de costas para mim, com a metade inferior do corpo apoiada no fundo do bote e a superior em cima do banco; a cara ficava enfiada na popa, as patas bem próximas da cabeça, parecendo até que estávamos brincando de esconde-esconde e ele é que estava contando até dez. Em geral, nesta posição, Richard Parker ficava praticamente imóvel; só os movimentos ocasionais das orelhas indicavam que ele não estava necessariamente dormindo.

CAPÍTULO 69

Várias vezes, à noite, eu tinha certeza de avistar uma luz à distância. Sempre que isso acontecia, eu disparava um sinalizador. Quando se acabaram os meus foguetes, passei a usar os manuais. Será que eram navios que não me viram? Seria a luz de uma estrela que surgia ou que desaparecia, refletida no oceano? Ou ondas que se quebravam ao luar e que a minha esperança infundada transformava em ilusão? Fosse o que fosse, todas essas tentativas foram inúteis. Nunca tive nenhum resultado. Era sempre a amarga emoção da esperança que despontava e se esvaía. Com o tempo, acabei desistindo da ideia de ser resgatado por um navio. Se o horizonte ficava a quase quatro quilômetros a uma altitude de um metro e meio, a que distância ficaria então quando eu estava sentado, com as costas apoiadas no mastro da minha balsa e os olhos a pouco menos de um metro acima do nível da água? Que chances haveria de um navio, atravessando essa imensidão do Pacífico, irromper nesse círculo tão minúsculo? E nem era só isso: que chance haveria de ele irromper nesse círculo tão minúsculo e, ainda por cima, *me ver*? Não, não dava para contar com a humanidade e os seus métodos nada confiáveis... O que eu precisava procurar era terra, a boa e velha terra, sólida e firme.

Lembro do cheiro dos cartuchos dos sinalizadores de mão. Por alguma química bem estranha, eles tinham o mesmo cheiro do cominho. Era inebriante. Bastava eu cheirar aqueles cartuchos de plástico para que Pondicherry ganhasse vida em minha mente, um magnífico alívio para o desapontamento de pedir socorro e não ser ouvido. Era uma experiência fortíssima, que beirava a alucinação. Com um simples cheiro, a cidade inteira surgia diante de mim. (Hoje em dia, quando sinto cheiro de cominho, vejo o oceano Pacífico.)

Richard Parker sempre se assustava quando um daqueles sinalizadores disparava, chiando. Os seus olhos, aquelas pupilas redondas do tamanho da cabeça de um alfinete, fitavam fixamente a luz que se acendia. Para mim, era brilhante demais: um miolo branco ofuscante com uma auréola de um vermelho-rosado. Tinha

que desviar os olhos. Ficava segurando o foguete no ar, com o braço esticado, e o balançava bem devagar. Por cerca de um minuto, descia um calor pelo meu braço e tudo em volta ficava estranhamente iluminado. A água ao redor da balsa, segundos atrás de um preto opaco, se revelava coalhada de peixes.

CAPÍTULO 70

Não era fácil cortar e limpar uma tartaruga. A primeira que peguei era uma tartaruga-de-pente, bem pequena. O que me tentou foi o seu sangue, aquela “bebida gostosa, nutritiva e sem sal” prometida pelo manual de sobrevivência. Definitivamente, eu andava com muita sede. Segurei o bicho pelo casco e tratei de imobilizar uma das suas patas traseiras. Quando senti que estava bem segura, eu a virei, ali na água mesmo, e tentei trazê-la para a balsa. Ela se debatia com tanta violência que percebi que não teria a menor condição de fazer o que quer que fosse na balsa. Ou eu a soltava, ou tentava a sorte no bote. Ergui os olhos. O dia estava quente e sem nuvens. Richard Parker parecia tolerar a minha presença na proa em dias como esse, quando dava a impressão de estarmos dentro de um forno, e ele não saía de baixo da lona até o sol se pôr.

Continuei segurando firme a pata traseira da tartaruga com uma das mãos e, com a outra, puxei a corda presa ao bote. Não foi nada fácil subir a bordo. Quando consegui, dei um puxão na tartaruga e a joguei, de costas, em cima da lona. Como esperava, tudo o que Richard Parker fez foi soltar um ou dois grunhidos. Pelo visto, não estava disposto a se cansar com um calor daqueles.

A minha determinação era sombria e cega. Sentia que não tinha tempo a perder. Fui consultar o manual de sobrevivência como se fosse um livro de receitas. Ele mandava pôr a tartaruga de costas. Feito. Recomendava “enfiar uma faca no pescoço” do animal para cortar as veias e artérias que passam por ali. Olhei para a tartaruga. Que pescoço? Encolhida como ela estava, só dava para ver a cabeça com olhos e bico, envolta em pregas de pele. Ela ficou me olhando de cabeça para baixo, com um ar severo. Passei a mão na faca e, na esperança de fazê-la se mover, espetei uma das suas patas dianteiras. Tudo que consegui foi que ela se escondesse ainda mais no casco. Decidi adotar uma abordagem mais direta. Com a confiança de quem já tinha feito aquilo mais de mil vezes, meti a faca, meio inclinada, do lado direito da cabeça do bicho. Enfiei bem a lâmina naquelas dobras de pele e a girei. A tartaruga

se encolheu ainda mais, deixando livre o lado onde estava a faca, e, de repente, pôs a cabeça para fora, abrindo e fechando o bico maldosamente na minha direção. Recuei de um salto. Todas as quatro patas saíram do casco e ela tentou fugir dali. Ficou balançando sobre o casco, agitando furiosamente as patas e sacudindo a cabeça para um lado e para o outro. Peguei a machadinha e golpeei o pescoço da tartaruga, abrindo um talho profundo. Começou a escorrer um sangue vermelho brilhante. Agarrei a caneca graduada e consegui coletar uns trezentos mililitros, praticamente uma latinha de refrigerante. Podia ter conseguido mais, talvez até um litro, mas o bico da tartaruga era afiado e as suas patas dianteiras eram compridas e fortes, cada uma delas com duas garras na extremidade. Aquele sangue não tinha nenhum odor particular. Tomei um gole. Era quente e tinha um gosto animal, se não me falha a memória. É difícil lembrar das primeiras impressões. Bebi tudo, até a última gota.

Achei que seria melhor usar a machadinha para abrir a carapaça que protege a barriga do animal; acabei descobrindo, porém, que era bem mais fácil usar a lâmina serrilhada da faca. Pus um dos pés bem no meio daquela carapaça, e, com o outro, firmei as patas que se agitavam. A pele coriácea do lado em que fica a cabeça corta fácil, exceto em volta das patas. Já abrir as bordas, onde carapaça se encontra com casco, foi a maior dificuldade, principalmente porque a tartaruga não parava de se remexer. Quando terminei, estava exausto e banhado de suor. Arranquei aquela carapaça. Eu a ergui com alguma relutância e ela saiu fazendo um barulhinho molhado de sucção. Revelou-se, então, a vida que havia ali dentro, se contorcendo e se sacudindo — músculos, gordura, sangue, vísceras e ossos. Mesmo assim, a tartaruga continuava a se debater. Cortei o pescoço dela na altura das vértebras. Não adiantou nada. As patas ainda se agitavam. Com dois golpes da machadinha, arranquei a cabeça fora. As patas não pararam. E, o que foi ainda pior, a cabeça decepada continuou tentando respirar e piscando os olhos. Eu a joguei no mar. O resto, ainda com vida, atirei no território de Richard Parker. Ele estava fazendo uns barulhos e parecia prestes a se levantar. Com certeza, tinha farejado o sangue da tartaruga. Fugi para a balsa.

Fiquei sentado ali, emburrado, vendo Richard Parker apreciar ruidosamente o meu presente e se lambuzar todo. Eu estava literalmente arrasado. O esforço para abrir a tartaruga não parecia compensar a caneca de sangue que tinha tomado.

Comecei a pensar seriamente em como lidar com Richard Parker. Aquela tolerância que ele demonstrava nos dias quentes e sem nuvens, fosse ou não simples preguiça, não era o bastante. Eu não podia continuar fugindo dele o tempo todo. Precisava ter acesso fácil ao armário e à parte de cima da lona, pouco importando a hora que fosse ou o tempo que fizesse, e pouco importando como estivesse o seu humor. Estava precisando ter os meus direitos, aquele tipo de direito que vem com o poder.

Já estava mais que na hora de eu me impor e demarcar o meu território.

CAPÍTULO 71

Para aqueles que porventura se virem um dia na mesma enrascada em que eu estava, recomendo a seguinte programação:

1. Escolha um dia em que as ondas estejam pequenas, mas regulares. O importante é ter um mar que proporcione um belo espetáculo quando o seu bote estiver de lado para ele, mas que não chegue a fazer a embarcação virar.
2. Lance a âncora para que o bote fique o mais estável e confortável possível. Prepare um porto seguro onde se refugiar se precisar sair do barco (é bem provável que precise). Se puder, arranje um jeito de proteger o corpo. Qualquer coisa que possa servir de escudo. Amarrar roupas ou cobertas nos braços e nas pernas pode funcionar como uma forma rudimentar de armadura.
3. Agora vem a parte difícil: você tem de provocar o animal que o está afligindo. Tigre, rinoceronte, avestruz, javali, urso-pardo — pode ser a fera que for; você precisa deixá-la irritada. Com toda certeza, a melhor maneira de conseguir isso é parar nas bordas do nosso território e, fazendo bastante barulho, invadir a zona neutra. Eu, pessoalmente, fiz assim: fui até a borda da lona, pisei com toda força no banco do meio e soprei o apito sem muito estardalhaço. É importante fazer um ruído consistente, que possa ser identificado como sinal da sua agressão. Mas é preciso ter cuidado. Você está querendo provocar o animal, mas só o suficiente. Não é para ele atacá-lo imediatamente. Se isso acontecer, que Deus o proteja... Você vai ser picado em pedacinhos, esmigalhado, estripado, e, muito provavelmente, devorado. Não é essa a sua intenção. Quer que o bicho fique irritado, zangado, aborrecido, chateado, contrariado, incomodado, mas não furioso a ponto de se tornar um assassino. Uma coisa que não deve fazer de jeito nenhum é pôr

os pés no território dele. Limite a sua agressão a fitá-lo nos olhos e gritar cobras e lagartos.

4. Quando o animal já estiver excitado, faça o máximo, usando de toda má-fé possível, para provocar uma invasão de território. Pela minha experiência, uma boa forma de conseguir isso é ir recuando bem devagar, sem parar de fazer os tais barulhos. Não deixe de fitá-lo nos olhos, em hipótese alguma! Assim que ele tiver posto uma pata no seu território, ou até avançado um pouco ainda na zona neutra, você terá atingido a sua meta. Nada de ficar cheio de dedos ou ser legalista tentando ver onde exatamente ele pôs a pata. Trate de ficar ofendidíssimo o mais depressa possível. Mal ou bem, interprete aquele gesto de imediato. O que importa é fazer o animal entender que o vizinho de cima é um sujeito excepcionalmente suscetível em questões de território.
5. Depois que o bicho tiver ultrapassado os limites do seu território, seja incansável nas demonstrações de como você está ofendido. Quer fuja para o seu porto seguro fora do barco ou recue para os fundos do seu próprio território ali dentro, comece a apitar furiosamente e levante a âncora de imediato. Essas duas ações são de importância crucial. Precisa fazer ambas as coisas sem demora. Se puder fazer com que o bote fique de lado para as ondas, usando um remo, por exemplo, não hesite em fazê-lo. Quanto mais depressa a embarcação enfrentar as ondas, melhor.
6. Ficar apitando sem parar é absolutamente exaustivo para um náufrago enfraquecido, mas não dá para vacilar. O animal assustado precisa associar o enjoo cada vez maior que vem sentindo ao barulho estridente do apito. Você ainda pode dar uma mãozinha ficando parado na ponta do bote, com um pé em cada amurada, balançando ao ritmo do mar. Mesmo que você seja franzino, mesmo que o seu bote seja bem grande, a diferença que isso faz é impressionante. Posso lhe garantir: logo, logo vai ver o bote jogando e se balançando como Elvis Presley. Só não esqueça de ficar o tempo todo apitando, e tome cuidado para não fazer o barco virar.

7. Você quer continuar com isso até o animal que é o seu estorvo — o seu tigre, o seu rinoceronte, seja lá o que for — não estar aguentando mais de tanto enjoo. Você quer ouvi-lo vomitar as tripas. Quer vê-lo deitado no fundo do barco, com as patas trêmulas, os olhos revirados, a boca aberta, ofegante, fazendo uns ruídos mortais. Durante todo esse tempo, você vai ficar ali, arrebentando os ouvidos do bicho com os seus apitos estridentes. Se você também ficar enjoado, não desperdice o seu vômito deixando-o cair no mar. Essa é uma excelente maneira de demarcar território. Vomite nos limites do seu.
8. Quando o animal estiver completamente enjoado, pode parar. O enjoo é algo que surge depressa, mas demora muito para passar. Você não vai querer exagerar. Ninguém morre de enjoo, mas esse tipo de mal-estar pode minar seriamente a vontade de viver. Quando perceber que já é o bastante, lance a âncora, tente arranjar uma sombra para o bicho, caso ele tenha caído ao sol, e não esqueça de deixar água por perto para quando ele se recobrar. Acrescente à água uns comprimidos contra enjoo dissolvidos, se tiver algum disponível. A essa altura, a desidratação é um risco sério. Quanto a você, recolha-se ao seu território e deixe o animal em paz. Água, repouso e relaxamento, além de um barco que não fique jogando, vão trazê-lo de volta à vida. Espere até ele estar inteiramente recuperado para repetir mais uma vez os passos de 1 a 8.
9. O tratamento deve ser repetido até que a associação entre o som do apito e a intensa sensação de um enjoo arrasador esteja gravada, sem margem de dúvida, na cabeça do animal. A partir de então, só o apito vai bastar para lidarmos com uma ultrapassagem ou qualquer outra atitude inconveniente. Com um único daqueles sons estridentes, você vai ver o bicho estremecer de mal-estar e correr a toda para o cantinho mais seguro do seu próprio território. Quando se alcançar esse nível do treinamento, o uso do apito deve passar a ser moderado.

CAPÍTULO 72

No meu caso, o que usei para me proteger de Richard Parker durante o período de treinamento foi um escudo feito com um casco de tartaruga. Fiz um furo de cada lado e amarrei uma corda. Preferia que ele fosse mais leve, mas os soldados lá podem escolher o equipamento que carregam?

Da primeira vez, Richard Parker arreganhou os dentes, girou as orelhas, soltou um breve rugido gutural e atacou. Uma pata imensa, cheia de garras, se ergueu no ar e acertou o meu escudo. Com o golpe, fui jogado para fora do bote. Caí na água e soltei imediatamente o escudo. Ele afundou sem deixar vestígios depois de bater na minha canela. Fiquei literalmente aterrorizado — por causa de Richard Parker, claro, mas também por estar dentro da água. Na minha cabeça, naquele exato momento um tubarão estava vindo me pegar. Nadei até a balsa com braçadas furiosas, fazendo exatamente o estardalhaço que os tubarões acham tão convidativo. Por sorte, não havia nenhum por ali. Quando cheguei à balsa, afrouxei a corda e fiquei sentado, abraçando os joelhos, de cabeça baixa, tentando apagar o incêndio que o medo tinha acendido em mim. Demorou um tempão até a tremedeira que tomou conta do meu corpo parar completamente. Passei o resto do dia e a noite inteira na balsa. Não comi nem bebi nada.

Tentei novamente quando apanhei outra tartaruga. O casco era menor, mais leve e dava um escudo melhor. Mais uma vez, fui em frente e comecei a bater com os pés no banco do meio.

Será que as pessoas que estão ouvindo essa história vão entender que esse meu comportamento não era um ato de insanidade ou uma tentativa de suicídio disfarçada, mas simples necessidade? Ou eu conseguia domá-lo, mostrando-lhe quem era o Número Um e quem era o Número Dois, ou morreria no dia em que tentasse ir a bordo quando o tempo estivesse fechado e ele fizesse objeção.

Se sobrevivi ao meu aprendizado como treinador de animais em alto-mar, foi porque Richard Parker não queria realmente me atacar.

Os tigres, como aliás todos os animais, não são favoráveis a usar da violência como forma de acerto de contas. Quando brigam, os animais estão pretendendo matar e sabem que podem ser mortos. Um confronto custa caro. Por isso, eles têm todo um sistema de sinais de alerta para evitar que precisem chegar às vias de fato e não hesitam em recuar quando sentem que podem fazer isso. É raro um tigre atacar outro predador sem aviso prévio. O alerta mais característico é partir para cima do outro, com muitos rugidos e rosnados. Antes, porém, que seja tarde demais, ele estanca e continua fazendo uns ruídos ameaçadores bem guturais. Avalia então a situação. Se decidir que não existe ameaça efetiva, vai embora, confiante de ter levado a melhor.

Comigo, Richard Parker levou a melhor quatro vezes. Em quatro ocasiões, ele me acertou com a pata direita, me atirando fora do bote. E todas as quatro vezes, perdi o meu escudo. Eu ficava apavorado antes, durante e depois desses ataques, e passava um bom tempo tremendo de medo lá na balsa. Acabei aprendendo a decifrar os sinais que ele me enviava. Descobri que, com as orelhas, os olhos, os bigodes, os dentes, o rabo e a garganta, ele falava uma linguagem simples, extremamente enfática, que me dizia qual seria o seu próximo passo. Aprendi a recuar antes que ele erguesse a pata.

Então, foi a *minha* vez de levar a melhor. Fiquei ali, com os pés na amurada, o bote jogando loucamente, emitindo com o apito a minha linguagem de uma nota só, e Richard Parker se deitou no fundo do barco, gemendo e ofegando.

O meu quinto escudo durou até o fim do treinamento.

CAPÍTULO 73

O meu maior desejo — além de me salvar — era ter um livro. Um livro bem grande, com uma história interminável. Que eu pudesse ler e reler, sempre com novos olhos e percebendo coisas diferentes a cada leitura. Infelizmente, não havia nada escrito ali no bote. Eu era um Arjuna desolado, numa carruagem destruída, sem o auxílio das palavras de Krishna. A primeira vez que topei com uma Bíblia na mesinha de cabeceira de um quarto de hotel no Canadá, caí em prantos. Logo no dia seguinte, mandei uma contribuição para os Gideões e incluí um bilhete insistindo para que eles ampliassem a sua rede de distribuição. Pedi que não se limitassem aos quartos de hotéis, mas incluíssem todo e qualquer lugar onde viajantes exaustos e esgotados pudessem deitar a cabeça, e disse ainda que não deviam deixar ali apenas Bíblias, mas também outros escritos sagrados. Não consigo imaginar um jeito melhor de difundir a fé. Nada de preleções tonitruantes lá do púlpito, ou condenação de igrejas ruins, nem olhares vigilantes, simplesmente um livro de textos sacros esperando calmamente para dizer olá, tão delicado e poderoso quanto o beijo de uma garotinha no nosso rosto.

Se pelo menos eu tivesse um bom romance! Mas tudo o que havia ali era o manual de sobrevivência, que devo ter lido umas dez mil vezes durante o período daquele meu tormento.

Fiz um diário. É difícil de ler. Escrevi com a letrinha mais miúda possível. Tive medo de não ter mais papel. Não há muita coisa ali. São palavras rabiscadas numa página, tentando captar uma realidade que me sobrepujava. Comecei esse diário mais ou menos uma semana depois do naufrágio do *Tsimtsum*. Antes disso, estava ocupado demais e arrasado demais. As anotações não são datadas nem numeradas. Hoje em dia, o que me impressiona é como o tempo é apreendido. Vários dias, várias semanas, tudo numa única página... Os assuntos eram o que se poderia esperar: as coisas que aconteciam e como eu me sentia; o que conseguia apanhar e o que não conseguia; as condições do mar e o tempo que fazia; problemas e soluções; Richard Parker. Só coisas bem práticas.

CAPÍTULO 74

Fazia os meus rituais religiosos que consegui adaptar às circunstâncias: eram missas solitárias, sem padres ou hóstias consagradas; *darshans* sem *murtis* e *pujas* com carne de tartaruga fazendo as vezes de *prasad*; atos de devoção a Allah, sem saber qual era a direção de Meca e com o meu árabe ficando cada vez pior. Sem dúvida alguma, isso me consolava. Mas era difícil. Ah, como era difícil! Ter fé em Deus é se abrir, se entregar, ter uma confiança absoluta, um ato de amor absolutamente livre. Às vezes, porém, fica tão difícil amar... Às vezes, o meu coração mergulhava tão depressa na raiva, na desolação e no cansaço que me dava até medo que ele chegasse ao fundo do Pacífico e eu não pudesse trazê-lo de volta à tona.

Nesses momentos, eu tentava me elevar. Tocava o turbante que tinha feito com os restos da minha camisa e dizia em voz alta:

— Esse é o chapéu de Deus!

Dava umas batidinhas nas minhas calças e dizia:

— Esses são os trajes de Deus!

Apontava para Richard Parker e dizia, sempre em voz alta:

— Esse é o gato de Deus!

Apontava para o bote e dizia:

— Essa é a arca de Deus!

Estendia bem os braços e dizia:

— Esses são os vastos campos de Deus!

Apontava para o céu e dizia:

— Esses são os ouvidos de Deus!

Com isso, trazia à mente a Criação e lembrava do lugar que eu ocupava nela.

Mas o chapéu de Deus estava sempre se desmanchando. Os trajes de Deus estavam se desfazendo. O gato de Deus era um perigo constante. A arca de Deus era uma prisão. Os vastos campos de Deus estavam me matando pouco a pouco. Os ouvidos de Deus não pareciam me ouvir.

O desespero era uma escuridão pesada que não deixava a luz entrar ou sair. Era um inferno absolutamente indescritível. Graças a Deus, acabava passando. Era um cardume que surgia perto da rede ou um nó que precisava ser refeito. Ou, então, eu lembrava da minha família que havia sido poupada dessa agonia tão terrível. A escuridão ia se abrindo e acabava desaparecendo, e Deus ficava ali, um pontinho de luz brilhando no meu coração. E eu continuava amando.

CAPÍTULO 75

No dia que, pelos meus cálculos, era o aniversário da minha mãe, cantei “Parabéns pra você” bem alto para ela.

CAPÍTULO 76

Adquiri o hábito de andar atrás de Richard Parker, limpando a sua sujeira. Assim que percebia que o intestino dele tinha funcionado, lá ia eu empreender uma operação arriscada que envolvia recolher as fezes que encontrasse, usando o arpão, e catar as que estivessem na lona. Fezes podem ser infestadas de parasitas. Isso não tem a menor importância no caso dos animais que vivem na natureza, já que é raro eles ficarem rondando ali por perto e quase todos têm uma relação absolutamente neutra com elas. Os bichos que vivem nas árvores em geral nem chegam a vê-las e os terrestres normalmente defecam e vão embora. No território mais compacto de um zoológico, porém, a situação é bem diferente e deixar as fezes permanecerem nos cercados ou jaulas é um convite à infecção, pois o animal é encorajado a comê-las, uma vez que os bichos são gulosos e não podem ver qualquer coisa que, de longe que seja, lembre comida. É por isso que as jaulas e os cercados são sempre limpos; a preocupação é com a saúde intestinal dos animais e não com os olhos e os narizes dos visitantes. Mas manter a reputação da família Patel em termos de um zoológico de alto padrão não era o que eu tinha em mente naquela situação. Em algumas semanas, Richard Parker ficou com prisão de ventre e o seu intestino não funcionava mais que uma vez por mês; portanto, do ponto de vista sanitário, aquele perigoso trabalho de faxineiro praticamente não valia a pena. O meu motivo era outro: da primeira vez que Richard Parker fez cocô no bote, reparei que ele tentou esconder o que tinha feito. O significado daquele gesto não me passou despercebido. Ostentar abertamente as fezes, exibir o seu cheiro teria sido um sinal de dominância social. Por outro lado, escondê-las, ou tentar fazer isso, era uma demonstração de deferência, deferência para *comigo*.

Dava para perceber que aquilo o deixava nervoso. Ele ficava agachado, com a cabeça meio inclinada para trás, as orelhas baixadas e emitia um grunhido baixinho, contínuo. Eu fazia tudo de forma extremamente cautelosa e pensada, não apenas para

preservar a minha vida, mas também para lhe dar o sinal adequado, que era o seguinte: depois de apanhar as suas fezes, eu as rolava nas mãos por alguns segundos, levava-as ao nariz e cheirava ruidosamente. Enquanto fazia isso, olhava algumas vezes para ele de forma ostensiva, fitando-o com os olhos bem arregalados (se ele soubesse que era de medo...) por tempo suficiente para deixá-lo inquieto, mas não tanto assim a ponto de provocá-lo. Além do mais, cada vez que os meus olhos se voltavam para ele, eu apitava baixinho, de um jeito ameaçador. Fazendo isso, ou seja, importunando Richard Parker com o meu olhar (pois, é claro, para todos os animais, inclusive para nós, olhar fixo é um ato agressivo) e soltando aquele apito que, na sua mente, era associado a coisas tão horríveis, eu deixava bem claro que, se eu quisesse, tinha todo direito, um direito senhorial, de acariciar e de cheirar as suas fezes. Como você pode ver, o que eu estava fazendo não era uma questão de zelo zoológico, e sim pura pressão psicológica. E funcionou. Richard Parker nunca me encarava; os seus olhos ficavam pairando no ar, nem se detendo em mim, nem se afastando de mim. Era algo que eu podia sentir tanto quanto sentia aquelas bolas de excremento nas mãos: o processo de dominação estava a pleno vapor. Esse exercício me deixava sempre esgotado de tanta tensão, mas também animadíssimo.

E, já que estamos tratando do assunto, eu também fiquei com prisão de ventre. Exatamente como Richard Parker. Era o resultado da nossa dieta: pouquíssima água e muita proteína. Quando me aliviava, como se diz, o que também acontecia apenas uma vez por mês, a única coisa que não sentia absolutamente era alívio. Era algo que durava um tempão, um ato difícil e doloroso que me deixava banhado de suor e absolutamente exausto; um sofrimento maior que febre alta.

CAPÍTULO 77

À medida que os pacotes de ração iam rareando, fui reduzindo a quantidade ingerida até chegar à cota estipulada pelas instruções e me contendo para comer só dois daqueles biscoitos a cada oito horas. Passava o tempo todo com fome. Pensava obsessivamente em comida. Quanto menos eu tinha para comer, mais sonhava com porções enormes. As minhas refeições imaginárias ficaram do tamanho da Índia. Um Ganges de sopa de *dhal*. *Chapattis* quentes do tamanho do Rajastão. Tigelas de arroz tão grandes quanto o Uttar Pradesh. *Sambars* que encheriam todo o Tamil Nadu. Sorvetes com cobertura tão altos quanto os Himalaias. Virei perito nesses sonhos: todos os ingredientes para os meus pratos eram sempre fresquinhos e em grande quantidade; o forno ou a frigideira estavam sempre na temperatura ideal; as proporções de tudo que eu usava eram absolutamente equilibradas; nada jamais queimava ou ficava cru, nada ficava quente demais ou frio. Cada uma daquelas refeições era simplesmente perfeita — o único problema era estarem fora do meu alcance.

Aos poucos, o raio de ação do meu apetite se ampliou. Se, no princípio, eu limpava os peixes e tirava a pele com todo cuidado, em pouco tempo já estava só passando uma água para tirar aquela parte mais viscosa antes de enfiá-los na boca. E ficava deliciado por ter um petisco tão maravilhoso entre os dentes. Lembro que os peixes-voadores eram particularmente saborosos, com aquela carne tenra de um branco rosado. Os dourados tinham uma textura mais firme e um gosto mais acentuado. Comecei a comer também as cabeças dos peixes, em vez de atirá-las para Richard Parker ou usá-las como iscas. Foi fantástico quando descobri aquele fluido fresquinho que eu podia chupar, não apenas dos olhos dos peixes maiores, mas também das suas vértebras. As tartarugas, que, antes, eu mal abria com a faca e já estava jogando no fundo do bote para Richard Parker, como uma tigela de sopa quente, passaram a ser o meu prato favorito.

Parece impossível imaginar que houve uma época em que eu via uma tartaruga marinha viva como um lauto banquete refinado, uma bendita folga para quem comia peixe o tempo todo. Pois era isso mesmo. Nas veias das tartarugas corria o mais doce dos *lassis*, mas que tinha de ser bebido assim que brotava do pescoço, já que coagulava em menos de um minuto. Os melhores *poryials* e *kootus* do mundo não chegavam aos pés daquela carne, fosse ela marrom, depois de curada, ou vermelho-escura, quando bem fresquinha. Nenhum *payasam*, o pudim de arroz com cardamomo, era tão gostoso quanto aqueles ovos cremosos ou a gordura curada das tartarugas. Um picadinho de coração, pulmão, fígado, carne e pedaços de intestino bem limpos, tudo salpicado com lascas de peixe e regado com um molho de clara e soro sanguíneo, dava um *thali* incomparável, de lamber os beiços. No fim da minha permanência no mar, já comia tudo que uma tartaruga podia oferecer. Nas algas que recobriam o casco de algumas tartarugas-de-pente, às vezes encontrava pequenos siris e mariscos. Comia o que quer que achasse no seu estômago. Passei horas maravilhosas roendo uma articulação da pata ou um osso partido ao meio, e lambendo aquele tutano. E os meus dedos estavam sempre catando pedacinhos de carne ou de gordura seca que ficavam grudados na parte interna do casco, sempre procurando comida daquele jeito automático dos macacos.

Um casco de tartaruga é algo muito útil. Não sei o que teria feito sem eles. Não apenas me serviam de escudo, mas também de tábua para cortar peixe e de tigela para misturar a comida. E, depois que os elementos da natureza deixaram as mantas absolutamente imprestáveis, eu usava aqueles cascos para me abrigar do sol, apoiando-os uns nos outros e me deitando ali debaixo.

Era assustador perceber a que ponto uma barriga cheia era garantia de bom humor. O segundo se seguia ao primeiro em proporções idênticas: quanto mais comida e água, mais bem-humorado eu ficava. Ô vidinha inconstante! Eu ficava à mercê da carne das tartarugas para sorrir...

Quando o último biscoito desapareceu, não conseguia achar nada bom, fosse qual fosse o gosto que tivesse. Podia pôr qualquer coisa na boca, mastigar e engolir — algo delicioso, ruim ou insosso —,

contanto que não fosse salgado. O meu corpo desenvolveu uma repulsa pelo sal que persiste até hoje.

Uma vez, provei as fezes de Richard Parker. Aconteceu ainda no começo, quando o meu organismo não tinha aprendido a viver com fome e a minha imaginação passava o tempo todo procurando enlouquecida por uma solução. Pouco antes, eu tinha posto no seu balde um pouco da água tirada do destilador solar. Depois de tomar tudo de uma vez só, ele se enfiou debaixo da lona e voltei a fazer uma coisa qualquer lá no armário. Como sempre fazia nessa época, vira e mexe dava uma espiada por baixo da lona para ter certeza que ele não estava aprontando nada. Não é que, dessa vez, ele estava? Eu o vi agachado, com as costas encurvadas e as patas traseiras bem abertas. Tinha o rabo levantado, chegando a empurrar a lona. Ora, aquela posição era reveladora. Assim que vi aquilo, pensei em comida, não em higiene animal. Decidi que o risco era pequeno. Ele estava virado para o outro lado e nem dava para ver a sua cabeça. Se eu respeitasse a sua paz e a sua tranquilidade, talvez ele nem reparasse em mim. Peguei a caneca de apanhar água e estiquei o braço. Foi na hora certa. No exato instante em que pus a caneca em posição, na base do seu rabo, o ânus de Richard Parker se distendeu; dali surgiu uma bola preta de excremento que mais parecia um chiclete de bola e que caiu na minha caneca com um *ploc*. Garanto que, quando eu disser que aquilo soou aos meus ouvidos como a música de uma moeda de cinco rupias caindo na caneca de um mendigo, muita gente vai ter certeza que, a essa altura, eu tinha abandonado os últimos vestígios de humanidade. Mas é gente que não entende a que ponto havia chegado o meu sofrimento. Um sorriso rachou os meus lábios, fazendo-os sangrar. Fiquei profundamente grato a Richard Parker. Trouxe a caneca para perto de mim. Peguei o cocô com os dedos. Estava muito quente, mas o cheiro não era tão forte assim. Tinha mais ou menos o tamanho de uma bolota de *gulab jamun*, sem a maciez desse doce. Na verdade, era duro como uma pedra. Se carregássemos uma espingarda com ele, poderíamos matar um rinoceronte.

Botei a bolota de novo na caneca e acrescentei um pouco de água. Deixei ela ali ao lado, de molho. Fiquei esperando, com a

boca cheia de água. Quando não consegui mais esperar, enfiei tudo na boca. Mas não deu para comer. Tinha um gosto amargo, mas isso era o de menos. O problema foi a conclusão da minha boca, uma conclusão imediata e óbvia: não há nada que eu possa tirar daqui. Na verdade, eram apenas restos que não continham nenhum nutriente. Cuspi tudo fora e fiquei arrasado por ter desperdiçado uma água tão preciosa. Passei a mão no arpão e fui recolher o resto das fezes de Richard Parker. Elas foram direto para os peixes.

Depois de apenas algumas semanas, o meu corpo começou a se deteriorar. Os meus pés e os meus tornozelos foram ficando inchados e passei a achar extremamente cansativo ficar em pé.

CAPÍTULO 78

Havia vários céus. O céu repleto de grandes nuvens brancas achatadas na parte de baixo, mas redondas e todas onduladas na de cima. O que não tinha nuvem alguma, um céu de um azul que chegava quase a estilhaçar os sentidos. O que ostentava uma coberta pesada e sufocante de nuvens cinzentas, mas não trazia nenhuma promessa de chuva. O ligeiramente carregado. O que era todo salpicado de nuvenzinhas brancas e peludas. O rajado por nuvens altas e finas que pareciam uma bola de algodão toda desfiada. O que era apenas uma bruma leitosa. O que era coberto de nuvens densas, escuras e tempestuosas que passavam sem trazer chuva nenhuma. O que ficava todo pintado com umas nuvenzinhas achatadas que mais pareciam uns bancos de areia. O que não passava de um bloco criando um efeito visual na linha do horizonte: a luz do sol banhando o oceano, com bordas verticais perfeitamente distintas separando as áreas de luz e de sombra. O que, ao longe, era uma cortina escura de chuva caindo. O que tinha muitas nuvens em diferentes níveis, algumas espessas e opacas, outras parecendo fumaça. O que era negro e cuspia chuva no meu rosto. O que era apenas água caindo, um dilúvio incessante que deixava a minha pele amolecida e enrugada e me fazia congelar.

Havia vários mares. O mar que rugia como um tigre. O que sussurrava aos meus ouvidos como um amigo me contando segredos. O que tilintava como moedas miúdas no bolso. O que troava como uma avalanche. O que sibilava como lixa na madeira. O que parecia alguém vomitando. O que era de um silêncio mortal.

E entre eles dois, entre o céu e o mar, havia todos os ventos.

E havia todas as noites e todas as luas.

Ser um náufrago é ser perpetuamente um ponto no centro de um círculo. Embora, aparentemente, muitas coisas pareçam mudar — o mar que passa do murmúrio à fúria, o céu que vai do azul-claro ao branco ofuscante e ao negro mais escuro —, a geometria nunca muda. O nosso olhar é sempre um raio. A circunferência é sempre grande. Na verdade, os círculos se multiplicam. Ser um náufrago é

estar encerrado num torturante balé de círculos. Estamos no centro de um deles e, acima de nós, dois círculos opostos ficam girando. O sol nos atormenta como uma multidão, uma multidão invasiva e barulhenta que nos faz tapar os ouvidos, fechar os olhos, querer nos esconder. A lua nos atormenta nos lembrando, calada, da nossa solidão; arregalamos bem os olhos para tentar escapar a esse isolamento. Quando olhamos para o alto, às vezes nos perguntamos se, no meio de uma tempestade solar, no meio do Mar da Tranquilidade, não haverá outra pessoa como nós também olhando para cima, também aprisionada pela geometria, também lutando com o medo, a raiva, a loucura, a desesperança, a apatia.

Por outro lado, ser um náufrago é estar preso a opostos sombrios e exaustivos. Quando está claro, a amplidão do mar aberto é ofuscante e assustadora. Quando está escuro, o negrume é claustrofóbico. De dia, ficamos com calor; desejamos estar no fresquinho, sonhamos com sorvete e só queremos jogar uma água no corpo. De noite, ficamos com frio; desejamos um pouco de calor, sonhamos com um *curry* bem quentinho e queremos nos embrulhar nas cobertas. Quando faz calor, ficamos ressecados e queremos um pouco de umidade. Quando chove, quase nos afogamos e desejamos estar secos. Quando tem comida, é sempre em abundância e dá para fazer um verdadeiro banquete. Quando não tem, não tem mesmo e passamos fome. Quando o mar está parado e sem ondas, desejamos um pouco mais de movimento. Quando ele se agita e o círculo que nos aprisiona é rompido por montanhas de água, sofremos dessa peculiaridade do alto-mar, a sufocação no espaço aberto, e desejamos que ele fique imóvel novamente. É comum os opostos acontecerem ao mesmo tempo, e, assim, quando o sol está nos castigando a ponto de nos deixar arrasados, temos plena consciência de que ele também está secando as lascas de peixe e de carne penduradas na corda e que é uma bênção para os destiladores solares. Quando, ao contrário, uma tempestade está repondo o nosso estoque de água potável, também sabemos que a umidade vai afetar as carnes penduradas para secar e que, provavelmente, algumas vão estragar, ficando esverdeadas e moles. Quando o mau tempo passa e fica claro que sobrevivemos ao ataque do céu e às traições do mar, a nossa alegria se mistura com

a raiva de ver tanta água potável cair diretamente no mar e também com a preocupação de que possa ser a última chuva que vamos ver, que possamos morrer de sede antes que as próximas gotas cheguem a cair.

Dos pares de opostos, o pior é o tédio e o terror. Às vezes, a nossa vida parece um pêndulo oscilando entre eles. O mar não tem um vinco sequer. Não há um sopro de vento. As horas são intermináveis. Ficamos tão entediados que mergulhamos num estado de apatia que beira o coma. Então, o mar fica encapelado e as nossas emoções são freneticamente açoitadas. Entretanto, nem mesmo esses dois opostos permanecem distintos. No tédio, existem elementos do terror: caímos no choro; ficamos assustados; gritamos; chegamos a nos machucar de propósito. E sob o domínio do terror — a pior das tempestades —, não deixamos de sentir tédio, um profundo cansaço de tudo isso.

Só a morte estimula de forma consistente as nossas emoções, seja quando a contemplamos, nos momentos em que a vida está segura e sem graça, ou quando fugimos dela nas ocasiões em que a vida está ameaçada e nos parece preciosa.

A vida num bote não é exatamente vida. É como o final de uma partida de xadrez, um jogo feito com poucas peças. Os elementos não poderiam ser mais simples, as apostas não poderiam ser mais altas. Fisicamente, é dificílimo; moralmente, é mortal. Se quisermos sobreviver, temos de fazer ajustes. Vários deles se tornam dispensáveis. Conseguimos felicidade onde for possível. Chegamos a um ponto em que estamos no fundo do inferno, e, mesmo assim, mantemos os braços cruzados e um sorriso no rosto, e nos sentimos a pessoa mais sortuda da face da Terra. Por quê? Porque temos, aos nossos pés, um mísero peixinho morto.

CAPÍTULO 79

Todo dia apareciam tubarões. Em sua maioria, eram anequins ou tubarões-azuis, mas também havia os tubarões-de-pontas-brancas e, uma vez, surgiu um tubarão-tigre saindo do mais escuro dos pesadelos. O amanhecer e o anoitecer eram as suas horas favoritas. Mas, efetivamente, nunca chegaram a criar problema. Certo dia, um deles bateu no casco do bote com a cauda. Não acho que tenha sido uma pancada acidental (outras criaturas marinhas faziam a mesma coisa, as tartarugas, por exemplo, e até mesmo os dourados). Acho que era o jeito de ele determinar a natureza da embarcação. Uma boa cacetada com a machadinha no nariz do invasor o fez desaparecer mais que depressa nas profundezas do mar. O maior problema era que, com eles por perto, entrar na água era perigoso, como passar pelo portão de uma propriedade onde se vê o cartaz dizendo “Cuidado. Cachorro bravo”. A não ser por isso, aprendi a gostar deles. Eram como aqueles velhos amigos que, apesar de teimarem em não admitir que gostavam de mim, estavam sempre passando por ali para me ver. Os tubarões-azuis eram menores, em geral não tinham mais de um metro e meio, dois metros de comprimento, e eram também os mais bonitos, magros e esbeltos, com uma boca pequena e guelras discretas. O seu dorso era de um azul-marinho bem forte e a barriga, branca como a neve, cores que se transformavam em cinza ou preto quando eles estavam a certa profundidade, mas que, perto da superfície, chegavam a reluzir com um brilho surpreendente. Os anequins eram maiores, com uns dentes saltados e assustadores; no entanto, também tinham um belo colorido, um azul-índigo que ficava lindo ao refletir a luz do sol. De um modo geral, os tubarões-pontas-brancas eram menores que os anequins — alguns dos quais chegavam a medir quase quatro metros —, mas eram muito mais corpulentos e tinham umas barbatanas dorsais enormes que se exibiam fora da água, como uma bandeira de guerra; a visão desse movimento rápido dava nos nervos e era difícil de aguentar. Além disso, eram de um marrom-acinzentado muito sem graça e as manchas brancas

das pontas das suas barbatanas não tinham nada de particularmente atraente.

Pesquei alguns tubarões pequenos, em sua maioria azuis, mas também alguns anequins. Foi sempre pouco depois do pôr do sol, quando a luz do dia já estava se apagando, e eu os pegava com as mãos mesmo, quando eles se aproximavam do bote.

O primeiro foi o maior de todos, um anequim de cerca de um metro e meio. Ele ficou um tempão se aproximando e se afastando da proa. Numa dessas vezes, por puro impulso meti a mão na água e o segurei pouco acima da cauda, onde o corpo dele era mais fino. A sua pele áspera dava uma pega tão firme que, sem pensar no que estava fazendo, eu o puxei. Nessa hora, ele pulou, dando uma sacudidela fortíssima no meu braço. Para meu horror e deslumbramento, aquela coisa deu um salto no ar, numa explosão de água. Por uma fração de segundo, fiquei sem saber o que fazer. Ele era menor que eu — mas será que naquela situação eu não estava bancando o Golias imprudente? Não seria melhor soltá-lo? Virei o corpo, dei impulso e, caindo na lona, consegui atirar o anequim para a popa. Ele caiu do céu no território de Richard Parker. Bateu no chão com um baque surdo e começou a se debater fazendo tanto barulho que tive medo que pudesse destruir o bote. Richard Parker tomou um susto. Atacou imediatamente.

Começou então uma batalha épica. Em consideração aos zoólogos, posso dizer o seguinte: um tigre nunca vai atacar um tubarão fora da água com as mandíbulas; prefere acertá-lo com as patas dianteiras. Richard Parker começou a dar patadas no bicho. A cada golpe, eu estremecia. Eram simplesmente terríveis. Uma única patada daquelas quebraria todos os ossos de um ser humano, transformaria qualquer móvel em lascas de madeira, reduziria uma casa inteira a uma pilha de escombros. Era óbvio que o anequim não estava gostando nada daquele tratamento, pois ficou ali se contorcendo, se virando, dando rabanadas e tentando morder.

Talvez por não estar muito acostumado a lidar com tubarões, por nunca ter deparado com um peixe predador, ou seja lá por que motivo fosse, Richard Parker acabou sofrendo um acidente. Esta foi uma das raras vezes em que tive de admitir que ele não era perfeito; que, apesar dos seus instintos confiáveis, ele podia fazer suas

trapalhadas. Num determinado momento, pôs a pata esquerda na boca do tubarão. O anequim cerrou as mandíbulas. Mais que depressa, Richard Parker se ergueu nas patas traseiras. O tubarão foi jogado para o alto, mas não soltou a presa. Richard Parker caiu para trás, abriu bem a boca e rugiu a plenos pulmões. Senti um bafo de ar quente no corpo. O ar estremeceu nitidamente, como acontece com o calor saindo de uma estrada num dia quente. Posso imaginar, ao longe, a uns 250 quilômetros de distância, o vigia de um navio erguendo os olhos assustado e, mais tarde, relatando a coisa mais estranha do mundo: que julgou ter ouvido um gato miando por volta das três da tarde. Dias depois, aquele rugido ainda ressoava nas minhas entranhas. Mas os tubarões são surdos, como se costuma dizer. Portanto, enquanto eu, que nem pensaria em beliscar a pata de um tigre, o que dirá tentar engoli-la, recebia um rugido vulcânico em cheio no rosto e me sacudi todo, tremi, me derreti de medo e desabei, o tubarão só percebeu uma vibração meio chocha.

Richard Parker se virou; com as garras da pata livre, começou a golpear a cabeça do bicho e a mordê-lo também. Com as patas traseiras se pôs a estraçalhar a barriga e o dorso do anequim. Este, porém, não largava a outra pata, a sua única estratégia de defesa e ataque, e sacudia o rabo furiosamente. Tigre e tubarão ficaram se retorcendo e se embolando ali no chão. Com um esforço supremo, consegui recuperar algum controle sobre o meu corpo para pular na balsa e soltar um pouco a corda. O bote foi se afastando. Com o movimento que ele fazia, eu via uns flashes de alaranjado e azul-escuro, pelo e pele. Os rosnados de Richard Parker eram simplesmente assustadores.

Finalmente, o barco parou de se mexer. Uns bons minutos mais tarde, Richard Parker se sentou, lambendo a pata esquerda.

Nos dias que se seguiram a esse incidente, passei um tempão prestando atenção nas suas quatro patas. A pele dos tubarões é recoberta de uns carocinhos minúsculos que a tornam áspera como uma lixa. Ele tinha por certo se cortado ao ficar esfregando as patas naquele anequim. A esquerda estava machucada, mas, aparentemente, não havia dano permanente: não lhe faltava nenhum dedo ou garra. Já o tubarão, a não ser pelas pontas do

rabo e pela área ao redor da boca estranhamente intocadas, era uma maçaroca descarnada e meio comida. Havia uns nacos de carne de um cinza avermelhado e pedaços de órgãos internos espalhados por todo lado.

Com o gancho do arpão, consegui catar uns restos do anequim, mas, para minha decepção, as suas vértebras não continham fluido algum. A carne, ao menos, era saborosa e não tinha gosto de peixe, e roer aquelas cartilagens foi um abençoado descanso de tanta comida macia.

Desde esse dia, passei a pegar os tubarões menores, na verdade, filhotes, que eu mesmo matava. Descobri que esfaqueá-los nos olhos era um jeito mais rápido e menos cansativo de matá-los, muito melhor que lhes abrir a cabeça com a machadinha.

CAPÍTULO 80

De todos os dourados, lembro de um em particular, um peixe muito especial. Era de manhã cedo, num dia encoberto, e estávamos no meio de uma tempestade de peixes-voadores. Richard Parker estava ocupadíssimo, tentando abatê-los a patadas. Eu me enfiei atrás de um casco de tartaruga, tratando de me proteger. Na mão, segurava um arpão ao qual havia prendido um pedaço de rede aberto. Tinha esperança de capturar alguns deles desse jeito. Não estava tendo muito sucesso. Um peixe-voador passou zunindo. O dourado que o perseguia saltou da água. Mas houve um erro de cálculo. O peixe-voador, aflito, conseguiu passar, escapando por pouco da minha rede; já o dourado esbarrou no casco do barco feito uma bala de canhão. A pancada fez o bote todo estremecer. Respingou um jato de sangue na lona. A minha reação foi imediata: me atirei por baixo daquela chuva de peixes-voadores e agarrei o dourado pouco antes que um tubarão o abocanhasse. Consegui trazê-lo para bordo. Ele já estava morto, ou quase, e ficou ali, passando de uma cor a outra. Que achado! Que achado!, pensei, empolgado. Mil vezes obrigado, Jesus-Matsya. Era um peixe gordo e bem carnudo. Devia pesar bem uns dezoito quilos. Daria para alimentar toda uma horda. Os seus olhos e a sua espinha poderiam irrigar um deserto.

Infelizmente, a cabeçorra de Richard Parker se virou para o meu lado. Pude perceber com o rabo do olho. Os peixes-voadores continuavam passando, mas ele já não estava mais interessado naquela chuva. Agora, toda a sua atenção tinha se voltado para o peixe que eu tinha nas mãos. Ele estava a menos de três metros de distância. Da boca entreaberta, pendia um peixe. O seu dorso foi ficando mais arredondado. O seu traseiro se agitou. O seu rabo se remexeu. Não havia dúvida: Richard Parker estava se preparando para dar o bote e me atacar. Era tarde demais para sair dali; tarde até mesmo para soprar o meu apito. A minha hora tinha chegado.

Mas tudo tem limite. Eu já tinha sofrido muito. Estava com tanta fome... A gente só consegue ficar sem comer por uns tantos dias.

E, assim, num momento de insanidade provocado pela fome — porque eu estava mais empenhado em comer que em me manter vivo —, sem ter com que me defender, nu, no sentido próprio da palavra, encarei Richard Parker, fitando-o bem nos olhos. De repente, a sua força bruta só significava fraqueza moral. Não era nada comparada à força da minha mente. Abri bem os olhos, assumi um ar desafiador e ficamos nos encarando. Qualquer pessoa do ramo dos zoológicos pode confirmar que um tigre, aliás qualquer felino, não ataca olhando nos olhos da sua presa; na verdade, ele vai esperar que o veado, o antílope ou o gauro desviem o olhar. Mas entre saber disso e pôr isso em prática vai uma grande diferença (e essa informação é absolutamente inútil se tivermos a intenção de encarar um felino gregário. Enquanto estivermos olhando fixo para um leão, outro virá nos atacar pelas costas). Por dois, talvez três segundos, travou-se uma terrível batalha mental por status e autoridade entre um garoto e um tigre. Bastava um pulinho de nada e ele estaria em cima de mim. Mas fiquei firme.

Richard Parker lambeu o focinho, rosnou e se virou. Furioso, abateu um peixe-voador. Ganhei. Ofegante, sem conseguir acreditar no que via, peguei o dourado e tratei de passar para a balsa. Pouco depois, dei a Richard Parker um belo naco da carne daquele peixe.

Desse dia em diante, percebi que o meu domínio já era indiscutível e, pouco a pouco, comecei a passar mais tempo no bote. Primeiro, na proa; mais tarde, à medida que fui adquirindo confiança, em cima da lona, que era bem mais confortável. Ainda morria de medo de Richard Parker, mas só quando era necessário. A sua simples presença já não me deixava tão tenso. Podemos nos acostumar a tudo. Já não disse isso? Não é o que dizem todos os sobreviventes?

De início, deitava na lona com a cabeça apoiada na borda enrolada do lado da proa. Ali, ela ficava um pouco levantada, pois as extremidades do bote eram mais altas que a parte do meio. Assim, eu podia ficar de olho em Richard Parker.

Mais tarde, virei de lado, apoiando a cabeça pouco acima do banco central, de costas para Richard Parker e seu território. Nessa posição, ficava mais longe das bordas do barco e menos exposto ao vento e aos respingos de água.

CAPÍTULO 81

Sei que é difícil acreditar que eu tenha sobrevivido. Quando penso nisso, até eu custo a acreditar.

A exploração pura e simples da pouca resistência de Richard Parker ao mar não é a única explicação. Há outra: eu era a fonte de comida e água. Ele viveu num zoológico desde que podia se lembrar e estava acostumado a receber o seu sustento sem ter de levantar uma pata sequer. Na verdade, quando chovia e o bote inteiro se transformava num coletor, ele percebia de onde tinha vindo aquela água. E quando éramos açoitados por um cardume de peixes-voadores, o meu papel naquilo tudo não era tão evidente. Acontece, porém, que episódios como esses não alteravam a realidade das coisas: quando ele olhava para fora do bote, não via nenhuma floresta onde pudesse caçar e nenhum rio onde pudesse beber à vontade. Mesmo assim, eu lhe dava comida e lhe dava água potável. A minha intervenção era pura e milagrosa. E me conferia poder. A prova disso é que me mantive vivo, dia após dia, semana após semana. A prova disso é que ele nunca me atacou, nem mesmo quando eu estava dormindo na lona. A prova disso é que estou aqui para contar essa história.

CAPÍTULO 82

Eu guardava a água da chuva e a dos destiladores solares dentro do armário, longe da vista de Richard Parker, naqueles três sacos plásticos de cinquenta litros amarrados com um barbante. Esses sacos não seriam mais preciosos se estivessem cheios de ouro, safiras, rubis e diamantes. Eu vivia preocupado com eles. O meu pior pesadelo era abrir o armário pela manhã e descobrir que os três tinham derramado, ou, o que seria ainda mais catastrófico, que eles estavam rasgados. Tentando evitar semelhante tragédia, eu os embrulhava em mantas para que não ficassem roçando no casco metálico do bote e os deslocava o mínimo possível para reduzir o risco de acabarem rasgando. Mas morria de medo da boca desses sacos. Será que o barbante não ia desgastar o plástico? Como poderia mantê-los fechados se a parte de cima rasgasse?

Quando tudo estava indo bem, quando as chuvas eram torrenciais, quando os sacos ficavam cheios de água até a boca, eu enchia também as canecas, os dois baldes, os dois recipientes multiuso, os três copos e as latinhas de água vazias (que, a essa altura, eu guardava com todo cuidado). Depois, enchia também os saquinhos para vômito e os fechava bem, dando um nó na parte superior. Se ainda continuasse a chover, eu me usava como reservatório. Enfiava a ponta do tubo coletor na boca e bebia, bebia, bebia...

Acrescentava sempre um pouco de água salgada ao balde de Richard Parker; em maior quantidade quando tinha chovido, em menor nos períodos de estiagem. Às vezes, mais no início da nossa jornada, ele botava a cabeça para fora do barco, farejava o mar e tomava uns goles de água, mas logo parava de beber.

Nem assim, porém, eu conseguia dar conta desse problema. A escassez de água potável foi o único motivo constante de aflição e sofrimento durante a nossa estada no mar.

De qualquer comida que eu arranjasse, Richard Parker ficava sempre com a parte do leão, por assim dizer. Na verdade, eu não tinha muita escolha. Ele logo percebia quando eu apanhava uma

tartaruga, um dourado ou um tubarão, e não me restava outra alternativa a não ser lhe dar um pouco, bem depressa e com a maior generosidade. Acho que devo deter o recorde mundial em abrir barriga de tartarugas. Quanto aos peixes, eram fatiados praticamente enquanto ainda estavam se debatendo no chão. Se acabei ficando tão pouco seletivo com relação ao que comia, não foi apenas por causa da fome assustadora; foi também por simples pressa. Às vezes, não dava nem para examinar o que eu tinha ali, à minha frente. Ou enfiava aquilo na boca imediatamente, ou perdia a comida para Richard Parker, que já estava agitando as patas, pisoteando o fundo do bote e bufando de impaciência nas bordas do seu território. A indicação mais incontestável do ponto a que eu tinha chegado foi o dia em que percebi, com um aperto no coração, que estava comendo como um bicho; que o jeito como eu devorava as coisas freneticamente, fazendo o maior barulho e sem mastigar, era exatamente como Richard Parker comia.

CAPÍTULO 83

Numa tarde, a tempestade veio chegando devagar. As nuvens pareciam até estar tropeçando, assustadas, empurradas pelo vento. O mar fez o mesmo: começou a subir e a descer de um jeito que deixou o meu coração apertado. Peguei os destiladores e a rede. Ah, só vendo a paisagem que se formou ao meu redor! Tudo o que eu já tinha visto até então não passava, agora, de uns morrinhos de água. Essas ondas, sim, eram verdadeiras montanhas. Os vales onde estávamos eram tão profundos que chegavam a ser escuros. Os paredões que se formavam eram tão íngremes que o bote começou a deslizar por eles, quase surfando. Mas era a balsa que estava sendo particularmente maltratada, arrancada da água e arrastada para lá e para cá, aos pulos. Joguei as duas âncoras, em profundidades diferentes para que uma não atrapalhasse a outra.

Ao escalar aquelas ondas imensas, o bote se agarrava às âncoras como um alpinista a uma corda. Íamos subindo até encontrarmos o topo branco como a neve, numa explosão de luz e de espuma, e o barco chegava a embicar para frente. Daria para ver vários quilômetros a nossa volta. Mas a montanha se movia e o chão debaixo de nós começava a afundar de um jeito que deixava o estômago completamente embrulhado. De uma hora para outra, lá estávamos nós de novo instalados no fundo de um vale escuro, diferente do anterior, mas igualzinho, com milhares de toneladas de água se agigantando por todo lado e tendo apenas a nossa frágil leveza para nos salvar. O nosso chão voltava a se mover, os cabos das âncoras ficavam tão tensos que chegavam a estalar e a montanha-russa recomeçava mais uma vez.

As âncoras desempenharam bem o seu papel, na verdade, até bem demais. Cada crista de onda queria nos levar para um mergulho; as âncoras, porém, se erguiam possantes e nos seguravam, só que à custa de empurrar para baixo a frente do barco. O resultado era uma explosão de água e espuma na proa. Sempre que isso acontecia, eu ficava completamente ensopado.

Foi quando veio uma onda particularmente interessada em nos levar consigo. Desta vez, a proa desapareceu dentro da água. Tomei o maior susto. Gelei e fiquei atordoado de tanto medo. Mal consegui me segurar. O barco ficou encharcado. Ouvi Richard Parker rugindo. Senti que a morte se abatia sobre nós. A única alternativa que me restava era escolher ser morto pelas águas ou por um animal. Escolhi o animal.

Quando estávamos afundando nas costas daquela onda, pulei na lona e consegui desenrolá-la na direção da popa, ficando bem perto de Richard Parker. Se por acaso ele reclamou, não ouvi. Mais depressa que um pedaço de pano passando pela máquina de costura, prendi a lona nos ganchos de ambos os lados do casco. Já estávamos subindo de novo. O barco ia cambaleando direto lá para cima. Não era fácil manter o equilíbrio. Agora, o bote estava coberto e a lona baixada, exceto no lugar onde eu estava. Me espremi entre o banco lateral e a lona, puxando o que restava dela para cobrir a cabeça. Não havia muito espaço ali. Entre o banco e a amurada eram uns trinta centímetros, e os bancos laterais tinham apenas uns 45 centímetros de largura. Mas, nem mesmo diante da ameaça da morte, eu seria tão louco a ponto de me deitar no chão. Faltavam ainda quatro ganchos. Enfiei a mão pela abertura e peguei a corda. A cada laçada que eu dava, ia ficando mais difícil fazer a seguinte. Consegui dar duas. Ficaram faltando duas. O bote ia subindo, num movimento suave e incessante. A inclinação era de mais de trinta graus. Dava para sentir que eu estava sendo empurrado na direção da popa. Torcendo a mão freneticamente, consegui prender a corda em mais um gancho. Foi o máximo que deu para fazer. Na verdade, aquilo não era coisa para ser feita ali por dentro, e sim por fora do barco. Puxei a corda com toda força, trabalho que ficou mais fácil porque, como eu a estava segurando, não saí escorregando para a outra ponta. Bem depressa, atingimos uma inclinação de 45 graus.

Devíamos estar a uns sessenta graus quando atingimos a crista da onda e passamos para o outro lado. Um tantinho daquela água toda desabou em cima de nós. Senti como se estivesse sendo esmurrado por um punho gigantesco. De repente, o barco se inclinou para frente e tudo se inverteu: agora, eu estava na parte inferior da embarcação e a água que a encharcava, junto com um

tigre ensopado, vinham na minha direção. Não senti o tigre esbarrar em mim — não sabia exatamente onde ele estava; ali debaixo da lona era escuro como breu —, mas, antes de chegarmos ao vale seguinte, eu já estava meio afogado.

Passamos o resto do dia e a noite inteira para cima e para baixo, para cima e para baixo, para cima e para baixo, até que o terror ficou monótono e foi substituído por um torpor e um completo abandono. Fiquei segurando a corda da lona com uma das mãos e, com a outra, a borda do banco da proa, com o corpo bem colado ao banco lateral. Nessa posição — água entrando, água saindo —, a lona ficava me espancando; eu já estava encharcado e morrendo de frio, além de todo machucado e esfolado pelos ossos e cascos de tartarugas. O barulho da tempestade era constante, exatamente como os rosnados de Richard Parker.

Em algum momento, durante a noite, a minha mente percebeu que o temporal tinha passado. Estávamos sacolejando no mar da maneira habitual. Por um rasgão na lona, vi um pedaço do céu todo estrelado e sem uma nuvem. Soltei a lona e me deitei em cima dela.

Só de madrugada dei pela falta da balsa. Tudo o que sobrou foram dois remos amarrados e um colete salva-vidas entre eles. Aquela visão provocou em mim o mesmo efeito que a última labareda de uma casa que pegou fogo provoca no proprietário. Procurei em cada canto do horizonte. Nada. A minha pequena cidade marítima tinha desaparecido. O fato de, por milagre, as âncoras não terem se perdido — continuavam ali, fielmente, a dar uns puxões no bote — foi um consolo que não mudou nada para mim. Perder a balsa talvez não fosse fatal para o meu corpo, mas parecia fatal para o meu ânimo.

O próprio barco estava num estado deplorável. A lona tinha se rasgado em vários pontos, e alguns desses rasgões eram nitidamente obra das garras de Richard Parker. Boa parte da nossa comida também tinha se perdido, ou porque caiu no mar, ou porque se estragou com a água que entrou. Eu estava todo dolorido e tinha um corte feio na coxa; o ferimento estava inchado e branco. Fiquei apavorado com a ideia de abrir o armário para examinar o seu conteúdo. Graças a Deus, nenhum dos sacos de água tinha se rasgado. A rede e os destiladores solares, que eu não havia

chegado a desinflar completamente, tinham calçado os sacos, impedindo-os de se mover demais.

Estava me sentindo exausto e deprimido. Desprendi a lona na popa. Richard Parker estava tão quieto que cheguei a imaginar que podia ter morrido afogado. Mas não. Quando enrolei a lona até o banco do meio e a claridade o atingiu, ele se mexeu e soltou uns grunhidos. Saiu da água e se instalou no banco traseiro. Fui pegar agulha e linha e comecei a remendar os rasgões da lona.

Mais tarde, amarrei um dos baldes a uma corda para tirar a água do bote. Ele ficou me olhando, sem muito interesse. Aparentemente, tudo que eu fazia lhe parecia chatíssimo. O dia estava quente e fui fazendo tudo bem devagar. Um movimento me fez perceber que tinha perdido algo mais. Parei para fitá-lo. Na palma da minha mão estava a única coisa que me separava da morte: o último apito cor de laranja.

CAPÍTULO 84

Estava em cima da lona, embrulhado numa manta, dormindo, sonhando, acordando, sonhando acordado, em suma, passando o tempo. Havia uma brisa constante. De vez em quando, os borrifos de uma onda vinham molhar o bote. Richard Parker tinha desaparecido debaixo da lona. Não gostava nem de se molhar, nem do sobe e desce da embarcação. Mas o céu estava azul, o tempo, quente, e o movimento do mar não se alterava. Acordei com um barulho. Abri os olhos e vi água no céu. E veio cair direto em mim. Voltei a olhar para cima. Um céu azul sem nuvens. Ouvi outro barulho, um pouco mais para a esquerda, não tão forte quanto o anterior. Richard Parker soltou um grunhido feroz. Caiu mais água em mim. Ela tinha um cheiro bem desagradável.

Olhei pela amurada. A primeira coisa que vi foi um objeto preto e grande boiando. Levei alguns segundos para entender o que era. O que me deu a pista foi uma ruga arqueada em sua borda. Era um olho. Era uma baleia. Aquele olho, do tamanho da minha cabeça, me fitava diretamente.

Richard Parker saiu de baixo da lona. Fez um chiado. Uma ligeira alteração no brilho do olho da baleia me fez perceber que, agora, ela estava olhando o tigre. Fitou-o por cerca de trinta segundos e, com toda calma, afundou. Fiquei com medo que ela nos acertasse com a cauda, mas a baleia mergulhou e desapareceu naquele azul-escuro. A sua cauda era um parêntese enorme que foi desaparecendo.

Acho que ela estava procurando um companheiro. Deve ter decidido que eu não servia, por causa do meu tamanho, e, além disso, porque eu parecia já estar acompanhado.

Vimos várias baleias, mas nenhuma que tivesse chegado tão perto quanto essa primeira. O que me alertava para a sua presença era o esguicho. Elas surgiam a certa distância, às vezes em grupos de três ou quatro, arquipélago efêmero de ilhas vulcânicas. Essas gigantas tão dóceis levantavam o meu moral. Fiquei convencido que compreendiam a minha condição; que, ao me ver, uma delas

exclamava: “Ah! É aquele náufrago com o gatinho de quem Bamphoo me falou. Coitadinho. Tomara que tenha plâncton suficiente. Preciso falar dele com Mumphoo, Tomphoo e Stimphoo. Será que não tem nenhum navio aqui por perto que eu pudesse alertar? A mãe dele vai ficar felicíssima ao vê-lo de novo. Tchau, garoto! Vou tentar ajudar. Eu me chamo Pimphoo.” Assim, de boca em boca, todas as baleias do Pacífico teriam ficado me conhecendo e eu teria sido salvo muito tempo antes, se Pimphoo não tivesse ido recorrer a um navio japonês cuja tripulação a arpoou covardemente, tendo o mesmo destino que Lamphoo encontrou nas mãos de um navio norueguês. A caça à baleia é um crime hediondo.

Os golfinhos vinham nos visitar regularmente. Houve um grupo que ficou conosco um dia inteiro e uma noite. Eram muito divertidos. Mergulhavam, rodopiavam e passavam correndo pouco abaixo do casco, parecendo não ter outra intenção a não ser se divertir. Tentei pegar um deles. Mas nenhum se aproximava do arpão. E, mesmo que se aproximassem, eram rápidos demais e grandes demais. Desisti e resolvi só ficar olhando.

Vi seis pássaros ao todo. Cada vez que via um, achava que era um anjo anunciando a proximidade de terra. Mas eram aves marinhas que podem atravessar o Pacífico praticamente com um simples bater de asas. Eu as olhava maravilhado, mas também com inveja e cheio de autopiedade.

Em duas ocasiões, vi um albatroz. Ambos passaram voando bem alto sem reparar em nós. Eu fiquei olhando boquiaberto. Eram algo sobrenatural e incompreensível.

Outra vez, a pouca distância do bote, vi duas almas-de-mestre deslizando, com os pés batendo na água. Elas também não deram pela nossa presença e me deixaram igualmente espantado.

Finalmente, chamamos a atenção de um feiticeiro-do-mar de cauda curta. Ele voou em círculos sobre o barco e acabou descendo. Sacudiu as patas, revirou as asas e pousou na água, onde ficou boiando com a leveza de um pedaço de cortiça. Olhava para mim curioso. Mais que depressa, enfiei um pedaço de peixe-voador num anzol e lancei a linha na direção do pássaro. Como não pus nenhum chumbinho, tive dificuldades em atirar o anzol perto dele. Na terceira tentativa, a ave se aproximou da isca que afundava

e mergulhou a cabeça na água para apanhá-la. O meu coração pulava de empolgação. Levei uns segundos para puxar a linha. Quando puxei, ele simplesmente soltou um grito e regurgitou o que tinha acabado de engolir. Antes que eu pudesse tentar novamente, abriu as asas e saiu voando pelos ares. Com duas ou três batidas das asas, já estava longe.

Tive mais sorte com um atobá-mascarado. Ele surgiu do nada, descendo na nossa direção, com as asas abertas que deviam ter mais de um metro de envergadura. Pousou na amurada ao alcance das minhas mãos. Ficou me fitando com aqueles olhos redondos, com um ar intrigado e sério. Era um pássaro grande, com o corpo branco como a neve e umas asas negras retintas nas pontas e na parte de trás. A cabeça, grande e bulbosa, tinha um bico amarelo-alaranjado bem pontudo e uns olhinhos vermelhos por detrás da máscara preta que o fazia parecer um ladrão depois de uma longa noite de atividade. Só os pés palmados, marrons e desproporcionais ao corpo deixavam a desejar do ponto de vista estético. O pássaro era destemido. Ficou ali por um bom tempo, beliscando as penas com o bico, exibindo a penugem macia que havia por baixo delas. Quando acabou, ergueu os olhos. As penas voltaram ao seu devido lugar e ele se mostrou como efetivamente era: uma aeronave lisinha, linda, aerodinâmica. Eu lhe ofereci um pedaço de dourado. Ele o pegou na minha mão, beliscando a palma.

Quebrei o seu pescoço empurrando a cabeça para trás: com uma das mãos, empurrei o bico; com a outra, segurei firme o pescoço. As penas daquela ave eram tão presas ao corpo que, quando comecei a arrancá-las, a pele vinha junto — na verdade, eu não estava depenando aquele pássaro, estava era destroçando. Ele já era tão leve, um volume sem peso. Peguei a faca e arranquei a sua pele. Em comparação com o seu tamanho, a quantidade de carne era decepcionante: havia só um pouco, no peito. Ela tinha uma textura mais borrachenta que a do dourado, mas, quanto ao gosto, não notei muita diferença. No estômago do pássaro, além do pedacinho de dourado que eu mesmo tinha lhe dado, encontrei três peixes pequenos. Tratei de limpá-los, para eliminar os sucos digestivos, e, depois, comi os três. Comi também o coração, o fígado e os pulmões do atobá. Engoli os seus olhos e a sua língua com um gole

de água. Parti a sua cabeça e peguei o seu pequeno cérebro. Comi as membranas dos seus pés. O resto era só pele, ossos e penas. Joguei aquilo tudo debaixo da lona para Richard Parker, que não tinha visto o pássaro chegar. Logo apareceu uma pata alaranjada.

Dias depois, ainda havia penas e penugem que saíam flutuando da toca de Richard Parker e voavam para o mar. As que caíam na água eram engolidas por peixes.

Nenhum desses pássaros jamais anunciou terra.

CAPÍTULO 85

Uma vez, estava relampejando. O céu estava tão escuro que o dia parecia até noite. Chovia muito. Ouvi uma trovoada ao longe. Achei que ficaria por isso mesmo. Mas começou a ventar, fazendo a chuva bater para lá e para cá. Pouco depois, surgiu uma risca branca que veio descendo do céu ruidosamente e atingiu a água. Foi a alguma distância do bote, mas deu para ver nitidamente o efeito que causou. A água ficou toda rajada de algo que parecia umas raízes brancas; em poucas palavras, uma imensa árvore celestial se plantou no oceano. Nunca imaginei que isso fosse possível, que os raios atingissem o mar. O estouro do trovão foi tremendo. A luz, incrivelmente forte.

Eu me virei para Richard Parker e disse:

— Olhe, Richard Parker, um raio.

E vi como ele estava se sentindo. Tinha se deitado no fundo do bote, com as patas esticadas, e tremia visivelmente.

Em mim, o efeito provocado por aquele relâmpago foi exatamente o oposto. Foi como se algo me arrancasse da limitação dos meus recursos mortais e me lançasse num estado de deslumbramento exaltado.

De repente, caiu um raio bem mais perto. Acho até que estava destinado a nós: tínhamos acabado de descer da crista de uma onda e estávamos baixando quando a parte alta do mar foi atingida. Houve uma explosão de ar quente e de água também quente. Por dois, talvez três segundos, uma gigantesca avalanche de um branco ofuscante, feita de cacos dos vidros de uma janela cósmica que se quebrou, dançou pelo céu; algo insubstancial e, mesmo assim, de um poder avassalador. Dez mil trombetas e vinte mil tambores não poderiam ter feito mais barulho que esse relâmpago; foi definitivamente ensurdecedor. O mar ficou branco e todas as cores desapareceram. Tudo passou a ser pura luz branca ou pura sombra escura. A luz não parecia tanto iluminar, mas sim penetrar. Com a mesma rapidez com que surgiu, ele desapareceu — os borrifos de água quente ainda não tinham cessado de cair sobre nós e tudo já

estava terminado. A onda castigada voltou à sua cor preta e continuou seu movimento, indiferente.

Eu fiquei atordoado, fulminado — quase no sentido próprio da palavra. Mas não com medo.

— Louvado seja Allah, Senhor de Todos os Mundos, o Compassivo, o Misericordioso, o Senhor do Dia do Juízo! — murmurei.

E, dirigindo-me a Richard Parker, gritei:

— Pare de tremer! Isso é um milagre. É uma manifestação da divindade. É... É...

Não consegui encontrar uma maneira de definir aquilo, aquela coisa tão vasta e tão fantástica. Estava sem fôlego e sem palavras. Deitei de costas na lona, com os braços e as pernas bem estendidos. A chuva me encharcou até os ossos. Mas eu fiquei sorrindo. Lembro desse encontro tão próximo com a eletrocussão e as queimaduras de terceiro grau como uma das poucas vezes em que me senti genuinamente feliz durante aquele período de tanto sofrimento.

Nos momentos de deslumbramento, é fácil evitar pensar em coisas banais, é fácil ter apenas pensamentos que abarquem o Universo, que capturem a um só tempo trovão e tilintar, fino e grosso, perto e longe.

CAPÍTULO 86

— Richard Parker, um navio!

Tive o prazer de gritar isso uma vez. Não cabia em mim de tanta felicidade. Toda a dor e a frustração desapareceram e eu me senti efetivamente radiante de alegria.

— Conseguimos! Estamos salvos! Está entendendo, Richard Parker? Estamos salvos! Ha, ha, ha, ha!

Tentei controlar a minha empolgação. E se o navio passasse longe demais para poder nos ver? Será que eu deveria soltar um foguete de sinalização? Bobagem!

— Ele está vindo bem na nossa direção, Richard Parker! Ah, muito obrigado, Senhor Ganesha! Bendito seja, em todas as suas manifestações, Allah-Brahman!

Impossível ele deixar de nos ver. Pode haver felicidade maior que a da salvação? A resposta é “Não”, pode acreditar no que lhe digo. Fiquei de pé; era a primeira vez em muito tempo que fazia esforço semelhante.

— Dá para acreditar, Richard Parker? Gente, comida, uma cama... Vamos voltar a viver. Ah, que maravilha!

O navio veio chegando mais perto. Parecia um petroleiro. O formato do seu casco estava ficando mais nítido. A salvação estava vestida de metal preto com uma borda branca.

— E se...?

Não ousei pronunciar aquelas palavras. Mas, será que não haveria uma chance de meu pai, minha mãe e Ravi ainda estarem vivos? O *Tsimtsum* tinha vários botes salva-vidas. Quem sabe eles não conseguiram chegar ao Canadá semanas atrás e estavam ansiosos, esperando receber notícias minhas? Talvez eu fosse a única pessoa desaparecida depois do naufrágio.

— Meu Deus! Como os petroleiros são grandes!

Era uma verdadeira montanha deslizando na nossa direção.

— Talvez eles já estejam em Winnipeg. Como será a nossa casa? Acha que as casas canadenses têm pátios internos, no tradicional estilo tâmil, Richard Parker? Não devem ter, não. Eles ficariam

cobertos de neve no inverno. Que pena. Não existe paz como a de um pátio interno num dia de sol... Que tipo de especiarias eles devem cultivar em Manitoba?

O navio estava muito perto. Era melhor a tripulação parar as máquinas logo de uma vez, ou, então, desviar bem depressa.

— É... Que especiarias...? Ah, meu Deus!

Horrorizado, percebi que o petroleiro não estava simplesmente vindo na nossa direção — na verdade, vinha para cima de nós. A vasta muralha de metal que era a proa ia ficando maior a cada segundo. A imensa onda que o cercava vinha avançando direto para nós. Richard Parker finalmente se deu conta daquele rolo compressor. Virou-se e fez “Uuf! Uuf!”, mas não como os cachorros fazem. Era um “Uuf” de tigre, possante, assustador e perfeitamente condizente com a situação.

— Ele vai passar por cima de nós, Richard Parker! O que podemos fazer? Depressa, depressa, um sinalizador! Não! Temos de remar. Remo no gancho... Pronto! Humpf! Humpf! Humpf! Humpf! Humpf! Hum...

A marola formada pela proa nos empurrou. Richard Parker armou o bote e ficou com os pelos todos eriçados. O barco deslizou com aquela onda e, por cerca de meio metro, escapou do petroleiro.

O navio passou por nós parecendo o paredão de um cânion preto de um quilômetro de comprimento; um quilômetro de muralhas de uma fortaleza sem uma única sentinela que pudesse nos ver ali, definhando naquele fosso. Disparei um foguete de sinalização, mas com péssima pontaria. Em vez de ultrapassar aquelas muralhas e explodir bem na cara do capitão, ele bateu no casco do navio e foi cair direto no Pacífico, onde morreu com um chiado. Apitei com toda força. Gritei a plenos pulmões. Em vão.

Com as máquinas fazendo um barulhão e as hélices cortando a água furiosamente, o petroleiro passou por nós como um turbilhão e nos deixou sacolejando e balançando no seu rastro de espuma. Depois de tantas semanas de ruídos naturais, aqueles barulhos mecânicos eram estranhos, assustadores e me deixaram absolutamente mudo.

Em menos de vinte minutos, um navio de trezentas mil toneladas já tinha virado um pontinho no horizonte. Quando me virei, Richard

Parker ainda estava olhando na direção dele. Segundos depois, desviou os olhos e, por um instante, os nossos olhares se encontraram. O meu expressava desejo, dor, angústia, solidão. Tudo que ele podia perceber era que alguma coisa importante e aflitiva tinha acabado de acontecer, algo que ultrapassava em muito os limites do seu entendimento. Não compreendeu que, por pouco, deixamos de ser salvos. Só viu que o alfa aqui, aquele tigre estranho e imprevisível, tinha ficado excitadíssimo. Foi se ajeitar para mais uma soneca. O seu único comentário foi soltar um miado meio irritado.

— Amo você! — exclamei. Aquelas palavras brotaram puras e sem restrições, infinitas. O sentimento tomou conta do meu peito. — Amo mesmo. Amo você, Richard Parker. Se você não estivesse aqui agora, não sei o que faria. Acho que não conseguiria aguentar. Não, não conseguiria. Ia morrer de desespero. Não desista, Richard Parker, não desista. Vamos chegar a terra firme. Prometo!

CAPÍTULO 87

Um dos meus métodos de fuga favoritos era o que se poderia chamar de leve asfixia. Para isso, usava um pedaço de pano que cortei dos restos de uma das mantas e que chamava meu trapo de sonhos. Eu o mergulhava no mar para deixá-lo molhado, mas não pingando. Deitava confortavelmente na lona e botava o trapo de sonhos no rosto, fazendo-o aderir ao contorno dos meus traços. Caía então num torpor, coisa aliás bem fácil para alguém num estado já tão avançado de letargia. Mas aquele trapo dava um toque todo especial a esse torpor. Provavelmente porque reduzia a quantidade de ar que eu inspirava. E, assim, eu era visitado pelos mais extraordinários sonhos, transes, visões, ideias, sensações, lembranças. O tempo desaparecia completamente. Quando um movimento qualquer ou um engasgo vinham me interromper e o trapo caía do meu rosto, eu voltava ao meu estado de plena consciência, encantado por perceber que tanto tempo tinha se passado. O pano seco não deixava dúvidas a esse respeito. Mais que isso, porém, o que importava era a sensação de que as coisas eram diferentes; que o momento presente era diferente do momento presente que veio antes dele.

CAPÍTULO 88

Um dia, topamos com lixo. Primeiro foi a água, reluzindo com umas manchas de óleo. Logo depois, surgiu o lixo, tanto doméstico quanto industrial: muita coisa de plástico, das mais variadas cores e formas, mas havia também pedaços de pau, latas de cerveja, garrafas de vinho, farrapos de roupa, pedaços de corda, tudo rodeado por uma espuma amarela. Fomos na sua direção. Fiquei de olho, para ver se não havia algo ali que pudesse nos servir. Apanhei uma garrafa de vinho com rolha de cortiça. O bote esbarrou numa geladeira que tinha perdido o motor. Estava boiando com a porta virada para o céu. Estendi a mão, segurei o fecho e abri a porta. Lá de dentro, saiu um fedor tão forte e enjoativo que pareceu até colorir o ar. Tapando a boca com a mão, olhei para ver o que havia ali. Tinha umas manchas, uns líquidos escuros, uma porção de verduras absolutamente podres, um leite tão azedo e infecto que tinha virado uma geleia esverdeada e os restos esquartejados de um bicho qualquer, num estado de putrefação tão avançado que nem consegui identificá-lo. A julgar pelo tamanho, acho que era carneiro. Confinado na umidade daquela geladeira fechada, o fedor teve tempo de se desenvolver, fermentar, e acabou ficando azedo e fortíssimo. Invadiu os meus sentidos com uma fúria contida que fez a minha cabeça rodar, o meu estômago se revirar e as minhas pernas bambearem. Por sorte, o mar logo encheu aquele buraco horrível e a coisa desapareceu. O espaço que ficou vazio quando a geladeira afundou foi preenchido por mais lixo.

Deixamos aquilo tudo para trás. Por muito tempo, quando o vento soprava daquela direção, ainda dava para sentir o mau cheiro. O mar levou um dia inteiro para tirar as manchas de óleo que ficaram nas laterais do bote.

Pus uma mensagem na garrafa: “O cargueiro japonês *Tsimtsum*, de bandeira panamenha, afundou no dia 2 de julho de 1977, no Pacífico, a quatro dias de Manila. Estou num bote salva-vidas. O meu nome é Pi Patel. Tenho um pouco de comida e de água, mas um tigre-de-bengala é um problema sério. Por favor, avisar família

em Winnipeg, Canadá. Ficarei muito agradecido por qualquer ajuda. Obrigado.” Fechei a garrafa e cobri a rolha com um pedaço de plástico. Amarrei esse plástico no gargalo com uma corda de *nylon*, dando um nó bem apertado. E atirei a garrafa na água.

CAPÍTULO 89

Tudo estava sofrendo. Tudo ia ficando queimado pelo sol e desgastado pelo tempo. O bote, a balsa, até ser perdida, a lona, os destiladores, os coletores de chuva, os sacos plásticos, as linhas de pesca, as mantas, a rede — tudo já estava gasto, esgarçado, frouxo, quebrado, ressecado, podre, rasgado, desbotado. O que antes era laranja virou um laranja esbranquiçado. O que era macio ficou áspero. O que era áspero ficou liso. O que era afiado ficou cego. O que era inteiro agora era rachado. Passar pele dos peixes e gordura de tartaruga nas coisas, como eu fazia, tentando engraxá-las um pouco, já não adiantava. O sal continuava a corroer tudo com suas milhares de bocas famintas. O mesmo acontecia com o sol, que saía torrando tudo. Mantinha Richard Parker em parte subjugado. Limpava as ossadas, deixando-as de um branco reluzente. Queimava as minhas roupas e teria queimado a minha pele, embora morena, se eu não me protegesse debaixo de mantas e de cascos de tartaruga encostados um no outro. Quando o calor ficava insuportável, eu pegava um balde e jogava água do mar no corpo; às vezes, ela estava tão quente que parecia até um xarope. O sol também se encarregava dos cheiros. Não lembro de sentir cheiro algum. Ou melhor, só lembro do cheiro dos cartuchos vazios dos foguetes de sinalização. Já disse que cheiravam a cominho? Nem me lembro qual era o cheiro de Richard Parker.

Estávamos definhando. Como o processo era lento, eu não reparava nisso o tempo todo. Mas percebia o seu avanço regularmente. Éramos dois mamíferos esqueléticos, com a pele ressecada e morrendo de fome. O pelo de Richard Parker já não tinha brilho e ele chegou mesmo a perder parte da pelagem nos ombros e no lombo. Perdeu também muito peso, transformando-se num esqueleto metido num saco de pelo desbotado, grande demais para o seu tamanho. Eu também fui encolhendo, com a umidade sendo sugada do meu corpo e os meus ossos aparecendo nitidamente debaixo da pele fina.

Comecei a imitar Richard Parker e passava uma quantidade incrível de horas dormindo. Não era exatamente um sono, mas um estado de semiconsciência em que devaneio e realidade mal se distinguiam. Usei muito o meu trapo de sonhos.

Aqui estão as últimas páginas do meu diário:

> Hoje vi um tubarão maior que todos os que tinha visto até agora. Um monstro primitivo de uns seis metros de comprimento. Listrado. Um tubarão-tigre — perigosíssimo. Ficou nos rondando. Tive medo que atacasse. Sobrevivi a um tigre; achei que fosse morrer pelas mãos de um outro. Não atacou. Foi embora. Tempo nublado, mas nada.
>
> Nada de chuva. Apenas o céu cinzento da manhã. Golfinhos. Tentei apanhar um com o arpão. Descobri que não aguentaria. R.P. enfraquecido e mal-humorado. Estou tão fraco... Se ele atacar não vou conseguir me defender. Não tenho nem forças para soprar o apito.
>
> Dia calmo e escaldante. Sol queimando sem dó. Sinto o meu cérebro fervendo aqui dentro. Estou péssimo.
>
> Prostrado de corpo e alma. Estou morrendo. R.P. está respirando, mas não se mexe. Também vai morrer. Não vai me matar.
>
> Salvação. Uma hora de chuva forte, deliciosa, linda. Enchi a boca, os sacos e as latas, enchi o corpo até não aguentar mais. Deixei ela me encharcar para tirar o sal. Rastejei para ver R.P. Nenhuma reação. Corpo encolhido, rabo quieto. Pelo embolado de umidade. Fica menor quando está molhado. Só ossos. Pus a mão nele pela primeira vez. Para ver se estava morto. Não. Ainda está quente. Incrível tocá-lo. Mesmo nessas condições, firme, musculoso, vivo. Toquei nele e o seu pelo se arrepiou como se eu fosse carrapato. Pouco depois, a cabeça meio mergulhada na água se moveu. Melhor beber que se afogar. Bom sinal: o rabo deu um salto. Joguei um pedaço de carne de tartaruga diante do focinho. Nada. Finalmente, se ergueu um

pouco — para beber. Bebeu, bebeu. E comeu. Não se levantou de todo. Passou bem uma hora se lambendo. Pegou no sono.

Não tem jeito. Hoje, vou morrer.

Hoje, vou morrer.

Estou morrendo.

Foi a última coisa que escrevi. Não parei por aí, continuei resistindo, mas sem anotar nada. Está vendo essas espirais invisíveis nas margens da página? Achei que fosse ficar sem papel. Foram as canetas que acabaram.

CAPÍTULO 90

— O que houve, Richard Parker? Você ficou cego? — perguntei, passando a mão diante da cara dele.

Há um ou dois dias, ele vinha esfregando os olhos e soltando uns miados desconsolados, mas não dei muita importância. Sentir dores era a única parte abundante na nossa dieta. Pesquei um dourado. Já fazia três dias que não comíamos nada. Na véspera, uma tartaruga tinha se aproximado do bote, mas eu estava tão fraco que não consegui trazê-la a bordo. Cortei o peixe ao meio. Richard Parker estava olhando na minha direção. Atirei a sua parte. Esperava que ele a pegasse na boca com toda facilidade. Mas, não. O pedaço de peixe bateu na sua cara impassível. Ele se curvou. Depois de farejar para cá e para lá, encontrou a carne e começou a comer. A essa altura, nós dois comíamos bem devagar.

Examinei os olhos dele. Não notei nenhuma diferença com relação aos outros dias. Talvez um pouco mais de secreção nos cantos internos, mas nada de dramático, certamente não tão dramático quanto a sua aparência de um modo geral. Aquela estada no mar tinha nos deixado pele e osso.

Compreendi, então, que a resposta para a minha pergunta estava no próprio fato de olhar. Eu estava fitando Richard Parker bem nos olhos, como se fosse um oftalmologista, e ele continuava ali, com aquela expressão vaga. Só um gato cego deixaria de reagir a um olhar como esse.

Fiquei com pena dele. O nosso fim estava chegando.

No dia seguinte, comecei a sentir umas pontadas nos olhos. Esfreguei, esfreguei, mas a coceira não passava. Muito pelo contrário: só fez piorar, e, à diferença do que aconteceu com Richard Parker, os meus olhos começaram a purgar. Depois, foi a escuridão; mais cego, impossível. De início, um ponto preto no meio de tudo, bem à minha frente. Esse ponto foi se espalhando até se tornar uma mancha que chegava às extremidades do meu campo de visão. Tudo que vi do sol, na manhã seguinte, foi uma réstia de

luz na parte superior do meu olho esquerdo, como se fosse uma janelinha alta demais. Por volta do meio-dia, tudo estava preto.

Obstinado, me aferrei à vida. Fiquei fracamente enlouquecido. Fazia um calor infernal. Estava tão fraco que não conseguia mais ficar de pé. Os meus lábios estavam endurecidos e rachados. A minha boca, seca e pastosa, envolta numa saliva pegajosa tão ruim de gosto quanto de cheiro. A minha pele estava queimada. Os meus músculos enrijecidos doíam. As minhas pernas, particularmente os pés, estavam inchadas e eram uma fonte de dor constante. Estava com fome e, mais uma vez, não havia nada para comer. Quanto à água, Richard Parker estava bebendo tanto que fiquei reduzido a cinco colheradas por dia. Mas esse sofrimento físico não era nada comparado à tortura moral que eu tinha pela frente. Considero o dia em que fiquei cego a hora em que começou o meu extremo sofrimento. Não saberia lhe dizer quando exatamente isso aconteceu. O tempo, como já disse, tinha se tornado irrelevante. Deve ter sido em algum momento entre o centésimo e o ducentésimo dia daquela estada no mar. Eu tinha certeza que não duraria mais um dia que fosse.

Na manhã seguinte, tinha perdido completamente o medo da morte e resolvi morrer.

Cheguei à triste conclusão que não podia mais cuidar de Richard Parker. Tinha falhado como administrador de zoológicos. O seu desaparecimento iminente me afetava mais que o meu próprio. Mas, na verdade, arrasado e exausto como estava, eu não podia fazer mais nada por ele.

A natureza decaía bem depressa. Dava para sentir uma fraqueza fatal se instalando no meu corpo. De tarde, estaria morto. Para tornar a minha partida mais confortável, decidi espantar um pouco a sede insuportável com a qual vinha convivendo havia tanto tempo. Bebi o máximo de água que pude. Se ao menos tivesse alguma coisinha para comer... Mas, aparentemente, isso não ia acontecer. Encostei na borda enrolada da lona, bem no meio do bote. Fechei os olhos e fiquei esperando o sopro de vida deixar o meu corpo.

— Adeus, Richard Parker — murmurei. — Lamento ter fracassado com você. Fiz o que pude. Adeus. Olá, meu pai querido, minha mãe querida, Ravi querido. O seu filho e irmão amado está indo ao seu

encontro. Nunca se passou nem uma hora sem que eu pensasse em vocês. O momento em que os vir será o mais feliz da minha vida. Agora, entrego tudo nas mãos de Deus que eu amo e que é amor.

Ouvi as palavras:

— Tem alguém aí?

Impressionante o que podemos ouvir quando estamos sós na escuridão da nossa mente à beira da morte. Um som sem forma ou cor soa estranho. Ser cego é ouvir de outro jeito.

As palavras soaram novamente.

— Tem alguém aí?

Concluí que tinha enlouquecido. É triste, mas é verdade. A infelicidade adora companhia, e a loucura atende prontamente a esse desejo.

— Tem alguém aí? — repetiu a voz, insistente.

A nitidez da minha insanidade era surpreendente. Aquela voz tinha um timbre marcado, com um tom áspero, cansado. Decidi entrar na dança.

— Claro que tem alguém aqui — respondi. — Tem sempre *um* alguém aqui. Senão, quem estaria fazendo perguntas?

— Tinha esperanças que fosse *outro* alguém.

— Como assim, *outro* alguém? Tem ideia de onde está? Se não está contente com esse fruto da sua própria imaginação, trate de arranjar outro. O que não falta é faz de conta para a gente escolher...

Hummm... Fruto... Fruto. Não seria ótimo uma frutinha qualquer?

— Então, não tem ninguém, não é mesmo?

— Shhhh... Estou sonhando com frutas.

— Frutas! Tem alguma aí? Ah, por favor, pode me dar um pedaço? Eu lhe imploro. Um pedacinho só... Estou morrendo de fome!

— Não tenho apenas uma fruta. Tenho uma árvore inteira.

— Uma árvore cheia de frutas? Ah, por favor, me dê algumas? Eu...

A voz, ou fosse lá o que fosse aquilo, um efeito do vento nas ondas talvez, desapareceu.

— Elas são carnudas, pesadas, cheirosas — prossegui. — Os galhos da árvore estão tão carregados que chegam a pender com o peso das frutas. Deve ter mais de trezentas aqui.

Silêncio.

A voz reapareceu.

— Vamos falar de comida...

— Ótima ideia!

— O que comeria se pudesse escolher o que quisesse?

— Excelente pergunta. Ia querer um lauto banquete. Para começar, arroz com *sambar*. Teria sopa de feijão com arroz e arroz com iogurte...

— Pois eu ia querer...

— Ainda não acabei. Com o arroz, um *sambar* de tamarindo picante, um *sambar* de cebolinha e...

— Mais alguma coisa?

— Já estou quase acabando. Também ia querer sagu com legumes, *korma* de legumes, batatas *masala*, *vadai* de repolho, *masala dosai*, *rasam* de lentilhas bem-temperado e...

— Entendo.

— Espere. E também *poriyal* de beringelas recheadas, *kootu* de inhame com coco, arroz *idli*, *vadai* de iogurte, *bajji* de legumes...

— Parece muito...

— Já falei dos *chutneys*? De coco, de hortelã, de pimenta-verde em conserva e de groselha em conserva, e, é claro, tudo acompanhado dos tradicionais *nans*, *popadoms*, *parathas* e *puris*.

— Parece...

— As saladas! Salada de manga com iogurte, de quiabo com iogurte, e salada de pepinos frescos. E, de sobremesa, *payasam* de amêndoas, *payasam* de leite, panquecas com rapadura, caramelos de amendoim, *burfi* de coco e sorvete de baunilha com uma calda quente de chocolate bem grossa.

— Só isso?

— Para terminar esse lanchinho, uma jarra de dez litros de uma água bem limpa, fresquinha, geladíssima, e um café.

— Parece ótimo.

— E é.

— Mas o que é *kootu* de inhame com coco?

— Simplesmente a maravilha das maravilhas! Para preparar, precisamos de inhame, coco ralado, banana-da-terra, pimenta em pó, pimenta-do-reino, cúrcuma moído, sementes de cominho, sementes de mostarda-marrom e um pouco de óleo de coco. Depois, temos de dourar o coco numa frigideira...

— Posso fazer uma sugestão?

— Qual?

— Que tal, em vez desse tal de *kootu*, uma língua de boi cozida com molho de mostarda?

— Mas isso não parece vegetariano!

— E não é mesmo! Depois, tripas.

— Tripas? Já comeu a língua do pobre bicho e, agora, quer comer o *intestino* dele?

— Exatamente! Ando sonhando com *tripes à la mode de Caen*... bem quentinhas... e uma terrina de timo.

— Timo? Isso parece bom. O que é?

— É feito com o pâncreas da vitela.

— O pâncreas?

— Refogado e servido com molho de cogumelos. Uma delícia!

De onde vinham essas receitas nojentas e sacrílegas? Será que eu tinha chegado ao ponto de admitir atacar *uma vaca e sua cria*? Onde é que fui me meter? Será que o barco tinha voltado para o lugar onde boiava todo aquele lixo?

— Qual vai ser a próxima afronta?

— Miolos de vitela em molho de manteiga!

— Voltamos à cabeça, então?

— Suflê de miolos!

— Estou ficando enjoado. Tem alguma coisa que você *não* comeria?

— Ah, o que eu não daria por uma sopa de rabo de boi... Um leitãozinho assado recheado com arroz, salsichas, pêssegos e uvas... Rins de vitela com molho de manteiga, mostarda e salsa... Coelho marinado, cozido no vinho tinto... Salsicha de fígado de galinha... Porco e patê de fígado com vitela... Rãs... Ah, me arranje umas rãs, umas rãs!

— Não estou aguentando mais!

A voz sumiu. Eu chegava a tremer de tanto enjoo. Loucura na mente é uma coisa, mas não é justo ela se instalar também no estômago.

De repente, as coisas se esclareceram.

— Você comeria carne crua bem sangrenta? — perguntei.

— Claro! Adoro bife tartar.

— Comeria sangue coagulado de um porco morto?

— Diariamente. Com molho de maçã.

— Comeria *tudinho* de um animal, até os restos que sobrassem da limpeza?

— Faria torresmo e salsichas! Encheria o prato!

— E cenoura? Comeria cenoura crua? Pura?

A voz não respondeu.

— Ouviu o que perguntei? Comeria uma cenoura?

— Ouvi. Para ser sincero, se pudesse escolher, não comeria, não. Não sou muito chegado a esse tipo de comida. Acho bem ruinzinho.

Comecei a rir. Eu sabia. Não estava ouvindo vozes. Não tinha ficado louco. Quem estava falando comigo era Richard Parker! Aquele bandido carnívoro! Tanto tempo juntos e foi justo na hora em que estávamos para morrer que ele resolveu falar? Fiquei encantado por estar batendo papo com um tigre. De imediato, fui assaltado por uma curiosidade bem banal, daquelas que os astros de cinema têm que aguentar dos fãs.

— Queria saber uma coisa... Já matou um homem?

Não achava muito provável. Animais que comem gente são tão raros quanto os assassinos entre os seres humanos, e Richard Parker foi capturado quando ainda era filhote. Mas quem sabe se a sua mãe, antes de ser apanhada pelo Sedento, não tinha pegado um?

— Que pergunta! — retrucou Richard Parker.

— Me parece bem razoável.

— É mesmo?

— Claro.

— Por quê?

— Essa é a fama que você tem.

— É?

— Ora, será que não enxerga?

— Na verdade, não.

— Bom, deixe que eu lhe explique, já que é óbvio que não consegue perceber: você tem fama de matador. Portanto, eu lhe pergunto: já matou um homem?

Silêncio.

— E aí? Não vai responder?

— Já.

— Uau! Isso me dá até um frio na espinha. Quantos?

— Dois.

— Você matou dois homens?

— Não. Um homem e uma mulher.

— Ao mesmo tempo?

— Não. Primeiro, o homem; depois, a mulher.

— Seu monstro! Aposto que se divertiu à beça. Deve ter achado os gritos e a resistência deles engraçadíssimos.

— Na verdade, não.

— E estavam bons?

— *Bons*?

— É. Não seja tão tapado! Eles estavam gostosos?

— Não.

— Bem que eu imaginava. Ouvi dizer que, entre os animais, esse é um gosto adquirido. Então, por que os matou?

— Necessidade.

— A necessidade de um monstro. Ficou arrependido?

— Eram eles ou eu.

— Essa é a necessidade expressa em sua plena simplicidade amoral. Mas, hoje, você tem remorsos?

— Aquilo foi coisa do momento. Foram as circunstâncias.

— Instinto. O nome disso é instinto. Mesmo assim, responda à minha pergunta: você se arrepende?

— Não fico pensando nisso.

— Eis a própria definição do animal. É isso que você é.

— E você é o quê?

— Um ser humano. Você deveria saber...

— Quanta presunção!

— É a pura verdade.

— Então, você atiraria a primeira pedra, não é?

— Já comeu *uthappam*?

— Nunca. O que é *uthappam*?

— É *tão* bom...

— Parece ser delicioso. Fale mais.

— Em geral, o *uthappam* é feito com sobras de massa, mas poucas vezes um jeito de aproveitar sobras na cozinha deu um resultado tão fantástico.

— Já posso até sentir o gosto.

Peguei no sono. Ou melhor, mergulhei num estado de delírio de agonizante.

Mas alguma coisa estava me perturbando. Não sabia o que era. Fosse o que fosse, porém, estava atrapalhando a minha morte.

Acabei descobrindo o que estava me incomodando.

— Desculpe?

— O que foi? — indagou Richard Parker com voz sumida.

— Por que você fala inglês com sotaque?

— Eu, não! Quem tem sotaque é você.

— Imagine! Você pronuncia o *the* “ze”.

— Pronuncio o ***ze*** “ze”, certinho. Você é que fala com uma batata quente na boca. Tem sotaque indiano.

— E você fala como se a sua língua fosse uma serra e as palavras do inglês fossem todas de madeira. Tem sotaque de francês.

Isso não fazia o menor sentido. Richard Parker tinha nascido em Bangladesh e sido criado em Tamil Nadu, portanto, como poderia ter sotaque de francês? Está certo que Pondicherry tinha sido colônia francesa, mas ninguém vai me convencer que alguns animais do zoológico andaram frequentando a Aliança Francesa na rua Dumas!

Aquilo tudo era muito confuso. Mergulhei novamente numa bruma.

Acordei com uma exclamação abafada. Tinha alguém ali! Aquela voz que chegava aos meus ouvidos não era nem o vento com sotaque, nem um bicho falando. Era alguém *mais*! O meu coração disparou, num derradeiro esforço para lançar algum sangue no meu organismo tão arrasado. A minha mente fez uma última tentativa de ficar lúcida.

— Acho que foi só um eco — disse a voz praticamente inaudível.

— Espere! Estou aqui! — gritei.
— Um eco no mar...
— Não! Sou eu!
— Tomara que isso acabe logo!
— Ei, amigo!
— Estou me esvaindo...
— Fique, fique!
Eu mal podia ouvi-lo.
Gritei.
Ele gritou também.
Era demais. Eu estava ficando louco.
Tive uma ideia.
— Eu me chamo — gritei aos elementos, com o último fôlego que me restava — Piscine Molitor Patel. — Como o eco poderia criar um nome? — Está me ouvindo? O meu nome é Piscine Molitor Patel, mas todos me chamam de Pi Patel!
— O quê? Tem alguém aí?
— Tem!
— Como? Verdade? Por favor, tem alguma coisa para comer? Qualquer coisa serve. Não me sobrou nada. Há dias que não como. Você deve ter alguma coisa. Agradeço o que puder me dar. Eu lhe imploro.
— Mas também não tenho nada para comer — respondi, desanimado. — Também não como há vários dias. Tinha esperança que *você* tivesse comida. Tem água? O meu estoque está quase acabando.
— Não tenho, não. Você não tem comida nenhuma? Nada mesmo?
— Não, nada.
Fez-se silêncio, um silêncio pesado.
— Onde você está? — perguntei.
— Aqui — respondeu ele, num fio de voz.
— Aqui onde? Não estou vendo.
— Por que não está me vendo?
— Porque fiquei cego.
— O quê? — exclamou ele.

— Fiquei cego. Os meus olhos não veem nada além de escuridão. Fico piscando à toa. Faz dois dias que isso aconteceu, se é que posso confiar na minha pele para contar o tempo. Ela só consegue me dizer se é dia ou noite.

Ouvi um gemido terrível.

— O que foi? O que foi, amigo? — perguntei.

Ele continuou gemendo.

— Responda, por favor! O que foi? Estou cego e nenhum de nós dois tem comida ou água, mas temos um ao outro. Isso já é alguma coisa. Uma coisa preciosa. Então, o que foi, querido irmão?

— Também estou cego.

— O quê?

— Eu também fico piscando à toa, como você disse.

E gemeu novamente. Fiquei atônito. Tinha encontrado outro cego noutro bote salva-vidas em pleno Pacífico!

— Mas como ficou cego? — balbuciei.

— Provavelmente pelo mesmo motivo que você. Resultado de uma higiene deficiente num corpo faminto que já chegou ao seu limite.

Ambos desabamos. Ele gemia, eu soluçava. Era demais; era realmente demais.

— Eu sei uma história — disse eu, depois de alguns instantes.

— Uma história?

— É.

— E para que uma história? Estou com fome.

— É sobre comida.

— Palavras não têm calorias.

— Procure comida onde pode encontrar.

— É uma ideia...

Silêncio. Um silêncio esfomeado.

— Onde você está? — perguntou ele.

— Aqui. E você?

— Aqui.

Ouvi um barulho como se tivessem mergulhado um remo na água. Estendi a mão para apanhar um dos que tinham sobrado da balsa destruída. Era tão pesado... Tateando, consegui encontrar o

gancho mais próximo. Enfiei o remo ali. Tentei puxar o cabo. Não tinha forças. Mesmo assim, fui remando como pude.

— Pois conte a sua história — disse ele, ofegante.

— Era uma vez uma banana que começou a crescer. Foi crescendo até ficar grande, firme, amarela e cheirosa. Aí, caiu no chão. Alguém a pegou e comeu.

— Que história linda — exclamou ele, parando de remar.

— Obrigado.

— Estou com lágrimas nos olhos.

— Tenho mais um detalhe — disse eu.

— Que detalhe?

— A banana caiu no chão, alguém a pegou, comeu... e, depois, essa pessoa se sentiu *bem melhor*.

— Ah, é de tirar o fôlego! — exclamou ele.

— Obrigado.

Fez-se uma pausa.

— Mas você não tem banana aí?

— Não, acabei me distraindo com um orangotango.

— Um o quê?

— Essa é uma longa história.

— Tem pasta de dentes?

— Não.

— Fica uma delícia com peixe. Tem cigarro?

— Já comi todos.

— *Comeu*?

— Ainda tenho os filtros. Posso lhe dar, se quiser.

— Os filtros? O que é que eu vou fazer com filtros sem tabaco? Como conseguiu *comer* cigarros?

— O que queria que eu fizesse? Não fumo.

— Podia guardá-los para trocar por outra coisa.

— Trocar? Com quem?

— Comigo, ora!

— Meu irmão, quando comi os cigarros estava sozinho num bote no meio do Pacífico.

— E daí?

— Daí que a chance de encontrar alguém no meio do Pacífico e trocar os meus cigarros com essa pessoa não me pareceu uma

perspectiva óbvia.

— Você não sabe pensar a médio e longo prazos, garoto burro! Agora, não tem nada para trocar comigo...

— Mas, mesmo que tivesse, trocaria pelo quê? O que você tem que eu pudesse querer?

— Uma bota — respondeu ele.

— Uma bota?

— É, uma linda bota de couro.

— O que eu faria com uma bota de couro dentro de um bote no meio do Pacífico? Acha que saio por aí dando umas caminhadas nas minhas horas de folga?

— Poderia comê-la!

— Comer uma bota? Que ideia...

— Você comeu cigarros... Por que não uma bota?

— Acho a ideia nojenta. Aliás, de quem é essa bota?

— Como é que eu vou saber?

— Está sugerindo que eu coma a bota de um estranho?

— E que diferença faz?

— Estou abismado. Uma bota... Sem contar que sou hindu e que nós, hindus, consideramos as vacas sagradas, comer uma bota me faz pensar em comer toda a sujeira que um pé pode produzir, além de toda a sujeira em que ela deve ter pisado quando estava sendo usada.

— Então, está bem. Nada de bota para você.

— Deixe ver, antes.

— Não.

— Mas o que é isso? Acha que vou trocar algo com você sem nem dar uma olhada?

— Nós dois estamos cegos, lembra?

— Então, descreva essa bota para mim! Que diabos de vendedor ruim é você? Não é de espantar que esteja com tanta fome de fregueses.

— Ah, estou mesmo...

— E, então, a tal bota?

— É de couro.

— Que *tipo* de bota de couro?

— Uma bota comum.

— Ou seja?

— Com cadarço, ilhoses e uma lingueta. E tem uma palmilha por dentro. Uma bota comum.

— De que cor ela é?

— Preta.

— Em que condições está?

— Usada. O couro é macio e maleável. É uma delícia passar a mão nele.

— E o cheiro?

— Um couro quentinho e cheiroso.

— Devo admitir... devo admitir... a ideia me parece tentadora.

— Esqueça.

— Por quê?

Silêncio.

— Não vai responder, irmão?

— Não tem bota nenhuma.

— Não tem?

— Não.

— Que pena!

— Eu a comi.

— Comeu a bota?

— Comi.

— E estava gostosa?

— Não. Os cigarros estavam gostosos?

— Não. Nem consegui comer tudo.

— Também não consegui comer a bota toda.

— Era uma vez uma banana que começou a crescer. Foi crescendo até ficar grande, firme, amarela e cheirosa. Aí, caiu no chão. Alguém a pegou, comeu e, depois, essa pessoa se sentiu bem melhor.

— Sinto muito. Desculpe tudo o que eu disse e fiz. Não presto mesmo — exclamou ele.

— Não sei do que está falando. Você é a pessoa mais preciosa, mais maravilhosa da face da Terra. Venha, irmão, vamos ficar juntos e nos regalar com a companhia um do outro.

— Está bem!

O Pacífico não é para remadores, principalmente quando eles estão fracos e cegos, quando os seus botes são grandes e difíceis de manejar, e quando o vento não está colaborando em nada. Ele chegava perto; ia para longe. Ficava à minha direita; ficava à minha esquerda. Ficava à minha frente; ficava atrás de mim. Mas, finalmente, conseguimos. Os dois botes se encostaram com uma pancada mais leve que a de uma tartaruga. Ele atirou uma corda e amarrei o seu bote ao meu. Abri os braços para abraçá-lo e para me deixar abraçar. Os meus olhos estavam cheios de lágrimas e eu sorria. Ele estava parado bem à minha frente, uma presença que brilhava na minha cegueira.

— Meu querido irmão — sussurrei.

— Estou aqui — disse ele.

Ouvi um grunhido abafado.

— Irmão, tem uma coisa que esqueci de mencionar.

Ele desabou com todo o seu peso sobre mim. Caímos, parte em cima da lona, parte no banco do meio. As suas mãos procuraram a minha garganta.

— Irmão — balbuciei, ofegante, em meio àquele abraço excessivamente ardente —, o meu coração é seu, mas preciso urgentemente sugerir que a gente vá para outro ponto do meu humilde navio.

— Está mais que certo! O seu coração é meu — disse ele —, e o seu fígado e a sua carne também!

Senti que ele saía de cima da lona, passava para o banco do meio e, fatalmente, botava um dos pés no chão do barco.

— Não, não, irmão! Não faça isso! Não estamos...

Tentei impedi-lo. Infelizmente, já era tarde. Antes que eu pudesse dizer a palavra *sozinhos*, eu estava sozinho de novo. Tudo que ouvi foi o barulhinho das garras batendo no fundo do bote, o som de uns óculos caindo no chão e, no momento seguinte, o meu irmão deu um grito bem na minha cara; um grito como jamais tinha ouvido antes. E me soltou.

Esse foi o terrível preço que Richard Parker cobrou. Ele me deu uma vida, a minha, mas à custa de uma outra. Arrancou a carne do sujeito e estraçalhou os seus ossos. O cheiro de sangue me entrou

pelo nariz. Nesse dia, algo em mim morreu e nunca mais voltou à vida.

CAPÍTULO 91

Entrei no bote do meu amigo. Tateando, explorei tudo. Descobri que ele tinha mentido. Havia ali um pouco de carne de tartaruga, uma cabeça de dourado e até mesmo — delícia suprema — umas migalhas de biscoitos. E tinha água. Tudo aquilo foi parar na minha boca. Voltei para o meu barco e soltei o outro.

Chorar tanto fez bem aos meus olhos. A tal janelinha no alto, à esquerda, abriu mais uma fresta. Lavei os olhos com água do mar. A cada lavada, a janela se abria um pouco mais. Em dois dias, a minha visão tinha voltado.

A cena que vi foi tão horrível que quase desejei continuar cego. O corpo destroçado, desmembrado jazia no fundo do bote. Richard Parker tinha se regalado, comendo inclusive o seu rosto, portanto, nunca cheguei a ver como era o meu irmão. O seu torso estripado, com as costelas quebradas voltadas para cima como a estrutura de um navio; nesse estado pavoroso, parecia uma versão em miniatura do bote salva-vidas empapado de sangue.

Confesso que peguei um dos seus braços com o arpão e usei a carne como isca. Confesso até que, levado pela necessidade mais extrema e pela loucura a que ela me impelia, comi um pouco da carne dele. Foram só uns pedacinhos, umas tiras que eu pretendia usar no anzol e que, depois de secarem ao sol, ficaram iguaizinhas à carne animal. Elas passaram pela minha boca quase despercebidas. Você precisa entender que o meu sofrimento era interminável e ele já estava morto. Parei de fazer isso assim que consegui apanhar um peixe.

Todos os dias, rezo pela alma dele.

CAPÍTULO 92

Fiz uma descoberta botânica excepcional. Muitos, porém, não vão acreditar no episódio que se segue. Mesmo assim, resolvi contá-lo agora porque faz parte da história e aconteceu comigo.

Estava deitado de lado. Devia ser por volta de uma ou duas horas da tarde de um dia de sol tranquilo, com um ventinho leve. Tinha dormido por alguns instantes, um sono ralo que não me trouxe nem descanso, nem sonhos. Virei para o outro lado, procurando despender o mínimo de energia possível com esse movimento. Abri os olhos.

Não muito longe, avistei árvores. Não tive qualquer reação. Tinha certeza que era uma ilusão que desapareceria com algumas piscadelas.

Mas as árvores não desapareceram. Na verdade, acabaram se tornando uma floresta. Faziam parte de uma ilha bem rasa. Tratei de me erguer. Ainda não conseguia acreditar nos meus olhos. Mas era emocionante ser iludido com um padrão de qualidade assim tão alto. As árvores eram lindas. Não se pareciam com nenhuma outra que eu já tivesse visto antes. Tinham a casca clara e uns galhos muito bem-distribuídos recobertos de uma incrível profusão de folhas. Essa folhagem era de um verde reluzente, um verde tão brilhante e cor de esmeralda que, junto dela, a vegetação do período das monções ficava de um verde-oliva meio opaco.

Pisquei deliberadamente, achando que as minhas pálpebras pudessem funcionar como lenhadores. Mas as árvores não caíram.

Olhei para baixo. O que vi me deixou a um só tempo satisfeito e desapontado. Aquela ilha não tinha chão. Não que as árvores brotassem da água. Na verdade, ficavam no que parecia uma densa massa de vegetação de um verde tão brilhante quanto o das folhas. Quem já ouviu falar de uma terra sem chão? Com árvores brotando de pura vegetação? Fiquei satisfeito porque essa geologia confirmava que eu estava certo, que aquela ilha era uma quimera, uma criação da minha mente. Por outro lado, fiquei desapontado

porque seria ótimo chegar a uma ilha, qualquer uma delas, por mais estranha que fosse.

Já que as árvores continuavam ali de pé, também continuei a olhar para elas. Observar todo aquele verde depois de tanto azul era como música para os meus olhos. Verde é uma cor linda. A cor do islã. A minha cor favorita.

De mansinho, a correnteza foi aproximando o bote daquela miragem. A sua orla não era exatamente uma praia, uma vez que não tinha nem areia, nem pedriscos, e tampouco havia o ruído da arrebentação, já que as ondas que chegavam à ilha simplesmente desapareciam na sua porosidade. De um penhasco que ficava a uns 250 metros da água, a ilha despencava para o mar, penetrando nele por uns 35 metros; depois, se precipitava mais ainda, desaparecendo nas profundezas do Pacífico, formando por certo a menor plataforma continental de que se tem registro.

Eu já estava ficando acostumado àquela ilusão. Querendo fazê-la durar, me recusei a sobrecarregá-la; quando o bote atingiu a ilha, nem me mexi; continuei sonhando. O material de que ela era feita parecia uma massa intricada e bem compacta de umas algas em forma de tubo, com pouco menos de dois dedos de diâmetro. Que ilha extravagante, pensei.

Poucos minutos depois, me arrastei até a lateral do bote. “Procure por verde”, dizia o manual de sobrevivência. Bom, aquilo ali era verde. Na verdade era o paraíso da clorofila. Um verde que deixava corantes e luzes de neon no chinelo. Um verde embriagador. “Em última instância, o pé é o único meio garantido de se identificar terra firme”, prosseguia o manual. A ilha estava ao alcance do meu pé. Testar — e ter uma decepção — ou não testar, esta era a questão...

Decidi testar. Olhei à minha volta para ver se tinha algum tubarão. Não tinha. Virei de bruços e, segurando na lona, consegui ir baixando uma das pernas bem devagar. O meu pé mergulhou no mar. Que fresquinho agradável! A ilha estava logo ali adiante, se refletindo na água. Estiquei um pouco mais a perna. Contava que a bolha da ilusão fosse estourar a qualquer momento.

Mas não estourou. O meu pé afundou na água clara e encontrou a resistência de algo flexível, mas sólido. Pisei mais forte. A

miragem resistiu. Pus todo o peso do corpo naquele pé. Nem assim afundei. Nem assim conseguia acreditar.

Quem acabou sendo o meio mais garantido de identificação da terra firme foi o meu nariz. Foi o meu sentido do olfato que o recebeu, pleno, fresco, arrebatador: o cheiro de mato. Quase perdi o fôlego. Depois de tantos meses sentindo apenas cheiros lavados pela água e pelo sal, esse bafo de matéria orgânica vegetal era inebriante. Só então acreditei e a única coisa que afundou foi a minha mente; o meu sistema de pensamento se desmantelou completamente. As minhas pernas começaram a tremer.

— Meu Deus! Meu Deus! — exclamei, quase chorando.

Caí do bote.

O choque conjunto da terra firme e da água fria me deram forças para sair andando em direção à ilha. Balbuciei uns agradecimentos incoerentes a Deus e desabei.

Mas não conseguia ficar quieto. Estava empolgado demais para isso. Tentei me levantar. O sangue me fugiu da cabeça. O chão tremia violentamente. Uma cegueira estonteante tomou conta de mim. Achei que fosse desmaiar. Tratei de me manter de pé. Aparentemente, tudo que eu conseguia fazer era ofegar. Consegui me sentar.

— Terra, Richard Parker! Terra! Estamos salvos! — gritei.

O cheiro de mato era fortíssimo. Como acontecia com o verde, aquele cheiro era tão fresco e tão reconfortante que força e alívio pareciam estar penetrando fisicamente no meu organismo através dos olhos.

O que era aquela alga estranha, tubular, emaranhada de forma tão intricada? Seria comestível? Aparentemente, era uma variedade de alga marinha, mas bastante rígida, muito mais que as comuns. O contato daquela planta com a mão era úmido e tinha algo de crocante. Puxei uma delas. Arranquei uns pedaços sem muito esforço. Vista por um corte transversal, era formada de duas paredes concêntricas: a externa era úmida, ligeiramente áspera e de um tom de verde absolutamente vibrante; a interna ficava entre essa primeira e o núcleo da planta. A consequente divisão em dois tubos era bem simples: o central era branco, ao passo que o outro, que o envolvia, era verde e ia ficando cada vez mais claro à medida que

se aproximava da parede interna. Peguei um pedaço daquela alga e o cheirei. A não ser pela agradável fragrância de folhagem, ela não tinha nenhum cheiro em particular. Então, eu a lambi. A minha pulsação se acelerou. Aquela alga estava cheinha de água sem sal.

Resolvi mordê-la. Foi um choque para os meus maxilares. O tubo interno era tão salgado que chegava a ser amargo, mas o externo era não apenas comestível, como também delicioso. A minha língua começou a tremer como se fosse um dedo folheando as páginas de um dicionário, à cata de uma palavra há muito esquecida. Mas ela conseguiu encontrá-la e os meus olhos se fecharam de prazer ao ouvi-la: *doce*. Não no sentido de *coisa sem sal*, mas no de *açucarado*. Peixes e tartarugas podem ser muita coisa, mas nunca, jamais são doces. Aquela alga tinha uma doçura leve, mais gostosa até que o xarope dos nossos bordos aqui no Canadá. Em termos de consistência, o mais próximo que me ocorre é compará-la com a castanha-d'água.

Em meio à secura pastosa da minha boca, começou a brotar saliva com a maior intensidade. Fazendo uns ruídos de prazer, parti algumas daquelas algas que estavam ao meu redor. Era bem fácil separar os dois tubos. Comecei enfiando na boca os que eram doces. Usando as duas mãos, fui enchendo a boca, fazendo-a trabalhar mais e mais depressa, coisa que ela não fazia há tempos. Comi tanto que se abriu um fosso à minha volta.

A pouco mais de meio metro de distância, havia uma árvore isolada. Era a única fora do penhasco que parecia bem longe de onde eu estava. Estou usando a palavra *penhasco*, mas talvez ela não ilustre com exatidão como era íngreme a subida a partir da praia. A ilha era bem rasa, como eu já disse. A elevação não era muito acentuada, devendo ter uns quinze ou vinte metros de altura. Só que, no estado em que eu me encontrava, aquele morrinho se erguia alto como uma montanha. A árvore era mais convidativa. Vi a sombra que ela dava. Mais uma vez, tentei me levantar. Dei um jeito de ficar agachado, mas, assim que dei impulso para me pôr de pé, a minha cabeça rodou e não consegui manter o equilíbrio. Aliás, mesmo que eu não tivesse caído, as minhas pernas já não tinham força alguma. A minha vontade, porém, era bem forte. Eu estava

determinado a ir até lá. Rastejei, me arrastei, engatinhei com a maior dificuldade em direção à árvore.

Sei que nunca vou sentir uma alegria tão grande quanto a que tomou conta de mim quando entrei na sombra pintadinha e reluzente daquela árvore e ouvi os estalidos secos que o vento fazia agitando as suas folhas. Ela não era nem tão grande, nem tão alta quanto as que ficavam em terra firme, e, por ter nascido do lado errado do penhasco, ficando mais exposta aos elementos, aquela árvore era um pouco desajeitada e não tinha se desenvolvido de um jeito tão uniforme quanto as suas companheiras. Mas era uma árvore e as árvores são algo abençoado para alguém que passou tanto tempo perdido no meio do mar. Cantei a glória daquela árvore, a sua pureza sólida e tranquila, a sua lenta beleza. Ah, permita que eu seja como ela, com as raízes firmemente plantadas no chão, mas as mãos erguidas em louvor a Deus! E chorei.

Enquanto o meu coração exaltava Allah, a minha mente começou a assimilar informações sobre as obras Dele. A árvore tinha efetivamente brotado no meio das algas, como eu imaginei, olhando do bote. Não havia ali nenhum vestígio de terra. Ou havia um solo mais abaixo, ou aquela planta era um exemplo notável de parasita. O tronco era mais ou menos da grossura do torso de um homem. A casca, acinzentada, era fina, lisa e tão macia que eu podia riscá-la com a unha. As folhas, cordadas, eram grandes e largas, terminando em ponta. A copa tinha aquela linda forma arredondada das mangueiras, mas não era uma mangueira. Achei que cheirava como uma árvore de lótus, mas também não era uma árvore de lótus. Nem era um manguezal. Tampouco era qualquer outra árvore que eu já tivesse visto na vida. Só sei dizer que ela era linda, verde e cheinha de folhas.

Ouvi um grunhido. Me virei. Richard Parker estava me olhando lá do bote. Ele também estava espiando a ilha. Parecia querer vir até a praia, mas estava com medo. Finalmente, depois de um bom tempo rosnando e andando de um lado para o outro, pulou na água. Levei o apito à boca. Mas ele não estava com nenhuma intenção agressiva. O simples equilíbrio já era um desafio considerável: como eu, ele estava com as pernas bambas. Veio chegando, rastejando rente ao chão e com as patas trêmulas feito um filhote recém-

nascido. Passando bem longe de mim, se encaminhou para o penhasco e desapareceu no interior da ilha.

Fiquei o dia inteiro comendo, descansando, tentando me levantar e, de um modo geral, mergulhado na maior felicidade. Sentia enjoo quando fazia qualquer esforço mais puxado. E continuava sentindo o chão se mover debaixo dos meus pés, dando a impressão de que eu ia cair mesmo quando estava sentado e imóvel.

Lá pelo fim da tarde, comecei a ficar preocupado com Richard Parker. Agora que o cenário, o território havia mudado, não sabia muito bem como ele reagiria se topasse comigo.

Com alguma relutância, só mesmo em nome da segurança, me arrastei de volta ao bote. Mesmo que Richard Parker se apossasse da ilha, a proa e a lona continuavam sendo o meu território. Procurei algo com que pudesse prender o barco. É claro que as algas cobriam a praia inteira e foi tudo que consegui encontrar. Até que resolvi o problema cravando um remo, de cabeça para baixo, bem no meio das algas e usando-o como estaca.

Rastejei para cima da lona. Estava exausto. O meu corpo estava esgotado por ter comido tanto e havia ainda toda a tensão nervosa decorrente da minha súbita mudança de sorte. Ao anoitecer, tenho a vaga lembrança de ter ouvido Richard Parker rugindo à distância, mas o sono foi mais forte que tudo.

Acordei no meio da noite com uma estranha sensação desconfortável na barriga. Achei que fossem cólicas; que eu talvez tivesse me envenenado com aquelas algas. Ouvi um barulho. Olhei para ver o que era. Richard Parker estava a bordo. Tinha voltado enquanto eu dormia. Miava e lambia as almofadas das patas. Fiquei espantado com a volta dele, mas não pensei muito no assunto — as cólicas estavam piorando cada vez mais. Me encolhi todo e estava tremendo quando começou um processo, normal para a maioria das pessoas, mas que eu já tinha até esquecido: defecação. Foi muito dolorido, mas, depois, caí num sono tão profundo, tão reparador, como não me acontecia desde a véspera do naufrágio do *Tsimtsum*.

Na manhã seguinte, acordei me sentindo muito mais fortalecido. Engatinhei até a árvore solitária de um jeito vigoroso. Mais uma vez, os meus olhos se banquetearam com aquela visão, exatamente

como o meu estômago com aquelas algas. O meu café da manhã foi tão bem-servido que cheguei a abrir um buraco naquele canteiro.

Richard Parker voltou a hesitar por horas a fio antes de pular do bote. Finalmente pulou, lá pelo meio da manhã, e, assim que aterrissou na praia, recuou de um salto, quase caiu na água e parecia muito tenso. Bufou e deu umas patadas no ar. Achei aquilo curioso. Não tinha a mínima ideia do que ele estava fazendo. Depois que a sua ansiedade diminuiu, e com passadas nitidamente mais firmes que as da véspera, ele desapareceu novamente no alto do penhasco.

Naquele dia, apoiado na árvore, fiquei de pé. Senti tonteiras. A única maneira de fazer o chão parar de se mexer era fechando os olhos e agarrando a árvore. Soltei o meu apoio e tentei andar. Caí imediatamente. O chão se aproximou de mim apressado, antes mesmo que eu pudesse mover um pé. Não me machuquei. Aquela ilha, recoberta com uma camada tão espessa daquela vegetação fofa, era o lugar ideal para alguém reaprender a andar. Eu podia cair do jeito que fosse; era impossível me machucar.

No dia seguinte, depois de mais uma noite repousante no bote — para onde Richard Parker voltou novamente —, consegui andar. Caindo bem umas cinco ou seis vezes, cheguei até a árvore. Dava para sentir as minhas forças aumentando a cada hora. Com o arpão, puxei um dos galhos da árvore. Arranquei algumas folhas. Eram macias e não cerosas, mas tinham um gosto amargo. Richard Parker tinha se apegado à sua toca dentro do bote — foi a explicação que encontrei para o fato de ele voltar toda noite.

No fim da tarde, quando o sol estava se pondo, eu o vi voltar. Tinha amarrado novamente o bote no remo encravado entre as algas. Naquele momento, estava na proa, verificando se a corda estava bem presa ao bico da embarcação. De repente, ele apareceu. À primeira vista, nem o reconheci. Aquele animal magnífico surgindo no alto do penhasco a pleno galope não podia ser o mesmo tigre sujo e apático que era o meu companheiro de infortúnio! Mas era ele. Era Richard Parker vindo na minha direção a toda. Parecia decidido. O seu pescoço maciço se erguia acima da cabeça abaixada. A sua pelagem e os seus músculos se sacudiam

a cada passada. Dava para ouvir o barulho do seu corpo pesado batendo no chão.

Li que existem dois medos de que não conseguimos nos livrar: a reação de susto ao ouvir um ruído inesperado e a sensação de vertigem. Gostaria de acrescentar um terceiro: presenciar a aproximação rápida e direta de um renomado matador.

Procurei o apito. Quando ele estava a uns oito metros do bote, apitei com toda força. Um silvo agudo cortou o ar.

Funcionou. Richard Parker estancou. Mas era óbvio que queria continuar avançando. Apitei novamente. Ele começou a girar e dar uns pulinhos sem sair do lugar, fazendo aquilo de um jeito estranhíssimo, parecendo um veado e rosnando ferozmente. Apitei pela terceira vez. Cada pelo do seu corpo se eriçou. As suas garras se mostraram inteiras. Ele estava num estado de extrema agitação. Tive medo que a muralha defensiva dos meus apitos estivesse prestes a desmoronar e que ele fosse me atacar.

Mas, não. Na verdade, Richard Parker fez a coisa mais inesperada: pulou no mar. Fiquei atônito. Era exatamente o que eu achava que ele jamais faria, e fez aquilo sem hesitação, resoluto. Saiu nadando vigorosamente até a popa do bote. Pensei em apitar de novo, mas achei melhor abrir a tampa do armário e me sentar, retirando-me para o santuário mais interno do meu território.

Ele apareceu na popa, com água escorrendo pelo corpo todo, fazendo a minha ponta do bote se erguer. Equilibrou-se na amurada e no banco traseiro por um instante, me avaliando. O meu coração quase parou. Achei que não conseguiria soprar o apito mais uma vez. Fiquei só olhando para ele, sem reação. Richard Parker desceu para o chão do bote e desapareceu debaixo da lona. Pela beirada da portinhola, dava para ver umas partes do seu corpo. Tratei de me atirar em cima da lona, num lugar onde ele não poderia me ver — mas bem acima da sua toca. Senti uma vontade imensa de abrir asas e sair voando.

Acabei me acalmando. Com algum esforço, lembrei a mim mesmo que essa vinha sendo a situação habitual há um bom tempo, conviver com um tigre cheio de vida bem debaixo de mim.

À medida que a minha respiração foi se normalizando, o sono chegou.

Em algum momento durante a noite, acordei, e, não lembrando mais do medo, olhei para o território de Richard Parker. Ele estava sonhando: se sacudia e grunhia durante o sono. E aqueles barulhos eram altos o bastante para me acordar.

Pela manhã, ele foi para o penhasco, como de costume.

Decidi que, assim que me sentisse forte o bastante, ia explorar a ilha. Ela parecia bem grande, a julgar pelo litoral que se estendia, tanto para a esquerda quanto para a direita, fazendo apenas uma ligeira curva, mostrando que a ilha devia ter um contorno considerável. Passei o dia inteiro andando — e caindo; ia da beira da água até a árvore e vice-versa, tentando ajudar as minhas pernas a voltarem à boa forma. A cada queda, aproveitava para fazer uma refeição completa daquelas algas.

Quando Richard Parker voltou ao entardecer, um pouco mais cedo que na véspera, eu estava à sua espera. Fiquei sentado bem encolhido e não toquei o apito. Ele veio até a borda do mar e, com um salto majestoso, alcançou a lateral do bote. Foi para o seu território sem invadir o meu, fazendo apenas a embarcação pender mais para um lado. A sua volta à boa forma era algo assustador.

Na manhã seguinte, depois de lhe dar uma dianteira considerável, saí para explorar a ilha. Subi o penhasco. Fiz isso com facilidade, todo orgulhoso, pondo um pé à frente do outro, andando bem lépido embora ainda um tanto desajeitado. Se as minhas pernas estivessem mais fracas, teriam cedido sob o peso do meu corpo quando vi o que vi lá do alto do penhasco.

Começando pelos detalhes, vi que a ilha inteira, e não apenas a parte costeira, era recoberta daquelas algas. Vi um grande platô verde com uma floresta verde bem no meio. Vi, ao redor dessa floresta, centenas de laguinhos do mesmo tamanho, com árvores esparsas entre eles, distribuídas de forma regular, o que dava a nítida impressão de seguir um desenho.

Mas o que ficou mesmo definitivamente gravado na minha mente foram os suricatos. Assim, só numa primeira olhadela, avistei o que avaliaria por baixo como centenas de milhares desses animais. A paisagem era inteiramente coberta por eles. E, quando surgi ali, todos pareceram se voltar para mim espantados, como galinhas numa fazenda, e ficaram de pé.

Não tínhamos suricatos lá no zoológico. Mas eu já tinha lido a seu respeito. Eram sempre mencionados nos livros e na literatura especializada. O suricato é um pequeno mamífero do Sul da África, aparentado aos mangustos; em outras palavras, um carnívoro cavador, de uns trinta centímetros de altura e que pesa cerca de um quilo quando adulto, esguio como uma doninha, com um focinho pontudo, os olhos bem no meio da cara, patas curtas com quatro dedos e umas garras compridas não retráteis, além de um rabo de mais de vinte centímetros. O seu pelo vai do marrom-claro ao cinza, com umas listras pretas ou marrons nas costas; já a ponta do rabo, as orelhas e os tão característicos círculos em torno dos olhos são pretos. Trata-se de uma criatura ágil e de vista aguçada, diurna e de hábitos muito gregários. No seu hábitat original — o deserto Kalahari, ao sul do continente africano —, alimenta-se, entre outras coisas, de escorpiões, a cujo veneno é absolutamente imune. Quando está de vigia, o suricato tem a peculiaridade de ficar de pé, perfeitamente ereto, apoiado nas pontas das patas traseiras, equilibrando-se graças ao tripé que elas formam com o rabo. É comum um grupo inteiro desses animais assumir essa posição; ficam ali parados todos juntos, fitando a mesma direção, parecendo até passageiros à espera do ônibus. O ar sério que têm no rosto e o jeito como as patas dianteiras ficam pendendo à frente do corpo também fazem com que se pareçam crianças muito compenetradas posando para um fotógrafo ou pacientes, num consultório médico, nus em pelo e tentando recatadamente cobrir os órgãos genitais.

Foi essa a primeira visão que tive: centenas de milhares de suricatos — mais até, um milhão —, virando-se para mim e me olhando atentamente, como se dissessem “Pois não, senhor?”. Veja bem, um suricato de pé atinge no máximo uns 45 centímetros de altura, portanto, não foi o tamanho dessas criaturas que me impressionou tanto, mas a sua quantidade ilimitada. Fiquei estático, sem conseguir articular uma palavra que fosse. Se eu fizesse um milhão de suricatos fugirem aterrorizados, o caos seria indescritível. Mas o interesse daqueles bichos por mim durou pouco. Segundos depois, voltaram ao que faziam antes de eu aparecer, ou seja, mordiscar aquelas algas ou ficar olhando para os lagos. Ver todas

aquelas criaturas se curvarem ao mesmo tempo me fez lembrar da hora das orações numa mesquita.

Os bichinhos não pareciam ter medo. Fui descendo do penhasco e nenhum deles se assustou ou demonstrou qualquer sinal de tensão pela minha presença. Se quisesse, poderia ter posto a mão neles, ou, quem sabe, apanhado um. Mas não fiz nada disso. Simplesmente saí andando pelo meio daquela que, com toda certeza, era a maior colônia de suricatos do mundo, e foi uma das experiências mais estranhas, mais maravilhosas que tive na vida. Havia um ruído constante no ar. Eram eles gritando, piando, latindo, fazendo a maior algazarra. A quantidade e a extravagância daquela animação eram tamanhas que o barulho ia e vinha como um bando de pássaros, às vezes altíssimo, rodopiando ao meu redor, e, depois, ficando bem baixinho quando os suricatos mais próximos se calavam e outros, mais ao longe, começavam a se agitar.

Será que eles não estavam com medo de mim porque eu deveria ficar com medo deles? Essa pergunta me passou pela cabeça. A resposta, porém — que aqueles animais eram inofensivos — logo se mostrou evidente. Para chegar perto de um lago cercado por um grande grupo de suricatos, eu tive de afastá-los com o pé para não pisar neles. Mas os bichos não levaram a mal a minha intromissão; pelo contrário, abriram espaço para eu passar como uma multidão amistosa. Enquanto olhava para o lago, sentia aqueles corpinhos quentes e peludos roçando nos tornozelos.

Todos tinham o mesmo formato redondo e eram mais ou menos do mesmo tamanho: por volta de doze metros de diâmetro. Imaginei que fossem rasos. Tudo o que vi, porém, foi uma água clara e profunda. Na verdade, aqueles lagos pareciam não ter fundo. Até onde conseguia enxergar, as suas paredes eram feitas de algas verdes. Era óbvio que a camada que recobria a ilha era muito substancial.

Não vi nada ali que justificasse a curiosidade dos suricatos e teria desistido de tentar resolver esse mistério se não houvesse começado uma gritaria junto de um dos lagos mais próximos. Os bichinhos pulavam, num estado de grande agitação. De repente, às centenas, começaram a *mergulhar*. Foi o maior empurra-empurra, com os suricatos que estavam mais atrás disputando um lugar à

beira do lago. Era um frenesi coletivo; até os filhotes tentavam chegar à água, e as mães e os guardiães tinham trabalho para contê-los. Fiquei olhando sem conseguir acreditar no que via. Aqueles ali não eram suricatos típicos do deserto Kalahari. Esses animais não se comportam como sapos. Os que viviam nessa ilha eram certamente uma subespécie que havia se aclimatado de uma forma surpreendente e fascinante.

Andando com todo cuidado, fui até o tal lago e cheguei a tempo de ver os suricatos nadando — nadando mesmo — e trazendo para as margens dezenas de peixes. E olhe que não eram peixinhos miúdos. Havia até alguns dourados que teriam dado verdadeiros banquetes no bote salva-vidas. Os suricatos ficavam pequeninos junto deles. Não dava para entender como aqueles bichos conseguiam pegar peixes assim tão grandes.

Foi só quando eles estavam tirando os peixes da água, demonstrando serem exímios em trabalho de equipe, que reparei num detalhe curioso: todos os peixes, sem exceção, já estavam mortos. Tinham acabado de morrer. Os suricatos traziam para as bordas do lago peixes mortos que eles próprios não haviam matado.

Fiquei de joelhos, afastando vários suricatos excitadíssimos e molhados. Pus a mão na água. Era mais fria do que eu imaginava. Havia uma corrente trazendo água gelada lá do fundo. Com a mão em concha, peguei um pouco daquela água e tomei um gole.

Era potável. Isso explicava a morte dos peixes, já que, se pusermos um peixe de água salgada em água doce, é evidente que ele logo, logo vai inchar e morrer. Mas o que aqueles peixes marítimos estariam fazendo num lago de água doce? Como tinham chegado ali?

Fui até um outro daqueles lagos, abrindo caminho por entre os suricatos. A água também era doce. Num terceiro, a mesma coisa. E, depois, num quarto.

Eram todos iguais. De onde teria vindo tamanha quantidade de água doce?, perguntei com meus botões. A resposta era óbvia: das algas. Naturalmente, elas ficavam dessalinizando a água num processo constante. Era por isso que a sua parte mais central era salgada, ao passo que a camada mais externa era cheia de água doce: a planta estava eliminando essa água. Nem procurei saber

por que as algas faziam aquilo, nem como, ou para onde ia o sal. A minha cabeça parou de fazer perguntas desse tipo. Simplesmente, caí na risada e pulei num daqueles lagos. Foi difícil me manter na superfície; ainda estava muito fraco e tinha pouca gordura para me ajudar a boiar. Segurei então na borda. A sensação de tomar banho numa água limpa, clara, sem sal foi tão incrível que não tenho palavras para descrevê-la. Depois de tanto tempo no mar, a minha pele mais parecia couro e o meu cabelo estava comprido, emaranhado e tão macio quanto uma lixa. Sentia que até a minha alma tinha sido corroída pelo sal. Por isso, diante do olhar de milhares de suricatos, eu fiquei mergulhado ali, deixando a água doce dissolver cada cristal de sal que havia me contaminado.

Os suricatos viraram para outro lado. Agiram como se fossem uma pessoa só, todos se virando para a mesma direção exatamente no mesmo instante. Saí da água para ver o que estava acontecendo. Era Richard Parker, confirmando as minhas suspeitas: aqueles bichinhos viveram, por tantas gerações, sem contato com predadores que qualquer noção de distância de fuga, de fuga em si, de simples medo havia sido eliminada de sua genética. Richard Parker andava entre eles, deixando um rastro de morte e mutilação, devorando um suricato atrás do outro, com sangue escorrendo da boca, ao passo que eles, cara a cara com um tigre, só faziam pular sem sair do lugar, como se gritassem “Agora sou eu! Agora sou eu! Agora sou eu!”. Uma cena que eu voltaria a ver inúmeras vezes. Nada distraía os suricatos da vidinha que levavam fitando os lagos e comendo algas. Para eles, tanto fazia que Richard Parker viesse se chegando furtivamente, bem à maneira dos tigres, antes de surgir no meio deles num estardalhaço de rugidos, ou simplesmente passasse por ali com um ar indiferente. Os suricatos não se alteravam. Ali, a submissão imperava.

Richard Parker saiu matando a torto e a direito. Matou até mesmo suricatos que não comeu. Entre os animais, a necessidade de matar é distinta da de comer. Passar tanto tempo sem encontrar uma presa e, agora, ter tantas assim à sua frente fazia com que o seu instinto de caçador reprimido se tornasse devastador, como numa espécie de revanche.

Ele estava longe. Para mim, não havia perigo. Pelo menos por enquanto.

Na manhã seguinte, depois que ele saiu, limpei o bote, que estava precisando muito de uma faxina. Não vou nem descrever a aparência daquele acúmulo de ossadas humanas e animais misturadas com os restos mais diversos de peixes e tartarugas. Toda aquela bagunça nojenta e fedida foi jogada no mar. Não tive coragem de pôr os pés no fundo do bote, temendo deixar alguma marca tangível da minha presença; por isso, tive de ficar em cima da lona ou nas laterais do barco, de dentro da água, usando o arpão para fazer aquele trabalho. Tudo o que não consegui limpar com o arpão, os cheiros e as manchas, lavei jogando baldes e baldes de água.

Naquela tarde, Richard Parker entrou na sua nova toca, limpinha, sem fazer qualquer comentário. Trazia na boca vários suricatos mortos, que comeu durante a noite.

Passei os dias seguintes comendo, bebendo, tomando banho, observando os suricatos, andando, correndo, descansando e ficando mais forte. As corridas, para mim, tornaram-se mais suaves e espontâneas, uma verdadeira fonte de euforia. A minha pele sarou. As dores desapareceram. Em suma, voltei à vida.

Explorei a ilha. Tentei contorná-la, mas acabei desistindo. Calculei que ela devia ter uns nove ou dez quilômetros de diâmetro, o que dava uma circunferência de mais de trinta quilômetros. Pelo que eu podia ver, a praia parecia ter sempre a mesma aparência. A mesma verdura ofuscante por todo lado, a mesma orla, o mesmo declive do penhasco até a água, o mesmo detalhe a quebrar essa monotonia: uma árvore meio mirrada aqui e ali. A minha exploração da praia revelou algo extraordinário: as algas, e, portanto, a própria ilha, variavam de altura e densidade dependendo do tempo. Nos dias bem quentes, a trama daquelas algas se mostrava apertada e densa, e a ilha ficava mais alta; a subida era mais íngreme e o penhasco, mais elevado. Não era um processo rápido. Só vários dias seguidos de calor intenso podiam provocá-lo. Mas era inegável. Acho que tinha a ver com a conservação de água, a menor exposição da superfície das algas aos raios do sol.

O fenômeno inverso — a diminuição da ilha — era mais rápido, mais dramático e os seus motivos, mais evidentes. Nessas ocasiões, o penhasco ficava menor, a plataforma continental, por assim dizer, se estendia e as algas ali na praia ficavam tão moles que eu chegava a prender o pé nelas. Essa redução era provocada pelo tempo carregado e era mais rápida ainda quando o mar ficava agitado.

Enfrentei uma tempestade daquelas quando estava na ilha e, depois dessa experiência, teria coragem de permanecer ali durante o pior dos furacões. Era um espetáculo de arrepiar ficar sentado numa árvore vendo as gigantescas ondas do mar arrebentarem na praia. Elas pareciam até estar se preparando para subir no penhasco e espalhar o caos, mas acabavam se desfazendo, como se tivessem topado com areia movediça. Nesse ponto, a ilha era como Gandhi: resistia pela não resistência. Todas aquelas ondas desapareciam sem qualquer estrondo, fazendo apenas um pouco de espuma. Um tremor que sacudia o chão e umas ondulações reluzindo na superfície dos lagos eram as únicas indicações de que alguma força poderosa estava passando por ali. E passava mesmo: na parte mais protegida da ilha, consideravelmente reduzida, era assim que as ondas surgiam e desapareciam. Visão estranha aquela, a das ondas *deixando* uma praia. A tempestade e seu resultado, aqueles terremotos de pequena intensidade, não perturbavam em nada os suricatos. Os bichinhos continuavam com as suas atividades como se os elementos da natureza não existissem.

O mais difícil de entender era a completa desolação daquela ilha. Nunca vi um sistema ecológico tão pobre. O ar, ali, não tinha moscas, borboletas, abelhas ou qualquer tipo de inseto. As árvores não abrigavam nenhum pássaro. Na terra, não havia roedores, larvas, vermes, cobras ou escorpiões; não brotava ali nenhuma outra árvore, nenhum arbusto, nem capim ou flores. Os lagos não tinham peixes de água doce. Na praia, não se encontravam algas, caranguejos, lagostins, corais, seixos ou pedras. À exceção dos suricatos, não se via na ilha nenhuma matéria estranha, fosse ela orgânica ou inorgânica. Só havia ali aquelas algas de um verde brilhante e aquelas árvores de um verde brilhante.

As tais árvores não eram parasitas. Foi o que descobri um dia, quando comi tantas algas da base de uma delas que as suas raízes ficaram expostas. Vi que elas não seguiam o seu caminho independentemente das algas, mas se uniam a elas, transformavam-se nelas. O que significa que ou elas conviviam com as algas de uma forma simbiótica, numa relação de troca que beneficiava a ambas, ou, o que seria ainda mais simples, eram parte integrante daquelas algas. Fico mais tentado a optar pela segunda hipótese, já que as árvores não pareciam dar flores ou frutos. Duvido que um organismo independente, por mais íntimo que fosse o processo de simbiose em que se encontrasse, abrisse mão de um aspecto tão essencial da vida quanto a reprodução. O apetite das folhas por sol, demonstrado pela sua abundância, o seu tamanho e aquela verdura altamente clorofilada, me fez desconfiar que a função essencial daquelas árvores era a captação de energia. Mas isso é simples conjectura.

Gostaria de fazer ainda uma última observação, mais baseada na intuição que em qualquer evidência palpável. É o seguinte: aquela não era uma ilha no sentido convencional do termo — ou seja, uma pequena quantidade de terra enraizada no fundo do oceano —, mas sim um organismo flutuante, uma bola de algas de proporções gigantescas. E o meu palpite era que aqueles lagos se estendiam pelos flancos dessa imensa massa flutuante e iam dar no oceano, o que explicaria a presença, neles, de dourados e outros peixes de mar aberto, coisa que, de outra forma, seria absolutamente inexplicável.

Isso tudo exigiria estudos mais aprofundados; infelizmente, porém, perdi as algas que consegui levar comigo.

Richard Parker também voltou à vida, exatamente como aconteceu comigo. De tanto se empanturrar de suricatos, ganhou peso, o seu pelo voltou a reluzir e ele recuperou a sua velha aparência saudável. Mantinha o hábito de voltar para o bote no fim do dia. Eu fazia questão de chegar lá antes dele, marcando o meu território copiosamente com urina para que ele não esquecesse quem era quem e o que pertencia a quem. Mas ele deixava o barco à primeira luz do dia e se embrenhava por aquela terra, indo bem mais longe que eu; já que a ilha era igualzinha por todo lado, eu

geralmente ficava numa área determinada. Praticamente não o via durante o dia. E fui ficando nervoso. Vi como arranhava as árvores com as garras, abrindo verdadeiros sulcos no tronco. E comecei a ouvir os seus rugidos roucos, aquele grito *aaohn* tão rico quanto ouro ou mel e tão arrepiante quanto as profundezas de uma mina sem qualquer segurança ou milhares de abelhas enfurecidas. O que me perturbava não era tanto o fato de ele estar procurando por uma fêmea; era o que isso significava: ele estava tão à vontade naquela ilha que já pensava em produzir filhotes. A minha preocupação era que, nessa nova situação, ele pudesse não admitir a presença de outro macho no seu território, principalmente no seu território noturno, ainda mais que os seus chamados insistentes não vinham tendo resposta, e certamente não teriam.

Um dia, estava passeando pela floresta. Andava a passos vigorosos, perdido nos meus próprios pensamentos. Passei por uma árvore e praticamente esbarrei com Richard Parker. Nós dois nos assustamos. Ele se arrepiou e se ergueu nas patas traseiras, se agigantando à minha frente, com aquelas patas enormes prontas para me derrubarem. Fiquei pregado no chão, paralisado pelo medo e pelo susto. Ele voltou a ficar de quatro e se afastou. Quando já tinha dado uns três, quatro passos, virou-se e voltou a armar o bote, desta vez, rosnando. Continuei parado ali, como uma estátua. Deu então mais alguns passos e repetiu o gesto pela terceira vez. Satisfeito por ver que eu não representava uma ameaça, foi embora. Assim que consegui recuperar o fôlego e parar de tremer, levei o apito à boca e comecei a correr atrás dele. Richard Parker já tinha se afastado bastante, mas eu ainda podia vê-lo. Corri bem rápido. Ele se virou, me viu, armou o bote e, então, disparou. Apitei com toda força, torcendo para que o som do apito fosse tão rápido e chegasse tão longe quanto o grito de um tigre solitário.

Naquela noite, com ele deitado ali a pouco mais de meio metro abaixo de mim, cheguei à conclusão que precisava voltar ao picadeiro do circo.

A maior dificuldade em treinar animais é que eles ou funcionam por instinto ou pelo hábito. O atalho da inteligência para fazer novas associações que não sejam instintivas é praticamente inexistente. Portanto, gravar na mente de um animal a relação artificial de que,

se ele fizer determinada coisa, como por exemplo, rolar no chão, vai ganhar uma guloseima qualquer é algo que só pode ser realizado pela repetição. Trata-se de um processo lento que depende tanto de sorte quanto de muito trabalho, ainda mais quando o animal já é adulto. Fiquei apitando até os meus pulmões chegarem a doer. Esmurrei o meu peito, deixando-o cheio de manchas roxas.

— Eia! Eia! Eia! — gritei milhares de vezes. Aquele era o comando que significava “Ande!”, na minha língua de tigre.

Atirei para ele centenas de pedaços de suricatos que eu mesmo teria comido de bom grado. Treinar um tigre não é nada fácil. Eles são muito menos flexíveis em sua estrutura mental que outros animais geralmente treinados em circos e zoológicos, como os leões-marinhos e os chimpanzés, por exemplo. Mas não é a mim que cabe todo o crédito pelo que consegui fazer com Richard Parker. A minha boa sorte, a sorte que salvou a minha vida, foi ele ser não apenas um jovem adulto, mas um adulto dócil, um animal ômega. Eu tinha medo que as condições da ilha pudessem atuar contra mim, que tamanha abundância de água e comida, além de tanto espaço, pudessem fazer com que ele se sentisse relaxado e confiante, menos disponível para a minha influência. Mas ele continuou tenso. Eu o conhecia bem o bastante para perceber isso. À noite, no bote, estava sempre inquieto e barulhento. Atribuí essa tensão ao novo ambiente ali da ilha; qualquer mudança, mesmo positiva, deixa um animal tenso. Fosse qual fosse a razão, o fato de ele andar tão estressado significava que continuaria a demonstrar disposição para tentar agradar; mais que isso, a sentir *necessidade* de agradar.

Eu o treinei para pular por um arco feito de ramos bem finos. Era uma rotina simples, de apenas quatro saltos, cada um lhe valendo um pedaço de suricato. No começo, quando ele vinha na minha direção, eu ficava segurando o arco com o braço esquerdo bem esticado, deixando-o a cerca de um metro do chão. Depois que ele saltava e parava de correr, eu passava o arco para a mão direita e, dando-lhe as costas, mandava que ele voltasse e pulasse novamente. Para o terceiro salto, eu me ajoelhava no chão e segurava o arco acima da cabeça. Era uma experiência assustadora vê-lo avançando na minha direção. Nunca deixei de ter medo que,

em vez de pular, ele me atacasse. Felizmente, Richard Parker sempre pulou. Então, eu me levantava, atirava o arco para fazê-lo sair rolando como uma roda e Richard Parker deveria persegui-lo e saltar mais uma vez, antes que ele caísse no chão. O resultado desse último número nunca foi lá essas coisas, seja porque eu não atirava o arco direito ou porque Richard Parker se atrapalhava e acabava esbarrando nele. Mas, pelo menos, corria atrás do arco, o que significava que se afastava de mim. Ele sempre se espantava quando o arco caía. Ficava olhando, intrigado, como se fosse algum outro animal com quem estivesse correndo e que, de repente, desabasse no chão. Parava ali ao lado e cheirava o arco. Eu lhe atirava então a sua última recompensa e ia embora.

Acabei deixando o barco. Achei que era absurdo passar a noite naquele espaço tão apertado, com um animal que andava ampliando cada vez mais o leque das suas necessidades, quando podia ter a ilha inteira à minha disposição. Decidi que o mais seguro seria dormir em cima de uma árvore. Na minha cabeça, o hábito que Richard Parker tinha de dormir no bote nunca foi uma lei. Não seria uma boa ideia eu estar fora do meu território, dormindo no chão, inteiramente indefeso, na única vez que ele resolvesse ir dar um passeio noturno.

Assim, um belo dia, saí do bote levando a rede, uma corda e algumas mantas. Procurei uma árvore bem bonita, na orla da floresta, e atirei a corda para fazê-la passar pelo galho mais baixo. A minha forma física andava tão boa que não tive problema algum em trepar na árvore usando a força dos braços. Encontrei dois galhos fortes que ficavam no mesmo nível e bastante próximos. Foi onde prendi a rede. No fim do dia, voltei para lá.

Estava acabando de dobrar as mantas para fazer um colchão quando percebi uma comoção em meio aos suricatos. Olhei para ver o que era. Afastei uns ramos para ter uma visão melhor. Olhei em todas as direções, até onde a vista alcançava. Não havia dúvida. Os suricatos estavam abandonando os lagos — na verdade, a planície inteira — e vindo bem depressa para a floresta. Toda uma nação daqueles animais estava se deslocando, com as costas arqueadas e as patas parecendo apenas um borrão. Fiquei tentando descobrir que outra surpresa eles ainda reservavam para mim

quando me dei conta, consternado, que os que antes estavam no lago mais próximo haviam cercado a minha árvore e começavam a subir nela. O tronco ia desaparecendo sob uma onda de suricatos decididos. Achei que viessem me atacar, que era por isso que Richard Parker dormia no bote: durante o dia, aqueles bichinhos eram mansos e inofensivos, mas, à noite, usando o seu peso coletivo, esmagavam os inimigos sem dó nem piedade. Fiquei a um só tempo com medo e indignado. Sobreviver por tanto tempo num bote salva-vidas com um tigre-de-bengala de mais de duzentos quilos para acabar morrendo no alto de uma árvore, pelas mãos de uns suricatos que mal chegavam a um quilo me parecia uma tragédia injusta demais e ridícula demais...

Mas eles não queriam me fazer mal. Foram subindo, passando por cima de mim, ao meu lado e me deixando para trás. Espalharam-se por todos os galhos da árvore que ficou inteiramente *carregada*. Instalaram-se até na minha cama. E, pelo que eu podia ver, o mesmo estava acontecendo na floresta inteira. Eles iam subindo em todas as árvores que dava para enxergar dali. A floresta estava ficando marrom; um outono que chegou em poucos minutos. Assim, juntos, correndo aos bandos em busca de árvores vazias mais para dentro da floresta, aqueles animais faziam mais barulho que o estouro de uma manada de elefantes.

Nesse meio-tempo, a planície foi ficando vazia e despovoada.

De um beliche que eu dividia com um tigre a um dormitório repleto de suricatos... Será que vão me acreditar se eu disser que a vida pode dar as voltas mais surpreendentes? Fui empurrando uns suricatos para arranjar um espaço na minha própria cama. Alguns se aninharam em cima de mim. Não sobrou um centímetro sequer.

Depois de se instalarem, pararam de gritar e piar. A árvore ficou em silêncio. Pegamos no sono.

Acordei de madrugada coberto da cabeça aos pés por uma manta de pele. Viva. Alguns filhotes tinham descoberto quais eram as partes mais quentes do meu corpo. Eu tinha um colar bem cerrado e suado no pescoço — e foi provavelmente a mãe daquela ninhada que se instalou toda satisfeita ao lado da minha cabeça — e outros tinham se aninhado na minha região genital.

Deixaram a árvore com a mesma rapidez e falta de cerimônia com que a tinham invadido. O mesmo aconteceu com todas as árvores ali por perto. A planície ficou cheinha de suricatos e os ruídos do seu dia a dia começaram a encher o ar. De repente, a árvore ficou vazia. E eu também me senti vazio. Um pouco, pelo menos. Gostei da experiência de dormir com aqueles bichinhos.

Comecei a passar as noites na árvore. Peguei no bote o que achei que podia me servir e fiz um belo quarto lá no alto. Acabei me acostumando com os arranhões involuntários que os suricatos me faziam quando me pisavam ao subir. A única queixa que tenho é que os que ficavam nos galhos mais altos às vezes faziam as suas necessidades em cima de mim.

Certa noite, fui acordado pelos suricatos. Estavam tremendo e falando. Sentei e olhei na mesma direção que eles. Não havia uma nuvem no céu e era lua cheia. A terra estava envolta naquela cor. Tudo brilhava num estranho sombreado em preto, cinza e branco. Era o lago. Umas formas prateadas se moviam ali dentro, surgindo do fundo e irrompendo na superfície negra da água.

Peixes. Peixes mortos. Vinham subindo bem lá do fundo. O lago — de uns doze metros de diâmetro, lembra? — estava ficando repleto de todo tipo de peixe a ponto de a sua superfície não ser mais preta e sim prateada. E, pela agitação que se via na água, era evidente que estavam chegando mais peixes ainda.

Quando apareceu o tubarão morto, os suricatos ficaram mais excitados que nunca, gritando como pássaros tropicais. A histeria se espalhou pelas árvores vizinhas. Era ensurdecedor. Fiquei imaginando que estava prestes a ver peixes serem içados para o topo das árvores.

Nenhum dos animais desceu para ir até o lago. Nenhum deles fez sequer menção de sair dali. Tudo o que fizeram foi expressar a sua frustração em altos brados.

Achei aquela visão bem sinistra. Havia algo preocupante naquela história de tantos peixes mortos.

Voltei a me deitar e lutei para pegar no sono apesar da barulheira dos suricatos. Quando o dia começou a clarear, fui tirado do meu torpor pelo alvoroço que eles faziam ao descer das árvores.

Bocejando e me espreguiçando, olhei para o lago que havia causado tanta confusão durante a noite.

Estava vazio. Ou quase. Mas não por culpa dos suricatos, que naquele exato momento mergulhavam ali dentro para pegar o que havia sobrado.

Os peixes tinham desaparecido. Não entendi nada. Será que estava olhando para o lago errado? Não, tinha certeza que era aquele mesmo. Será que não foram mesmo os suricatos que o esvaziaram? Com toda certeza, não. Eu já não conseguia imaginá-los tirando dali um tubarão inteiro, o que dirá levando-o nas costas e dando sumiço nele... Será que foi Richard Parker? Era possível, até certo ponto, mas ele não conseguiria esvaziar um lago inteiro numa noite.

Aquilo era um verdadeiro mistério. Não adiantaria nada ficar olhando para o lago e para as suas paredes verdes tão profundas: nada disso poderia explicar o que tinha acontecido com os peixes. Na noite seguinte, fiquei de olho, mas não vi peixe algum.

A explicação daquele mistério surgiu tempos depois, vindo lá do meio da floresta.

Nesse ponto, as árvores eram maiores e ficavam mais próximas umas das outras. O solo continuava aparente, já que não havia qualquer tipo de vegetação por ali, mas, no alto, a folhagem era tão densa que praticamente tapava o céu, ou, em outras palavras, o céu que se via era inteiramente verde. A distância entre as árvores era tão pequena que os seus ramos se misturavam, se tocavam e se entrelaçavam de tal forma que era quase impossível saber onde acabava uma árvore, onde começava outra. Percebi que elas tinham um tronco limpo, com uma casca lisa, sem nenhuma daquelas marquinhas deixadas pelos suricatos que subiam e desciam. Não foi difícil imaginar por quê: os suricatos podiam passar de uma árvore a outra sem precisar escalar o seu tronco. Como para confirmar a minha impressão, encontrei, nas bordas do coração da floresta, várias delas cuja casca havia sido praticamente esfarrapada. Sem dúvida alguma, essas árvores eram os portões de entrada para a cidade arbórea dos suricatos, um lugar mais movimentado que Calcutá.

Foi lá que encontrei a árvore. Não era a maior da floresta, nem do seu núcleo morto, e tampouco tinha algo que chamasse a atenção. Tinha uns bons ramos bem nivelados, só isso. Daria um excelente ponto de observação para se ver o céu ou para apreciar a vida noturna dos suricatos.

Sei exatamente quando a encontrei: foi na véspera de minha partida daquela ilha.

Reparei nessa árvore porque ela parecia dar frutos. Enquanto a folhagem que recobria a floresta era de um verde uniforme, ali aqueles frutos se destacavam pela cor preta. Os galhos que os carregavam eram retorcidos de forma estranha. Fiquei olhando, atento. Uma ilha inteira coberta de árvores improdutivas — à exceção de uma única. E nem era ela toda. Os tais frutos só davam numa parte da árvore. Achei que talvez tivesse topado com o equivalente florestal de uma abelha-rainha e me perguntei se aquelas algas iam continuar me surpreendendo assim, com a sua estranheza botânica.

Tive vontade de provar um daqueles frutos, mas a árvore era alta demais. Voltei, então, trazendo uma corda. Se as algas eram deliciosas, como seriam os seus frutos?

Passei a corda pelo galho mais baixo e, de galho em galho, de ramo em ramo, fui subindo até aquele pomarzinho precioso.

Vistos de perto, os frutos eram de um verde opaco. Tinham mais ou menos o mesmo formato e o mesmo tamanho das laranjas. Cada um deles ficava no meio de uns raminhos recurvados que o cercavam. Para protegê-lo, deduzi. Quando me aproximei, percebi que aquele emaranhado tinha outra finalidade: sustentação. Os tais frutos não tinham um ramo, e sim dezenas deles. Toda a sua superfície era recoberta dessas hastes que os prendiam aos raminhos que os cercavam. Com certeza são frutas pesadas e suculentas, pensei. E cheguei mais perto ainda.

Estendi a mão para pegar um deles. Fiquei desapontado ao ver que era levíssimo. Não pesava quase nada. Com um puxão, consegui soltá-lo dos ramos.

Tratei de me instalar confortavelmente num galho mais forte e me recostei no tronco da árvore. Acima de mim, o teto movediço de folhas verdes que deixava passar umas réstias de sol. Ao meu

redor, até onde dava para ver, pairando no ar, estavam as ruas sinuosas e retorcidas da grande cidade suspensa. Um ventinho agradável soprava por entre as árvores. Eu estava curiosíssimo. Examinei o tal fruto.

Ah, como gostaria que aquele momento nunca tivesse acontecido! Se não fosse por ele, eu teria passado anos — talvez até o resto da minha vida — naquela ilha. Acreditava que nada conseguiria me levar de volta ao bote, aos sofrimentos e privações que tive de aguentar dentro dele... Nada! Que motivo teria para deixar a ilha? As minhas necessidades físicas não eram todas satisfeitas naquele lugar? Não havia ali mais água potável do que eu seria capaz de beber durante toda a vida? Mais algas do que eu poderia comer? E, quando me dava vontade de variar, mais suricatos e peixes do que eu poderia desejar? Se aquela ilha boiasse e saísse do lugar, será que não poderia ir na direção certa? Será que não podia se transformar num navio vegetal que me levaria a terra firme? Nesse meio-tempo, eu não tinha aqueles maravilhosos suricatos para me fazer companhia? E Richard Parker ainda não estava precisando melhorar o seu quarto salto? A ideia de deixar aquela ilha não tinha me passado pela cabeça uma única vez desde que cheguei ali. Já fazia algumas semanas — não saberia dizer quantas, exatamente — e esse tempo ia se estender. Eu tinha certeza disso.

Como estava enganado...

Se aquele fruto tinha uma semente, era a semente da minha partida.

O tal fruto não era um fruto. Era um denso amontoado de folhas formando uma bola. As dezenas de hastes eram as das folhas. Cada vez que eu puxava uma delas, era uma folha que precisava soltar.

Depois de descascar várias camadas, cheguei a umas folhas que já tinham perdido as suas hastes e estavam absolutamente grudadas naquela bola. Com as unhas, consegui encontrar as suas bordas e arrancá-las. Eram camadas e mais camadas, parecendo até uma cebola. É claro que eu poderia simplesmente ter partido aquele “fruto” — se continuo a chamá-lo assim é por falta de palavra melhor —, mas decidi satisfazer a minha curiosidade de uma forma mais comedida.

Do tamanho de uma laranja, ele já tinha passado ao de uma tangerina. O meu colo e os galhos mais abaixo estavam cobertos de pedaços fininhos de folhas.

A essa altura, ele estava do tamanho de um rambutã.

Ainda sinto calafrios quando me lembro dessa história.

Do tamanho de uma cereja.

Até que ele apareceu, uma pérola indescritível no coração de uma ostra verde.

Um dente humano.

Um molar, para ser mais exato. Estava todo manchado de verde e cheio de furinhos.

O sentimento de horror veio chegando devagar. Tive tempo de colher outro daqueles frutos.

Cada um deles continha um dente.

Num, havia um canino.

Noutro, um pré-molar.

Aqui, um incisivo.

Ali, outro molar.

Trinta e dois dentes. Uma dentadura humana completa. Não faltava nenhum.

Foi então que compreendi.

Não gritei. Acho que só nos filmes o horror é vocal. Simplesmente estremeci e desci da árvore.

Passei o dia inteiro atordoado, avaliando as opções que tinha. Todas me pareciam ruins.

Naquela noite, deitado na minha árvore de sempre, pus à prova a minha conclusão. Peguei um suricato e o larguei dali de cima.

Ele caiu, gritando. Quando chegou ao chão, voltou imediatamente à árvore.

Num típico exemplo de inocência, se instalou novamente ao meu lado. Começou então a lamber as patas vigorosamente. Parecia bem inquieto. Ofegava com dificuldade.

Podia ter me contentado com isso. Mas queria tirar a prova por minha própria conta. Desci e segurei a corda. Eu tinha dado vários nós para facilitar a subida. Quando cheguei à base da árvore, parei o pé a uns três centímetros do chão. Hesitei.

Então, larguei a corda.

De início, não aconteceu nada. De repente, senti uma pontada de dor nos pés. Gritei. Achei que ia cair. Consegui agarrar firme na corda e me erguer, saindo do chão. Esfreguei freneticamente as solas dos pés no tronco da árvore. Ajudou, mas não foi o bastante. Voltei para o meu galho. Mergulhei os pés no balde com água que ficava ao lado da cama. E enxuguei com umas folhas. Peguei a faca e matei dois suricatos, tentando aliviar a dor que sentia com o seu sangue e as suas entranhas. Mas os meus pés continuavam ardendo. E foi assim a noite toda. Não consegui dormir, tanto pela dor quanto pela ansiedade.

A ilha era carnívora. Isso explicava o desaparecimento dos peixes no lago. Ela atraía peixes de alto-mar para os seus túneis subterrâneos — como, não sei: talvez os peixes viessem comer as algas com a mesma gulodice que eu. Eles caíam na armadilha. Será que ficavam perdidos? Será que a abertura para o mar se fechava? Será que a água deixava de ser salgada de uma forma tão sutil que, quando eles percebiam, já era tarde demais? Fosse como fosse, os peixes se viam aprisionados na água doce e morriam. Alguns subiam boiando até a superfície dos lagos: eram os restos que alimentavam os suricatos. À noite, por algum processo químico que eu desconhecia mas obviamente inibido pela luz do sol, as algas predadoras ficavam altamente ácidas e os lagos se tornavam verdadeiros tanques de ácido que digeriam os peixes. Era por isso que Richard Parker sempre voltava para o bote à noite. Era por isso que os suricatos dormiam nas árvores. Era por isso que eu nunca vi nada naquela ilha, a não ser as algas.

E isso explicava também os dentes. Alguma pobre alma perdida tinha vindo dar a essas praias terríveis antes de mim. Quanto tempo ele — ou seria ela? — teria vivido aqui? Semanas? Meses? *Anos*? Quantas horas solitárias teria passado na cidade arbórea tendo os suricatos por única companhia? Quantos sonhos de uma vida feliz foram destroçados? Quanta esperança acabou dando em nada? Quanta conversa guardada morreu sem se expressar? Quanta solidão teve de ser suportada? Quanto desespero teve de ser enfrentado? E, no fim das contas, em que deu tudo isso? O que restou?

Nada além de umas coisinhas esmaltadas, parecendo até uns poucos trocados no bolso. A pessoa deve ter morrido ali na árvore. De doença? Algum ferimento? Depressão? Em quanto tempo um espírito arrasado consegue matar um corpo que tem comida, água e abrigo? As árvores também eram carnívoras, mas num nível de acidez bem menor, por isso eram seguras o bastante para se passar a noite, quando todo o resto da ilha fermentava. Mas, depois que a pessoa morreu e parou de se mexer, a árvore deve ter começado a envolver o corpo bem devagar e a digeri-lo, devorando inclusive os ossos e sugando-lhes todos os nutrientes até que eles desapareceram. Com o tempo, os dentes também acabariam por desaparecer.

Olhei aquelas algas ao meu redor. Senti uma onda de amargura. A promessa radiante que me ofereciam durante o dia foi substituída, no meu coração, por toda a traição que elas cometiam à noite.

— Só sobraram os dentes! Os dentes! — murmurei.

Quando amanheceu, a minha decisão tristonha já estava tomada. Era preferível ir embora e morrer procurando a minha própria espécie que viver uma semivida solitária de conforto físico e morte espiritual nessa ilha assassina. Enchi o que pude com água doce e bebi feito um camelo. Passei o dia inteiro comendo algas até o meu estômago não aguentar mais. Matei e esfolei tantos suricatos quanto eu poderia guardar no armário e no chão do bote. Apanhei vários peixes mortos nos lagos. Com a machadinha, cortei uma boa quantidade de algas. Passei uma corda em volta delas e prendi tudo no barco.

Não podia abandonar Richard Parker. Deixá-lo ali significava matá-lo. Ele não sobreviveria à primeira noite. Sozinho no meu bote, ao pôr do sol, eu ia saber que ele estava sendo queimado vivo. Ou que tinha se atirado no mar para morrer afogado. Fiquei à sua espera. Sabia que ele não ia se atrasar.

Quando Richard Parker subiu a bordo, soltei as amarras do bote. Por algumas horas, as correntes nos mantiveram perto da ilha. Os ruídos do mar estavam me incomodando. E já tinha me desacostumado do balanço do barco. A noite custou a passar.

Ao amanhecer, a ilha tinha desaparecido, juntamente com as algas que o barco carregava. Assim que anoiteceu, elas dissolveram

a corda com o seu ácido.

O mar estava agitado; o céu, cinzento.

CAPÍTULO 93

Fui ficando cansado daquela situação, tão absurda quanto o tempo. Mas a vida não queria me deixar. O resto dessa história é apenas tristeza, dor e resistência.

O alto atrai o baixo e o baixo atrai o alto. Acredite, se você estivesse em condições tão desesperadoras, também acabaria elevando os seus pensamentos. Quanto mais baixo cairmos, mais alto a nossa mente vai querer voar. Era natural que, estando assim tão abandonado e desesperado, assolado pelo sofrimento constante, eu me voltasse para Deus.

CAPÍTULO 94

Quando chegamos a terra firme, mais exatamente ao México, eu estava tão enfraquecido que mal tive forças para ficar feliz. Enfrentamos muitas dificuldades para desembarcar. O bote quase virou na arrebentação. Lancei as âncoras — o que restava delas — bem afastadas uma da outra para nos manter em ângulo perpendicular às ondas e, depois, tratei de recolhê-las assim que começamos a subir na crista de uma delas. Foi assim, lançando e recolhendo as âncoras, que conseguimos chegar até a praia. Era perigoso. Mas pegamos uma daquelas ondas no ponto certo e ela nos carregou bem longe, além dos enormes paredões de água que despencavam. Recolhi as âncoras ainda uma vez e fizemos o resto do caminho empurrados pelo mar. O bote raspou na areia e encalhou.

Praticamente escorreguei para fora dele. Estava com medo de me soltar, medo de me afogar ali, tão perto da libertação, naquele meio metro de água. Ergui a cabeça para ter uma noção da distância. Aquele olhar me deu as últimas visões que tive de Richard Parker, pois, naquele exato momento, ele pulou por cima de mim. Vi o seu corpo, tão cheio de vitalidade, esticado no ar acima da minha cabeça, um raio peludo voando pelo ar. Caiu na água, com as patas traseiras bem abertas, o rabo erguido, e, dali, com uns poucos pulos, chegou à praia. Foi para o lado esquerdo, pisando forte na areia molhada, mas mudou de ideia e se virou. Passou bem na minha frente, dirigindo-se para a direita. Nem me olhou. Correu uns cem metros pela praia antes de dar as costas para o mar. O seu andar era desajeitado e sem coordenação. Caiu diversas vezes. Na orla da mata, estancou. Tive certeza que ele ia se virar na minha direção. Que ia olhar para mim. Que ia baixar as orelhas. Que ia soltar uns grunhidos. Que, de uma forma ou de outra, ia pôr um fim à nossa relação. Mas Richard Parker não fez nada disso. Só ficou olhando fixo para aquela mata. Então, o meu companheiro de tormentos, aquela coisa assustadora e feroz que me manteve vivo, saiu andando e desapareceu da minha vida para sempre.

Com muito esforço, cheguei à praia e me atirei na areia. Olhei ao meu redor. Estava efetivamente só; havia perdido não apenas a minha família, mas, agora, também estava órfão de Richard Parker e praticamente abandonado por Deus, foi o que pensei. Mas é claro que não estava. Aquela praia tão macia, tão firme e tão grande parecia até o rosto de Deus e, em algum lugar, dois olhos me fitavam, brilhando de prazer, e uma boca sorria por me ver ali.

Horas depois, um membro da minha própria espécie me encontrou. Foi embora e voltou com um grupo. Eram umas seis ou sete pessoas. Aproximaram-se de mim tapando a boca e o nariz com as mãos. Fiquei me perguntando o que haveria de errado com aquela gente. Começaram a falar numa língua estranha. Puxaram o bote para a areia. E me levaram dali. Arrancaram da minha mão o único pedaço de carne de tartaruga que eu tinha trazido do barco e o jogaram fora.

Chorei como uma criança. Não por estar me sentindo um vencedor que conseguiu sobreviver àquele sofrimento, embora estivesse. Nem por estar na presença de irmãos, embora isso também fosse muito emocionante. Estava chorando porque Richard Parker tinha me abandonado com tanta naturalidade. Como é terrível uma despedida gorada... Sou uma pessoa que acredita nas formalidades, na harmonia da ordem. Sempre que possível, devemos dar às coisas uma forma significativa. Por exemplo, será que eu poderia lhe contar essa minha história tão confusa em exatamente cem capítulos, nem um a mais, nem um a menos? Sabe que a única coisa que detesto no meu apelido é o jeito que esse número tem de se estender indefinidamente? Na vida, é importante concluir as coisas do modo certo. Só então a gente pode deixar aquilo para trás. Caso contrário, ficamos remoendo as palavras que podíamos ter dito, mas não dissemos, e o nosso coração fica carregado de remorso. Aquela despedida malfeita ainda me magoa até hoje. Adoraria ter dado uma última olhada nele dentro do bote, tê-lo provocado um pouquinho, pois, assim, ficaria gravado na sua lembrança. Adoraria ter lhe dito — está certo, sei que é um tigre, mas, mesmo assim... —, adoraria ter lhe dito:

— Está tudo acabado, Richard Parker. Nós sobrevivemos. Dá para acreditar? Não posso nem expressar toda a gratidão que tenho

por você. Se não fosse por você, eu não teria conseguido. Queria lhe dizer isso formalmente: Muito obrigado, Richard Parker. Obrigado por salvar a minha vida. Agora, pode ir para onde quiser. Durante a sua vida praticamente inteira, você só conheceu a liberdade confinada de um zoológico; agora, vai poder descobrir o confinamento livre de uma selva. Eu lhe desejo tudo de bom. Cuidado com os homens. Eles não são seus amigos. Mas espero que lembre de mim como um amigo. Eu nunca vou esquecê-lo, com toda certeza. Você vai estar sempre comigo, no meu coração. Que barulho é esse? Ah, o nosso bote chegou à areia. Então, adeus, Richard Parker, adeus. Que Deus o proteja.

As pessoas que me encontraram me levaram para a sua aldeia. Lá chegando, umas mulheres me deram banho e me esfregaram com tanta força que me perguntei se elas teriam percebido que eu era moreno assim mesmo e não um garoto branco absolutamente imundo. Tentei explicar. Elas fizeram que sim com a cabeça, sorriram e continuaram a me esfregar como se eu fosse o convés de um navio. Achei que fossem me esfolar vivo. Mas elas me deram comida. Uma comida deliciosa. Quando comecei a comer, não conseguia mais parar. Cheguei a pensar que nunca mais deixaria de ter fome.

No dia seguinte, apareceu um carro de polícia e me levou para um hospital. É aí que termina a minha história.

Fiquei encantado com a generosidade daquelas pessoas que me salvaram. Gente pobre me deu comida e roupas. Médicos e enfermeiras cuidaram de mim como se eu fosse um bebê prematuro. Autoridades mexicanas e canadenses me abriram todas as portas, de tal forma que, daquela praia no México à casa da minha mãe adotiva e às salas de aula da Universidade de Toronto, houve apenas um corredor comprido por onde foi bem fácil andar. A todas essas pessoas, os meus maiores agradecimentos, do fundo do coração.

Parte três

Centro Médico Benito Juárez, Tomatlán, México



CAPÍTULO 95

O sr. Tomohiro Okamoto, funcionário hoje aposentado do Departamento Marítimo do Ministério dos Transportes do Japão, me disse que ele e o seu colega, na época seu assistente, o sr. Atsuro Chiba, estavam em Long Beach, Califórnia — o principal porto marítimo da costa oeste dos Estados Unidos, próximo a L.A. —, a trabalho, quando receberam a notícia de que o único sobrevivente do cargueiro japonês Tsimtsum*, que, meses antes, havia desaparecido sem deixar vestígios nas águas internacionais do Pacífico, acabava de ser encontrado perto do pequeno vilarejo de Tomatlán, no litoral mexicano. Receberam instruções do seu departamento para ir procurar o tal sobrevivente e ver se conseguiam obter algum esclarecimento com relação ao destino do navio. Compraram um mapa do México e procuraram onde ficava Tomatlán. Infelizmente, uma das dobras do mapa cruzava a região de Baja California, passando por uma cidade costeira chamada Tomatán, nome impresso em letras bem miúdas. O sr. Okamoto ficou convencido de que se tratava de Tomatlán. Já que estava bem próximo da Baja California, decidiu que a maneira mais rápida de chegar até lá seria de carro e foram alugar um.*

Quando chegaram a Tomatán, a oitocentos quilômetros ao sul de Long Beach, e viram que não era Tomatlán, o sr. Okamoto decidiu seguir viagem para Santa Rosália, que ficava a duzentos quilômetros mais ao sul, para pegar o ferryboat *e cruzar o golfo da Califórnia até Guaymas. O barco partiu atrasado e era muito lento. E, de Guaymas a Tomatlán, eram mais trezentos quilômetros. As estradas eram ruins. Um dos pneus furou. O carro quebrou, e o mecânico que veio consertá-lo conseguiu canibalizar o motor às escondidas, pondo partes usadas no lugar das novas. Com isso, não apenas os dois tiveram de pagar à locadora a substituição das tais peças, como ainda viram o carro quebrar de novo no caminho de volta. O segundo mecânico lhes cobrou os olhos da cara. O sr. Okamoto me confessou que estavam ambos exaustos quando chegaram ao Centro Médico Benito Juárez, em Tomatlán, que não*

fica absolutamente na Baja California, mas a uns cem quilômetros ao sul de Puerto Vallarta, no estado de Jalisco, praticamente na mesma altura que a Cidade do México. Os dois viajaram 41 horas sem parar. "Foi muito trabalhoso", escreveu o sr. Okamoto.

Ele próprio e o sr. Chiba falaram com Piscine Molitor Patel, em inglês, por cerca de três horas e gravaram a conversa que tiveram com o rapaz. Reproduzo a seguir alguns trechos da transcrição literal dessa conversa. Agradeço muito ao sr. Okamoto por ter me fornecido uma cópia da gravação e do seu relatório final. Para tornar as coisas mais claras, indiquei quem está falando sempre que isso não for muito evidente. As passagens impressas em fonte diferente estavam em japonês no original e foram traduzidas por mim.

CAPÍTULO 96

— Olá, sr. Patel. Eu me chamo Tomohiro Okamoto. Sou do Departamento Marítimo do Ministério dos Transportes do Japão. Este é o meu assistente, Atsuro Chiba. Viemos vê-lo para falar sobre o naufrágio do navio *Tsimtsum*, em que o senhor viajava. Seria possível conversarmos agora?

— Claro.

— Obrigado. É muita gentileza sua. Agora, Atsuro-kun, já que é novo nesse tipo de situação, preste atenção e procure aprender como se faz.

— Está certo, Okamoto-san.

— Ligou o gravador?

— Liguei, sim, senhor.

— Ótimo. Ah, como estou cansado! Gravando... Dia 19 de fevereiro de 1978. Documento número 250663, relativo ao desaparecimento do cargueiro Tsimtsum. Está confortável, sr. Patel?

— Estou. Obrigado. E o senhor?

— Estamos muito bem assim.

— Vocês vieram lá de Tóquio?

— Estávamos em Long Beach, na Califórnia. Viemos de carro.

— Fizeram boa viagem?

— Ótima. Foi um trajeto maravilhoso.

— A minha foi péssima.

— Eu sei. Conversamos com os policiais antes de vir para cá e vimos o bote salva-vidas.

— Estou com um pouco de fome.

— Quer um biscoito?

— Ah, quero, sim.

— Tome.

— Obrigado!

— De nada. É só um biscoito. Agora, sr. Patel, será que poderia nos contar o que lhe aconteceu, dando o máximo possível de detalhes?

— Claro. Com o maior prazer.

CAPÍTULO 97

A história.

CAPÍTULO 98

Sr. Okamoto: — Muito interessante.

Sr. Chiba: — Que história!

— Ele acha que nós somos idiotas. Vamos dar uma paradinha e, depois, retomamos. Pode ser, sr. Patel?

— Por mim, tudo bem. Queria mais um biscoito.

— Claro.

Sr. Chiba: — Ele já pegou vários biscoitos e nem comeu a maioria deles. Deixou todos aqui, debaixo do lençol.

— Dê mais um ao garoto. Precisamos agradá-lo. Voltamos já, já.

CAPÍTULO 99

Sr. Okamoto: — Não estamos acreditando na sua história, sr. Patel.

— Desculpe... Esses biscoitos são muito gostosos, mas quebram à toa. Estou impressionado. Por que não?

— Ela não se sustenta.

— Não entendi.

— Bananas não boiam.

— Como?

— O senhor disse que a orangotango veio boiando numa ilha de bananas.

— Isso mesmo.

— Mas bananas não boiam.

— Boiam, sim.

— São pesadas demais para isso.

— Não são, não. Experimente só para ver. Tenho duas aqui mesmo.

Sr. Chiba: — De onde saíram essas bananas? O que mais tem aí debaixo desse lençol?

Sr. Okamoto: — Droga! Não, não... Tudo bem.

— Tem uma bacia logo ali.

— Está tudo certo.

— Faço questão. Encha a bacia com água, jogue as bananas lá dentro e vai ver quem tem razão.

— Achamos que seria melhor prosseguir.

— Não. Eu insisto!

[Silêncio]

Sr. Chiba: — E agora?

Sr. Okamoto: — Acho que vamos ter mais um dia interminável...

[Barulho de uma cadeira sendo arrastada. Som distante de água jorrando de uma torneira.]

Pi Patel: — O que está acontecendo? Não consigo ver daqui.

Sr. Okamoto [a alguma distância]: — Estou enchendo a bacia.

— Já pôs as bananas na água?

[A alguma distância] — Ainda não.

— E agora?

[A alguma distância] — Pronto.

— E então?

[Silêncio]

Sr. Chiba: — Estão boiando?

[A alguma distância] — Estão.

— E então? Elas estão boiando?

[A alguma distância] — Estão.

— Eu não disse?

Sr. Okamoto: — É verdade, mas seriam necessárias muitas bananas para sustentar um orangotango.

— É isso mesmo. Era quase uma tonelada. Ainda fico arrasado só de pensar em todas aquelas bananas indo embora boiando, se perdendo no mar quando dava para apanhá-las com a mão!

— É uma pena... Mas quanto à...?

— Pode me devolver as minhas bananas, por favor?

Sr. Chiba: — Vou buscá-las.

[Barulho de uma cadeira sendo arrastada.]

[A alguma distância] — Ora vejam só! Não é que elas boiam mesmo?

Sr. Okamoto: — E quanto à tal ilha de algas onde o senhor diz ter aportado?

Sr. Chiba: — Pronto! Aqui estão as suas bananas.

Pi Patel: — Obrigado. Sim?

— Lamento dizer assim, de uma forma tão brusca... Não temos a intenção de ferir os seus sentimentos... Mas não espera realmente que acreditemos nessa sua história, não é mesmo? Árvores carnívoras? Algas que comem peixe e produzem água doce? Roedores aquáticos vivendo em árvores? Essas coisas não existem!

— Só porque o senhor nunca viu...

— Exatamente. Acreditamos no que vemos.

— Como Colombo. O que faz quando está no escuro?

— Do ponto de vista botânico, a sua ilha é impossível.

— Foi o que disse a mosca imediatamente antes de pousar numa apanha-moscas.

— Por que ninguém mais foi até lá?

— O Pacífico é um oceano enorme, atravessado por navios a trabalho. Eu estava viajando devagar e podia observar muito mais.

— Nenhum cientista acreditaria nessa história.

— Pois seria a mesma coisa que desacreditar de Copérnico e de Darwin. Por acaso os cientistas já pararam de descobrir plantas novas? Na bacia amazônica, por exemplo?

— Mas não plantas que contradizem as leis da natureza.

— Que o senhor conhece de cabo a rabo?

— O bastante para distinguir o possível do impossível.

Sr. Chiba: — Tenho um tio que sabe muito sobre botânica. Mora lá nos arredores de Hita-Gun. É um mestre da arte do bonsai.

Pi Patel: — Arte do quê?

— Do bonsai. Um bonsai é uma árvore pequena, sabe?

— O senhor quer dizer um arbusto?

— Não. São árvores mesmo. Os bonsais são árvores bem pequenas. Com menos de meio metro de altura. Dá para carregar no colo. E podem viver muitos anos. O meu tio tem uma que já tem mais de trezentos anos.

— Árvores de trezentos anos, com menos de meio metro de altura, e que a gente pode carregar no colo?

— Exatamente. Elas são muito delicadas. Precisam de muitos cuidados.

— Quem já ouviu falar de árvores assim? Do ponto de vista botânico, elas são impossíveis!

— Mas eu lhe garanto que existem, sr. Patel. O meu tio...

— Só acredito no que vejo.

Sr. Okamoto: — Um momento, por favor. Com todo o respeito pelo senhor seu tio que mora nos arredores de Hita-Gun, Atsuro, não estamos aqui para ficar com essa conversa mole sobre botânica!

— Só estou tentando ajudar.

— Por acaso, os bonsais do seu tio comem carne?

— Acho que não.

— Já foi mordido por um desses bonsais?

— Não.

— Então, os bonsais do seu tio não estão nos ajudando em nada. Onde foi que paramos?

Pi Patel: — Nas árvores bem altas e firmemente plantadas no chão de que eu estava falando.

— Mas vamos deixá-las de lado por enquanto.

— Não deve ser nada fácil. Com aquele tronco roliço, não dá para saber se elas estão de lado ou de frente...

— O senhor é engraçado, sr. Patel. Ha! Ha! Ha!

Pi Patel: — Ha! Ha! Ha!

Sr. Chiba: — Ha! Ha! Ha! Nem foi tão engraçado assim.

Sr. Okamoto: — Esqueça! Continue a rir. Ha! Ha! Ha!

Sr. Chiba: — Ha! Ha! Ha!

Sr. Okamoto: — Agora, quanto àquele tigre. Também não achamos que faça lá muito sentido.

— Não entendi.

— Não é fácil acreditar nisso.

— Mas é uma história incrível!

— Exatamente.

— Não sei como consegui sobreviver.

— Deve ter sido mesmo muito estressante.

— Pode me dar mais um biscoito?

— Acabou.

— O que tem aí nessa sacola?

— Nada.

— Deixe eu ver?

Sr. Chiba: — Pronto! Lá se vai o nosso almoço.

Sr. Okamoto: — Mas, voltando ao tigre...

Pi Patel: — Foi muito difícil. Esses sanduíches estão deliciosos.

Sr. Okamoto: — É, parecem estar mesmo...

Sr. Chiba: — Estou com fome.

— Não se encontrou sinal dele. É meio difícil de acreditar, não acha? Não existem tigres nas Américas. Se houvesse um desses animais selvagens por lá, não acha que, a essa altura, a polícia já teria ouvido falar dele?

— Eu poderia lhe contar a história da pantera-negra que escapou do zoológico de Zurique em pleno inverno.

— Um tigre é um animal incrivelmente perigoso, sr. Patel. Como conseguiu sobreviver com um deles num bote salva-vidas? É...

— O que o senhor não compreende é que, para os animais selvagens, somos uma espécie estranha e ameaçadora. Nós os deixamos com muito medo. Eles procuram nos evitar ao máximo. Foram precisos séculos para se extinguir o medo em alguns animais mais dóceis — o que chamamos de *domesticação* —, mas a maioria não consegue superar esse sentimento e duvido que algum dia venha a conseguir. Quando um animal selvagem nos enfrenta, é por puro desespero. Brigam quando sentem que não existe outra saída. Decididamente, é o último recurso.

— *Num bote salva-vidas?* Ora, vamos, sr. Patel! É quase impossível acreditar nisso!

— Quase impossível? O que sabe sobre as coisas impossíveis de se acreditar? Quer que eu lhe fale de algumas? Vou lhe contar. É praticamente um segredo mantido pelos administradores de zoológicos da Índia, mas, em 1971, Bara, a ursa- -polar, fugiu do zoológico de Calcutá. Nunca mais se soube dela. Nem a polícia, nem caçadores profissionais ou clandestinos... Ninguém. Desconfiamos que ficou vivendo livremente nas margens do rio Hugli. Se forem a Calcutá, tomem cuidado, meus caros senhores: se tiverem comido sushi, podem pagar muito caro por isso! Se pegarem a cidade de Tóquio e começarem a sacudi-la, virando-a de cabeça para baixo, vão ficar impressionados com a quantidade de animais que vai despencar de lá: texugos, lobos, jiboias, dragões-de-komodo, crocodilos, avestruzes, babuínos, capivaras, javalis, leopardos, peixes-bois, ruminantes em quantidade espantosa. Não tenho a menor dúvida quanto ao fato de girafas e hipopótamos terem vivido em Tóquio por várias gerações sem que ninguém os tenha visto. Qualquer dia desses, vocês deveriam comparar as coisas que grudam na sola dos seus sapatos pelas ruas da cidade com o que se encontra no fundo das jaulas do zoológico de Tóquio. Comparem só para ver! E acham que um tigre seria encontrado numa floresta mexicana! Só rindo... Realmente, só rindo... Ha! Ha! Ha!

— Pode perfeitamente haver girafas e hipopótamos selvagens vivendo em Tóquio e um urso-polar vivendo livremente em Calcutá. Simplesmente não acreditamos que houvesse um tigre morando no seu bote salva-vidas!

— A típica arrogância dos habitantes das cidades grandes! Admitem, para as suas metrópoles, todos os animais do Éden, mas negam ao meu vilarejo um mero tigre-de-bengala!

— Acalme-se, por favor, sr. Patel.

— Se tropeçam na simples credibilidade, qual o sentido da vida para vocês? Não é difícil acreditar no amor?

— Sr. Patel...

— Não venham tentar me intimidar com essa delicadeza! É difícil acreditar no amor. Perguntem a qualquer apaixonado. É difícil acreditar na vida. Perguntem a qualquer cientista. É difícil acreditar em Deus. Perguntem a qualquer crente. Qual o seu problema com as coisas difíceis de acreditar?

— Estamos apenas sendo sensatos.

— Eu também! Usei a minha razão a cada instante. Ela é excelente para se conseguir comida, roupas, abrigo. Sem dúvida, a razão é o melhor kit de ferramentas que existe! Nada melhor que ela para manter tigres à distância. Mas se forem excessivamente sensatos, estarão se arriscando a jogar fora o Universo junto com a água da bacia.

— Calma, sr. Patel. Fique calmo.

Sr. Chiba: — Que bacia? O que a bacia tem a ver com isso?

— Como posso ficar calmo? Vocês deveriam ter visto Richard Parker!

— Claro, claro.

— Imenso. Com uns dentes desse tamanho! Garras que pareciam cimitarras!

Sr. Chiba: — O que é cimitarra?

Sr. Okamoto: — Em vez de ficar fazendo essas perguntas idiotas de vocabulário, Chiba-san, por que não tenta fazer alguma coisa útil? Esse garoto está a ponto de explodir. Ande, faça algo!

Sr. Chiba: — Ora! Uma barra de chocolate!

Pi Patel: — Que maravilha!

[Longo silêncio]

Sr. Okamoto: — Nem parece que roubou o nosso almoço inteirinho... daqui a pouco vai pedir uma tempura.

[Longo silêncio]

Sr. Okamoto: — Estamos perdendo de vista o verdadeiro motivo dessa investigação. Viemos até aqui por causa do naufrágio de um cargueiro. O senhor é o único sobrevivente. E era apenas um passageiro. Não é em hipótese alguma responsável pelo que aconteceu. Nós...

— Como chocolate é bom!

— Não estamos pretendendo fazer qualquer acusação criminal. O senhor é uma vítima inocente de uma tragédia no mar. Só estamos tentando determinar por que e como o *Tsimtsum* afundou. Achamos que talvez pudesse nos ajudar, sr. Patel.

[Silêncio]

— Sr. Patel?

[Silêncio]

Pi Patel: — Os tigres existem, os botes salva-vidas existem, os oceanos existem. Como os três nunca se juntaram na sua experiência estreita e limitada, o senhor se recusa a acreditar que essa associação seja possível. No entanto, o fato é que o *Tsimtsum* juntou essas três coisas e, depois, afundou.

[Silêncio]

Sr. Okamoto: — E o tal francês?

— O que é que tem ele?

— Dois cegos, em dois botes salva-vidas, se encontrando em pleno oceano Pacífico... Essa coincidência parece um pouco forçada, não?

— Sem dúvida.

— Achamos isso muito pouco provável.

— Ganhar na loteria também é. E, no entanto, tem gente que ganha.

— Achamos *muito* difícil acreditar nessa história.

— Também achei.

— Bem que eu achava que devíamos ter tirado folga hoje... Vocês falaram sobre comida?

— Falamos.

— Ele entendia muito de comida.

— Se é que se pode chamar aquilo de comida.

— O cozinheiro do *Tsimtsum* era francês.

— Existem franceses espalhados pelo mundo inteiro.

— Talvez o que o senhor encontrou fosse o cozinheiro do navio.

— Talvez. Mas como eu poderia saber? Nunca o vi. Eu estava cego. E, depois, Richard Parker o comeu vivo.

— Bastante conveniente...

— Claro que não! Foi horrível. E que fedor! Por falar nisso, como se explicariam os ossos de suricato encontrados no bote?

— É, foram encontrados ossos de um animal pequeno...

— Um só, não!

— ... de *alguns* animais pequenos no bote salva-vidas. Devem ter vindo do navio.

— Não tínhamos suricatos no nosso zoológico.

— Mas não há provas de que fossem ossos de suricatos.

Sr. Chiba: — Talvez fossem ossos de bananas! Ha! Ha! Ha! Ha! Ha!

— Cale a boca, Atsuro!

— Desculpe, Okamoto-san, é o cansaço.

— Assim está comprometendo a reputação do nosso departamento!

— Lamento muito, Okamoto-san.

Sr. Okamoto: — Podiam ser ossos de qualquer outro animal de pequeno porte.

— Eram de suricatos.

— Podiam ser de mangustos.

— Os mangustos do nosso zoológico não foram vendidos. Ficaram lá na Índia.

— Podiam ter infestado o navio, como ratos. Mangustos são comuns na Índia.

— Mangustos infestando navios?

— E por que não?

— Que saíram nadando pelo Pacífico encapelado, aos bandos, até chegar ao bote salva-vidas? É meio difícil de acreditar, não acha?

— Menos do que acreditar em algumas das coisas que ouvimos nas últimas duas horas. Talvez eles já estivessem no bote, como o rato que o senhor mencionou.

— É simplesmente incrível o número de bichos que havia naquele bote!

— Exatamente.
— Uma verdadeira selva.
— Isso mesmo.
— Aqueles ossos eram de suricatos. Mande um especialista examiná-los.
— Não sobraram muitos. E não havia cabeças.
— Eu as usei como iscas.
— Não vejo como um especialista poderia determinar se eram ossos de suricato ou de mangusto.
— Pois procure um perito em zoologia forense.
— Está muito bem, sr. Patel! O senhor venceu. Não podemos explicar a presença dos ossos de suricato, se é que são de suricatos mesmo, no bote salva-vidas. Mas não é esse o nosso problema. Estamos aqui porque um cargueiro japonês, de propriedade da Companhia de Navegação Oika, navegando sob bandeira panamenha, naufragou no oceano Pacífico.
— Algo que não vou esquecer nunca, nem por um minuto. Perdi a minha família inteira.
— O que nós lamentamos profundamente.
— Não tanto quanto eu.
[Longo silêncio]
Sr. Chiba: — O que vamos fazer agora?
Sr. Okamoto: — Não faço ideia.
[Longo silêncio]
Pi Patel: — Querem um biscoito?
Sr. Okamoto: — Aceito, obrigado.
Sr. Chiba: — Obrigado.
[Longo silêncio]
Sr. Okamoto: — Está um lindo dia.
Pi Patel: — É mesmo. Um dia de sol.
[Longo silêncio]
Pi Patel: — É a primeira vez que vêm ao México?
Sr. Okamoto: — É.
Sr. Chiba: — Eu também.
[Longo silêncio]
Pi Patel: — Quer dizer que não gostaram da minha história?

Sr. Okamoto: — Não. Na verdade, gostamos muito, não é mesmo, Atsuro? Vamos nos lembrar dela por muito, muito tempo.

Sr. Chiba: — Se vamos...

[Silêncio]

Sr. Okamoto: — Mas, para levar adiante a nossa investigação, gostaríamos de saber o que aconteceu efetivamente?

— O que aconteceu efetivamente?

— É.

— Então, querem que eu conte outra história?

— Hum... Não. Gostaríamos de saber o que aconteceu efetivamente.

— Contar alguma coisa não cria sempre uma história?

— Hum... Em inglês, talvez. Em japonês, uma história teria sempre um elemento de *invenção*. Não é o que queremos. Queremos que o senhor "se atenha aos fatos", como se diz.

— Mas contar alguma coisa, usando as palavras, seja em inglês ou em japonês, já não é de certa forma uma invenção? O simples fato de olhar para esse mundo já não é de certa forma uma invenção?

— Hum...

— O mundo não é apenas do jeito que ele é. É também como nós o compreendemos, não é mesmo? E, ao compreender alguma coisa, trazemos alguma contribuição nossa, não é mesmo? Isso não faz da vida uma história?

— Ha! Ha! Ha! O senhor é muito inteligente, sr. Patel.

Sr. Chiba: — Do que ele está falando?

— Não faço ideia.

Pi Patel: — Querem palavras que reflitam a realidade?

— Exatamente.

— Palavras que não contradigam a realidade?

— Isso mesmo.

— Mas tigres não contradizem a realidade.

— Ah, por favor, chega de tigres!

— Sei o que querem. Querem uma história que não os surpreenda. Que confirmem o que já sabem. Que não os obrigue a ver nada mais alto, mais além ou de um jeito diferente. Querem uma

história chocha. Uma história imóvel. Querem a pura factualidade, seca, sem fermento.

— Hum...

— Querem uma história sem bichos.

— É.

— Sem tigres ou orangotangos.

— Isso mesmo.

— Sem hienas ou zebras.

— Exatamente.

— Sem suricatos ou mangustos.

— É. Não queremos nada disso.

— Sem girafas ou hipopótamos.

— Vamos tapar os ouvidos com os dedos!

— Então, eu estava certo. Vocês querem uma história sem animais.

— Queremos uma história sem animais, que explique o naufrágio do *Tsimtsum*.

— Podem me dar um minuto, por favor?

— Claro. Acho que vamos enfim chegar lá. Tomara que dessa vez não seja algo muito disparatado.

[Longo silêncio]

— Pronto. Aqui está uma outra história.

— Ótimo.

— O navio naufragou. Fez um barulho que parecia um monstruoso arroto metálico. As coisas ficaram borbulhando na superfície e, depois, desapareceram. Eu me vi me debatendo nas águas do oceano Pacífico. Nadei até o bote. Foi o nado mais difícil da minha vida. Nem parecia que eu estava saindo do lugar. Fiquei engolindo água. Estava morrendo de frio. Fui perdendo a força muito depressa. Não teria conseguido se o cozinheiro não tivesse me atirado uma boia e me puxado para o barco. Subi a bordo e desabei.

“Quatro de nós sobrevivemos. A minha mãe pegou umas bananas e veio para o bote também. O cozinheiro já estava ali, e o marinheiro também.

“Ele comeu as moscas. Quero dizer, o cozinheiro. Não fazia nem um dia que estávamos no bote; tínhamos comida e água suficientes

para algumas semanas; tínhamos equipamento de pesca e destiladores solares; não havia motivo para acreditarmos que não seríamos logo resgatados. Mesmo assim, lá estava ele, agitando os braços, pegando moscas e comendo todas elas vorazmente. Não tardou a ficar terrivelmente faminto. Ficou nos chamando de idiotas e de bobos porque não nos juntávamos a ele naquele banquete. Isso nos deixou ofendidos e enojados, mas não demonstramos nada. Fomos muito educados. Ele era um estranho e, ainda por cima, estrangeiro. A minha mãe sorriu, abanou a cabeça e ergueu a mão, num gesto de recusa. Ele era um sujeito nojento. A sua boca tinha a mesma capacidade seletiva que uma lixeira. Comeu até o rato. Cortou o bicho todo e o deixou secar ao sol. Para dizer a verdade, experimentei um pedacinho, bem pequeno, sem a minha mãe ver. Estava com tanta fome... Esse tal cozinheiro era um animal; um sujeito hipócrita e com um gênio terrível.

"O marinheiro era jovem. Na verdade, mais velho que eu; devia ter uns vinte e poucos anos. Mas quebrou a perna quando pulou do navio e aquele sofrimento fez dele uma criança. Era lindo. Não tinha barba e a sua pele era clara, reluzente. Os traços — o rosto largo, o nariz achatado, os olhos estreitos e meio franzidos — tinham um ar tão elegante... Na minha opinião, ele parecia um imperador chinês. Mas ele sofreu muito. Não falava nem uma palavra de inglês, nem *sim* ou *não*, nem *olá* ou *obrigado*. Só falava chinês. Não entendíamos nada do que ele dizia. Deve ter se sentido muito só. Quando chorava, a minha mãe deitava a cabeça dele no seu colo e ficava segurando a sua mão. Era triste, muito triste mesmo. Ele, ali, sofrendo, e não havia nada que pudéssemos fazer.

"Tinha uma fratura bem feia na coxa direita. O osso chegou a furar a pele. Ele gritava de dor. Ajeitamos a perna dele da melhor maneira que pudemos e tratamos de lhe dar de comer e de beber. Mas a perna infeccionou. Embora drenássemos o pus diariamente, ele foi piorando. O pé ficou preto e inchadíssimo.

"Foi ideia do cozinheiro. Ele era um verdadeiro animal. E nos dominava. Disse bem baixinho que aquela cor preta ia se espalhar e que o outro só sobreviveria se aquela perna fosse amputada. Já que o osso estava quebrado na coxa, bastaria cortarmos a carne e botarmos um torniquete. Ainda posso ouvir aqueles sussurros

malignos. Acrescentou que se encarregaria da tarefa, para salvar a vida do marinheiro, mas que nós tínhamos de segurá-lo. A surpresa seria o único anestésico. Pulamos em cima dele. Mamãe e eu seguramos os seus braços enquanto o cozinheiro se sentou na sua perna boa. O rapaz se debatia e gritava. O seu peito subia e descia. O cozinheiro foi rápido com a faca. A perna caiu. Mamãe e eu o soltamos imediatamente e saímos dali. Achávamos que, uma vez que deixássemos de segurá-lo, ele pararia de se debater. Pensávamos que fosse ficar deitado ali, calmamente. Mas não. Ele se sentou no mesmo instante. Os seus gritos eram ainda piores por serem ininteligíveis. Ficou gritando e nós, só olhando, atordoados. Havia sangue por todo lado. O pior era o contraste entre a agitação frenética do pobre marinheiro e o repouso tranquilo da sua perna no fundo do bote. Ele continuava olhando para aquele membro perdido, como que lhe implorando para voltar. Finalmente, se deixou cair para trás. Nós então tratamos de agir depressa. O cozinheiro dobrou a pele por cima do osso quebrado. Envolvemos o toco com um pano e amarramos uma corda pouco acima do ferimento para estancar o sangramento. Acomodamos o rapaz, do jeito mais confortável possível, num colchão feito com coletes salva-vidas e procuramos mantê-lo aquecido. Eu estava achando que tudo aquilo era inútil. Não podia acreditar que um ser humano fosse capaz de sobreviver a tanta dor, a tamanha carnificina. Ele passou a tarde e a noite inteiras gemendo, e a sua respiração estava rouca e irregular. De quando em quando, tinha uns acessos de um delírio agitado. Para mim, ele ia morrer durante a noite.

“Mas o rapaz lutava pela vida. Ao amanhecer, ainda estava vivo. Alternava períodos de lucidez e de inconsciência. Mamãe lhe deu água. Avistei a perna amputada. Quase perdi o fôlego. No meio de toda aquela comoção, ela tinha sido jogada para um lado e ficara ali, esquecida, no escuro. Tinha expelido um líquido e parecia mais fina. Peguei um colete salva-vidas para usar como uma luva e levantei aquela perna do chão.

“— O que está fazendo? — perguntou o cozinheiro.

“— Vou jogar isso no mar — respondi.

“— Deixe de ser idiota! Vamos usá-la como isca. Essa era a ideia!

“Ele pareceu se arrepender daquelas últimas palavras no momento mesmo em que as pronunciava, pois logo se calou. E foi embora.

“— A *ideia*? — indagou mamãe. — O que quer dizer com isso?

“O cozinheiro fingiu que estava ocupado.

“— Está nos dizendo que cortamos a perna desse pobre rapaz, não para salvar a sua vida, mas para conseguir *iscas para pescar*? — perguntou ela, erguendo a voz.

“O animal ficou calado.

“— Responda! — gritou mamãe.

“Como uma fera acuada, ele ergueu os olhos e a fitou.

“— Os nossos suprimentos estão acabando — respondeu, num grunhido. — Precisamos de mais comida, caso contrário, morreremos.

“Mamãe enfrentou firme aquele olhar.

“— Os nossos suprimentos *não* estão acabando, não, senhor! Temos bastante comida e água. Temos pacotes e mais pacotes de biscoitos para nos sustentar até que venham nos salvar — disse ela, pegando a embalagem plástica onde guardávamos a ração. Ela lhe pareceu surpreendentemente leve em suas mãos. As poucas migalhas que tinham sobrado ali dentro chocalharam. — O quê? — exclamou mamãe, abrindo a caixa. — Onde estão os biscoitos? Ainda ontem à noite, essa caixa estava cheia!

“O cozinheiro desviou os olhos. E eu também.

“— Seu monstro egoísta! — esbravejou mamãe. — Só estamos ficando sem comida porque você anda se empanturrando com a que temos!

“— Ele também comeu — disse o sujeito, fazendo um aceno de cabeça na minha direção.

“Mamãe se virou para mim. O meu coração ficou apertadinho.

“— É verdade, Piscine?

“— Foi de noite, mamãe. Eu estava meio dormindo e com tanta fome... Ele me deu um biscoito. Comi sem pensar...

“— Só um, não foi? — exclamou o cozinheiro, em tom de deboche.

“Desta vez, foi mamãe quem olhou para o outro lado. A sua raiva pareceu se dissipar. Sem dizer mais nem uma palavra, ela voltou a

cuidar do marinheiro.

“Desejei que ficasse furiosa. Que me castigasse. Só não queria aquele silêncio. Resolvi ir buscar uns coletes salva-vidas para deixar o rapaz mais confortável, já que, assim, podia ir ficar perto dela.

“— Desculpe, mamãe, desculpe — disse eu, num sussurro. Os meus olhos estavam cheios de lágrimas. Quando ergui a cabeça, vi que os dela também estavam. Mas ela não me olhou. Ficou com os olhos fixos em alguma recordação perdida ali no ar.

“— Estamos absolutamente sós, Piscine, absolutamente sós — disse ela, num tom que acabou com qualquer esperança que o meu corpo tivesse. Nunca na vida me senti tão sozinho quanto naquele instante. Havia duas semanas que estávamos ali no bote e o peso das circunstâncias já se fazia sentir. Estava ficando cada vez mais difícil acreditar que papai e Ravi tivessem sobrevivido.

“Quando nos viramos, o cozinheiro estava segurando a perna pelo tornozelo acima da água para drená-la. Mamãe tapou os olhos do marinheiro com as mãos.

“Ele morreu tranquilamente: a vida foi se esvaindo do seu corpo como o líquido da sua perna. Mais que depressa, o cozinheiro tratou de prepará-lo. A perna não funcionou como isca. A carne morta já estava em tal estado de decomposição que nem ficava presa no anzol; simplesmente se desmanchava na água. Mas aquele monstro não desperdiçava nada. Saiu cortando tudo, inclusive a pele do rapaz e cada centímetro dos seus intestinos. Preparou até mesmo os seus órgãos genitais. Quando acabou de esquartejar o tronco, passou para os braços, os ombros e a perna. Mamãe e eu tremíamos de dor e horror.

“— Como pôde fazer isso, seu monstro? — gritou ela. — Onde está a sua humanidade? Não tem nenhuma decência? O que esse pobre rapaz lhe fez? Seu monstro! Seu monstro!

“O cozinheiro respondeu de um jeito incrivelmente vulgar.

“— Ao menos cubra o rosto dele, pelo amor de Deus! — acrescentou mamãe. Era insuportável aquele rosto bonito, tão nobre e tão sereno, ligado àquela visão do que vinha logo abaixo.

“O cozinheiro se lançou à cabeça do marinheiro e, bem diante dos nossos olhos, o escalpelou e arrancou o seu rosto. Mamãe e eu vomitamos.

“Quando terminou, atirou no mar a carcaça desmantelada. Pouco depois, tiras de carne e pedaços de órgãos estavam espalhados pelo bote inteiro, para secar ao sol. Nós dois nos encolhemos, horrorizados. Tentamos não olhar para aquilo. O cheiro não se dissipava.

“Assim que o cozinheiro se aproximou de nós, mamãe lhe deu um tapa na cara, um tapa bem forte que o acertou em cheio, chegando a estalar. Vindo de mamãe, aquilo era chocante. E heroico. Foi um ato de indignação, de pena, de dor e de coragem. Algo que ela fez pela memória daquele pobre marinheiro. O resgate da dignidade do rapaz.

“Fiquei atônito. E o cozinheiro também. Ele continuou parado ali, imóvel, sem dizer uma palavra, enquanto mamãe o encarava. Percebi que o sujeito não a fitava nos olhos.

“Então, nos recolhemos ao nosso espaço privado. Fiquei bem perto dela. Eu sentia um misto de admiração maravilhada e medo abjeto.

“Mamãe ficou de olho nele. Dois dias depois, ela viu o que ele estava fazendo. O homem tentou ser discreto, mas ela percebeu quando ele levou a mão à boca.

“— Eu vi! — gritou ela. — Você acabou de comer um pedaço! Tinha dito que era para servir de isca! Eu sabia. Seu monstro! Seu animal! Como pôde fazer uma coisa dessas? É um *ser humano*! Um ser da sua própria espécie!

“Se ela estava esperando vê-lo cuspir aquela carne, arrependido, e se desdobrar em desculpas, estava enganada. O sujeito continuou mastigando. Na verdade, ergueu a cabeça e enfiou o resto daquela fatia na boca ostensivamente.

“— Parece até carne de porco — murmurou ele.

“Mamãe expressou a sua indignação e o seu nojo afastando-se dali com um gesto brusco. O cozinheiro comeu mais um pedaço.

“— Já estou me sentindo mais forte — disse, baixinho, e se concentrou em pescar.

“Cada um de nós tinha a sua ponta no bote. É impressionante como a força de vontade pode erguer paredes! Passavam-se dias inteiros como se ele nem estivesse ali conosco.

“Mas não podíamos ignorá-lo completamente. Ele era um animal, mas um animal bem prático. Era bom com as mãos e conhecia bem o mar. Tinha sempre ótimas ideias. Foi ele que pensou em construir uma balsa para ajudar na pescaria. Eu o ajudei como podia. O sujeito tinha pavio curto e vivia gritando comigo e me xingando.

“Mamãe e eu não comemos nem um pedaço do corpo do marinheiro, nem uma lasquinha que fosse, embora isso nos deixasse ainda mais enfraquecidos; mas começamos a comer o que o cozinheiro pegava no mar. A minha mãe, vegetariana desde que nasceu, conseguiu comer peixe cru e tartaruga crua. Foi muito difícil para ela. Nunca conseguiu superar a repulsa que aquilo lhe causava. Para mim, foi um pouco mais fácil. Descobri que a fome melhorava o gosto de qualquer coisa.

“Quando um gesto qualquer vem trazer alívio para a nossa vida, é impossível não sentir algum carinho pela pessoa a quem devemos esse alívio. Era empolgante quando o cozinheiro içava uma tartaruga para o bote ou pegava um dourado bem grande. Abríamos um largo sorriso e surgia um brilho em nosso coração, um brilho que durava horas. Mamãe e o cozinheiro conversavam educadamente, chegando até a brincar. Durante um pôr do sol daqueles espetaculares, a vida ali no barco era quase boa. Nessas ocasiões, eu o fitava — isso mesmo — com ternura. Com amor. Imaginava que éramos amigos do peito. Ele era um sujeito rude, mesmo quando estava bem-humorado, mas fingíamos até para nós mesmos nem notar esse detalhe. Vivia dizendo que íamos chegar a uma ilha. Essa era a nossa maior esperança. Ficávamos com os olhos cansados de tanto esquadrinhar o horizonte à procura de uma ilha que não aparecia nunca. Era aí que ele roubava comida e água.

“A superfície plana e interminável do Pacífico se ergueu como uma gigantesca muralha à nossa volta. Achei que nunca conseguiríamos escapar dali.

“Ele a matou. O cozinheiro matou a minha mãe. Estávamos famintos. Eu estava muito fraco. Não consegui nem segurar uma tartaruga. Nós a perdemos por minha culpa. Ele me bateu. A minha mãe bateu nele. Ele revidou.

“— Vá para lá! — exclamou mamãe, me empurrando para a balsa.

“Pulei. Achei que ela estivesse vindo comigo. Caí na água. Consegui alcançar a balsa. Os dois estavam brigando. Fiquei só olhando. A minha mãe estava brigando com um adulto. Um sujeito cruel e forte. Ele a segurou pelo pulso e torceu o seu braço. Ela gritou e caiu. Ele se lançou sobre ela. Aí, apareceu a faca. Ele a ergueu no ar. A arma desceu. Voltou a subir... estava vermelha. Subiu e desceu diversas vezes. Eu não conseguia ver a minha mãe. Ela estava no fundo do bote. Só via o sujeito. Ele parou. Ergueu a cabeça e me olhou. Atirou algo na minha direção. Um jato de sangue me atingiu bem no rosto. Nenhum chicote poderia ter causado ferimento mais doído. Segurei nas mãos a cabeça da minha mãe. Logo a larguei. Ela afundou numa nuvem de sangue, com a trança parecendo um rastro. Do fundo, vieram uns peixes para apanhá-la, até que a enorme sombra cinzenta de um tubarão abriu caminho entre eles e a cabeça desapareceu. Ergui os olhos. Não o vi. Ele estava escondido no fundo do barco. Apareceu para jogar o corpo da minha mãe no mar. Tinha a boca vermelha. A água fervilhou de tantos peixes.

“Passei o resto daquele dia e a noite inteira na balsa, só olhando para ele. Não trocamos uma palavra. Ele bem poderia ter cortado a corda que prendia a balsa. Mas não cortou. Preferiu me manter ali por perto, como uma consciência pesada.

“Pela manhã, quando podia vê-lo perfeitamente, puxei a corda e subi no bote. Estava muito fraco. Ele não disse nada. Fiquei quieto no meu canto. Ele apanhou uma tartaruga. Me deu o sangue do animal. Cortou o seu corpo e deixou as melhores partes para mim, em cima do banco do meio. Comi.

“Depois, lutamos e eu o matei. O seu rosto estava absolutamente inexpressivo; não havia ali nem desespero, nem raiva, nem medo ou dor. Ele simplesmente desistiu. Deixou-se matar; mesmo assim, o que houve ali foi uma luta. Ele sabia que tinha ido longe demais, mesmo para os seus padrões animalescos. Sabia que tinha ido longe demais e já não queria continuar vivendo. Mas nunca disse ‘Sinto muito’. Por que nos apegamos ao nosso lado mau?

“Como sempre, a faca estava ali, bem à vista, em cima do banco. Nós dois sabíamos disso. O sujeito podia ter ficado com a arma na mão desde o começo. Foi ele quem a botou naquele lugar. Eu a

peguei. Enfiei a lâmina na sua barriga. Ele fez uma careta, mas continuou de pé. Retirei a faca e a enfiei novamente. Jorrava sangue. Nem assim ele caiu. Fitando-me nos olhos, ergueu a cabeça um tantinho de nada. Será que pretendia dizer alguma coisa com aquele gesto? Achei que sim. Então, enfiei a faca na sua garganta, junto do pomo de adão. Ele despencou como uma pedra. E morreu. Não disse nada. Não teve últimas palavras. Só tossiu e cuspiu sangue. As facas têm um terrível poder dinâmico; uma vez em movimento, é difícil fazê-las parar. Eu o esfaqueei várias vezes. O seu sangue encharcou as minhas mãos ressecadas. O coração me deu muito trabalho, com todos aqueles tubos ligando-o ao resto do corpo. Consegui retirá-lo. Tinha um gosto delicioso, muito melhor que carne de tartaruga. Comi também o fígado. Arranquei uns nacos bem grandes da sua carne.

"Aquele cozinheiro era tão mau... Pior que isso: ele despertou o meu lado mau... o egoísmo, a raiva, a crueldade. Tenho de conviver com isso.

"Começou então a solidão. Eu me voltei para Deus. Sobrevivi."

[Longo silêncio]

— Melhorou? Tem alguma parte que seja difícil de acreditar? Alguma coisa que preferiam que eu mudasse?

Sr. Chiba: — Que história horrível...

[Longo silêncio]

Sr. Okamoto: — Tanto a zebra quanto o marinheiro de Taiwan quebraram a perna... Reparou nisso?

— Não.

— E a hiena arrancou a pata da zebra exatamente no ponto em que o cozinheiro cortou a do marinheiro.

— Ah, Okamoto-san, quantos detalhes o senhor percebe...

— O francês cego que ele encontrou num outro bote não admitiu ter matado um homem e uma mulher?

— É verdade.

— O cozinheiro matou o marinheiro e a mãe dele.

— Impressionante!

— Uma história bate certinho com a outra.

— Então, o marinheiro de Taiwan é a zebra; a mãe, a orangotango; o cozinheiro é... a hiena... O que significa que ele é o

tigre!

— Isso mesmo, o tigre matou a hiena... e o francês cego... Exatamente como ele matou o cozinheiro.

Pi Patel: — Vocês têm mais chocolate?

Sr. Chiba: — Claro. Tome.

— Obrigado.

Sr. Chiba: — O que significa tudo isso, Okamoto-san?

— Não faço a menor ideia.

— E a tal ilha? Quem são os suricatos?

— Sei lá.

— E aqueles dentes? De quem seriam os dentes lá na tal árvore?

— Não sei. Não estou dentro da cabeça desse garoto!

[Longo silêncio]

Sr. Okamoto: — Desculpe perguntar, mas o cozinheiro não disse alguma coisa sobre o naufrágio do *Tsimtsum*?

— Nessa outra história?

— É.

— Não.

— Não mencionou nada com relação à madrugada do dia 2 de julho, algo que pudesse explicar o que aconteceu?

— Não.

— Nada de natureza mecânica ou estrutural?

— Não.

— Nada sobre outros navios ou objetos no mar?

— Não.

— Ele não tinha nenhuma explicação para o naufrágio do *Tsimtsum*?

— Não.

— Será que saberia dizer por que o navio não enviou nenhum sinal pedindo socorro?

— E se tivesse enviado? A experiência me ensinou que, quando um navio de terceira categoria, todo enferrujado e caindo aos pedaços, afunda, nem é preciso dizer que, a menos que esteja carregando óleo, muito óleo, uma quantidade capaz de destruir ecossistemas inteiros, ninguém vai dar a menor bola e ninguém vai ouvir falar dele. Tem mesmo é que se virar sozinho.

— Quando a Oika percebeu que havia alguma coisa errada, já era tarde demais. Vocês estavam longe demais para se tentar o resgate por aviões. Pediu-se a todos os navios que se encontravam na área que vasculhassem a região. Segundo disseram, nenhum deles viu nada.

— Já que estamos falando disso, o navio não era a única coisa ali de terceira categoria. A tripulação era um bando de gente emburrada e grosseira; uns sujeitos que davam duro quando os oficiais estavam por perto, mas que não faziam nada quando eles não estavam. Nenhum deles falava uma palavra de inglês e, portanto, não tinham como nos ajudar. Alguns já estavam fedendo a bebida no meio da tarde. Sabe-se lá o que aqueles idiotas fizeram... Os oficiais...

— O que quer dizer com isso?

— Com o quê?

— “Sabe-se lá o que aqueles idiotas fizeram”?

— O que quero dizer é que, talvez, num acesso de loucura provocada pelo álcool, alguns deles tenham soltado os animais.

Sr. Chiba: — Quem ficava com as chaves das jaulas?

— O meu pai.

Sr. Chiba: — Então, se ninguém mais tinha as chaves, como a tripulação poderia ter aberto as jaulas?

— Não sei. Provavelmente com pés de cabra.

Sr. Chiba: — Mas por que fariam isso? Por que alguém ia querer abrir as jaulas e soltar animais selvagens tão perigosos?

— Não sei. Alguém lá pode entender como funciona a cabeça de um bêbado? Só sei dizer que foi o que aconteceu. Os animais estavam soltos.

Sr. Okamoto: — Desculpe, mas o senhor tem dúvidas quanto à competência da tripulação?

— Sérias dúvidas.

— Viu algum dos oficiais alcoolizado?

— Não.

— Mas viu alguns membros da tripulação sob efeito do álcool?

— Vi.

— Na sua opinião, os oficiais agiam de forma competente e profissional?

— Tínhamos pouco contato com eles. Nunca se aproximavam dos animais.

— Estou me referindo às atitudes com relação ao bom andamento das coisas no navio.

— Como posso saber? Acha que tomávamos chá juntos diariamente? Eles falavam inglês, mas não eram muito melhores que a tripulação. Não nos deixavam à vontade na sala de jantar e mal nos dirigiam a palavra durante as refeições. Ficavam conversando em japonês, como se não estivéssemos ali. Para eles, éramos apenas uma família indiana humilde, com uma carga bem incômoda. Acabamos comendo sozinhos, na cabine dos meus pais. “A aventura nos chama!”, dizia Ravi. Era isso que tornava aquela situação tolerável: a nossa sensação de estar vivendo uma aventura. Passávamos a maior parte do tempo recolhendo excrementos, lavando jaulas e dando de comer aos animais; já o meu pai bancava o veterinário. Enquanto aqueles bichos estivessem bem, nós também estaríamos. Não sei dizer se os oficiais eram competentes ou não.

— Segundo disse, o navio estava pendendo para bombordo?

— Isso mesmo.

— E havia uma inclinação da proa para a popa?

— Havia.

— Então, foi a popa que afundou primeiro?

— Foi.

— Não a proa?

— Não.

— Tem certeza? A inclinação era da frente do navio para a parte traseira?

— Era.

— Ele colidiu com outro navio?

— Não vi nenhum outro navio.

— Colidiu com algum objeto?

— Não que eu tenha visto.

— Ele encalhou?

— Não. Afundou e sumiu completamente.

— Ouviu falar de algum problema mecânico depois que deixaram Manila?

— Não.

— Pelo que pôde perceber, a carga foi acomodada de forma adequada?

— Nunca tinha andado de navio antes. Não sei como seria acomodar uma carga de forma adequada.

— Acha que ouviu alguma explosão?

— Acho.

— Algum outro ruído?

— Milhares.

— Mas algum que pudesse explicar o naufrágio?

— Não.

— O senhor disse que o navio afundou rapidamente.

— Foi.

— Consegue avaliar em quanto tempo tudo aconteceu?

— É difícil dizer... Foi bem rápido... Acho que levou menos de vinte minutos.

— E havia muitos escombros?

— Havia.

— O navio foi atingido por uma onda excepcionalmente grande?

— Acho que não.

— Mas estavam enfrentando uma tempestade?

— Para mim, o mar estava muito agitado. Estava ventando e chovendo.

— De que altura eram as ondas?

— Grandes. Uns oito, dez metros.

— Na verdade, essa é uma altura bem modesta.

— Não quando se está num bote salva-vidas.

— Claro. Mas para um cargueiro...

— Talvez estivessem mais altas que isso. Não sei. O tempo estava ruim o bastante para me deixar apavorado, é tudo o que posso dizer.

— Segundo disse, o tempo melhorou bem depressa. O navio afundou e, logo depois, começou a fazer um lindo dia, não é?

— É.

— Aparentemente, foi apenas um desses temporais passageiros.

— Que fez o navio afundar.

— Será?

— A minha família inteira morreu.

— O que nós lamentamos muito.

— Não tanto quanto eu.

— Mas, diga, sr. Patel, o que aconteceu? Estamos desconcertados. Tudo transcorria normalmente e, de repente...?

— A normalidade naufragou.

— Por quê?

— Sei lá. Vocês é que deveriam me dizer isso. São especialistas no assunto. Ponham em prática os seus conhecimentos.

— Não conseguimos entender.

[Longo silêncio]

Sr. Chiba: — E agora?

Sr. Okamoto: — É melhor desistir. A explicação para o naufrágio do Tsimtsum está no fundo do Pacífico.

[Longo silêncio]

Sr. Okamoto: — É isso mesmo. Vamos embora. Bom, sr. Patel, acho que já temos todas as informações necessárias. Muito obrigado pela sua cooperação. O que nos contou vai ser muito, muito útil.

— De nada. Mas, antes de vocês irem embora, posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— O *Tsimtsum* afundou no dia 2 de julho de 1977.

— Foi.

— E eu, o único sobrevivente humano desse naufrágio, cheguei à costa do México no dia 14 de fevereiro de 1978.

— Exatamente.

— Acabei de lhes fazer dois relatos dos 227 dias entre essas duas datas.

— Isso mesmo.

— Nenhuma delas explica o naufrágio do *Tsimtsum*.

— É verdade.

— Nenhuma delas tem importância para vocês em termos de fatos.

— Também é verdade.

— Não há como provar qual das duas histórias é verdadeira e qual não é. Nesse sentido, têm de confiar na minha palavra.

— Acho que sim.

— Em ambas, o navio afunda, toda a minha família morre e eu sofro.

— É verdade.

— Então, já que, para vocês, elas não têm diferença alguma em termos de fatos e, tanto numa quanto na outra, não há como provar o que aconteceu, digam de qual delas gostaram mais? Qual delas é a melhor, a história com os bichos ou a que não tem bichos?

Sr. Okamoto: — Pergunta interessante...

Sr. Chiba: — A história com os bichos.

Sr. Okamoto: — É. A melhor é a que tem os bichos.

Pi Patel: — Obrigado. É exatamente o que acontece com Deus...

[Silêncio]

Sr. Chiba: — O que foi que ele disse?

Sr. Okamoto: — Não sei.

Sr. Chiba: — Olhe só... Ele está chorando.

[Longo silêncio]

Sr. Okamoto: — Vamos dirigir com bastante cuidado. Não queremos atropelar Richard Parker.

Pi Patel: — Ah, não se preocupe. Isso não vai acontecer. Ele está escondido num lugar onde vocês jamais vão encontrá-lo.

Sr. Okamoto: — Obrigado por se dispor a conversar conosco, sr. Patel. Nós lhe ficamos muito gratos. E lamentamos realmente tudo o que lhe aconteceu.

— Obrigado.

— O que vai fazer agora?

— Acho que vou para o Canadá.

— Não pretende voltar para a Índia?

— Não. Agora, não há nada por lá que me interesse. Só recordações bem tristes.

— Decerto sabe que vai receber o dinheiro do seguro?

— Ah!

— Exatamente. A Oika vai entrar em contato com o senhor.

[Silêncio]

Sr. Okamoto: — Agora temos de ir. Desejamos que tudo corra bem, sr. Patel.

Sr. Chiba: — Isso mesmo. Que tudo corra muito bem.

— Obrigado.

Sr. Okamoto: — Adeus.

Sr. Chiba: — Adeus.

Pi Patel: — Não querem levar uns biscoitos para comer na viagem?

Sr. Okamoto: — Seria ótimo.

— Tomem. Três para cada um.

— Obrigado.

Sr. Chiba: — Obrigado.

— De nada. Adeus. Que Deus os acompanhe, irmãos.

— Obrigado. E que Ele o acompanhe também, sr. Patel.

Sr. Chiba: — Adeus.

Sr. Okamoto: — Estou morrendo de fome. Vamos comer alguma coisa. Pode desligar isso.

CAPÍTULO 100

Na carta que me enviou, o sr. Okamoto se referiu àquela conversa como "difícil e memorável". A lembrança que lhe ficou de Piscine Molitor Patel é a de um garoto "muito magro, muito forte, muito brilhante".

Transcrevo, a seguir, o essencial do seu relatório:

> O único sobrevivente não pôde esclarecer nenhum aspecto que ajudasse a explicar o naufrágio do *Tsimtsum*. Aparentemente, o navio afundou muito rápido, o que seria indício de uma brecha considerável no seu casco. A grande quantidade de escombros viria corroborar essa hipótese. Mas é impossível determinar o que provocou tal brecha. Nesse dia, não há registro de alteração meteorológica importante no quadrante. As referências do sobrevivente às condições climáticas são impressionistas e duvidosas. O tempo pode, no máximo, ser apontado como fator coadjuvante. O naufrágio talvez tenha sido provocado por uma causa interna. O sobrevivente julga ter ouvido uma explosão, o que aponta para algum problema grave nas máquinas, possivelmente a explosão de uma caldeira. Mas isso é mera especulação. O navio tinha 29 anos (Estaleiros Erlandson & Skank, Malmö, 1948) e passou por reformas em 1970. Dificuldades climáticas aliadas a cansaço estrutural seriam uma possibilidade que não passa, porém, de conjectura. Não há relato de qualquer outro acidente na região naquele dia, portanto é improvável que tenha havido colisão de duas embarcações. A hipótese de colisão com escombros é possível, mas não há como comprová-la. A colisão com uma mina aquática poderia explicar a explosão, mas a hipótese parece fantasiosa, e, ademais, altamente improvável já que a embarcação começou a afundar pela popa, o que, com toda certeza, seria indício de que o rombo no casco ocorreu também na popa. O sobrevivente tem dúvidas quanto à competência da tripulação, mas não diria o mesmo dos oficiais. A Companhia de Navegação Oika declara que o transporte de carga se fazia

dentro da mais absoluta legalidade e não tem conhecimento de qualquer problema ocorrido com oficiais ou tripulação.

A partir das evidências disponíveis, é impossível determinar a causa do naufrágio. A Companhia de Seguros Standard abriu processo judicial contra a Oika. Não há mais qualquer providência a ser tomada. Este departamento recomenda que o caso seja encerrado.

Registro aqui, à guisa de aparte, que o relato do único sobrevivente, o sr. Piscine Molitor Patel, cidadão indiano, é uma surpreendente história de coragem e resistência diante da extrema dificuldade e das trágicas circunstâncias em que ele se encontrava. Pela experiência deste investigador, pode-se afirmar que o que esse rapaz viveu não tem paralelo em toda a história da navegação. Poucos náufragos podem dizer que sobreviveram por tanto tempo no mar quanto o sr. Patel, e nenhum deles em companhia de um tigre-de-bengala adulto.

Editora responsável
Marianna Teixeira Soares

Produção
Adriana Torres
Ana Carla Sousa

Produção editorial
Guilherme Bernardo

Revisão de tradução
Janaína Senna

Revisão
Rachel Rimas

Diagramação
Trio Studio

Diagramação
S2 Books

Table of Contents

Folha de rosto
Ficha catalográfica
Dedicatória
Sumário
Nota do autor
Parte um Toronto e Pondicherry
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27

Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Parte dois O oceano Pacífico
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63

Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68
Capítulo 69
Capítulo 70
Capítulo 71
Capítulo 72
Capítulo 73
Capítulo 74
Capítulo 75
Capítulo 76
Capítulo 77
Capítulo 78
Capítulo 79
Capítulo 80
Capítulo 81
Capítulo 82
Capítulo 83
Capítulo 84
Capítulo 85
Capítulo 86
Capítulo 87
Capítulo 88
Capítulo 89
Capítulo 90
Capítulo 91
Capítulo 92
Capítulo 93
Capítulo 94
Parte três Centro Médico Benito Juárez, Tomatlán, México
Capítulo 95
Capítulo 96
Capítulo 97
Capítulo 98
Capítulo 99

Capítulo 100
Créditos